



literatura
livre

Gravuras cariocas

ROBERTO
ARLT

Aguafuertes cariocas (1930)

Tradução: Camille Pezzino

Edição bilingue:
PORTUGUÊS • ESPANHOL

Sesc

— •
literatura
livre

Gravuras cariocas

Roberto Arlt

Edição Bilingue

Sesc **mojo**^{org}

— •
literatura
livre

Gravuras cariocas

Roberto Arlt

Tradução:
Camille Pezzino

Edição Bilingue
Português-Espanhol

 **sesc**  **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

A725 Arlt, Roberto (1900-1942)
Gravuras cariocas / Roberto Arlt, Tradução de Camille Pezzino. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: Aguafuertes Cariocas. Edição bilingue: Português - Espanhol

ISBN 978-65-89008-25-5

1.Literatura Argentina. 2. Crônica. 3. Questões Sociais. 4. Brasil. 5. Rio de Janeiro. 6. Paisagem Urbana. I. Título. II. Série. III. Pezzino, Camille, Tradutora. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre. VI. Arlt, Roberto Godofredo Christophersen (1900-1942).

CDU 821.134.2(82)

CDD 868.9932

Catálogo elaborado por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Prefácio

Agua-forte é uma técnica artística de gravura que existe desde o período renascentista, uma gravação em uma placa metálica, confeccionada geralmente em ferro e zinco, na qual uma fotografia ou um desenho é registrado. Se Roberto Arlt fosse um pintor ou gravurista, essa seria a técnica de seu texto: registrar quase fotograficamente o cenário em que se coloca. As *aguafuertes* de Arlt são conjuntos de crônicas que ele escrevia para o *El Mundo: Aguafuertes porteñas, aguafuertes galegas, aguafuertes cariocas...* Arlt era enviado a outras paragens e alimentava o público de Buenos Aires com sua escrita crua e ferina sobre diferentes cidades. Ao longo da leitura de *Gravuras cariocas*, o leitor irá perceber que os detalhes visuais nessas crônicas são muito vivos. Conseguimos, perfeitamente, visualizar os belos cenários do Rio de Janeiro, bem como as precariedades da capital brasileira da época.

A técnica de escrita, por mais premiado que tenha sido, não convinha aos moldes da época. Sua sintaxe não é, de maneira alguma, cheia de eloquência ou precisão, nem suas

metáforas são as melhores. Seu texto tem muitos maneirismos e agrega mais a linguagem popular do que a erudita. Roberto Arlt, um vanguardista, pode-se dizer que estava muito mais próximo da literatura marginal do que da canonizada e, considerando que seus escritos surgem na década de 1920, não é de se espantar que muitos tenham o julgado um escritor menor. Mas, ao fugir desse padrão, Roberto Arlt imprimiu a sua marca, como se fizesse uma gravura em metal.

Assim, no decorrer dessas páginas, encontramos a personalidade do escritor: a ausência de uma formação clássica e o desinteresse pelos eruditos em prol das camadas populares; a diferença de tratamento dado às mulheres no Brasil em relação aos seus padrões argentinos; o ponto de vista em relação ao negro que, por mais racista que seja, ainda se bestifica que a abolição da escravatura tenha demorado tanto a acontecer; também encontramos a valorização aos marginais e à boemia, suas festas e malandragens.

É necessário destacar que, em algumas das crônicas, Roberto Arlt apresenta um discurso preconceituoso, porém, sua linha de pensamento, tanto racista quanto misógina, são coerentes com o período histórico no qual viveu e escreveu (1930). A visão argentina sobre o negro e o indígena talvez fosse até mais agressiva e abertamente segregacionista que a do brasileiro. Muito embora, ainda assim, seja possível

vislumbrar resquícios de deslumbramento quanto ao tratamento dado à mulher e de incômodo, por parte do escritor, em relação ao cotidiano do trabalhador e do negro, desfalcados e marginalizados culturalmente pela elite.

Roberto Arlt, por sua rebeldia, não se encaixava em lugar nenhum. Como indivíduo, era filho de imigrantes europeus; como artista, ninguém consegue alocá-lo como expressionista ou realista; como vanguardista argentino, nem Florida e nem Boedo que, durante os anos 1920, formavam os dois principais e antagônicos grupos da literatura argentina. Os Florida tinham a presença de figuras como Jorge Luis Borges e defendiam o valor estético acima das críticas sociais; enquanto os Boedo eram formados por filhos de imigrantes e as críticas sociais estavam acima de quaisquer noções estéticas. Integrava o segundo grupo figuras como Roberto Mariani. De acordo com Herrera, em *Arlt, Borges y cia: Narrativa rioplatense de vanguardia*, Roberto Arlt não se encaixava em nenhum dos dois grupos, já que a realidade que criava era propriamente literária, como Borges, embora as críticas sociais fossem essenciais aos seus textos. Assim, ao fugir do lugar comum, o escritor revela a realidade, a sua realidade ficcional, através da crônica.

A crônica, da mesma maneira que Roberto Arlt, também é um gênero bipartido. Entre a ficção e a construção

jornalística, própria de um período em que as cidades passaram a se modernizar e a perceber a multiplicidade de seus residentes, o escritor conseguiu imprimir sua voz em vez de um tom apático em terceira pessoa, que descreve a realidade como se ela fosse única. Ao recriar a cidade e gravá-la em papel jornal, Arlt impulsiona suas críticas, de alguém que já assumiu diferentes papéis, desde balconista até escritor. Talvez ele as escrevesse imaginando que seriam esquecidas no dia seguinte, como embrulho de açougue, e nunca imaginou que seriam agrupadas em formato de livro mais de um século depois.

Grandes nomes da literatura brasileira, como Mario de Andrade, também repaginaram a cidade através de seus escritos em uma época em que o intercâmbio cultural estava em voga. Agora, temos a possibilidade de conhecer as impressões de um argentino sobre o Rio de Janeiro da década de 1930, um correspondente jornalístico enviado para falar sobre o que achava a respeito de outros países da América Latina, olhando para cantos que nossos próprios escritores, acostumados com a realidade carioca, não enxergariam. Não é um retrato fiel, é uma gravura de um estrangeiro que vislumbra as belezas de cartões postais, redige suas percepções sociais com seus preconceitos e que é curioso a ponto de bisbilhotar o que está atrás de uma porta, de um balcão,

de uma fachada social que se dizia hospitaleira e respeitosa para com todos os seus cidadãos — o Rio de Janeiro, capital do Brasil.

Camile Pezzino

Gravuras cariocas

Com o pé no estribo

(Sábado, 8 de março de 1930) 19

Já estamos no Rio de Janeiro

(Quarta-feira, 2 de abril de 1930) 25

Costumes cariocas

(Quinta-feira, 3 de abril de 1930) 29

De tudo um pouco

(Sexta-feira, 4 de abril de 1930) 35

Na caverna de um compatriota

(Sábado, 5 de abril de 1930) 41

Falemos de cultura

(Domingo, 6 de abril de 1930) 47

Os pescadores de pérolas

(Segunda-feira, 7 de abril de 1930) 53

A cidade de pedra

(Terça-feira, 8 de abril de 1930) 59

Para quê?

(Quarta-feira, 9 de abril de 1930) 65

Sobre a civilidade do povo	
(Quinta-feira, 10 de abril de 1930)	71
E a vida noturna, onde está?	
(Sexta-feira, 11 de abril de 1930)	77
Trabalhar como negro	
(Sábado, 12 de abril de 1930)	83
Tipos extraordinários	
(Domingo, 13 de abril de 1930)	89
Cidade sem flores	
(Segunda-feira, 14 de abril de 1930)	95
Cidade que trabalha e se enfastia	
(Terça-feira, 15 de abril de 1930)	101
Por qual razão vivo em um hotel	
(Quarta-feira, 16 de abril de 1930)	107
Rio de Janeiro no domingo	
(Terça-feira, 22 de abril de 1930)	113
Divagações e locomotivas de mentira	
(Quinta-feira, 24 de abril de 1930)	119
Castos entretenimentos	
(Sexta-feira, 25 de abril de 1930)	125
Que país lindo!	
(Sábado, 26 de abril de 1930)	131
Dois trabalhadores diferentes	
(Domingo, 27 de abril de 1930)	137

Coisas do trânsito	
(Segunda-feira, 28 de abril de 1930)	143
Vamos chamá-lo de “jardim zoológico”	
(Terça-feira, 29 de abril de 1930)	149
Só escrevo sobre o que vejo	
(Quarta-feira, 30 de abril de 1930)	155
Recomendo para vencer o calor	
(Quinta-feira, 01 de maio de 1930)	161
A beleza do Rio de Janeiro	
(Sábado, 03 de maio de 1930)	167
Pobre brasileira!	
(Domingo, 04 de maio de 1930)	173
Elogio de uma moeda de cinco centavos	
(Segunda-feira, 05 de maio de 1930)	179
Não me falem de antiguidades	
(Terça-feira, 06 de maio de 1930)	185
Amabilidade e realidade	
(Quarta-feira, 07 de maio de 1930)	191
Trinta e seis milhões!	
(Quinta-feira, 08 de maio de 1930)	197
Elogio à tríplice amizade	
(Domingo, 11 de maio de 1930)	201
Bufunfa agradável	
(Segunda-feira, 12 de maio de 1930)	207

Redação de O Jornal	
(Terça-feira, 13 de maio de 1930)	213
Feriado da abolição da escravatura	
(Quarta-feira, 14 de maio de 1930)	219
Aquele que despreza sua terra	
(Quinta-feira, 15 de maio de 1930).	225
Os mininos	
(Sexta-feira, 16 de maio de 1930)	231
Esperem-me, vou chegar de avião	
(Quarta-feira, 21 de maio de 1930)	237
Viagem a Petrópolis	
(Quinta-feira, 22 de maio de 1930)	243
Diário de quem vai viajar de avião	
(Quinta-feira, 29 de maio de 1930)	249
Aguafuertes Cariocas	259
Con el pie en el estribo	
(Sábado 8 de marzo de 1930).	261
Ya estamos en Río de Janeiro	
(Miércoles 2 de abril de 1930).	267
Costumbres cariocas	
(Jueves 3 de abril de 1930)	271

De todo un poco	
(Viernes 4 de abril de 1930)	275
En la caverna de un compatriota	
(Sábado 5 de abril de 1930)	281
Hablemos de cultura	
(Domingo 6 de abril de 1930)	287
Los pescadores de perlas	
(Lunes 7 de abril de 1930)	293
La ciudad de piedra	
(Martes 8 de abril de 1930)	299
¿Para qué?	
(Miércoles 9 de abril de 1930)	305
Algo sobre urbanidad popular	
(Jueves 10 de abril de 1930)	311
Y la vida nocturna ¿dónde está?	
(Viernes 11 de abril de 1930)	317
Trabajar como negro	
(Sábado 12 de abril de 1930)	323
Tipos raros	
(Domingo 13 de abril de 1930)	327
Ciudad sin flores	
(Lunes 14 de abril de 1930)	333
Ciudad que trabaja y que se aburre	
(Martes 15 de abril de 1930)	339

Por qué vivo en un hotel	
(Miércoles 16 de abril de 1930)	345
Río de Janeiro en día domingo	
(Martes 22 de abril de 1930)	351
Divagaciones y locomotoras de fantasía	
(Jueves 24 de abril de 1930)	357
Castos entretenimientos	
(Viernes 25 de abril de 1930)	363
¡Qué lindo país!	
(Sábado 26 de abril de 1930)	369
Dos obreros distintos	
(Domingo 27 de abril de 1930)	375
Cosas del tráfico	
(Lunes 28 de abril de 1930)	381
Llamémoslo «jardín zoológico»	
(Martes 29 de abril de 1930)	387
Sólo escribo sobre lo que veo	
(Miércoles 30 de abril de 1930)	393
Se lo recomiendo para combatir el calor	
(Jueves 1.º de mayo de 1930)	399
La belleza de Río de Janeiro	
(Sábado 3 de mayo de 1930)	405
¡Pobre brasilerita!	
(Domingo 4 de mayo de 1930)	411

Elogio de una moneda de cinco centavos	
(Lunes 5 de mayo de 1930)	415
No me hablen de antigüedades	
(Martes 6 de mayo de 1930)	421
Amabilidad y realidad	
(Miércoles 7 de mayo de 1930)	427
¡Treinta y seis millones!	
(Jueves 8 de mayo de 1930)	433
Elogio de la triple amistad	
(Domingo 11 de mayo de 1930)	437
Vento fresco	
(Lunes 12 de mayo de 1930)	443
Redacción de O Jornal	
(Martes 13 de mayo de 1930)	449
Fiesta de la abolición de la esclavitud	
(Miércoles 14 de mayo de 1930)	455
El que desprecia su tierra	
(Jueves 15 de mayo de 1930)	461
Os mininos	
(Viernes 16 de mayo de 1930)	467
Espérenme, que llegaré en aeroplano	
(Miércoles 21 de mayo de 1930)	473
Viaje a Petrópolis	
(Jueves 22 de mayo de 1930)	479

Diario del que va a viajar en aeroplano

(Jueves 29 de mayo de 1930). 485

Manifesto pela democratização

do domínio público 491

Literatura Livre 492

Instituto Mojo 493

Ficha técnica 494

COM O PÉ NO ESTRIBO

(SÁBADO, 8 DE MARÇO DE 1930)

Estou de partida, caros leitores. Vou-me embora do jornal... ou melhor, de Buenos Aires. Vou-me embora para o Uruguai, para o Brasil, para as Guianas, para a Colômbia. Estou de partida.

Continuarei enviando minhas crônicas. Não chorem, por favor, não! Não se emocionem. Vou continuar focando sobre os meus amigos e falando com vocês. Irei ao Uruguai, a Paris da América do Sul; irei ao Rio de Janeiro, onde ficamos com calor só de olhar as meninas; irei às Guianas, visitar os detentos franceses, a flor e a nata do cadafalso do além-mar. Escrevo e meu coração bate, acelerado. Não consigo achar as palavras certas. Vou partir, indefectivelmente.

Que emoção!

Faz uma pancada de tempo que ando meio atordoado. Tenho pisado na bola. A única coisa que vejo diante de mim é a passarela de um naviozinho. Comigo a bordo!

Eu caio e me levanto! Ah, Deus! Se eu me lembro dos meus maus tempos; das vadiagens; dos dias em que eu dormi em delegacias (das noites, na verdade); das viagens de segunda classe; da jornada de oito horas, quando eu trabalhava como atendente na livraria; da jornada de doze a quatorze horas, também, em outra biboca. Eu me lembro de quando fui aprendiz de funileiro, de quando vendi papel e artigos de armazém. Me lembro de quando fui cobrador (certo dia, os cobradores me enviaram uma felicitação coletiva de aniversário). Que maldito trabalho eu não fiz? Eu me lembro de quando tive um forno de tijolos; de quando fui subagente da Ford. Que maldito trabalho deixei de fazer? E, agora, aos vinte nove anos, depois de seiscentos dias escrevendo textos, meu grande diretor me avisa:

— Vá passear um pouco. Divirta-se e escreva algumas crônicas sobre a viagem.

Bom, o caso é que trabalhei muito, sem enrolação. Todos os dias, sem um domingo de descanso. Tudo bem que o meu trabalho dura exatamente trinta minutos, e

que logo estou de saída para mudar de ares. Mas isso não significa que eu trabalhe feito um burro de carga.

Conhecer e escrever sobre a vida e as pessoas estranhas das repúblicas do norte da América do Sul! Diga, francamente, se não é mamão com açúcar?

Dois ternos, nada mais

Vocês vão me perguntar qual é a minha programação. Não tenho nenhuma, não tenho nem sequer um guia. A única coisa que levo em minha mala são dois ternos. Um, para lidar com as pessoas decentes; e outro, aos trapos, com um par de alpargatas e um chapéu com a aba solta.

Pretendo me misturar e conviver com as pessoas do submundo, as quais infestam as cidades além-mar. Quero conhecer os recantos mais sombrios e mais desesperados das cidades que dormem sob o sol do trópico. Penso em falar a vocês da vida nas praias cariocas, das garotas que falam um espanhol perfeito e um português musical. Dos negros, os quais têm seus próprios bairros; dos argentinos fantásticos que fugiram para o Brasil; dos revolucionários enigmáticos. Há tantos temas sobre os quais tomar nota

nessa viagem maravilhosa que me minha Underwood até faz a mesa tremer de tão forte que datilografo!

Viajar... Viajar!

Quem entre nós, os rapazes portenhos, não têm esse sonho? Viajar! Conhecer novos ares, cidades surpreendentes, gente que nos pergunta com uma admiração discreta:

— Você é argentino? Argentino de Buenos Aires?

Vocês sabem perfeitamente como eu sou. Não me prendo a nada. Bom: irei ver esses países, sem preconceitos patrióticos, sem necessidade de falar bem para capturar a simpatia das pessoas. Serei um desconhecido que, em certas horas, estará bem-vestido; em outras, parecerei um mendigo, embrenhado entre os estivadores nos portos. Vou tentar me entranhar na selva brasileira. Conhecerei aquela maravilhosa floresta tropical, que é toda luz, vida e cor. Vou enviar meus textos pelo correio aéreo. Digo a vocês que meu coração bate mais rápido do que nunca. Longe, longe, longe!

E esta cidade...

Aonde quer que eu vá, levarei comigo a visão dessa cidade. Aonde quer que eu esteja, sempre saberei, como sei agora, que milhares e milhares de amigos invisíveis seguem

meu trabalho com um sorriso cordial. Que no trem, no bonde ou no escritório, irão entreabrir o jornal, pensando:

— Quais as novas daquele vagabundo?

Porque eu tenho a honra e me orgulho de pertencer à grande irmandade dos vagabundos, dos sonhadores que perambulam pelo mundo e que proporcionam aos seus semelhantes, sem trabalho nenhum, os meios de irem de um canto a outro, com uma única passagem de cinco ou dez centavos e a promessa de um artigo às vezes bem, às vezes mal escrito...

Caramba! Vitória! Abandono a nória!¹ Vocês vão ver os textos que enviarei... (estou perdendo o fio da meada. Se eu continuar nessa toada, vou acabar escrevendo alguma besteira). Não levo guias, nem plantas topográficas, nem livros informativos, nem estudos geográficos, nem estatísticas, nem listas de pessoas famosas. Só levo, como uma introdução magnífica para viver, dois ternos: um para me acotovelar entre as pessoas decentes e outro, estropiado e sujo, o melhor tipo passaporte para me introduzir no submundo das cidades que têm bairros exóticos. Felicidade, grandes amigos.

1 Máquina hidráulica que serve para extrair água de um poço. Provavelmente, ele faz referência ao trabalho braçal extenuante ou o trabalho de tração animal.

JÁ ESTAMOS NO RIO DE JANEIRO

(QUARTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 1930)

Veja a terra brasileira — disse-me o médico que tinha sido meu companheiro a bordo.

Olhei. Mas a única coisa que vi, ao longe, foram umas sombras azuladas, altas, as quais pareciam nuvens. E, mareado, voltei para minha cabine.

Duas horas depois:

No meio do mar escuro e violáceo, cones de pedra de base rosa-velho, pelados como clareiras em certas partes, cobertos de veludo verde em outras; e uma palmeira na ponta. Bandos de gaivotas revoavam ao redor.

Um semicírculo de montanhas, que pareciam miragens, leves como alumínio azul, coroadas delicadamente por um bordado verde. Na água, ondulavam camadas oleosas da cor dos salgueiros; e, junto aos penhascos róseos, tinham reflexos

de sangria de vinho. Algumas nuvens, como véus alaranjados, envolviam uma serra corcunda: o Corcovado. E, mais longe, cúpulas de porcelana azul-celeste, dados vermelhos, cubos brancos: o Rio de Janeiro! Uma rua fria e comprida ao pé da montanha: a calçada à beira-mar.

Toda a paisagem é delicada e distante (ainda que próxima), como os elementos de um sonho. Somente a água do oceano possui uma realidade maciça, lambendo o ferro do navio e grudando nele desde as franjas até os flancos, insistente; e no anfiteatro das montanhas, sobre as quais se erguem as lisas muralhas destroçadas de serras mais distantes, o cinza cobre as casinhas cúbicas que são o vértice dos cones. Dados brancos, escarlates, logo o barco vira e aparece um forte, como uma enorme ostra de ardósia que flutua na água. Seus canhões mostram a direção da cidade. Mais adiante, há navios de guerra pintados de azul-escuro; bandeiras verdes, diques, água serena cor de areia; uma jangada carregada de cachos de bananas, um negro com um gorro branco na cabeça, remava com os pés apoiados no fundo da embarcação; minaretes de porcelana, torres lisas, campanários, aquedutos, bondes verde-musgo, que deslizam sobre um morro. Uma rua passa acima dos telhados de um bairro; ao fundo, uma falésia de granito vermelho. Casas de pedra suspensas na encosta de uma montanha; chalés com telhados de duas

águas; uma profundidade asfaltada, geométrica e negra como o betume, como a nossa Avenida de Mayo. E, acima, morros verdes, cumes dourados de sol, cabos de telégrafos, postes elétricos. Logo, a paisagem muda. Um pasto, dois galpões, uma série de arcos de concreto que, nas abóbadas, sustentam os pilares de um segundo piso de arcos. Através desses arcos, é possível distinguir ruelas íngremes, escadas de pedra em zigue-zague. Subitamente, a decoração muda para a fachada porosa de um morro, com dois trilhos de arame, um pássaro de aço, o qual desliza para cima e para baixo em um ângulo de sessenta graus, e a curva perfeita de uma bandeja d'água.

Parece ser possível esticar o braço e tocar, com a ponta dos dedos, a montanha perpendicular à cidade distribuída nos diversos morros.

Porque a cidade sobe e desce. Aqui, uma rua é baixa, depois, a outra é cem metros mais alta; um beco, uma depressão, clareiras e morros cor de grama, com cavidades avermelhadas e que olham para um abismo inexistente. Janelinhas retangulares feitas de tábuas; um bosque de tamarindos, de árvores plumadas, de palmeiras e, encostado nos paralelepípedos dos degraus, caminhos abertos na terra cor de chocolate. E, perfeitamente reta, a Avenida Rio Branco, a Avenida de Mayo do Rio, tão perfeita quanto a nossa, com seus edifícios pintados de rosa, cacau, de cor de tijolo, com

seus toldos verdes, passagens sombrias, árvores nas calçadas, ruas banhadas de sol dourado, toldos escarlates, brancos, azuis, ocre, ruas oblíquas, ascendentes, mulheres...

Negros. Negros de camisa vermelha e calça branca. Uma camisa vermelha avança, movida por um corpo invisível. A calça branca é movida por pernas invisíveis. Olha-se e, de repente, um sorriso como uma fatia de melancia se destaca na monótona cor de carvão, com lábios vermelhos...

Mulheres, suas curvas envolvidas em tules; tules de cor lilás, cobrem mulheres de cor de cobre, cor de bronze, cor de nácar, cor de ouro... Porque as mulheres daqui são de todas as cores e matizes do prisma. Há mulheres usam nos olhos a sombra tabaco-claro, outras, rímel; e todas envolvidas por tules, tules da cor de cravo e rosa. Tules, tules...

Dei uma singela ideia do que é o Rio de Janeiro, o Diamante do Atlântico.

COSTUMES CARIOCAS

(QUINTA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1930)

Se tivesse de definir o Rio de Janeiro em uma só frase, eu diria: uma cidade de gente decente. Uma cidade de gente bem-nascida. Pobres e ricos.

Exemplo:

Acordei cedo e saí para a rua. Todas as lojas estavam fechadas. E, de repente, me detive surpreso. Em quase todas as portas, viam-se uma garrafa de leite e um embrulho de pão. Negros descalços passavam em direção aos seus trabalhos; pessoas humildes transitavam. E eu olhava perplexo: em cada porta, uma garrafa de leite, um embrulho de pão...

E ninguém pegava a garrafa de leite, nem o embrulho de pão. Estimado leitor do metrô, do ônibus, de depois do jantar, da hora da sobremesa, creio que você tenha olhado para cima e pensado: “Que ficção é essa que Arlt está nos contando hoje?”

É preciso ver para acreditar. Eu precisei ver algumas coisas para acreditar nelas também.

Outro exemplo:

Nos bondes, não se vendem bilhetes de passagem. Quando você sobe, o fiscal ou você mesmo puxa uma corda. Numa espécie de mostrador automático, o embarque do passageiro é registrado por um número. Por exemplo, o relógio chegou ao número 1000. Quando você puxa a corda, ele muda e indica o número 1001.

Subi em bondes muitas vezes. Não puxei a corda, pensando: “O fiscal vai ficar com o dinheiro da minha passagem”. Eu estava grosseiramente enganado. Ele puxou a corda para mim, o bonde estava abarrotado e com um movimento extraordinário.

O cobrador não vem te cobrar a passagem. É você quem o chama. Vejo você olhando para cima de novo e pensando: “Que ficção é essa que Arlt está me contando hoje?”

E estamos em uma cidade na América do Sul, querido amigo, a uma mísera distância de mil e seiscentos quilômetros de Buenos Aires.

Outro exemplo:

Onze da noite. Mulheres andam sozinhas na rua. Saem do cinema. Garotas desacompanhadas. Elas embarcam no bonde.

Bairros afastados. Mulheres desacompanhadas. Elas vêm e vão de qualquer parte. Ninguém lhes diz nada. Caminham à meia-noite nesta cidade dos sonhos com mais segurança do que sob o sol em Buenos Aires.

Não paro de me surpreender. Penso em Buenos Aires. Penso em toda a nossa grosseria. Em nossa enorme falta de respeito em relação às mulheres e crianças. Penso em nossa falta de educação e não paro de me surpreender. Logo a mim, que tenho tanta facilidade de escrever, nesse momento me faltam palavras. A paisagem descreverei amanhã ou depois. Ela foi exilada e se tornou a última prioridade na minha cabeça. E eu sei que agora também toma a atenção de vocês. Sejam sinceros. São justificadas as palavras com que defini o Rio de Janeiro, como uma cidade de gente decente e bem-nascida?

Outro exemplo:

Entro numa sala de cinema atrasado, quando a sessão já tinha começado. Uma garota vestida de preto, juvenzinha, aproxima-se de mim e me conduz até a poltrona.

É uma *vaga-lume*, ou seja, uma lanterninha.

Ao sair do cinema, pergunto ao meu amigo:

— E não acontece nada com essas garotas no escuro?

— Não. As vezes que algo assim aconteceu foi quando algum portenho lhes faltou com respeito. (Desculpem-me, mas minha viagem tem a intenção de lhes contar a verdade e não de acariciar os ouvidos dos meus leitores). Eu já posso vê-los largando o jornal e pensando sabe-se lá quais coisas absurdas. Aconteceu o mesmo comigo, meu amigo, escrevendo esse texto. Me detive diante da máquina de escrever por um momento, dizendo a mim mesmo: “O que eu posso dizer dessas realidades inacreditáveis?”

Vocês se dão conta? Estou a mil e seiscentos quilômetros de Buenos Aires.

Na América do Sul.

Cidade de respeito:

Tenho uma estranha sensação enquanto escrevo: não sei se estou totalmente acordado. Ando pelas ruas e não encontro mendigos, passo por bairros aparentemente suspeitos e, para onde quer que eu olhe, só encontro uma coisa: respeito ao próximo.

Eu me sento em um café. Um desconhecido se aproxima, pede uma cadeira vazia e, depois, tira o chapéu em forma de

cumprimento. Entro em outro café. Uma garota toma seu sorvete de chocolate sozinha e ninguém se importa. Eu sou o único que a observa com insistência, o que significa dizer que eu sou o único mal-educado por ali.

DE TUDO UM POUCO

(SEXTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 1930)

É mamão com açúcar viver nesse país com a moeda argentina. Os preços de certas mercadorias surpreendem. Por exemplo, se tiver um peso, nossa moeda argentina, você não faz nada em Buenos Aires. Está na miséria, não é assim? Dá para fazer o que com um peso? Embarcar no bonde, não é assim? E três centavos, para que servem? Para nada. Você vai me perguntar como é que de um peso, eu fui falar em três modestíssimos centavos, os quais só existem teoricamente, porque não circulam em moedas e somente através de selos é que eles te dão os três centavos.

Saí de um peso para três centavos porque três centavos tem o nome de “tostão” nesse bendito país. E é com um tostão que você dá uma boa volta de bonde pelas ruas. Perceba. Com três moedas.

E o *feca*, o café preto... seis centavos. E sem gorjeta, porque nem o próprio presidente dos Estados Unidos do Brasil dá gorjeta ao tomar café.

De que vivem os garçons? Ignoro. A única coisa que posso assegurar a vocês é que não existe aqui nem sequer sombra do Partido Socialista e os comunistas têm um partido com pouquíssimas pessoas, as quais são perseguidas pela polícia com atenção.

Preços:

Bonde, segundo as distâncias, 3, 6, 9 e 12 centavos. Com 12 centavos, você percorre dez quilômetros.

Lustrar os sapatos, 8 centavos.

Caldo de cana, um suco precioso e bom para o estômago, o copo grande, 9 centavos. Café com leite, pão e manteiga, 18 centavos.

Caixa de fósforos, 3 centavos. Sanduíches de presunto, 6 centavos.

Chope de cerveja, sem água ou álcool, 18 centavos.

Cigarros — e que tabaco! —, 18 centavos, um maço com vinte cigarros, cujas folhas não são de batata ou de repolho, como os que nós fumamos.

Uma refeição com três cursos e sobremesa, que em Buenos Aires pagamos dois pesos, aqui são 50 centavos. As famílias combinam de ir a esses restaurantes.

Sorvetes e refrescos:

A língua portuguesa, que você precisa ouvi-la ao conversar com uma garota, é a coisa mais deliciosa que se pode imaginar. É um discurso feito para a boca de uma mulher, nada além disso.

Pois com os sorvetes e os refrescos ocorre o mesmo. O preço geralmente varia entre 18 e 35 centavos... e com 18 a 35 centavos, eles te servem um refresco tão gostoso quanto a boca de uma menina falando português.

O requinte brasileiro, a voluptuosidade portuguesa e negra, inventou os sorvetes que são um poema de perfume, cor e sabor.

Por exemplo, o refresco de chocolate. O chocolate soda é servido em um copo que contém cerca de meio litro de espuma de chocolate semicongelada, ligeiramente ácida. Quase meio litro de xarope de chocolate batido com água com gás: 35 centavos. Você pede um desses refrescos e, à medida em que saboreia a espuma cor de cacau, perfumada com jasmim, sente que o trópico se derrete em seu sangue.

E o sorvete de coco. Servem-no em uma taça como as que se bebe champanhe: 35 centavos. É uma esfera branca como... (imaginei uma metáfora ousada, é melhor você mesmo imaginar a sua...) e possui um perfume ligeiramente azedo. É leite de coco congelado. Sorvete para o paladar de uma moça. Nas primeiras colheradas, você não sente nenhum

sabor. Então, como se as suas entranhas estivessem saturadas de limão, por dentro, você sente subir até a boca um sabor de laranja, de limão, enfim, você olha ao redor e pensa: não me deram um veneno delicioso?

E o creme de abacate? Antes de tomá-lo, é necessário que se faça o sinal da cruz, o diabo deve tê-lo inventado para produzir sonhos indecentes. É servido em um copo, assim como o vinho era servido no cálice dentro dos templos. É verde, semelhante a um purê de ervilhas. Um tênue perfume de glândulas humanas se desprende dele.

A primeira sensação ao degustá-lo causa nojo. Então, você pensa que só Satanás poderia ter inventado aquela mistura e, colherada atrás de colherada, você vai mergulhando nesse estremecimento.

É como um óleo gelado e perfumado que ele chega às nossas vísceras mais profundas. Aquela sensação de repugnância inicial acaba se convertendo em uma carícia obscura, que nos deixa ligeiramente enjoados, como se você se encontrasse no convés de um navio ou, ainda melhor, quando um elevador está descendo rapidamente para do nada. Eu disse que o diabo deve tê-lo inventado porque produz sonhos pecaminosos e que duram a noite toda.

E a polpa de manga, gelada... que tem gosto de carne embebida em terebintina... e o aroma de iodofórmio...

alaranjada e verde com a forma de um coração. A primeira vez que você a prova, sente náuseas, umas náuseas tão sedutoras que só o que se quer é experimentá-las de novo.

E isso acontece com todas as frutas, os sorvetes e as sobremesas geladas. Apesar do frio que suas substâncias guardam, são tremendamente ardentes, devem ter sido criados por um demônio... o demônio das sensualidades botânicas. Se não, não há explicação.

NA CAVERNA DE UM COMPATRIOTA

(SÁBADO, 5 DE ABRIL DE 1930)

Hoje estou absolutamente sem nenhuma vontade de falar da paisagem. Estou triste por estar longe de Buenos Aires, da qual me lembro a toda hora. Escrevo da redação de “O Jornal”, no Rio de Janeiro. Amanhã, depois, ou em qualquer outro dia, vou me ocupar do maravilhoso bazar que é o Rio de Janeiro. Sim, um bazar oriental de mil cores. Mas isso não me consola. A cidade de cada um é única, simples assim. O coração não pode se dividir em dois. E o meu pertence a Buenos Aires. Bom. Estou furiosamente triste e o melhor é rir de tudo isso. E ainda existem aqueles que sentem inveja dessa profissão! E da fama!

Escrevo da redação de “O Jornal”. Nós, os jornalistas, somos como monges. Aonde quer que vamos, encontramos nossa casa, ou seja, o papel, a tinta e os camaradas que trabalham como nós, amaldiçoando o ofício que tanto amamos.

Um amigo:

Ao desembarcar no Rio, um amigo portenho me esperava. Velho e astuto, de manias sutis como as de Ulisses, ligeiro com os pés e as mãos. Nós, os jornalistas, somos parecidos com certas mulheres: temos de sorrir para o público, mesmo que nosso coração esteja chorando. É melhor seguir em frente, que o assunto não interessa ao cliente! Esse velho — não tão velho assim — me lembra uma frase de Quevedo: “De onde ele saía, a metade das pessoas ficava chorando; e a outra metade ria daqueles que choravam.” Acho que meu amigo até poderia dar aulas ao velho Vizcacha. Certo. Quando ele me viu, disse:

— Suponho que vai ficar lá em casa, certo?

— Claro, como não...

Entramos em um carro, partimos e chegamos na casa. Vamos chamá-la de “casa”. É uma casa, tanto no sentido arquitetônico quanto na edificação. Mas... mas a dita casa não tinha móveis. Colchões no chão, pacotes fechados de livros, lençóis sujos e perdidos pelos cantos. Na cozinha, o aparato de fazer café causaria inveja naquele desenhista inglês que inventava engenhocas monstruosas para matar pulgas. Nas paredes, alguns pôsteres; depois, listas, listas intermináveis de números. São os milhares de réis que meu amigo deve ao seu credor. Porque ele

me disse, de forma digna: “Você vai ver que aqui tenho credor e crédito.”

Quando ele me disse isso, eu quis morrer. Crédito, ele?

Será possível que na superfície do planeta existam pessoas tão ingênuas?

Ele percebeu meu susto e insistiu:

— Sim, eu tenho credor...

Sou fatalista. Eu me curvo diante das evidências. Quando um homem chama um punquista de “seu credor”, não resta dúvida de que o desgraçado algum dia acabará batendo com a na parede de desespero.

— Você é um gênio! — eu disse a ele, e nem tinha acabado de expressar minha admiração por seu talentoso financista, quando apareceu, na minha frente, em um pijama listrado, um senhor de óculos, grisalho e, para ser mais preciso, português. Ele me apresentou ao homem com estas frases:

— Um grande jornalista lisboeta em desgraça...

— Muito prazer em conhecê-lo.

— Muito obrigado — respondi, só para falar alguma coisa.

— É meu protegido — continuou meu amigo. — Meu credor tem confiança ilimitada em mim.

O senhor de pijama e de pernas peludas se inclinou novamente na minha direção e disse:

— O senhor sintá-se em casa. Fique à vontade.

— Fico à vontade em qualquer lugar, companheiro...
mas, aproveitando: não tem pulgas por aqui?

— Não.

— Nem peste bubônica, nem febre amarela?

— O senhor está brincando... (Entendendo, ele quis dizer).

— Bom, então eu fico — eu disse, olhando para o meu velho amigo. — Você é responsável por qualquer desgraça pessoal que acontecer comigo. E você é responsável porque eu, uma pessoa decente, não faço mais nada além de ter contato com canalhas fabulosos, e você é o mais estupendo dos malandros que já pisaram nas terras do Brasil. Então, quer dizer que você tem um credor? E você protege um gênio, o jornalista lisboeta? Quem diria! É preciso viver para ver e acreditar. E você chama essa toca de ratos de “casa”? Bom, a partir de amanhã, você vai colocar um anúncio no jornal:

“Precisa-se de uma jovem para atender a três homens solteiros. Pede-se para que se apresente com certificado de boa conduta e honestidade”.

E essa é a casa do meu amigo. Sim, senhores. Três cômodos bagunçados, um jornalista de cuecas; e eu rio para não chorar. Não vou parar um minuto que seja nessa caverna. Quando cheguei à meia-noite, encontrei o homem de pijama listrado se barbeando à luz de velas. Ele me fez perguntas em

um português tão truncado que não entendi nem metade; e eu o respondi: “muito obrigado”. O fulano me olhou com desespero. Meu amigo me chamou no canto e disse para mim:

— Tenho um projeto de um formidável sindicato de jornalistas. Administraríamos alguns milhões de contos de réis...

E eu me perguntei: “Mas, em síntese: o que é a vida? Uma novela, um drama, um sainete,² uma palhaçada ou o quê?”. Eu não sei o que responder. Entendo que há um mistério que nos rodeia, um mistério tão profundo quanto a ingenuidade do credor do meu amigo.

P.S.: Ah! Já ia esquecendo. Recebi um monte de cartas que foram enviadas ao “El Mundo” para mim. De lá, eles as mandaram aqui para o Rio. Se eu tiver tempo, responderei algumas. Até!

2 Estilo de peça teatral, uma ópera espanhola de curta duração que tem a intenção de ser cômica enquanto trata de assuntos cotidianos.

FALEMOS DE CULTURA

(DOMINGO, 6 DE ABRIL DE 1930)

Respeito ao homem e à humanidade que o homem carrega dentro de si. É o que encontro no Rio. Aqui, onde a natureza criou seres voluptuosos, mulheres com olhos iguais a noite e silhuetas como o calor da febre, só encontro respeito; um doce e profundo respeito, que faz com que você se detenha e converse consigo mesmo:

— A vida, assim, é muito linda.

Eu não quero procurar as razões históricas desse fenômeno. Eu não dou a mínima para a História. Deixe que os outros a façam. Eu não tenho nada a ver com a literatura, nem com o jornalismo. Sou um homem de carne e osso em viagem, não vim para fazer literatura de seus escritos, e sim para anotar as minhas impressões.

Digo que estou animado...

Direi que estou animado? Não. Devo dizer que estou surpreso? Não. É algo mais profundo e sincero: estou comovido. Esse é o termo: comovido.

A vida, assim, é muito linda.

E não estou me referindo às atenções que se recebe das pessoas com quem lidamos. Não. Eu me refiro a um fenômeno mais autêntico: o clima de educação coletiva.

O que importa se uma pessoa é atenciosa com você se quando, ao voltar para a rua, o resto do povo destrói a impressão produzida por aquele indivíduo?

Ao contrário, aqui, você se sente à vontade. Na rua, no café, nos escritórios, entre brancos, entre negros...

Quando você sai de sua casa, está na rua, não é assim? Bom, aqui, quando você sai para a rua, está em casa. Um ritmo de amabilidade rege a vida nesta cidade. Nesta cidade que tem um tráfego e uma população proporcionalmente equivalentes à de Buenos Aires, considerando a sua extensão. Com a única diferença de que, nos cruzamentos, você olha para cima e se depara com um morro verde dourado de nuvens e uma palmeira no alto, com seus quatro ramos parecendo redes no azul.

Sem exceção:

Os brasileiros são diferentes da gente?

Sim, eles são diferentes no seguinte: têm uma educação tradicional. São educados, não na aparência ou na forma, e sim possuem a alma educada. São mais corteses que a gente, e só é possível compreender o verdadeiro significado de cortesia por meio da sensação de tranquilidade que nossos sentidos recebem. É como se você, de repente, acostumado a dormir sobre paralelepípedos, recebesse um colchão para se deitar.

Pense nisso. Aqui, uma jovem pode caminhar tranquilamente pelas ruas à meia-noite. Uma garota decente, está bem? Não vamos confundir! E se não for, também. Você pode ir a qualquer lugar, mesmo no pior dos antros, na companhia de qualquer tipo de mulher, seja honesta ou não. Ninguém vai mexer com você.

Em Buenos Aires, em quase todos os cafés, você encontra espaços familiares. Aqui, não existe essa divisão. Quando saem de seu emprego, as jovens entram nos cafés, tomam suas bebidas em xícaras e fazem isso com tranquilidade: a tranquilidade da mulher que sabe o que é ser respeitada.

Em Buenos Aires, o tratamento geral para com a mulher revela o seguinte: que ela é considerada um ser inferior. O contínuo desrespeito a que ela é subjugada, como vítima, demonstra isso.

Aqui, não. A mulher está acostumada a ser considerada alguém igual ao homem e, portanto, merece dele as atenções que ele teria com qualquer desconhecido que lhe aparecesse.

E, de repente, quer queira, quer não, você sente que uma força te subjuga, que eles estão no caminho de uma vida melhor que a nossa. Entendamos que, com a nossa grosseria, temos distorcido muitas coisas belas. Inclusive, temos destruído a feminilidade da mulher portenha.

Será que, por acaso, a vida aqui é muito mais bonita porque é menos difícil? Vá saber! A verdade é que o povo daqui é muito diferente do nosso. Os detalhes perceptíveis na vida cotidiana nos mostram que são uma gente mais culta. Acredito que ainda predominam, com inquestionáveis vantagens à vida coletiva, as ideias europeias. Se não fosse muito arriscado o que eu vou dizer — no correr, não da pena, mas das teclas da máquina de escrever —, eu a transformaria numa afirmação categórica: me ocorre que, de todos os países de nossa América, o Brasil é o menos americano, por ser, precisamente, o mais europeu.

Esse respeito espontâneo para com o próximo, sem distinção de gênero ou raça; essa linda indiferença pelos assuntos alheios é, digam o que quiserem, essencialmente europeia.

E a paisagem é linda, as montanhas azuis, as árvores...
Mas que importância a paisagem pode ter diante das belas
qualidades do povo?

OS PESCADORES DE PÉROLAS

(SEGUNDA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1930)

Eu pensei em chamá-la de “a pracinha dos pescadores de pérolas”, porque me lembra um livro de Emilio Salgari, *A pérola vermelha*. É preciso viajar um pouco para se dar conta de que Emilio Salgari, o romancista nos envergonhamos de ter lido depois da leitura de Dostoiévski, é o mais poderoso e admirável despertador da imaginação infantil. Hoje, eu me lembrei do livro de Emilio Salgari com a mesma emoção de quando eu tinha treze anos e o lia com afobação, escondido debaixo da carteira escolar enquanto o professor explicava um absurdo teorema de geometria. Eu me lembrei com emoção porque a “reconheci” assim que a vi. E eu a chamei, de pronto, de “a pracinha dos pescadores de pérolas”.

Caminhando:

Caminhando pela rua da Carioca, rumo a oeste, chega-se ao mar. Seguindo por alguns becos estreitos, quentes até na sombra, por um calçamento de pedras quadradas e polidas pela fricção, de repente, a visão clareia.

Apareceu um pedaço do céu azul-celeste e dois galpões planos, compridos, caiados, com o teto de telhas onduladas que formavam entre si um ângulo reto. Negros, uns descalços, outros com sobretudos surrados, e quase todos de camisa, cobertos com chapéus ensebados e rasgados, observavam o sol decompor pedaços de peixes dispostos sobre as esteiras, sustentadas por ripas de madeira em formato de cruz. Um fedor de peixaria, de sal e podridão infestava o lugar. Deitados sob o sol, olhavam um menino com pele cor de carvão, com os braços e os pés nus, que segurava uma gaiola com pássaros de plumagem azul, enquanto que, na encolhida mão direita, segurava um papagaio verde-diamante. Aninhado junto a um cesto, tinha um gato branco com um olho azul-celeste e outro amarelo.

Parei junto dos negros e comecei a olhá-los. Ora, olhava; ora, não. Eu fiquei perplexo e entusiasmado diante da riqueza de cores. Para descrever os negros, é necessário olhá-los de perto: têm muitas tonalidades! Eles possuem tons desde o carvão até ao vermelho escuro do ferro na forja. Então eu

continuei caminhando e, depois de três passos, entrei em uma pequena baía... Ali estava!

A rua descia em um declive. Em vez de parar perto da água, essa viela de pedra entrava nela. E, no declive, dispostos um do lado da outra, botes estreitos e compridos como canoas (essas definições devemos a Salgari), pintados de cor de carne, de cor de alface, de azul das folhas do alho-poró. Mas não eram embarcações novas, e sim encardidas, quebradas, carregadas de redes de pesca, cheias de escamas. Algumas tinham tábuas rachadas, remendadas com ripas e pregos; outras pareciam ter sido fabricadas com restos imprestáveis de lata de querosene e, no interior, estendidos em cima das roupas, estavam homens que dormiam.

Essa praça de água era guardada a quarenta metros adiante por dois braços de pedra, os quais tinha uma estreita abertura, de alguns passos apenas. Por ali, os barcos entravam e saíam.

Eu me lembrei dos pescadores de pérolas, de *A pérola vermelha*. O mesmo lugar do romance de Salgari, a mesma sujeira impregnada de um fedor essencial, cascas de banana e tripas de peixe. De pé, ao lado das pirogas — que não merecem outro nome —, estavam os anciões barbudos, descalços, mulatos, sujos, queimados de sol, remendando lentamente uma rede, raspando com uma faca a quilha de suas embarcações,

acomodando os cestos de vime amarelo, com um cardo entre os lábios inchados, como leprosos.

Conversavam entre si. Um homem rude de cabelos grisalhos com cara de pirata, barba rala e peito de chocolate dizia a um menino amarelo que segurava a ponta da rede, com os pés descalços e sujos no chão: “Toda a força que vem de acima, é de Deus...”

Quietude:

Não sei se são infelizes ou não. Se passam fome ou não. Mas eles estavam ali, sob o sol que fermentava a sujeira de suas embarcações e a deles mesmos, e os peixes destripados nos cestos, como se tivessem encontrado o paraíso prometido aos homens de boa vontade e de simples compreensão.

Sem fazer barulho, sem incomodar a si mesmos ou aos outros, indiferentes. O sol era tão doce para o que vestia um sobretudo como para aquele que estava desnudo, porque, na verdade, no calor que fazia era melhor andar nu, e não de sobretudo.

Uma brisa suave fazia a água mudar, de um óleo cinzento para aquarelada. Eu me sentei em um pequeno pilar de pedra e fiquei observando. A praça de água poderia muito bem estar na África, no Ceilão ou em qualquer canto do

Oriente. Sei que qualquer um dos que me leem teria apertado apressadamente as narinas se estivesse ali, mas ainda que os negros, a água e o pescado exalasses um odor de salmoura insuportável, eu permaneci por muito tempo com os olhos fixos na água, nas canoas velhas, pobres e remendadas. Da pracinha de água emanava um sentimento de paz tão profundo que não consigo descrever... Cheguei até a pensar que, se alguém pulasse na água e tocasse o fundo, poderia encontrar uma pérola vermelha.

A CIDADE DE PEDRA

(TERÇA-FEIRA, 8 DE ABRIL DE 1930)

Há momentos em que, passeando por essas ruas, a gente acaba dizendo:

— Os portugueses construíram casas para a eternidade. Que incríveis!

Todas, ou quase todas as casas do Rio, são de pedra. As portas estão assentadas em pilares de granito maciço. São casas com três, quatro, cinco andares. A pedra, um bloco polido à mão, sustenta, coluna sobre coluna, toda a estrutura.

Nada de revestimento

Nas primeiras vezes, eu achei que eram pilares de alvenaria revestidos de placas de granito, como na nossa cidade, ou seja: tijolo por baixo, acabamento de pedra por cima. Eu estava errado. Percorri ruas onde estavam demolindo alguns prédios e vi derrubarem colunas de granito que no nosso país valeriam uma fortuna. E eu vi tabiques serem arrebatados com martelo e talhadeira, porque os tabiques, em vez de serem construídos de tijolo, eram paredes feitas com uma

mistura de argamassa, pedra e cal hidráulica. Resumindo: o que em nossa cidade empregamos para fazer o que se chama de uma estrutura de concreto armado, aqui, ela foi usada para construir a casa inteira.

E se fosse exceção, não seria surpreendente; mas é ao contrário, no Rio, a exceção é a casa ser de alvenaria. São chamadas de construções modernas e, nas proximidades de Copacabana, vi os chamados novos bairros, construídos de tijolo. O resto, a casa dos pobres, a casa da maioria das pessoas, o cortiço e a casa pequena são construídos dessa maneira ciclópica: pedra, pedra e pedra.

São blocos descomunais. São blocos que foram trabalhados na época do Segundo Império por negros e artesãos portugueses.

Vejo demolições que assombrariam os nossos arquitetos; demolições cujo material poderia suportar a passagem de uma ferrovia sem trincar. Por onde quer que se ande — e veja que o Rio é grande — pedra, pedra e pedra... Isso explicaria um fenômeno. A falta de arquitetura, ou seja, de adornos.

As casas daqui:

A casa, assim como nos subúrbios da nossa Buenos Aires, é o tipo de moradia que tem um jardim com o tamanho

de quatro ou cinco por quatro, seguido de três ou quatro cômodos com corredor. As casas, aqui no Rio de Janeiro, exceto as da Avenida Rio Branco (a nossa Avenida de Mayo), têm a fachada lisa, com suas sacadas separadas por quinze centímetros de, ou seja, quase germinadas. Janelas perfeitamente quadradas e o caixilho, ou melhor, as colunas que suportam as portas, são de granito. As paredes que ficam entre essas colunas são pintadas de verde, vermelho-terra, ocre, azul-anil ou branco. Quase todas as portas têm, para defendê-las, uma primeira porta de ferro com metade da altura da principal, de modo que, para entrar em uma casa, você precisa abrir primeiro a portinhola de ferro e depois a de madeira, alta e pesada. Uma defende a outra.

Essas portas de ferro artesanais reproduzem desenhos fantásticos, dragões com rabos de lírios enrolados na frente de escudos. Toda a obra é pintada de prateado, de modo que, durante à noite, na tristeza miserável de uma fachada vermelha, a varanda ou a porta de prata se destacam, revelando interiores domésticos de todos os tipos.

Dessa forma, pode acontecer de você passar pela rua e ver coisas como: um menino lavando seus pés em um quarto. Uma senhora tratando o cabelo em sua penteadeira. Um negro descascando batatas. Um cego analisando um rosário sentado em uma cadeira de palha. Um padre idoso meditando

em uma rede, ao lado do seu breviário. Duas garotas desfazendo um vestido. Um homem quase nu. Uma mulher nas mesmas condições. Um casal jantando. Duas comadres jogando cartas. A vida privada é quase pública. Do segundo andar, você pode ver coisas interessantíssimas; ainda mais se você usar uma luneta (não seja curioso, meu amigo: o que se vê com um binóculo não se conta em um jornal).

Voltando a falar das casas (deixemos de lado as digressões), esse conjunto uniforme, pintado no que eu chamaria de cores ácidas e marítimas, porque possui a mesma brutalidade que o azul das camisas dos marinheiros, produz, durante à noite, uma terrível sensação de tristeza. Mas, durante o dia, é algo que se parece com uma festa eterna. Festa rude, quase africana; festa essa que, depois de um tempo assistindo, cansa os olhos, aturdindo-nos e nos deixando enjoados de tanta cor.

A cidade, sob a luz do sol, merece um outro texto. A cidade noturna, por sua vez, é desencorajadora. Você caminha por ela como se estivesse em um convento. São sempre as mesmas fachadas, sempre com seus interiores alaranjados ou esverdeados. Em algum lugar, há um pequeno ornamento pendurado no teto; uma redoma que contém a imagem dourada da Virgem Maria com o menino Jesus e, abaixo, balançando por um jogo de correntes, uma lâmpada de bronze, cuja chama ilumina e movimenta as sombras.

Esse silêncio só é interrompido pela corrida vertiginosa dos bondes. Depois disso, nada. Portas e mais portas fechadas. De tempos em tempos, encontra-se uma negra gorda sentada na soleira de sua casa; um menino negro com a cabeça apoiada no parapeito de granito de um primeiro andar e, novamente, silêncio. Um silêncio tranquilo, tropical, no qual o vento introduz um perfume grosseiro de plantas cujo nome não faço ideia. E o peso da pedra, dos blocos de pedra nas quais todas essas casas foram construídas, acaba por esmagar a nossa alma, no centro da cidade, em uma solidão quase desértica às dez horas da noite.

PARA QUÊ?

(QUARTA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 1930)

Um amigo do jornal me escreveu: “Estou surpreso de você não ter ido ao Uruguai e nem de ter visitado os intelectuais e os escritores brasileiros — e nem sequer dá sinais de que pretende fazê-lo. O que está acontecendo?”

Na realidade, não tem nada de errado comigo, mas eu não saí por aí para visitar esses países com a intenção de conhecer gente que de um modo ou de outro vão se empenhar em mostrar para mim que nossos colegas são burros e que eles são uns gênios. Os intelectuais! Eu vou te dar um exemplo. Em uma redação em Buenos Aires, algum tempo atrás, encontrei uma edição de um jornal extraviado do Rio no qual li os versos de uma poetisa argentina sobre o Rio de Janeiro. Ao ler, fiquei tentado em escrever para a digníssima dama:

— Diga-me: por que em vez de escrever a senhora não se dedica ao incrível trabalho de tricotar?

Em Montevidéu, numa conversa com um escritor chileno, ele me contou alguns episódios. As histórias envolviam os intelectuais da região. Um pintor chileno enviou para essa escritora um quadro magnífico e ela, numa festa que deu em sua homenagem, colheu algumas violetas e disse ao meu amigo:

— Ouça, Fulano, mande estas flores para [tal pessoa]...

Ou ela estava perturbada com algo ou não tinha se dado conta, em sua imensa vaidade, de que não se mandam violetas a um senhor que a presenteou dessa forma, numa distância suficiente para fazer com que, quando chegassem as flores, elas já estivessem murchas.

Além disso, quanto a vida dos intelectuais: quem se interessa pelos escritores? Já se sabe de cor o que eles vão dizer: elogios convencionais sobre Fulano e Beltrano. O convencionalismo jornalístico chega a tal extremo que vou fazer você rir com o que irei te dizer. Ao chegar no Rio, fui entrevistado por editores de diferentes jornais. No “Jornal da Noite”, foi publicada uma reportagem que fizeram comigo e, entre muitas coisas que eu disse, me fizeram dizer coisas que eu nem sequer pensei. Aqui vai um exemplo: que “meu diretor me convidou a fazer uma visita à pátria do venerado Castro Alves”.

Quando eu li que meu diretor me convidou a fazer uma visita à pátria do venerado Castro Alves, senti calafrios. Eu não faço ideia de quem seja Castro Alves. Não sei se merece ou não ser venerado, porque o que eu sei dele (não sei absolutamente nada) não me deixa tirar conclusões. Entretanto, os habitantes do Rio, ao ler a reportagem, dirão:

— Eis que os argentinos conhecem a fama e a glória de Castro Alves. Eis que um jornalista portenho que, perturbado pela grandeza de Castro Alves, o chama emocionado de “venerado Castro Alves”. E conheço menos o Castro Alves do que os cem mil Garcías da lista telefônica. Eu não faço nenhuma ideia do que Sua Excelência Castro Alves fez ou deixou de fazer. Nem me interessa. Mas a frase ficava bem e o redator a colocou. E eu caí nas graças dos cariocas.

Se deu conta, amigo, o que é a manipulação jornalística?

Agora, imagine por si mesmo as historinhas que qualquer literato tentaria me empurrar. Assim como fizeram com que eu dissesse que Castro Alves era venerável; ele, por sua vez, diria que o “doutor” merece ser canonizado, ou que Lugones³ é o humanista e o psicólogo mais profundo de quatro continentes...

3 Leopoldo Lugones, um escritor modernista e jornalista argentino.

Não interessam:

Não se passa nem um mês sem que saiam de Buenos Aires três alunos em aventuras jornalísticas e, o primeiro que fazem, ao chegar em qualquer país, é entrevistar escritores com os quais ninguém se importa.

Por que eu iria tirar o trabalho desses rapazes? Não. Por que eu vou surrupiar a mercadoria de cem jornalistas sul-americanos que viajam por aí com suas anotações para saber o que pensam Beltrano e Fulano de nosso país? De cabeça, já sei o que aconteceria. Eu, se me dispor a vê-los, terei de dizer que são gênios e eles, por sua vez, dirão que eu tenho um talento brutal. E o assunto da nossa conversa ficaria acertado dessa forma: “Entrevistei o genial romancista X”. Eles: “Nos visitou o estupendo jornalista argentino.”

Tudo isso é manipulação.

Cada vez mais estou convencido de que a única forma de conhecer um país, ainda que seja só um pouquinho, é convivendo com seus habitantes, mas não como escritor, e sim como se você fosse um comerciante, empregado ou qualquer coisa. Viver... viver por completo à margem da literatura e dos literatos.

Quando, no começo desse texto, eu me referi ao poema da dama argentina, foi porque essa senhora viu o Rio como qualquer escritorzinho mixuruca. Uma montanhazinha e mais nada. Um cara bonito parado numa esquina.

Isso não é o cúmulo do absurdo? E são todos assim. As consequências desse tipo de atitude é que o público leitor não acaba aprendendo nada sobre o país, nem sobre a forma como as pessoas mencionadas nos artigos vivem. E é tão assim que, no outro dia, em outro jornal nosso, eu li uma reportagem feita por um escritor argentino sobre um general, não sei se era do Rio Grande ou sei lá de onde era. Falava de política, de internacionalismo e de não sei mais o quê. Terminei de ler a embromação e disse a mim mesmo: “Onde o secretário da redação desse jornal estava com a cabeça que não jogou no lixo essa cascata de porcaria verborrágica? Que diabos importa ao público portenho o que opina um general de qualquer país sobre o Plano Young ou sobre qualquer outra coisa, por menos ou mais irritante que seja?”

O que aconteceu foi o seguinte: assim como fizeram eu dizer que Castro Alves era venerável, porque devem ter acreditado que me faria cair nas graças do povo do Rio (o povo do Rio não dá a mínima para a minha opinião a respeito de Castro Alves), fizeram o jornalista argentino entrevistar um generalzinho que não faz nenhuma diferença a nenhum dos duzentos mil leitores de qualquer um de nossos jornais.

E, agindo assim, os povos nunca conseguem se conhecer.

Agora está explicado, meu leitor, por que eu não falo e nem entrevisto personalidades políticas ou literárias.

SOBRE A CIVILIDADE DO POVO

(QUINTA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 1930)

Estou andando por uma rua escura, entre as fachadas de pedra. A iluminação pública brilha em lâmpadas penduradas nos cabos revestidos. Homens de camisa com mangas conversam, sentados nas soleiras das portas. Mulheres com pele de chocolate, apoiadas com os braços cruzados nas grades das sacadas, acompanham o movimento da rua. Em um boteco de esquina, negros descalços bebem cerveja. De repente: uma senhora escura agarrou pela mão seu filhinho de seis anos, cor de café com leite. Ela foi colocar o menino para dormir. O garoto estava brincando com uma menina de sua idade, branca e loira. E eu vejo o menino estender a mão à menininha com gravidade. Ela também, com seriedade, retribui. Os dedos se apertam e eles dizem:

— Boa noite.

Segundo quadro:

Ando por uma rua aberta entre blocos de granito escarlate. Sobre a minha cabeça, pendem largas folhas de bananeira. A rua asfaltada desce até a praia. De lá, estão vindo um rapaz e uma moça. Dezesete anos, quinze anos. Ele, cor de tabaco claro; ela, com sua cor de cobre, lembra as curvas de um cesto de vime, tal é a flexibilidade dessa garota de olhos verdes. Quantas raças se misturaram nesses dois corpos? Não sei. A única coisa que vejo é que são magníficos.

Ele sorri e mostra os dentes. Ela, um passo atrás, ri também. Traz na mão uma haste verde e faz cócegas na orelha dele. Seguem sozinhos. Aqui, os namorados saem sozinhos. Eles são homens; e elas são boas mulheres. Quando dois namorados saem sozinhos é porque estão noivos. A vida é séria e nobre em muitos aspectos. E esse é um aspecto dessa vida séria e nobre.

Eles riem e vão à praia. A praia estende uma bandeja de areia sobre o rio. As bananeiras deixam suas folhas verdes balançarem e um perfume de violeta impregna densamente o clima tempestuoso.

Terceiro quadro:

Avenida Rio Branco. Um mar de gente. Fachadas de azulejos com relevos em ouro, azuis e verdes. O Café Mourisco tem cúpulas de escamas de cobre. Bondes verdes. Lufadas de jasmim. No fundo, o morro do Pão de Açúcar, cor de espinafre. Na lateral, o morro de Santa Teresa, alaranjado. Automóveis passam vertiginosamente, pessoas tomam sorvetes sentadas em cadeiras de vime. Ele e ela. Ela, de preto. Ele, de branco. Um decote admirável. Caminham lentamente. Não de braços dados, mas de mãos dadas. Como crianças. E, de repente, eu a escuto dizer:

— Meu bem.

Esse “meu bem” saiu da boca da mulher impregnado de espessa, lenta e saborosa doçura. Se embriagaram um do outro com um olhar; e seguiram andando, devagar, ombro a ombro, os braços caídos, mas com os dedos fortemente entrelaçados. Disseram-me que, quando um homem e uma mulher caminham desse jeito, é porque possuem total intimidade e eles vão cantando, com os dedos grampeados, numa felicidade magnífica e calorosa.

Quarto quadro:

Restaurante. Hora do almoço. Ele, quarenta e cinco. Ela, trinta. Ele tem cabelos brancos. Ela é loira, magnífica, alta e esbelta; olhos tão bonitos como a água sobre a pó de carvão e ouro. Sentaram-se e o garçom trouxe o cardápio. Fizeram o pedido e o garçom saiu. Trouxe dois pratos diferentes. De repente, ela estica o garfo e põe um pedaço de carne na boca do companheiro. Ele sorri, guloso. Então ela segura o queixo dele com a ponta dos dedos e move a mão lentamente. Na frente de todos, os quais permaneceram impassíveis. Aqui é assim que se vive. Trouxeram a sobremesa. Pediram sobremesas diferentes. Assim, ela tira um pedaço do doce do prato do homem e move a cabeça. Ele ri e dá uns tapinhas na bochecha dela.

Delicadeza:

Por onde quer que você passe, a delicadeza brasileira oferece espetáculos impressionantes. Homens e mulheres sempre se acariciam com a mais penetrante doçura que se pode imaginar, desde o gesto até a expressão. O espírito de tal conduta está no ambiente. Aqui vai um exemplo. Entrei em uma cafeteria na Ilha do Governador. Uma vitrola tocava. Quando o menino que me atendeu percebeu que eu falava castelhano, sorriu para mim e disse:

— O senhor é espanhol?

— Argentino, rapaz...

O menino avançou até o balcão, falou umas palavras com o patrão e, um minuto depois, soava na vitrola um tango cantado por Maizani:⁴ “Compadrón”.

Onde quer que se vá... onde quer que se vá, você só encontra amostras de gentileza, de interesse, de atenção. Salvo exceções, as pessoas são tão naturalmente educadas que você fica maravilhado. Entrei na Nyrba⁵ para pedir detalhes de como devia registrar uma carta aérea. Imediatamente, um empregado fez com que um cadete me acompanhasse até o correio.

Eu precisava encontrar uma rua. Me aproximei de um jornaleiro. Você precisava ver com que cortesia com que ele me explicou o caminho que eu deveria tomar.

Gentileza? Se há um lugar na América em que o estrangeiro pode se sentir confortável e agradecido com o jeito de ser das pessoas, é no Brasil. Crianças, homens e mulheres entrelaçam as suas ações na mais perfeita civilidade.

4 Azucena Maizani foi tanto cantora quanto compositora argentina. Ela foi uma das primeiras mulheres a cantar tango.

5 Uma antiga empresa, da década de 1920, que operava hidroaviões de Nova York para lugares como Rio de Janeiro e Buenos Aires, bem como outras localidades intermediárias das Américas Central e do Sul.

E A VIDA NOTURNA, ONDE ESTÁ?

(SEXTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 1930)

Ah, Buenos Aires! Buenos Aires...! Avenida Corrientes e Talcahuano, o terraço e o Café de Ambos Mundos, e a rua Florida. Ah, Buenos Aires! Lá, a gente irrita uns aos outros, é verdade, mas a gente fica se irritando até as três da manhã.

Mas aqui? Meu Deus! Onde você se vai às três da manhã? Inacreditável!

Eu disse “três da manhã”? Aonde você vai, aqui no Rio, às onze da noite? Aonde? Me explique, por favor.

Às onze da noite:

Está quente o suficiente para andar de cueca pela rua. E, às onze da noite, todas as corujinhas já estão em suas tocas.

Vocês entenderam? Às onze da noite, quando na avenida Corrientes as pessoas se debruçam nas portas dos botequins para começar a fazer a digestão!

Ah, os botequins da avenida Corrientes! Dá até água na boca.

Eu estava dizendo que, aqui, às onze da noite, todo mundo já está na cama. Um ou outro madrugador caminha pela avenida Rio Branco com cara de cachorro sem dono. Devo estar mal da cabeça. Eu mencionei um madrugador? Bom, veja só, um madrugador às onze horas da noite! O sujeito farreia até às dez e quarenta e, às dez e cinquenta, volta para casa. E faz tanto calor que dá até vontade de dormir na calçada. E todo mundo está na cama. Vocês conseguem imaginar uma tragédia mais terrível do que essa? Ir dormir às onze? Porquê, diga-me: o que se vai fazer depois dessa hora? Medir a largura das ruas, o comprimento da calçada, o perímetro do estuário? Todo mundo está na cama às onze da noite. Às onze, sim, às onze!

Eu consigo entender porque recém-casados querem ir se deitar às dez ou onze da noite. Admito que o “proprietário” de algumas dessas meninas não deve se descuidar e, às dez e quarenta, os dois fogem rapidamente para o ninho. Eu sou humano e compreensivo. Eu consigo entender, ainda mais aqui. Mas e “a juventude solta e livre”? “O tesouro divino”

ronca também. No mais tardar, às onze, se grudam na cama; e se você corre de um lado para o outro desesperado por essas ruas solitárias, você, de vez em quando, vai tropeçar em um negro que, sem estar bêbado, ri e fala sozinho. É notável o costume dos “grones”.⁶ Eles devem conversar com a alma de seus antepassados, os beduínos e os antropoides.

E que camas?

Brutalmente. Às onze, todos vão dormir porque as ruas estão desertas. Sem sinal de café, sem sinal de vida. Vão todos dormir porque não há nada para se fazer na rua. Esse povo é como as galinhas: jantam às sete, depois dão três voltas inocentes pelo quarteirão e vão para a cama, dormir.

Mas alguém pode me dizer o que um portenho vai fazer na cama a essa hora, às onze? E ainda mais nessas camas feitas de madeira. Ah, porque os colchões nesse país não são de lã? *Lasciate ogni speranza*,⁷ você que vai dormir. Os colchões são feitos de fibras vegetais e, com essa crina vegetal, me arrisco

6 Refere-se aos negros, forma invertida e pejorativa da época.

7 Passagem da *Divina Comédia* (Inferno, III, 9), de Dante Alighieri, cuja tradução é: “Deixai toda a esperança”. A inscrição completa da porta do inferno é *lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*, ou seja, “deixai [para trás] toda a esperança, vós que entraís”.

a dizer que qualquer colchão nos nossos quartéis é mais macio e confortável do que essas placas flexíveis, as quais se parecem mais com amianto do que outra coisa.

Quando você se deita pela primeira vez, a primeira coisa que você faz é chamar a arrumadeira desesperadamente, se estiver em uma pensão, para dizer a ela que esqueceram de colocar um colchão na cama. E então ela te responde dizendo que não, que a cama tem colchão sim, e ela o mostra para você para que não reste nenhuma dúvida; e então você o vê com seus próprios olhos mortais e fracos, e despeja uma torrente de palavrões que deixariam um sarraceno corado. E o colchão não fica com pena e nem fica mais macio depois disso, e sim persiste em ser tão duro quanto madeira como antes, e você pode colocar um regimento inteiro em cima dele e nem assim ele vai ficar mais macio. Crina vegetal, amigo. Para dormir! Você fica rolando, com dores até nos ossos; vira para a direita e para esquerda, tentando encontrar uma posição, mas parece sempre esbarrar em cascalhos e cobras. O colchão não amolece nem nos sonhos... Não importa se você está dormindo ou não, ou querendo dormir e não conseguindo, sempre vai parecer que você está deitado num piso de madeira.

Seja imparcial, amigo, é possível sofrer um martírio maior do que esse? Ter de ir dormir às onze da noite em

uma cama que daria inveja a um candidato a santo para poder ganhar o céu. Seja imparcial. Pense que te obrigam a ir dormir às onze da noite em uma cama dessas que não amolece nem se você jogar água nela.

Você acende um cigarro. Fuma. Joga fora a guimba e cospe em qualquer direção. Enfia o braço debaixo do travesseiro. Depois, enfia a cabeça e, em seguida, o outro braço. Mais tarde, você encolhe as pernas, depois já está com outro cigarro e volta a cuspir. Solta um palavrão, medita, endireita a coluna, tem vontade de dar um tiro no teto. Acende outro cigarro, passa um bonde com um barulho infernal e o arranca do levíssimo estupor, que prometia ser o início de um semissono. No badalar do relógio, são duas horas. Depois três e quatro e não há um guardinha da noite que grite: “Viva a Santa Federação”, mas você está com um olho aberto e o outro conspira e pensa em asneiras a granel.

Então, você se pergunta desesperado, pela centésima vez:

— O que essas pessoas fazem tão cedo na cama? O que fazem?

TRABALHAR COMO NEGRO⁸

(SÁBADO, 12 DE ABRIL DE 1930)

Nós, os portenhos, dizemos “trabalhar como negro”. Mas, em Buenos Aires, os negros não trabalham a não ser como mensageiros, que é o trabalho mais confortável que se conhece e que parece ter sido exclusivamente inventado para que os “grones” portenhos o desempenhem nas portarias dos ministérios e repartições públicas.

Com exceção dessa atividade, o cidadão “grone” se finge de morto. Ele nasceu e se contenta em ser faz-tudo e se apoia na célebre frase: “Você será o que deve ser, ou não será nada” (que, cá entre nós, é uma tremenda asneira). Mas os “grones” a seguem copiosamente. Não se esforçam, a não ser que usem um uniforme ou que trabalhem na antecâmara de um ministro.

8 Expressão pejorativa e racista da época.

O negro brasileiro

Esse sim trabalha como um negro! Ou melhor: agora sim eu sei o que significa “trabalhar como um negro”. Sob um sol capaz de derreter pedras, um desses sóis que fazem você suar em bicas e espantam até mesmo os lagartos, o negro brasileiro, descalço nas calçadas escaldantes, carrega paralelepípedos, entrega embrulhos, sobe escadas carregando enormes pesos, maneja a picareta, a pá, assenta trilhos... E o sol — o sol brasileiro — cai sobre seu lombo de fera negra e a tosta lentamente, dando-lhe o brilho de ébano reaquecido no forno. Ele desempenha as tarefas mais brutais e rudes, fazendo com o que os brancos pareçam incapazes.

Sim, no momento em que o nativo branco ou o trabalhador estrangeiro recuam, o posto é ocupado pelo negro. E ele trabalha. Na sombra, você sente que vai desmaiar de calor, mas o negro, no meio de uma nuvem de poeira, entre os raios de sol, trabalha e se esforça muito, passivamente como um boi. Vai e vem com pedregulhos, sobe escadas absurdamente íngremes com enormes cestos de areia; sempre no mesmo ritmo, um passo lento, parcimonioso como de um boi. Assim, de boi.

Ganha um salário ridículo. É silencioso, quase triste. Deve ser a tristeza dos seus antepassados. Nunca saberemos seus motivos!

Quando estão sozinhos

Durante à noite, nas ruas mais abandonadas, já aconteceu de eu me encontrar com negros que caminhavam sozinhos, conversando e rindo consigo mesmos. No hotel, também. No momento em que eu abri uma janela, me surpreendi com uma negra. Ela estava no quarto, ria e falava com ela mesma. Ou com a parede ou com um fantasma. Ria de forma infantil ao mesmo tempo em que movia seus lábios. Outra vez, caminhando, escutei as risadas abafadas de um negro. Ele parecia estar zombando de um interlocutor invisível, enquanto pronunciava palavras que eu não consegui entender.

Pensando nisso, passou pela minha cabeça que, em seus cérebros imaculados, as ideias que nascem devem produzir uma intensidade tão grande que, de imediato, o homem se esquece de que um fantasma o estava escutando e, assim, o fantasma se torna uma pessoa real para ele.

Eu também os observei nos arredores do porto. Eles formam círculos silenciosos, que se aquecem no sol.

Uma força absurda explode em seus músculos. Há negros que são estátuas de carvão acobreado, máquinas de uma tremenda força e, no entanto, há algo de infantil, algo relacionado aos pequeninos animais que se escondem debaixo de nossa semicivilização.

Vivem misturados com os brancos: aqui, você pode encontrar uma senhora bem-vestida e branca na companhia de uma mulher negra. Mas o negro pobre, o negro miserável, aquele que mora nos barracos do Corcovado e do Pão de Açúcar, me dá a sensação de ser um animal isolado, uma pequena fera que se mostra tal como ela é, na escuridão da noite, quando caminha e ri sozinho, conversando com suas próprias ideias.

Dessa forma, devo prevenir que o espetáculo tem mais fantasia do que realidade. No escuro, um negro só é visível por causa de seus dentes e de sua calça colorida ao passar debaixo de uma luz. Com frequência, ele não usa nada na cabeça, de modo que se pode imaginar a sensação de, quando nas trevas, escutar uma risadinha, palavras cochichadas. É um africano⁹ descalço, que anda por aí movendo os ombros e esbanjando sua misteriosa alegria.

Tão misteriosa que, nessas circunstâncias, eles não te enxergam. A negra que surpreendi no hotel estava quase na minha frente, mas não me viu. Uma noite, eu caminhei por vários metros ao lado de um estranho negro que resmungava. Quando, por fim, ele “ouviu” meus passos, me lançou um olhar irritado. E só.

9 No caso, um afrodescendente.

Com quem eles falam? Eles possuem um deus que o homem branco nunca conhecerá? Eles distinguem o espectro de seus antepassados durante à noite? Ou eles se lembram dos antigos tempos, quando, felizes como grandes feras, viviam livres e nus nas florestas, perseguindo macacos e domando cobras?

Um dia desses, quero escrever sobre os negros: dos negros que vivem em perfeita harmonia com os brancos e que são imensamente bons, independentemente de sua força descomunal.

TIPOS EXTRAORDINÁRIOS (DOMINGO, 13 DE ABRIL DE 1930)

Meu amigo é uma excelente pessoa. Impossível encontrar alguém melhor. Se não fosse pelo defeito que tem de contrair dívidas, de comprar coisas e não pagar por elas, seria o que poderíamos chamar de um cavalheiro honradíssimo. E ele é... quase é. No Rio de Janeiro, foi rodeado de um prestígio único. É respeitado. Ele me confidenciou de que o presidente do Brasil o estima muito. Como não me custa nada acreditar nele, admito a possibilidade desse fenômeno de que o doutor Washington Luís Pereira de Sousa¹⁰ tenha simpatizado com o senhor a quem me refiro. Mais ainda, ele me confessou intimamente que o doutor Washington Luís Pereira de Sousa deseja a sua amizade. Como eu já disse antes, esse meu amigo é o dono da caverna, ou inquilino, onde o homem de pijama listrado passa a noite

10 O décimo terceiro presidente do Brasil, o último presidente da República Velha, também foi advogado e historiador.

e é o mesmo lugar em que eu uma vez deixei minha mala com desconfiança. Essas coisas costumam acontecer entre amigos.

O homem de pijama listrado

O homem de pijama continua sendo um mistério para mim. Trabalha o dia todo como um rato. Estou chegando à conclusão de que meu amigo é quem aluga a casa e o outro é quem lhe paga o aluguel. Sim. Eu tenho essa convicção baseada no profundo conhecimento que tenho de certas naturezas humanas.

No que ele trabalha? Não sei. Corre o dia todo debaixo do escaldante sol brasileiro, com uma pasta sob o braço, enquanto meu amigo diz:

— Eu tenho condições para ser financista. Preparei alguns projetos inacreditáveis. Pretendo convencer todos os comerciantes de São Paulo a investirem na confecção de uma revista redigida em castelhano.

Eu fumo e olho para ele. Não me canso de olhar para a sua cara de bode, nem da ingenuidade que guarda em seu coração. Porque todos esses aventureiros são uns ingênuos. Eles acreditam em negócios milionários. Conseguem passar a perna no comerciante da esquina admiravelmente, ou seja, sua astúcia não vale nada além de umas roupas e uma

despensa cheia. E eles logo entram no reino da imaginação, como se fossem péssimos contistas que, depois de escrever penosamente um conto de oitocentas palavras, anunciam um romance de três volumes e “com continuação...”

Boa pessoa

Falando sério: ele é uma boa pessoa... ou melhor... um bom boêmio... com um monte de cabelos brancos. Meu amigo ou hóspede acredita na poesia, acredita... acredita em tudo o que é inacreditável depois de certa idade...

Eu olho para ele. Deixo-o falar e lhe digo:

— Conta para mim a história do marechal Temístocles. É fabulosa.

Meu amigo estava em péssimos lençóis. Não tinha um tostão furado, o que seriam seis réis ou três centavos de moeda argentina. Tinha vendido tudo o que pode ser vendido e o que não podia, aliás. O último resquício desse naufrágio era um retrato a óleo feito por um péssimo pintor. Imaginem o quão ruim é o retrato que meu amigo pôs debaixo do braço; foi ver o marechal Temístocles, um homem negro com mais dragonas do que os marechais do cinema, e lhe disse:

— Trago aqui o retrato do general Mitre. É um dever próprio da consciência que Sua Excelência o compre de mim.

O marechal olhou o retrato; olhou para o meu amigo e fez com que lhe dessem um conto de réis.

Reflitam o quanto esse retrato deveria parecer com o general original.

Ele se apaixonou por uma garota, muitos anos atrás. Ela gostava de poesia e meu amigo pegou um livro de versos qualquer, o primeiro que caiu nas suas mãos, copiou na íntegra e disse à sua futura:

— Esses poemas foram inspirados em você.

Eles se casaram. Depois de três meses, ela descobriu que o livro de poemas era um plágio e jogou o volume na cabeça dele.

Sua aparência

Ele é tranquilo, sério e inteligente. Ele ganhou um pouco de barriga, além de respeitabilidade, um par de óculos, conhecimento, cabelos grisalhos e experiência. Sorri, inclina a cabeça ao falar, o que dá a sensação de que enrola muito antes de dizer alguma coisa. É um aristocrata, não sei se pela parte de Adão ou de Eva. Tem na pasta três notas de cinquenta mil réis, as quais são cédulas eternas; um golpe de efeito para ludibriar o fornecedor.

Nunca diz palavrões e adora muito todos os jovens escritores da nova geração argentina.

Um homem excelente. Insisto. Bom. Decente. Tem seus defeitos, sim, mas quem não os tem? Sua misericórdia é enorme. Sua compreensão dos motivos que regem os atos humanos, fabulosa.

— Se eu fosse juiz, não condenaria ninguém — disse para mim.

E eu acredito. O que ele não acrescentou foi: “Se eu fosse juiz, eu não condenaria quem me pagasse...”, mas isso está subentendido.

Enquanto isso, ele vive. Vive florido e contente, orgulhoso e otimista. Sonha com um sindicato monstruoso, jornalístico, à base de milhões de contos de réis. Não faz mal a ninguém, pelo contrário; se puder ajudar alguém, vai ficar encantado em fazê-lo. Em suma, é muitas vezes superior aos fariseus que, como disse Nosso Senhor Jesus Cristo, “são sepulcros cheios de podridão por dentro e lapidados por fora”.

CIDADE SEM FLORES

(SEGUNDA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 1930)

Não se espantem com o que eu vou dizer: o Rio de Janeiro dá a sensação de ser uma cidade triste, porque é uma cidade sem flores. Você pode andar de bonde por meia hora e não vai encontrar um único jardim.

Quantas vezes, durante esses dias, eu me lembrei de uma varanda que tem na rua Talcahuano, entre a Sarmiento e a Cangallo! É uma sacada que fica no segundo andar, ela tem uma videira e, no meio dela, há uma gaiola com pássaros.

E em qual rua de nossa cidade, em qual casa mais ou menos bonita, em qual janelinha de sótão pobre, em qual pocilga de trabalhador de armazém e em qual quartinho de carregador do porto, não tem no parapeito da janelinha um potinho com um pouco de terra e um gerânio miserável morrendo de sede?

Nada de verde

Se algum dia você pisar nas ruas do Rio, dirá a si mesmo: “Arlt tinha razão”. Não há flores de malva, nem para fazer banhos de assento, nem lúcia-lima para tomar um chá, nada e absolutamente nada de verde. As janelas das casas, sejam elas pobres ou não, estão mais peladas do que os carecas. Pedra, isso sim, esbanjam.

Azulejos? Você pode rir dos arco-íris, as fachadas das casas daqui são feitas com azulejos amarelos, brancos, verdes, vermelhos e azuis. Mas flores? Jardins? Nem para fazer remédio!

Nos primeiros dias, eu disse a mim mesmo que os jardins estariam nos arredores da cidade; mas eu percorri os arredores e não encontrei nem sinal de um jardim residencial! Pedra, pedra e pedra.

Disse ao jornalista português, com quem consigo me entender agora, pelo menos um pouco:

— Lá, na nossa cidade, nós, seja quem tenha mais ou quem tenha menos, temos pelo menos um jardinzinho mequetrefe. Você anda pelas ruas das paróquias, que aqui se chamam freguesias, e que diabo! Não tem uma casa que não tenha seu jardinzinho; e se a casa dá para a rua, as pessoas colocam vasos na janela; e tem de ser alguém muito mau para morar no sótão com uma janelinha e não ter nenhuma

plantinha sequer, nem que ela sirva para ser um campo de recreação para os pássaros que passam.

Não há pardais

O homem que anda de cueca me responde com a voz rouca: “Aqui, nós temos urubus, e não pássaros”.

Efetivamente, uma nuvem de corvos paira o dia inteiro sobre as colinas e os morros do Rio. Como, no alto dos morros, vivem pessoas que não são duques e nem barões, e sim negros e pobres, há lá uma imundice que merece um capítulo à parte. Desde a hora de se levantar até a hora de dormir, você pode ver os bandos de pássaros pretos traçarem círculos oblíquos no ar.

E os pardais, que não queriam saber de semelhante vizinhança, fugiram. Ah! Outro detalhe. Atrás dos morros, cuja fachada é vista daqui do Rio, há os bairros dos operários (história para outro dia). Os bairros dos operários são imensamente tristes e sujos. Bairros nos quais você sai com a alma encolhida de tristeza. Tampouco há jardins lá. Em nenhum lugar.

Fui à Niterói, a capital do Rio de Janeiro (toda cidade tem sua própria capital). Niterói tem praias lindas, ruas abertas de rocha escarlate; muitas hortaliças e bananeiras;

ruas pavimentadas e, com exceção dos chalés de construção moderna, vi um ou outro jardim. Esse é um dos lugares considerados como um dos mais bonitos do Rio.

— É a influência dos portugueses — o homem de pijama listrado me disse. — Somos pessoas tristes. Você não notou que não há nenhuma alegria por aqui? E, ainda assim, o Rio tem dois milhões de habitantes...

— Como? Dois milhões...?

— E um pouco mais. E, para esses dois milhões de habitantes, há três teatros funcionando... e mais uma dúzia de cinemas funcionando.

Dois milhões de habitantes e nenhum jardim, nenhuma flor! Não é triste e significativo esse detalhe?

Vive-se, como eu tinha dito em um texto anterior, sombriamente. Quem trabalha, sai do emprego direto para casa. Nos cafés, você não encontra um trabalhador sequer sentado na frente de seu copo por mais de cinco minutos; ou melhor, um funcionário. Os trabalhadores não entram em lugares que são frequentados por gente bem-vestida (isso daria um outro texto). Em Buenos Aires, um operário termina seu trabalho e troca de roupa. Na rua, ele está em pé de igualdade com o comerciante, o executivo e o funcionário. Aqui, não funciona assim. O trabalhador é sempre quem ele é, em todos os lugares. Vai para sua casa, o casarão velho e

sombrio, e não sei se é por estar cansado ou sem energia, não encontra em si mesmo forças para manter nem sequer um cravo florescendo em uma antiga lata de conserva.

— Em Petrópolis, lugar no qual o presidente da República passa os verões, há jardins — um senhor me disse. — Mas é curioso: lá, as flores não têm perfume.

Eu não consigo explicar para mim mesmo certas contradições. Em Petrópolis, há flores sem perfume; aqui, tanto as mulheres quanto os homens são aficionadíssimos em perfumes. E, mesmo assim, na cidade inteira, não há uma flor sequer... nem mesmo um único jardim.

— É a tristeza portuguesa — insistiu o amigo lisboeta —, somada à irritação produzida pelo sol.

E quem sabe se não é isso mesmo?

CIDADE QUE TRABALHA E SE ENFASTIA

(TERÇA-FEIRA, 15 DE ABRIL DE 1930)

No conceito de todo cidadão respeitoso dos direitos da preguiça, pois quem está com preguiça também tem os seus direitos, segundo os sociólogos, o café ocupa um lugar proeminente na civilização dos povos. Quanto mais uma raça for aficionada por ficar de pernas para o ar, melhores e mais suntuosas cafeterias terão em suas cidades. É uma lei psicológica e não há nada o que se possa fazer: assim dizem os sábios.

Aqui se trabalha

Nós, habitantes da mais bela cidade da América (me refiro a Buenos Aires), acreditamos que os cariocas e, em geral, os brasileiros são pessoas que passam o dia inteiro

com a barriga para o sol, desde que “Febo¹¹ aparece” até a hora em que vai roncar. E não podíamos estar mais errados. Aqui, as pessoas trabalham, sem brincadeira. Ganham o pão com o suor da testa e das outras partes do corpo também, as quais suam como a testa. Esforçam-se muito e sem descanso e juntam o que conseguem. Suas vidas são regidas por um princípio subterrâneo de atividade, como diria um homem sério se estivesse fazendo anotações a respeito do Brasil. Eu, por minha vez, digo que pegam no batente todo santo dia, até no sábado inglês!¹² Aqui não tem sábado inglês. E aí terminam as festas. Trabalham, trabalham brutalmente; e, se vão a um café, é apenas por alguns minutos. Tão breves que, quando você fica um pouco mais, te expulsam. Eles te expulsam, não os garçons, e sim quem está encarregado de cobrar.

E o chamado café “expresso”?

Antes de mais nada, eles não conhecem o café “expresso”, essa mistura infame de serragem, borra de café e outros resíduos vegetais, os quais produzem uma mistura capaz de

11 Febo, deus-sol romano. Na Grécia, Apolo.

12 Expressão utilizada em alguns países para se referir ao descanso semanal a partir do meio-dia no sábado.

te deixar com uma úlcera no estômago em pouco tempo. Aqui, o café é autêntico, como o tabaco e a beleza natural das mulheres. Os cafés têm cadeiras nas calçadas, mas o café não é servido na calçada. Você tem de tomá-lo lá dentro. No interior dos cafés, as mesas estão rodeadas de cadeirinhas, as quais você tem vontade de jogar na rua de forma grosseira. Vi se sentar um homem gordo, ele precisou de uma cadeira para cada perna. A mesinha de mármore é pequena; enfim, elas parecem ter sido construídas para membros da raça dos pigmeus ou dos anões. Você mal se senta e já começa a ficar irritado. Uma orquestra de negros (em alguns bares) faz um barulho tão infernal com suas cornetas e outros instrumentos de sopro que você mal entrou e já quer sair.

Você se senta e eles trazem o “feca”.¹³ Sem água. Você entendeu? Num país que faz um calor tremendo, eles servem café sem água.

Você engole um palavrão e diz aos berros:

— E a água? Se vende água por aqui?

— O senhor quer água gelada... um copo de água gelada?

E eles trazem a “água gelada” com um pedacinho de gelo. O copo é para beber licor, e não água.

13 Café, com as sílabas invertidas, recurso de linguagem dos malandros.

Você nem terminou de tomar o café, quando um imbecil vestido de preto, que passa o dia todo fazendo malabarismos com moedas, se aproxima da sua mesa e bate no mármore com a ponta de uma moedinha de mil réis. Mil réis equivalem a trinta centavos. Você, sem saber dos costumes locais, olha feio para o imbecil e ele te olha de volta. Então você diz:

— Por que não bate nessa sua cara feia em vez de bater no mármore...?

Você precisa pagar e ir embora. Pagar os seis centavos que o café custou e cair fora. Se quiser ficar fazendo nada, as cadeiras estão na calçada. Ali, são servidas umas bebidinhas que custam seiscentos réis (dezoito centavos argentinos) no mínimo.

Nada de gorjeta

O garçom não recebe gorjeta. Ou melhor, ninguém dá gorjeta ao beber café. O homem que faz malabarismos com os cobres é o encarregado de cobrar e, sendo assim, é o único que afana... se é que rouba, porque esse é um país de gente honesta. Dessa forma, o espetáculo que o olho estrangeiro pode desfrutar em nossa cidade, que é a dos vadios robustos com o burro na sombra por duas horas em um café, bebendo um “preto”, é desconhecido por aqui. As pessoas coincidem

de ir se sentar nas cadeiras das calçadas na hora de costume. O resto da multidão entra no café para ingerir uma pequena xícara de “feca” e vai embora. Aqui, eles trabalham, trabalham e levam a vida a sério.

Como eles fazem? Não sei. Homens e mulheres, crianças e adultos, negros e brancos, todos trabalham. As ruas fervem como formigueiros no horário de pico.

Conclusões

Se a metáfora não fosse ousada demais, diria que os cafés daqui são como certos lugares incômodos, em que você entra com pressa e sai o mais rápido que puder.

Cidade honrada e pura. Não se encontram as “mulheres erradas” nas ruas; nem se acha um único café que fique aberto durante a noite toda. Não há jogos de azar, nem mesmo coletores de apostas. Essa gente daqui vive de forma muito honrada. Às seis e meia, todo mundo está jantando; às oito da noite, os restaurantes já estão fechando as portas... É como eu disse antes: uma cidade de gente que trabalha, trabalha incansavelmente, e que na hora de ir embora, chega exausta em casa, com mais vontade de dormir do que de passear. Essa é a verdade absoluta sobre o Rio de Janeiro.

POR QUAL RAZÃO VIVO EM UM HOTEL

(QUARTA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 1930)

É inútil... Eu nasci para ser profeta. Quando falei a respeito do meu amigo, disse que tinha levado meus ossos para a caverna do maior bandido que se pode conhecer. É óbvio, ele é um malandro interessante. Disse também que a casa continha dois colchões e uma cama. A cama foi dada para mim em homenagem ao meu romance.

Algo incrível

Pois agora vou lhes dizer o que aconteceu.

Certa noite, fui dormir na mais perfeita tranquilidade. Dormi sem pensar em nada. Naquela manhã, acordei às sete. Meu amigo estava prestes a sair. Ele disse: “Até logo”; e eu voltei a roncar. Por volta das nove, senti alguém puxar meu braço. Abri os olhos e me vi cercado por um grupo de

carregadores cor de chocolate, os quais me olhavam com gravidade. E um deles me disse:

— Sua Excelência, pode sair da cama...

(Caramba! Me chamaram de “Excelência”!). Como se eu fosse uma “Excelência” de verdade, me levantei e disse:

— O que está acontecendo?

Minha estupefação se multiplicou em um grau infinito. Vi que os negros carregavam os colchões e partiam com eles nas costas. Então, um dos carregadores me explicou que os colchões e a cama tinham sido vendidos pelo meu amigo para um brechó e que, em síntese, eles não eram ladrões, nem estavam roubando, e sim que ganhavam seu pão carregando coisas, e que a cama em que eu estava deitado docemente estava incluída na transação comercial que o pilantra tinha feito.

Me vesti e fui para a rua. Não para consultar homens sábios sobre o que fazer, mas para rir. Quero deixar registrado que, em todo o apartamento, só sobrou um par de lençóis, algumas meias com as pontas furadas e imundas, uma cafeteira fantástica, um saco de pão e minhas malas. E eu estava tão distraído que, ao descer, esqueci de fechar a porta do apartamento.

E eis que agora encontro o financista na rua e lhe questiono:

— Diga, bandido, como é que você vendeu as camas?

Sem ficar perturbado, me respondeu:

— Quero mobiliar o apartamento. Do jeito que está, não dá.

— Lá não tem nem onde se sentar. Levaram até as cadeiras...

Então, com seriedade, ele refletiu e me disse:

— Vamos comprar uns caixotes de querosene para nos sentarmos...

Quando ele me respondeu isso, comecei a rir. As pessoas que estavam passando pela rua pararam para nos olhar. Finalmente, quando consegui parar de gargalhar, raciocinei:

— E essa é a nova mobília com que você vai decorar o apartamento? Vá para o raio que te parta! Pegue as chaves, eu vou dormir no hotel.

— Você fechou a porta?

— Não, por que eu deveria fechá-la?

— O quê?! Você deixou a porta aberta?

— Sim, o que é que tem?

— E você quer deixar o primeiro que passar entrar lá?
E que me levem o que sobrou?

Juro que nunca ri tanto. Os transeuntes se detiveram e me olharam como se dissessem: “O que está acontecendo com esse homem?”. Ao mesmo tempo, meu amigo vociferava:

— Eu tenho que cuidar de você como se fosse seu pai! Você fica na minha casa, joga as guimbas de cigarro pelos cantos, fica com a minha melhor cama, rasga os meus lençóis, bebe do meu café, come do meu pão, deixa minha testa com suor, e ainda deixa a porta aberta para o primeiro bandido que passar entrar na minha propriedade e você, ainda por cima, ri. Ri de mim, eu que tenho sido como um pai para você!

— Mas qual propriedade vão te roubar, velho bandido, se a única coisa que resta lá no apartamento são papéis e livros, papéis cheios de rabiscos?

— Os originais das minhas obras-primas... do meu livro...

Juro que nunca ri tanto quanto hoje. Até as garotas que trabalhavam no balcão de uma tabacaria começaram a olhar para mim e rir do meu amigo. Que continuou:

— É assim que você demonstra gratidão pelos cuidados paternos que eu dediquei a você? Você fica feliz em me maltratar; em deixar a porta da minha casa aberta, para o primeiro bandido que passar me roubar. É assim que me agradece pelos serviços que te prestei, e não como um amigo, mas como a um filho? Porque você, com a sua idade, é um fedelho perto de mim.

— Bom, e onde vamos dormir esta noite? Vou ter de ir para o hotel. E o jornalista português? Esse sim vai ficar na rua...

— Como? Levaram a cama do português?

— Que cama? O colchão, você quis dizer? Claro que eles levaram o colchão!

— Meu Deus! O colchão era dele! Como vamos resolver isso agora?

— O colchão era do homem do pijama listrado?

— Sim, ele comprou com o próprio dinheiro.

— E você vendeu?

Eis aqui a razão pela qual, já faz umas semanas, me hospedei em um hotel e acredito que a hospitalidade, como um sentimento amistoso, é muito linda, mas também é incômoda; ainda mais quando vendem a cama em que você está dormindo.

RIO DE JANEIRO NO DOMINGO

(TERÇA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 1930)

Busco em vão uma definição da cidade do Rio de Janeiro. Porque o Rio é uma cidade, ninguém pode negar; mas uma cidade provinciana com uma triste paz nas suas ruas mortas durante o domingo.

Cinco da tarde. Meto o nariz na sala de jantar da pensão em que estou morando. Estão lá a dona, algumas pensionistas e outros pensionistas. Todos fazem uma roda ao redor da mesa e jogam alguns tostões (moedas equivalentes a três centavos argentinos) no pôquer. Eles jogam pôquer e apostam cobres! Faço o sinal da cruz com devoção diante desses apostadores audazes e vou para a rua. Não tenho nem o consolo de me exercitar, porque a Associação está fechada.

Rua

A rua em que eu moro se chama Buenos Aires. Pois ainda que debaixo de “Buenos Aires” colocassem “República Argentina”, como nas cartas, essa rua não seria menos irritante, triste e chata do que as outras cem mil ruas do Rio de Janeiro, sem jardins, sem pássaros, sem alegria.

Anoto:

“Dois meninos descalços, cor de chocolate, brincam no meio da rua. Muitas mulheres descalças na sacada do primeiro andar, com os cotovelos apoiados no peitoril. Não sei o que elas olham. É possível que não estejam olhando para nada. Um turco vende uvas em uma esquina. Três mulatos em um bar inclinam a cabeça sobre três xícaras de café. Olho pela milésima vez a fachada das casas, a pedra. Os arcos de pedra. As colunas de pedra. Pedras... Negros e meninos descalços. Volto a fazer o sinal da cruz. Me lembro do pôquer doméstico: um tostão por um *full house!* Estou de saco cheio de tanta virtude. Fisicamente cansado..”

Entro em uma praça cercada por uma grade. Alta e resistente. A grade deveria estar prendendo leões na jaula, e não aqui na praça. De repente, nos meus ouvidos, ressoa o barulho de uma buzina. É um carro que cruza a praça. Aqui, os carros podem andar pelas praças. Senhor! Seja feita a tua vontade assim na Terra como no Céu! Tenha

piedade de seu humildíssimo servo Roberto Arlt, já exausto das belezas brasileiras.

Etcetera

Uma roda de meninos e meninas de todas as cores e idades jogam algo que deve ser muito parecido com “a viuvinha de São Nicolás, com quem será que eu vou casar”.

Perdoai, Senhor, nossos pecados, assim como nós perdoamos os nossos devedores! Uma roda de bobos com ou sem barba se espalha ao redor do círculo com as mãos cruzadas atrás do corpo. No gramado, um animalzinho tem o corpo parecido com uma berinjela e a cabeça de rato brinca no meio da grama. Mais distante, três dessas criaturinhas pararam ao pé de uma palmeira. Volto a andar. Não sei se estou na África ou na América.

Etcetera

Em um banco de pedra, um negro está com uma roupa preta. Ao lado dele, uma negra está vestida de rosa. Ao lado dela, há uma anciã cor de carvão. O “grone”, que usa um par de óculos com armação de tartaruga, segurou a mão da negra vestida de rosa e mostrou seus dentes magníficos. Ele

declara a ela seu amor eterno. O “grone” deve se chamar Temístocles. A negra vestida de rosa revira os olhos; e a anciã da cor de carvão vira a cabeça para o outro lado. Saio de perto do lugar em que estão Romeu e Julieta ou Calisto e Melibea da mulatagem, e murmuro:

— Seja feita a tua vontade, Senhor, assim na Terra como no Céu!

E vou embora.

Em outro banco de pedra, e sem encosto, vejo um casal branco. Como se não bastasse entrelaçar os dedos de uma das mãos, eles fizeram isso com as duas. Me lembro de *A glória de dom Ramiro* e do frade, que murmura para Ramiro enquanto lhe mostra uma roseira:

— Estamos agora na estação libidinosa (Senhor, tende piedade de seu humilde servo, que só encontra tentações que sobressaltam seu recato).

Fujo. Não quero que perturbem a minha castidade. São seis da tarde. Em todas as pousadas e restaurantes há pessoas comendo. Passo em frente a tabernas que devem ser infernais ao estômago. Mais adiante, há um restaurante que causaria úlcera não só no duodeno, mas também em uma chapa de aço de cromo-níquel. Em um deles, vejo o seguinte letreiro: “Puchero à la española”. Comer um ensopado no Brasil é tão difícil quanto devorar caviar em

Buenos Aires. Continuo. Vou murmurando uma série de palavras.

Quem me mandou sair de Buenos Aires? Por que eu fui tão otário? Não estava tranquilo e confortável lá?

Ah, juventude, juventude! Eu me lembro de Guzmán de Alfarache¹⁴ que, quando era menino, saiu para mendigar à uma da tarde e só o que conseguiu foi um caldeirão de água quente com talos de couves que um criado jogou na sua cabeça. E um mendigo velho lhe disse as seguintes palavras:

— Isso aconteceu porque procurou sarna para se coçar.

Nove da noite. Pessoas esperam o bonde para irem dormir. Ruas desertas. Meia dúzia de gente chata em cada um dos cafés. Janelas iluminadas. Eu me lembro do jogo na pensão e digo a mim mesmo: “Em cada uma dessas casas, deve ter uma jogatina de tostões”. Acendo um charuto que vale dois mil réis e o trago furiosamente.

O que eu estou fazendo nessa cidade virtuosa, alguém me explica? Nessa cidade que não tem uma história policial, não tem ladrões, vigaristas, vagabundos, batedores de carteira; nessa cidade em que cada um ganha o seu “feijão”

14 Personagem homônimo ao título do livro de Mateo Alemán, publicado em 1599.

e presenteia o Estado com um filho bimensal? O que eu estou fazendo aqui?

Porque aqui não tem ladrões. Vocês se dão conta? Não existem trapaceiros. Não existem golpistas. Não existem crimes. Não existem eventos misteriosos. Não existem bicheiros. Nem mesmo cafetões. Não existe melhor polícia no mundo. O que eu estou fazendo nessa cidade tranquila, honesta e confiável?

Eu me sento em um café. Eu peço qualquer coisa. Medido com tristeza e olho a lustrosa calçada que está órfã de gente. Coço a ponta do nariz. E digo para mim mesmo, pela centésima vez: o que se pode escrever sobre o Brasil? Elogio ao trabalho? Não é viável. O que dirão todos os vagabundos portenhos se faço um elogio ao trabalho, sem sábado inglês, sem jogos de azar, sem nada? Não é possível.

Escreverei sobre os negros? Quem se importa com os negros, além de seus irmãos, os assistentes do Congresso?

Escreverei sobre as garotas? Meu diretor vai me dar uma bronca, dizer que eu estou me tornando “excessivo”, e meu diretor não sabe que encontro a paz e a calma em uma hora de exercícios brutais todos os dias. O que eu faço, alguém pode me dizer? Acho que voltar é a melhor coisa que eu posso fazer.

DIVAGAÇÕES E LOCOMOTIVAS DE MENTIRA

(QUINTA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 1930)

Aqui, nem as locomotivas podem ser levadas a sério, como convém à petulância severa da engenharia mecânica. Nem as locomotivas! Como se já não bastasse o colorido dos morros, as mulheres e os crepúsculos que iluminam a cidade com uma chuva de rosa ou de verde, também enfeitaram as locomotivas.

E com lacinhos! Juro para vocês que é verdade.

Na estação

Eu estava indo para a Leopoldina. Fui pegar o trem na estação Pedro II. Ao entrar, senti invadir minhas narinas uma fedentina de negro suado.¹⁵ É um galpão imenso, com

15 Expressão extremamente racista e pejorativa. Talvez a citação se dê pelo fato de que o autor aponta que os negros são os cidadãos mais trabalhadores.

uma multidão que vai e vem o dia todo. As frutas fermentam nos cestos dos comerciantes. Os trilhos descrevem curvas, de modo que não se comutam para permitir a volta do trem pela mesma via, mas sim passam pela estação e fazer a volta. Nuvens de fumaça, sujeira em tudo que é canto. (Deixo registrado que não quero falar mal, eu me limito a apenas reproduzir, quase fotograficamente, o que eu vi).

Vinte quilômetros de viagem. Ida e volta de primeira classe. Trinta centavos. Você pega o seu bilhete de passagem e entra na plataforma. Chega o vagão e, quando você se dá conta, tem gente pendurada nos estribos. Então, você se resigna em esperar outro trem, enquanto examina a locomotiva.

Cúpula de bronze. Em frente à chaminé, uma lira de bronze. Algumas vezes, esse adorno é substituído pelo corno da abundância. Às vezes, por outra figura. As alavancas da máquina ficam expostas. É possível ver seus rins, suas entranhas. Na parte de cima dos para-choques, há duas hastes pintadas de todas as cores: vermelho, verde e amarelo. O para-choque é vermelho. Os canos, azuis. Ao lado da válvula de segurança, tem um sino lustroso que parece ter sido fundido em ouro. Você olha para o sino, franze a testa e se pergunta. “Para que serve o sino?”. E o sino serve para avisar do perigo quando o trem se aproxima da estação. Você vê o foguista desesperadamente puxar e soltar a corda do sino. Assim devem ter

sido os trens nos tempos do Lorde Beaconsfield, o excelente ministro da rainha Vitória. Desde então até agora, muita água passou por debaixo dessas pontes; mas não tenho culpa disso. A locomotiva tem hastes ou bastõezinhos, sino e lacinhos. Se você não acredita, venha até aqui. Ah! O maquinista se confunde com o foguista; e o foguista com o carvão, mas isso não importa. Quem não é negro ou quase negro aqui?

Lá dentro

Se você tiver a desgraça de viajar de primeira classe, ao entrar no vagão, tem que tapar o nariz. Não sei como são os vagões da segunda classe. Acredito que meu diretor jogaria fora qualquer texto meu que falasse sobre os vagões da segunda classe. Bem, imagine por si mesmo: os bancos de palha amassados, madeiras que se soltam... Eu perguntei ao meu companheiro de viagem se os vagões não eram construídos com carrocerias de automóveis e ele me disse que não. Mas eu acredito que sim. E a sujeira daqui espantaria até Hércules; e olha que Hércules limpou completamente sozinho os estábulos do imundíssimo rei Augias. Uma crosta de sujeira assustadora vive nos vagões da primeira classe. Quanto à segunda, entro mudo e saio calado. Falo só dos vagões da primeira classe.

Os guardas, ótimos. O trem sai da estação e, se há algum lugar para se sentar, eles conversam com os passageiros, ou melhor, com as belas passageiras. De repente, o sino começa a soar em aviso. Você coloca a cabeça para fora e aparece uma plataforma, o homem responsável pelo sino o sacode freneticamente. Entre um guincho desequilibrado dos freios e o solavanco da locomotiva, o trem para. Na hora da saída, nem o sino toca, nem há apito. Quando o maquinista dá uma olhada e se certifica que não tem mais passageiros subindo, o trem começa a se mover de novo.

Um fedor azedo e catíngoso flutua por todos os lugares. Eu olhei para o meu companheiro e disse:

— Mas esse cheiro vem de onde?

Ele me olhou e, muito amavelmente, respondeu:

— Esse cheiro deve ser do carvão da locomotiva.

— Mas, em Buenos Aires, o carvão não tem esse cheiro...

— Devem usar outra marca.

— Ah!

O guarda foi enredado mais uma vez por uma interessante conversa com uma nativa mestiça do Congo. Como ele parecia não gostar de se sentar, recostou-se no banco. O trem, sacolejando por todos os lados e fazendo um barulho infernal, avançou pela montanha. Nos flancos da montanha e das serras, está o subúrbio em que moram os operários.

Vinte quilômetros. Eu percorri vinte quilômetros? Sob um sol africano, nesse povoado miserável, pedregoso, com ruas que sobem como se fossem escadarias, com bananeiras que balançam na orla de valas de água podre e toldos de trapos, a locomotiva e os vagões da primeira classe combinam perfeitamente. Da segunda classe, não falo nada, porque não a vi; e não quero desacreditar na mercadoria antes de tê-la visto. Mas se na primeira é assim...

É hora de ir dormir. Até amanhã.

CASTOS ENTRETENIMENTOS

(SEXTA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 1930)

No Rio, eu me entretenho casta e recatadamente. Pareço aluno do Sacré Coeur, se existissem escolas do Sagrado Coração para homens. E onde eu me divirto casta e recatadamente é no restaurante Labarthe. Insisto: eu me divirto imensamente ao observar três pessoas.

Os três

Dá gosto de olhá-los. Juro que me dá um imenso prazer e alegria ver como os três se dão bem: o marido, a esposa e o amigo deles. Dá gosto e edifica o coração ver tanta harmonia humana. Os três almoçam e jantam todos os dias na caverna Labarthe, numa mesa em que o sucessor de Labarthe já mandou deixar reservada para eles, faça chuva ou faça sol. O coração se dilata e eu sorrio de satisfação ao ver como é possível e verdadeira a [...] e as afeições que os malditos materialistas negam com falida teimosia. Eu digo

que me dá prazer olhá-los. Eu que me enveneno a prestações na caverna Labarthe. Cem metros antes de chegar, digo a mim mesmo:

— Devem estar no primeiro prato.

E me divirto casta e recatadamente. Não sei o porquê. Talvez porque minha bondade encontra beleza no espetáculo da ternura humana. Possivelmente porque, como sou um homem puro, aspiro aos espetáculos que elevam o coração a um panorama celestial. E, para o diabo, que toda a minha pureza e pensamentos limpos encontrem na mesa dos três um campo propício para amadurecer pensamentos santos. E me divirto casta e recatadamente. Dá gosto olhá-los. O amigo, sempre barbeado, baixinho, gordinho, de nariz arrebicado, com botinas lustradas, bochechas resplandcentes, olhos que dançam de felicidade; o marido, com barba de três dias, terno surrado e silencioso. Ela, fresca, carnuda, alta, gostosa ao extremo.

Quando se levantam, o marido pega seu chapéu, enquanto o amigo galante é quem ajuda a esposa do bom amigo a colocar o casaco. Então ela fica esperando que eles saiam, com os olhos dançando, as bochechas resplandcentes. E o marido fica com tanto ciúme do jeito cavalheiro de seu amigo que, quando alguém olha à sua senhora, ele fica irritado e observa furiosamente.

E eles saem. À noite, voltam. Sempre assim, sempre em boa amizade, numa suave conversa. Dá gosto olhá-los. Eu, que sou mais doce do que doce de batata doce, dá gosto vê-los, casta e recatadamente. Eu me dou conta de que a amizade é um dos mais belos presentes que Deus deu ao homem.

Os sucessores de Labarthe

Hoje, eu me confessei a um dos sucessores de Pierre Labarthe. Digo que me confessei porque ardia de curiosidade em saber de que modo esses salafrários compraram o envenenadouro do falecido Pierre.

Numa certa ocasião em que eu estava almoçando (o trio tinha desaparecido), aproximou-se da minha mesa um dos donos, um português com calos nos pés, nariz flácido e grande, olhos vívidos e bem corcunda. Ele me perguntou se eu gostava da comida e, como sou muito sincero, respondi que, na sua taberna, o próprio presidente dos Estados Unidos do Brasil poderia comer sem perder a saúde. Agradecido, o homem se inclinou e me disse:

— Muito obrigado.

Então, comecei a confessar minha curiosidade:

— Então você e seu sócio costumavam ser funcionários neste restaurante?

Evitei dizer que ele tinha sido “garçom”, porque não preciso dar nomes aos bois. Além disso, qualquer imbecil que trabalha em um emprego não é empregado, e sim funcionário. Aqui, as pessoas são amaciadas com conversas e títulos, e não com dinheiro.

Outro sujeito, que o patrão fazia trabalhar quatorze horas diárias por uma merreca, acrescentou:

— Sim, mas tenho a responsabilidade e o título de primeiro chefe.

Fiquei tentado em perguntar a ele se, com o título de primeiro chefe, ele podia comer de graça; mas não fiz isso, dado ao fato de que eu estaria minando o legítimo orgulho que a nomeação exagerada lhe proporcionava. Mas, voltando à nossa história: depois de eu perguntar, o homem com nariz de beterraba e de olhos vívidos me respondeu que sim, ele tinha sido funcionário durante muitos anos no referido restaurante até comprá-lo de Labarthe, por oitenta contos de réis. (Um conto são trezentos pesos argentinos). Ou seja, vinte e quatro mil pesos.

— E onde conseguiram esse dinheiro?

Quase, em vez de dizer “conseguiram”, eu digo a ele: “Onde roubaram tanta grana?”. E então o homem, com um gesto devoto, explicou-se. Ele e seu companheiro tinham vinte contos de réis cada um, ou seja, doze mil pesos de

economias... à taxa de seis mil pesos por quatro patas, quero dizer, por cabeça. Procuraram mais vinte contos de réis e Pierre Labarthe pegou, numa tacada só, vinte e quatro mil pesos. Então morreu violentamente. Morreu deixando trinta mil contos de réis, ou seja, cerca de um milhão de pesos em moeda argentina.

Harmonia

É preciso ver com que harmonia coexistem o fornecedor da clínica de câncer e o agente funerário. Eles atendem no caixa em turnos: uma semana, um; outra semana, o outro. Vigiam o serviço com mais olhos do que Argos, tratam os garçons como se fossem cachorros, e não homens (e cachorros sarnentos, ainda por cima). Já vi patrões de todos os tipos, mas déspotas como esses improváveis pobres que subiram na vida, nunca.

Com os clientes, são amáveis como escravos. Assim que você entra, o que está no caixa te saúda com a mão; o outro, corre ao seu encontro e pega seu chapéu. Você sente que algo está faltando na mesa, quando vai fazer o pedido, um dos sócios já está se aproximando com a mercadoria na mão. Antecipam seus desejos. São perfeitíssimos. Para esses hereges, o cliente é Deus. Para os garçons, ladram — não há

outro termo para expressar —, eles mordem seus calcanhares como mastins fazem com as ovelhas. Toda semana, há mudanças no quadro de funcionários.

Às oito da noite, eles contam o dinheiro. Com as moedas, fazem pacotes; com os bolos de notas, rotulam. Falam devagar entre si. Fofocam. Numa noite, descobri que um compra o jornal e depois passa para o outro ler; no próximo dia, invertem. Chego a supor que até para usar a navalha para se barbear, eles revezam com essa mesma exatidão. São felizes, não leem livros, ignoram filosofia e estocam até vento de tão mãos de vaca.

QUE PAÍS LINDO!

(SÁBADO, 26 DE ABRIL DE 1930)

Não sei se vocês vão se lembrar de que uma vez, um amigo meu, chofer, foi dominado por vários senhores; eles o obrigaram dar algumas voltas, testar a velocidade do carro e, em afinal, disseram:

— Que carro lindo para se ter um esquema...!

Reflexões

Também não sei se já contei que tinha um amigo ladrão, especialista em arrombamentos, que me trazia problemas como estes:

— De que forma você entraria nesta casa? Como você iria abrir essa porta de metal?

Ele era um gênio! Vá saber até que alto cargo seu talento o levou!

Atualmente, talvez ele seja bibliotecário em alguma prisão.

Bom: percorrendo as ruas do Rio de Janeiro muitas vezes; detendo-me na frente de vitrines de joalherias, as quais possuem vários contos de réis em pedras preciosas, relicários de platina, pulseiras de ouro maciço, cristais de todas as cores, a seguinte frase veio à minha mente mais de uma vez:

— Que belo lugar para se ter um esquema! Uma rua tão deserta! Que magnífico túnel poderia ser construído aqui em apenas um dia, de tão estreita que é essa rua!

Aqui, a vigilância é escassa. Você pega um jornal da manhã ou da tarde e não há nem sombra de uma crônica policial. Não existem ladrões. O magnífico e sempre atual conto do bilhete de loteria, do legado do falecido, da herança do tio; o arдил da falência fraudulenta, da carteira com vento, da sutileza do conto do vigário, da máquina de fazer dinheiro, não há pregadores, nem professores ou acadêmicos. Os únicos acadêmicos são os da Academia de Letras... que não roubam ninguém, a não ser literariamente. E isso não se chama “roubo”, e sim “plágio”.

Nesse sentido, ando maravilhado e digo ao meu amigo:

— Mas, me diga, aqui não há profissionais no ramo do arrombamento? Veja essa joalheria. Quem não nota à distância de que ela se oferece para uma quadrilha assaltar à mão armada? Veja só esse banco solitário. Essa casa que cuida

unicamente de pedras preciosas e do lado tem um cortiço horrível. Um simples buraco na parede...

Meu amigo é brasileiro. Ele me olha assustado e abotoa o casaco. Eu continuo:

— E a rua sem vigilância! As pessoas vão dormir às sete da noite. Uma noite inteira para trabalhar. Se for pecado, amigo, não assalte aquela joalheria.

Gente feliz

Gente feliz! Cem vezes felizes. Dos jornais, leem exclusivamente questões relacionadas com a política. A polícia, quando tem trabalho para fazer, é porque aconteceu algum drama passional: ele, um cadáver; ela, morta; o amigo, abatido também. Enfim, a eterna relação à três que Deus não pode aceitar no Paraíso, porque no Paraíso só existem Adão e Eva, e, no dia em que um terceiro interveio, a serpente, o circo pegou fogo. Se em vez de serpente, fosse um homem, a raça humana não existiria. Fora casos assim, a criminalidade é baixíssima. O trabalho da polícia se limita a expulsar os comunistas, vigiar os nativos que são levados por essas ideias e direcionar o tráfego.

Veza ou outra, uma revolução estoura, mas isso não tem importância. Revolucionários e apoiadores do governo

possuem o bom e perfeito cuidado de sempre manter uma distância razoável entre eles, de modo que a operação continua até que os revolucionários alcancem território neutro. E como são necessários milhares de quilômetros para se chegar ao território neutro, uma revolução costuma durar um ano ou dois, sem que a sociedade tenha que lamentar o desaparecimento de nenhum de seus benfeitores.

Às vezes, um crime bárbaro também irrompe. Aparece algum desses monstros que reúnem ao redor de uma única pessoa, e quase de imediato, um regimento de médicos apoiadores do governo. Ele não é mandado para a prisão, e sim para o manicômio de loucos delinquentes. As famílias comentam sobre o assunto durante um mês e logo o esquecem; a doce vida continua em seu ritmo, do trabalho para casa e vice-versa.

As pessoas vão ao cinema uma ou duas vezes por semana. Os cinemas são pequenos como caixas de bombons, não possuem painéis corrediços, com exceção de um. Transpira-se tanto no interior dessas joias cinematográficas que ir ao cinema pressupõe mais uma vantagem, que é a de tomar um banho turco.

Os namoros são longos e seguros. Existem leis tremendas, as quais defendem as mocinhas contra aqueles que lhes passam a perna. Grossas indenizações pecuniárias, prisão ou

casamento. E a lei não é nada, mas nada indulgente nesse sentido. Infeliz daquele que se mete a se fazer de namorado e, em seguida, tenta se fingir de morto. Acaba morto de verdade. Ou ele se casa ou é preso, sem brincadeira, a menos que saia do Estado. Essa é a liberdade magnífica que os namorados possuem. As famílias só pensam no lucro. Bom, sejamos consistentes. Se também não fosse assim, com o calor que faz e os temperamentos que aqui existem, seria uma “desordem para morrer de rir”, como diria outro amigo meu, um andaluz, inclusive.

Essa agressividade

Nicolás Olivari, o poeta de *La musa de la mala pata* e de *El gato escaldado*,¹⁶ que esteve no Brasil, me disse uma vez:

— Não há sujeito mais chato, nem mais agressivo do que o portenho. Nosso povo anda pela rua como se quisesse arranjar briga com alguém.

E é verdade. É um estado permanente de agressividade reprimida. Nos bondes, trens e ônibus, a tromba de todos

16 Os títulos se traduzem respectivamente como “A musa da perna ruim” e “O gato escaldado”.

é a mesma. Com a vontade de armar um barraco para cima de alguém.

Aqui, talvez por causa do clima ou pela educação, as pessoas são doces, mansas e calmas. Você viaja em um trem carregado de gente pobre e, em quinze minutos, caso queira, está conversando com todo mundo. Eles irão falar contigo gentil e amavelmente. Até o pronome de tratamento é respeitoso. Nós dizemos “você/tu”, eles nos chamam de “senhor”, assim, só na terceira pessoa.

Não existe teatro, o que nós chamamos de “teatro nacional”, quero dizer, sainete e obras que representam os nossos costumes e cultura. Nos teatros, são representadas peças estrangeiras.

Enfim, as pessoas vivem tranquilas, felizes, ou quase felizes. O pobre é resignado com seu destino e não pensa ou não sabe que existe a possibilidade de ascensão social; o funcionário, a mesma coisa... E é assim, quem sabe até quando! Há serviço militar obrigatório, mas ninguém se apresenta. No fim, é um paraíso, sem uma coleção de ladrões.

DOIS TRABALHADORES DIFERENTES

(DOMINGO, 27 DE ABRIL DE 1930)

Todo mundo pensa que o trabalhador do Rio de Janeiro é igual ao de Buenos Aires, mas estão equivocados. Prestem atenção, porque eu não estou me referindo ao trabalhador rural, e sim ao das cidades. Nesse caso, exclusivamente, a comparação se dá entre o operário do Rio e o de Buenos Aires. Não sei se em São Paulo, na Bahia, em Pernambuco ou em Manaus, o trabalhador é diferente. Com essa ressalva, vamos ao que interessa.

Impressões da biblioteca

Conversando com os jornalistas de O Jornal e o Jornal da Noite, contei a eles que, em todos os bairros da nossa capital, desde Parque Patricios até Mataderos etc., há centros operários para diferentes atividades. Esses centros — alguns são minúsculos —, eu lhes dizia, possuem uma biblioteca

insignificante, na qual existem livros de Zola, de Spencer, de Reclus, a Biblioteca Vermelha, Semper, a “La cultura argentina” que trata sobre os feitos de pessoas engenhosas e, por fim, manuais da cultura popular até dizer chega. Acrescentei que o trabalhador argentino, portenho, lê e procura se educar, ainda que de forma superficial; filia-se a um sindicato; e, assim que sai do seu trabalho, veste-se bem, sendo confundido com um funcionário de escritório. Acontece isso com os mecânicos, pintores, gráficos, sapateiros etc.

Aqui no Rio, não funciona assim. O trabalhador não lê, não se instrui, não faz nada para sair da sua condição social paupérrima, na qual ele se fixa tanto que sua roupa de trabalho é um uniforme que ele só tira quando vai dormir. E, só para constar, numericamente, a população carioca é igual à de Buenos Aires.

Para lhes dar uma ideia a respeito do fenômeno que percebi em relação à cultura popular, levei em conta essa informação. Aqui, não há nenhum jornal que tenha uma tiragem diária de cento e cinquenta mil exemplares. Comparando as tiragens deles com as dos jornais rotativos de nossa população: El Mundo, La Nación, La Prensa, Crítica e outros; o leitor vai perceber o quanto se lê em Buenos Aires e o quanto se lê no Rio. Me disseram, em O Jornal, que, antes de se lançar um periódico, há cálculos administrativos que

envolvem a venda de exemplares, enquanto, em Buenos Aires, ao contrário disso, o que dá lucro é a propaganda; a venda dos jornais em si dá prejuízo.

Interrompi o que escrevia para que um jornalista de O Jornal, o senhor Nobrega, pudesse ler a folha. Ao lê-la, ele exclamou:

— Tem razão. Mas, no dia em que esses quarenta milhões de homens lerem, o Brasil será um perigo. E, na América do Norte, já se sabe disso...

E o Nobrega talvez possa estar certo.

Voltando ao trabalhador

O operário do Rio de Janeiro trabalha, come e dorme. Mistura de branco e negro, analfabeto — na maioria dos casos —, ignora o comunismo, o socialismo e o cooperativismo. Vocês se lembrarão que, em mais de um texto meu, fiz piadas a respeito das bibliotecas do nosso bairro e de nossa cultura ser muito superficial. Agora, me dou conta de que ter uma cultura muito superficial é cem mil vezes melhor do que não ter nenhuma. Nossos críticos teatrais também fazem um trabalho ruim. Criticam o sainete, que tanto interessa ao nosso público. São incapazes de escrever até mesmo um ato ruim que seja, mas falam continuamente da arte e se

esquecem do povo. (No Brasil, eles ficariam orgulhosos e felizes de ter um Vacarezza).¹⁷ Enquanto isso, no nosso povo, o trabalhador vai ao cinema e ao teatro, mais ao teatro do que ao cinema. Chega na sua casa, comenta sobre o que viu. Os filhos escutam. Surge uma atmosfera cultural. O que estou falando? Já está formada a atmosfera! Na Associação Cristã de Montevidéu, um senhor chileno me disse, referindo-se à sua pátria:

— Nossa cultura é profunda, mas não tem nenhuma extensão. A de vocês, os argentinos, é superficial e alcança diferentes camadas da população. E, para um povo em formação, é preferível a extensão do que a profundidade. Esta vai vir com o tempo.

E ele tinha razão.

É preciso viajar para perceber certas coisas. O que é bom e o que é mau em nossa casa. Teatros, jornais, romances, contos, revistas estão formando em nosso país um povo que faz com que alguém que está distante se sinta orgulhoso de ser argentino. Aqui, o trabalhador, não se diverte, nem vai ao teatro. Tampouco lê. Vocês se dão conta? Teatro e leitura são luxos reservados às pessoas endinheiradas... para quem

17 Alberto Vacarezza foi um poeta e dramaturgo argentino, muito conhecido por ter escrito peças do gênero sainete.

tem dinheiro! Quando é dia de ópera em Buenos Aires, não há pedreiro que não suba os degraus até o galinheiro de Marconi ou de Puerredón de Flores. Depois que acaba a cantoria, saem cantarolando por aí e mostram o quão ridículos seriam como tenores.

Conclusões

O operário argentino conseguiu, por mais que não tenha uma boa posição social dentro do país em que vive, comodidades que estão reservadas às classes mais altas. Trabalhador e funcionário, na nossa cidade, soam como se fossem a mesma coisa. Aqui, não. O operário é uma coisinha que se veste mal, trabalha muito e vive de forma terrível. O funcionário também trabalha muito, mas vai uma ou duas vezes ao cinema a cada mês; embora, geralmente, só troque de roupa ao acabar o expediente e não sai de casa até o dia seguinte.

Nosso trabalhador é capaz de discutir, porque entende as questões proletárias. Faz greves; defende seus direitos com fúria; estuda, bem ou mal; manda os seus filhos à escola e quer que seu filho seja “doutor”, o que significa dizer que quer que ele ocupe uma posição social melhor que a sua. Veste-se à altura de um funcionário de escritório, principalmente quando é um operário jovem, mais cabeça aberta do que os

mais velhos. E já falei... trabalhador... funcionário, na nossa cidade, soam como se fossem a mesma coisa. É claro que com a diferença de que o operário ganha mais e não é deixado de lado como se faz com o funcionário.

Em Buenos Aires, estamos acostumados a ver esse espetáculo e nos parece a coisa mais natural do mundo. Mas, venham aqui! Conversem com pessoas cultas a respeito desse problema; e todos, sem exceção, mesmo os brasileiros mais patrióticos, dirão:

— Tem razão. O operário argentino está em um nível intelectual muito superior ao do trabalhador brasileiro.

E, de repente, percebemos uma coisa: que os escritores ruins, os jornais ruins, as peças teatrais ruins, toda essa escória intelectual que devora o grande público, em vez de fazer mal ao país, faz bem. Os filhos daqueles que só leem asneiras, amanhã, lerão coisas melhores. Esse dejetos é adubo e não há motivo para desperdiçá-lo. Sem adubo, as plantas não dão belos frutos.

COISAS DO TRÂNSITO

(SEGUNDA-FEIRA, 28 DE ABRIL DE 1930)

No Rio de Janeiro, o trânsito é bem diferente do de Buenos Aires. Antes de tudo, não há carroças na cidade. O transporte se faz quase sempre por caminhões.

Sincronização

O tráfego é sincronizado, ou seja, não há guardinhas de trânsito. Em cada cruzamento, uma coluna com luzes vermelhas e verdes indica quando os carros devem parar e quando podem ir. Esse sinal também orienta o público, e eu não sei como eu não morri esmagado, porque, nos primeiros dias, não me dei conta de como funcionava esse fenômeno e cruzava as ruas de qualquer jeito. Aliás, destaco outro detalhe: na Avenida de Mayo, os carros que vão pela esquerda seguem para o leste e os que vão para direita em direção ao oeste. Aqui, é ao contrário. De modo que, durante muitos

dias, você olha na contramão e, é claro, não vê carros, que estão vindo pelas suas costas.

Os bondes, como um todo, fazem ponto final em duas estações. Uma coberta, chamada Galeria Cruzeiro, ponto de muitas tabacarias; e a outra, a Praça Tiradentes. Nas ruas que rodeiam esta praça, estão cheias de dentistas. Imagino que o nome da praça seja por causa da vizinhança (me desculpem a piada).

Em outro texto, eu disse que os bondes eram a coisa mais barata daqui. Há percursos de três centavos, de seis, de nove, de doze e de quinze. Um conselho: quando tomar um bonde de quatrocentos réis, leve comida ou lanche. Você viaja o dia inteiro em uma velocidade fantástica. Quilômetro atrás de quilômetro e não chega nunca no ponto final da linha.

Os ônibus são caros. A tarifa é mais alta do que a do bonde, três ou quatro vezes mais. No ônibus, não há bilheteiros. Você sobe, senta e olha ao redor; então, vê um aparelhinho, que é uma coluna quadrada de ferro com a parte superior de vidro, ao lado do motorista. Essa parte superior permite ver uma engrenagem metálica. Através de uma abertura, você deposita o valor da viagem. Os dentes de metal impedem que o motorista tente roubar as moedas com pinças ou outro instrumento. Durante o trajeto, de tempo em tempo, alguns delinquentes sobem no carro e gritam:

— Troco!

Você se sente tentado a gritar: “Venha! Seis!”. Experimente dizer isso e você vai ver que, imediatamente, o homem irá sacar uma pilha de moedas e te oferecer para te dar de troco. Se chamam “trocadores” e a sua missão consiste em impedir que os passageiros, alegando que não possuem troco, saiam sem pagar.

Os inspetores dos bondes têm um nome mais pomposo. São chamados de “fiscais”. Você zomba da aparência deles e tem vontade de rir. Esses fiscais andam mais maltrapilhos do que os nossos guardas de ônibus suburbanos.

Não dá para viajar de carro. É mais barato comprar um terno parcelado. Os motoristas passam o dia todo atrás do Teatro Fênix, brincando de amarelinha ou apostando corridas... mas a pé.

A navegação é o que está a preços brutalmente em conta. Uma viagem de vinte minutos de barca custa doze centavos. Uma passagem de uma hora e vinte minutos até a Ilha de Paquetá, dezessete centavos, a ida; e outros dezessete, na volta. A gente até se cansa de navegar por tão pouco dinheiro.

Os veículos aquáticos são barças de dois andares, com bancos nas laterais. Eles são movidos por rodas enormes. Quando está muito calor, as pessoas tiram as botinas e o pafetó; e aí as pessoas de olfato delicado ou os desacostumados

com essa familiaridade sofrem, sobretudo, no primeiro andar, onde, misturado com as pessoas, vão os carregamentos de móveis, sacos de arroz, de feijão (aqui, o prato nacional é feijão com arroz), fábricas ambulantes de sorvete e um ou outro zebu.

Eu não sei se vocês sabem o que é um zebu. Talvez o conheçam de nome, se bem que, no Zoológico de Buenos Aires, há alguns deles. Trata-se de um boi africano. Tem uma corcunda no lombo e grandes chifres, como alguns cristãos. Nos romances de Rider Haggard, há muitos zebus. Eu me lembro de que Allan Quatermain, o caçador das Minas do Rei Salomão, comprou uma dúzia de zebus para ir ao deserto, que olhava para os “seios de Sabá”. E, como esse é um animal empregado no trânsito (no trânsito lerdo), direi que à noite, quando você está perambulando por alguma dessas ruas que estão a uma légua de sua casa, de repente, no silêncio e na solidão, em algum cruzamento, aparece na sua frente uma carreta monstruosa, com esse boi corcunda caminhando a passos lentos. Ao lado dele e junto dos chifres, o carreteiro ou zebuleiro marcha descalço, com uma vara na mão.

Depois, tem o teleférico. Esse eu já descrevi no texto anterior. Ah! No porto, tem um submarino brasileiro amarrado. Vou ver se consigo permissão para ir visitá-lo e descreverei para vocês o que é esse aparelhinho tão pequeno, miúdo,

comprido, com uma torrezinha em cima, retangular e que deixa os comandantes dos couraçados pálidos. Hoje, escrevi dois textos, fiz uma hora de ginástica, fiz vinte minutos de musculação, joguei dez minutos de bola, trinta de ginástica sueca e o corpo está ardendo de fadiga. Então, já chega...

VAMOS CHAMÁ-LO DE “JARDIM ZOOLOGICO”

(TERÇA-FEIRA, 29 DE ABRIL DE 1930)

Quero pensar que o jardim zoológico do Rio de Janeiro não tem diretor. Quero acreditar que as pobres criaturas que estão ali presas não se ofenderão que eu chame esse cortiço com nome de “jardim”, porque juro que, durante toda minha vida, jamais imaginei que iria encontrar uma pocilga pior do que essa. É algo de se admirar, extraordinariamente fantástico, “alucinante”, como diz meu camarada, o gênio português. E, se não for verdade, se o que eu digo não for verdade, que peçam a minha renúncia.

As jaulas dos leões

Se não acreditarem no que eu vou dizer, apresento a minha renúncia ou peço para que tirem uma foto da habitação dos leões. O leão e a leoa, em um casamento sem

filhos, ocupam dois cercados; um para cada. São de ladrilho, piso de terra, paredes de 15 centímetros de espessura. Cada aposento mede cinco metros de comprimento; de largura, quatro metros. A altura é de três metros... e sem teto.

É de suar frio. Vou prevenir que, quando vi isso, dei um pulo. Qualquer dia desses, a leoa, que é cabreiríssima, vai nos dar uma dor de cabeça. O aposento não tem teto, a não ser o natural azul-celeste. As paredes são baixas, um bom salto e assunto encerrado. Ontem à tarde, ela parecia querer sair. Acontece que um “grone”, fazendo-se de engraçado, começou a cutucar a leoa com uma vara. A leoa se pôs de pé e se empenhou um pouco demais para se ver livre. Todos nós ficamos espantados e vimos um delinquente (suponho que era um guarda), armado de um bambu de cana, começar a bater e gritar com a leoa, até que ela voltasse a sua posição natural, ou seja, andar em quatro patas.

E não vão pensando que os leões são de brinquedo. Não. São de verdade, de carne e osso. A cerca que os separa da gente, os cristãos, é mais frágil do que as cercas dos jardins domésticos. Insisto: mais dia ou menos dia, vai se armar um Deus nos acuda por causa dessas criaturas; e mais de um de nós vai pagar o pato. Quanto a mim, não volto nunca mais ao zoológico. Uma visita foi o suficiente.

Nota esclarecedora:

Os dois ambientes, rebocados e pintados de azul, os quais os cônjuges leoninos ocupam, levam o pomposo título de “Vila dos leões”. Haja imaginação! Bom, nessa pensão de animais, tudo é imaginação, desde o título “jardim zoológico” até “ofidiário”.

E o ofidiário?

O ofidiário é uma delícia. Algo digno da fantasia de um mascate persa. Um galpão sujo, construído com tábuas, lugar no qual a ralé dos pintores ensaiou a cor de seus pincéis quando eles passaram por lá. Nesse galpão, metade de zinco e a outra de tábuas, pernoitam as cobras. As cobras estão alojadas dentro de alguns caixotes que devem ter sido caixotes de óleo em outra vida; e a tampa não é de vidro, e sim de arame trançado de uma malha muito fina. Isso dá na seguinte diversão: as cobras gostam muito de dormir, ainda mais na semiescuridão do galpão úmido. Bom, a diversão: é preciso que você leve uma caixa de fósforos e um charuto. Acenda o charuto e raspe o tição sobre o tecido, em cima do lombo das cobras. As chispas caem em cima das víboras e elas se sacodem que é uma maravilha. Há algumas de cor ligeiramente bronzeada; outras parecem polvilhadas de

limalhas de aço, finas, elásticas, venenosíssimas. Quando o fogo cai sobre elas, a língua delas ondula para fora da boca como uma faísca negra. Se alguém quiser levá-las, ninguém vai se opor, porque os guardas são conhecidos pela sua brilhante ausência. Em uma jaula maior, também forrada de arame trançado, mora uma jiboia, cujo tamanho deve ser de uns nove metros de comprimento e trinta centímetros de diâmetro. Uma fera monstruosa.

Cubículos dos animais

Exceto a casa dos leões, a dos tigres e a de um pobre urso melancólico e solitário, neste parque animal, com declives, cheio de restos de lixo, tábuas pobres, trapos inúteis, ferros oxidados, a casa dos bichos são caixotes e parecem galinheiros de madeira pintados de azul ou de vermelho.

Os animais são escassos; nem macacos tem direito. A extensão da Arca de Noé (porque assim, em semelhante promiscuidade, devem ter vivido as feras no tempo do Dilúvio) é de cerca de quatro quarteirões. É possível encontrar montezinhos semidestruídos, casas de tiro ao alvo abandonadas, ranchinhos, carrosséis — entre os cavalos, cresce grama —, um restaurante onde nem os animais comeriam, canais de água podre, árvores caídas, galpões solitários, gaiolas com

pavões reais e plebeus, gatos ariscos (não sei de onde saem tantos gatos, em cada canto, há um aninhado). Olho para cima e, no telhado do segundo piso de uma casinhola de madeira, vejo um pedaço de lona podre pendurado. Coloco os pés em um monte de barras de ferro enferrujadas. De repente, eu estou na frente de uma pequena cerca, em que um bisão bufa e as árvores, ruínas, gaiolas, tudo faz você ter a sensação de ter entrado em uma espécie de laboratório de animais, a Arca de Noé, o Paraíso terrestre, mas, depois de um ciclone ou do combate que os anjos travaram contra os demônios.

Eu juro que é de deixar qualquer um assombrado. Juro que o zoológico da cidade de Córdoba é infinitamente superior a esse e que, o de Buenos Aires, o nosso, comparado a esse aqui, é o Marcel Proust em relação ao homem primitivo...

Por isso, eu comecei meu texto com essas palavras otimistas: “Quero pensar que o jardim zoológico do Rio de Janeiro não tem diretor”. Não, não o tem. Não é possível.

P.S.: Não gostaria que esse texto provocasse um conflito diplomático.

SÓ ESCREVO SOBRE O QUE VEJO

(QUARTA-FEIRA, 30 DE ABRIL DE 1930)

Meu diretor me escreveu: “O Rio deve oferecer temas interessantes. Há museus, conservatórios de música, cafés, teatros, a própria vida jornalística...”

Inocência

Inocência. Inocência, precioso tesouro que, quando o homem o perde, não pode ser reconquistado. Inocência pura e angelical. Conservatórios no Rio? Teatros no Rio? Das duas uma: ou eu estou cego ou meu diretor não sabe nada a respeito do Rio de Janeiro. E tão completamente que não posso escrever menos do que o seguinte: “Eu ando, no mínimo, duas horas de bonde todos os dias. Outras vezes, eu vou às ilhas; outras, aos bairros operários. E a única coisa que se vê por aqui é gente que trabalha. Cafés? Já enviei um texto sobre os cafés.

Conservatórios de música? Ou eu sou cego ou, nesse país, os conservatórios não têm letreiros, nem pianos. Porque, da minha vagabundagem pelas infinitas ruas, somente numa tarde de domingo, na Ilha de Paquetá, escutei alguém estudar Bach no piano. Eu já vejo o meu diretor segurando a própria cabeça e dizendo: “Arlt está doente. Arlt ficou surdo”.

Não, eu não fiquei surdo. Pelo contrário: estou desesperado para escutar um pouco de boa música. E, de forma concisa, direi o que eu não vi.

Meus olhos procuram incansavelmente por academias de corte e costura. Não existem. Procuo conservatórios de música. Não existem. E veja que falo do centro, lugar no qual se desenvolve a atividade da população. Livrarias? Meia dúzia de livrarias importantes. Centros socialistas? Não existem. Comunistas, menos ainda. Bibliotecas de bairro? Nem em sonho. Teatros? Não funcionam, a não ser um de variedades e um cassino. Para conseguir que o Conselho de Censura Cinematográfica permitisse a exibição da fita *Tempestade sobre a Ásia*, houve reuniões e confusões. Jornalistas? Aqui, um jornalista ganha duzentos pesos mensais para trabalhar brutalmente dez ou doze horas. Sábado inglês? Quase desconhecido. Reuniões nos cafés, de vagabundos? Não se tem conhecimento. Tiragem máxima de um jornal: cento e cinquenta mil exemplares. Quero dizer “a tiragem ideal”:

cento e cinquenta mil exemplares, porque não há jornal que alcance esse número.

Não estamos em Buenos Aires

É preciso se convencer: Buenos Aires é única na América do Sul. Única. Tenho muito a escrever sobre isso. Lá (e eu disse isso aos jornalistas daqui), lá, no bairro operário mais insignificante, você encontra um centro cultural em que, com uma incompetência assombrosa, discutem-se as coisas mais transcendentais. Você pode ir a Barracas, a Villa Luro, a Sáenz Peña. Qualquer cidade do interior da nossa província tem um centro em que dois ou três filósofos baratos discutem se o homem descende ou não do macaco. Qualquer operário nosso — pedreiro, carpinteiro, portuário — tem noções, e algumas bem sólidas, do que é o cooperativismo, centros sociais etc. Leem romances, sociologia e história. Aqui, isso é desconhecido por completo.

Aqui? Aqui, a única frase que você escuta, senhor, da boca de pessoas bem ou malvestidas, é a seguinte:

— Se trabáia.

Onde quer que vá, você escuta essas palavras bíblicas. Veja: na Associação Cristã de Montevideu, todas as noites, surgiam tremendas discussões sobre o comunismo,

o materialismo histórico etc. Quase não existe estudante uruguaio que não tenha preocupações de cunho social. Aqui, isso não acontece. O trabalhador — pedreiro, carpinteiro, mecânico — vive isolado da burguesia; o funcionário forma uma casta; o capitalista, outra. E como eu disse em um texto: os trabalhadores nem por zombaria entram nos cafés onde vão “as pessoas de bem”. Há bondes de primeira classe e de segunda. Sim, bondes. Nos de segunda classe, viajam os trabalhadores. Nos de primeira, o resto da população. Não confundir com os trens de primeira classe, e sim um comboio: dois ou três vagões de segunda classe acoplados a uma locomotiva. E isso acontece no Rio, em que há dois milhões de habitantes. Quando me disseram que o Rio tinha dois milhões de pessoas, não pude acreditar. E eu pensava em Buenos Aires. Eles me falaram do jardim botânico como a sétima maravilha. Fui vê-lo e me deixou desgostoso. É completamente inferior ao de Buenos Aires. Fui aos bairros operários e tive uma sensação de pânico. Durante vários dias, caminhei com essa visão nos olhos. Fui aos bairros de quatro quarteirões quadrados, em que se exerce a vida “promíscua”, na companhia de um médico.

É o inferno. E, quando saímos de lá, o homem me disse:

— E você sabe que aqui a inspeção médica nunca chega?

— Como?! Não há fiscalização municipal?

— Não. Nem se viessem todos os médicos do Rio.

“Se trabáia”. Essa é a frase. Se trabalha brutalmente, desde às sete da manhã até às sete da noite. Se trabalha. Não se lê. Se escreve pouco. Os jornalistas têm outros empregos para sobreviver. Não há ladrões. Os poucos crimes que ocorrem são passionais. As pessoas são mansas e educadas. Mais ainda, as casas de rádio, as quais infestaram a nossa cidade, porque no último bar do último bairro há um alto-falante atordoando a vizinhança, são escassas aqui. E se acha que não digo a verdade, venha ao Rio e olhe os telhados. Não há quase antenas. Passeie pelas ruas. Não vai ouvir música.

“Se trabáia”. Se trabalha. E depois se dorme. Isso é tudo; isso é tudo, compreendem? Você precisa ter vivido em Buenos Aires e, depois, sair dela para saber o quanto nossa cidade vale. E os críticos literários se indignaram com o que Castelnuovo contou em suas páginas escassas de uma viagem pelo Brasil. O que Castelnuovo disse não era nada. O que Castelnuovo viu em “La charqueada”, vê-se aqui, no Rio, em qualquer parte. Isso e muitas outras coisas mais, que Castelnuovo não contou. Principalmente, no que se refere a vida social do povo de classe baixa.

“Se trabáia...”. Isso é tudo. E mais nada.

RECOMENDO PARA VENCER O CALOR

(QUINTA-FEIRA, 01 DE MAIO DE 1930)

A credito que devo contar ao leitor, ponto a ponto, sem omissões, sem efeitos e sem lirismos, tudo o quanto faço e o quanto vejo.” (“La mancha”, Páginas escolhidas, Azorín).

O simpático Azorín escreveu isso, quando o diretor de um jornal espanhol o mandou passear, como o diretor de El Mondo fez comigo. É conveniente que existam diretores de jornais assim. Quando eles morrem, alguém irá se lembrar deles enquanto diz:

— Fulano? Era muito bom... Graças a ele, eu fui a tal lugar... Mesmo que tal lugar seja o Brasil ou a Alemanha.

Bom. Eu não ia contar isso, mas é o seguinte: ir ao Brasil para fazer ginástica sueca é tão disparatado quanto ir plantar bananas no Polo. E, no entanto, todos os dias, eu apanho durante uma hora na academia. Sim, senhores, sessenta minutos, sem brincadeira ou desconto.

É necessário

Durante seis dias, eu estive meditando se iria ou não à Associação Cristã de Moços Brasileira para me desmantelar. Foram seis dias em que eu não sei quantos milhares de réis eu gastei com refrescos, laranjadas e sorvetes. Nem na sombra, nem no sol, eu encontrava alívio para o calor que derreteria o cérebro de qualquer homem do Sul que chegasse aqui. E eu dizia a mim mesmo: “Se continuar assim o meu estômago vai estourar de tanta porcaria que estou comendo; ou ficarei reduzido àquela máxima: vai parecer que tenho um parafuso a menos”.

Tentei o método dos banhos. Não funcionou. Fui a Copacabana. O negócio das garotas de Copacabana é uma mentira. Vi algumas tomando banho e não me causaram efeito nenhum. É inútil: a mulher, para ser interessante, tem de estar vestida. O diabo bem sabia disso quando sugeriu a São Mael que ele fizesse as pinguins fêmeas adotarem o uso do vestido. E São Mael caiu no papo de Satanás.

Adotei o sistema de permanecer imóvel horas a fio no catre, como Buda sob a figueira. Conteí todas as rachaduras do teto; todos os nós que o babado de uma cortina tem, e nada. O cangote suava como se eu fosse um burro de carga.

Tendo observado e comprovado que os métodos falharam total e empiricamente e que, caso eu continuasse assim,

eu ficaria magro, esquelético e sei lá quantas outras coisas mais (somado ao agravante de que, ao sair na rua, você começa a sintonizar com toda e qualquer mulher que te olha e passa). Na tarde do dia primeiro de abril, peguei meu calção, as alpargatas e a camiseta de fazer ginástica e fui à Associação.

Sessenta minutos

Desde então, eu tenho feito sessenta minutos de ginástica diária. Isso sem contar o que eu faço antes de dormir e ao acordar. Acho que eu sou um herói. Faço ginástica no Brasil! Resignando-me como quem vai à tortura, eu me direciono todas as tardes ao Yumen (tem um edifício real). Eu me troco, desço até o porão e começo a trabalhar nos aparelhos. Subo e baixo alguns pesos diabólicos. Primeiro em pé, depois de costas, depois deitado, semideitado, de forma oblíqua. Pelas costas e pelo peito, escorrem gotas de suor gordas feito feijões.

E como a arte está no matiz, depois de um tempo, eu começo a escalar igual a um macaco uma parede com degraus circulares e faço flexões pendurado pelos braços. Esse é um regime incrível para ficar pele e osso. Recomendo aos gordos.

Depois, eu me deito no chão de cimento queimado. É como se tivessem nos dado uma senhora surra. E quando

você começa a respirar, o apito do professor de ginástica soa chamando a turma, porque o que você fez é aula individual e não vale. E há mais trinta minutos de tortura consciente e organizada, com varas e pesos. Em seguida, o ritmo muda, ritmo de todos os matizes e estilos. Quando termina, uma ducha de água fria, porque aqui não é como em Buenos Aires, em que há água quente. Nada! A água é bem fria. Recomendo isso aos neurastênicos e aos viciados em cocaína.

E você sai à rua

E você sai à rua com graça gentil e porte majestoso. É claro que, depois de todo aquele trabalho com as flexões, arqueamentos, pulos, alongamentos de pernas e braços, a tensão dos músculos e exercícios para dar e vender; o esforço de caminhar é insignificante. O corpo não sente nada, por mais quente que esteja. Como você vai se sentir, depois de semelhante tortura? E é a única forma de ficar bem. Se não, bate-se as botas. Sobretudo a gente, de “clima frio”.

A temperatura daqui esgota qualquer homem do Sul. Perceba: até os nativos, que deveriam estar acostumados, sentem os efeitos. Imagine a gente... Nos primeiros dias após chegar a essa cidade, você anda com a cabeça atordoada. Você sai de sua casa completamente bem e, de repente, tudo

dança diante dos seus olhos. Fica-se enjoado de tanto calor, grogue — esse é o termo. Por outro lado, com a ginástica, você ri do calor! Por mais brutal que seja, o corpo absorve a fadiga, torna-se mais elástico, mais resistente e “quem prova, aprova”.

Aqui está a única forma na qual um argentino é capaz de vir vagabundear nesse país de “paz e ordem”.

Ah, já ia esquecendo: também é possível comprar uma geladeira e se enfiar nela!

A BELEZA DO RIO DE JANEIRO (SÁBADO, 03 DE MAIO DE 1930)

O visitante pode não se dar conta do que é o Rio de Janeiro, sem subir no Pão de Açúcar e, para subir ao Pão de Açúcar, em geral, a gente medita durante uma hora. Porque são trezentos metros de altura e...

Um feito da engenharia brasileira

Suponhamos que você se encontre na Avenida Rio Branco e olhe para o Pão de Açúcar, que é um morro; não: é a ponta de uma granada gigantesca, cravada no meio da terra. A casca de um projétil verde. Entre este projétil e o Morro da Urca, há um vão imenso, um vale arborizado. No pano de fundo de céu azul, se você olhar com atenção, poderá distinguir entre os dois montes, um fino fio preto suspenso. Então, se você olhar de perto, verá que, por esse fio, desliza veloz um pequeno retângulo preto. De repente,

ele desaparece. O pico do Pão de Açúcar o engoliu. É um teleférico.

Para chegar à estação do teleférico, pega-se o bonde. Custa nova centavos a viagem e você se cansa de tanto andar. Além disso, se cansa de dizer a si mesmo, a cada momento: “Como os brasileiros são bárbaros!” Têm um país magnífico e nem de brincadeira usam isso como propaganda para atrair turistas. Bom, chega-se à Praia Vermelha e, lá, está o morro: pedra cinzenta, um bloco inacessível, que cai abruptamente sobre a Avenida Beira-Mar. Na frente, uma guarita de concreto armado. Desta cabine, saem os cabos de aço de uns três centímetros de diâmetro. É um declive de mais ou menos sessenta graus. É incrível. Você olha os cabos de aço, o telégrafo e pensa: “Se os cabos se romperem, eles vão ter que nos juntar com pinças”. Uma altura imensa que vai fazer você rachar o crânio. É uma emoção extraordinária subir até aquela altura em tal declive. A viagem de ida e volta ao Pão de Açúcar custa seis mil réis: um peso e oitenta em nossa moeda. Bom: você sobe, com certa ansiedade, na cabine fechada. O guarda fecha a porta e, de repente, o bondinho está acima da calçada. Você pensou que sentiria várias emoções, mas não sente nada.

Uma viagem de ônibus é mais emocionante. Ainda mais se o volante e as rodas estiverem desregulados. Agora,

o bondinho está a cento e oitenta metros de altura e o Pão de Açúcar tapa seus olhos; ele está à sua frente. Temos a sensação de que se esticarmos o braço, vamos tocá-lo. Entre a Praia Vermelha e o Pão de Açúcar há cerca de duzentos metros. De lá saem, com uma inclinação muito mais pronunciada, outros dois cabos de aço, os quais, com seu próprio peso, traçam uma curva sobre o abismo, ao passo que, ao atingirem o cume da montanha, subam perpendicularmente até ela. E a emoção de atravessar suspenso sobre o bosque que está lá embaixo, retorna. Agora sim, vem a parte difícil, mas você sobe no teleférico: o guarda fecha a porta e o bondinho começa a subir os duzentos metros de altura que faltam para chegar ao Pão de Açúcar. Um vento tremendo entra pelas janelinhas. Ele mantém a sua posição horizontal sempre. Você olha para o abismo. Abaixo, cascatas de árvores, copas verdes e a curva de areia da praia. Agora, parece que o Pão de Açúcar vem velozmente ao nosso encontro. A pedra se agiganta, o bondinho sobe como se fosse um elevador; balança no interior dessas muralhas de pedra e já está lá em cima. Abaixo, as treze montanhas em cujos vales se aloja o Rio de Janeiro mostram seus lombos cobertos de casas ou suas fachadas azulejadas. Os diques fraturados, uma ponte, a água esverdeada e, agora sim, eu consigo entender o que é o Rio de Janeiro. Uma cidade construída nos vales que

os morros deixam entre si. As casas sobem pelas encostas, interrompendo-se; a floresta avança, depois desce. Faixas asfaltadas avançam até certa distância, em seguida, uma serra, penhascos e, no vale subsequente, outra parte da população carioca, tetos vermelhos, azuis, brancos, cubos que, como uma vegetação de líquens, sobem e se interrompem, manchando as encostas de pedra com tinta de cor dourada, púrpura, de ferrugem e de verde de sulfato. São as casas de dois milhões de habitantes. Agora, estão explicadas as curvas que os bondes fazem. Para entrar nas ruas de um vale, o bonde tem de passar pelas costas dele, num ziguezague prolongado. A baía, lisa como um espelho de aço, talha um verde-salgueiro junto da costa. Passa um transatlântico e, atrás dele, a água se agita, misturando areia com os mariscos. Há navios ancorados, distribuídos irregularmente.

Cúpulas de cobre, de porcelana, de mosaicos e de azulejos; telhados que se parecem com retângulos de ferro fundido; arranha-céus cúbicos, profundezas arborizadas: um espetáculo feérico é o que essa cidade de edifícios escalonados na encosta da serra oferece. De repente, ele se anula misteriosamente ou confunde a sua bissetriz com o ângulo de outro morro, coberto de telhados vermelhos de duas águas e de avenidas asfaltadas. Você olha e fecha os olhos. Quer conservar uma lembrança do que vê. É impossível. Os

quadros vistos se sobrepõem, um desvanece no outro e assim sucessivamente. Você luta contra essa confusão, quer definir a cidade de forma geométrica, quer dizer: “é um polígono, um triângulo”. É inútil... O máximo que vai poder dizer é que o Rio de Janeiro é uma cidade construída no interior de vários triângulos, cujos vértices se constituem dos lombos das colinas, dos morros e das montanhas...

De repente, a cidade desaparece completamente. Você se arrepia, de frio. Olha em volta, mas tudo ficou absolutamente cinza. O Pão de Açúcar foi envolvido por uma nuvem passageira. Mais para lá, faz sol.

POBRE BRASILEIRINHA!

(DOMINGO, 04 DE MAIO DE 1930)

Passei por uma experiência dolorosa.

Toda vez que eu subia a escadaria da pensão em que moro, uma moça indígena cor de café vinha ao meu encontro e, com as mãos, fazia sinais para que eu fosse devagar. Hoje, intrigado, eu perguntei:

— Mas o que diabos está acontecendo que não se pode nem andar?

E a servente me respondeu:

— A mocinha está muito doente.

— Quem é a mocinha?

— A filha da patroa.

— Posso entrar para vê-la?

E me deixaram passar.

A doentinha

Em uma cama larga, sobre um travesseiro grande, descansava a cabeça de uma jovem de dezenove anos. Grandes olhos negros, cabelo encaracolado emoldurando as bochechas. Eu a cumprimentei e ela moveu ligeiramente os lábios. De relance, eu a observei. Um lenço enrolava a sua garganta; sob os lençóis brancos, era possível adivinhar um pobre corpo enfraquecido.

Amigas, maduras como grandes frutas, cercavam-na. Elas me apresentaram:

— Esse senhor é o jornalista argentino, o novo inquilino.

— O que ela tem? — perguntei.

Explicaram-me. Pleurite, a garganta, enfim, essas meias palavras que disfarçam a terrível doença. Tuberculose pulmonar e laringite. Não é à toa que ela não falava. Sorri para ela, disse as palavras tristes e doces que qualquer um se sente obrigado a falar para uma pobre criatura que nenhuma força humana é capaz de salvar.

Ela me olhava e sorria. Dava risinhos do meu idioma, da mesma forma que nós rimos do português. Às vezes, um acesso de tosse a fazia estremecer debaixo dos lençóis e as amigas solícitas a rodeavam.

Quando saí, ela me deu o tipo de sorriso que só existe nos lábios de doentes incuráveis.

Entrei em uma floricultura e pedi para que preparassem um buquê de rosas brancas. À tarde, dei à moça indígena para que o entregasse a ela. Ao menos, a mocinha teria um pedaço de primavera em seu quarto. E que fosse um argentino quem o tivesse levado...

Esta noite

Esta noite, ela tossiu muito. Mas tanto que, quando desci e entrei em seu quarto, as amigas a sustentavam desfalecida entre os braços. Sua cabeça caía sobre o ombro da servente, de cujos olhos caíam lágrimas.

A mocinha do Brasil vai morrer. Dezenove anos! E sai pra rua entristecido, pensando: “É uma injustiça. Deus não existe. Estas coisas não deveriam acontecer.”

Repeti exatamente tudo o que um homem diz quando cai sobre sua cabeça uma grande desgraça. E, no entanto, mal conheço essa criatura. Eu a vi pela primeira vez ontem de manhã, mas ela tinha tanta doçura em seus olhos escurecidos, que senti pena por essa vida escapar de seu peito, pouco a pouco.

Não é à toa que me disseram para caminhar devagar. Ela não consegue dormir. A cada momento, é acordada pelos bondes que passam fazendo barulho. Se não são os bondes, é a tosse.

E o dia inteiro na cama com esse calor! Está tão fraca que já não é capaz de caminhar. Só mantém o rostinho oval perfeito e os grandes olhos falantes, porque a garganta já quase não tem as cordas vocais.

Agora, vou visitá-la todos os dias. Digo a ela ao entrar: “Como vai a menina?” E ela ri; porque deixou de ser menina há muito tempo — ela já é senhorita.

Eu sei que acha graça do idioma “arientino”. Fica me encarando por alguns instantes.

Então eu digo que o Brasil é muito bonito; que ela tem de ter esperanças na Virgem Maria que está na sua cabeceira (eu, falando de Nossa Senhora!); que não deve se afligir; que logo estará curada; que doenças como essas são muito surpreendentes; e que “já vai ver, logo poderá se levantar e sair para andar”.

Ela me olha em silêncio. Sabe que estou mentindo. Olha à Virgem, às amigas e sorri. Não é possível enganá-la. Ela sabe qual é o passeio que a espera. O último...

E me lembro do Sanatório Santa María, nas serras da Córdoba. Me lembro das quinhentas garotinhas que, no pavilhão Penna, ficam prostradas como essa jovem de dezenove anos, cuja vida deveria ter sido só felicidade. E, de repente, uma tristeza enorme sobe do meu coração até a garganta. O sorriso e as piadas se esgotaram, saio para a rua

e digo, como diria um pobre negro ou um pobre branco, que não entende de livros, nem de filosofia: “E depois dizem que Deus existe. Coisas assim não deviam acontecer.”

ELOGIO DE UMA MOEDA DE CINCO CENTAVOS

(SEGUNDA-FEIRA, 05 DE MAIO DE 1930)

Uma senhora argentina, que mora aqui, me deu de presente uma moeda de cinco centavos argentinos. Olhei à astuta moeda, perdida nesse país de moedas grandalhonas, e disse a ela:

— Como vai, queridinha? Aqui, você anda bem morta entre esses tostões (moeda de três centavos brasileiros) e esses pratos (porque não são outra coisa senão pratos) de quatrocentos réis, que furam os nossos bolsos. Mas eu te cumprimento respeitosamente, querida moedinha. Eu te cumprimento com a emoção do portenho que perdeu de vista sua linda rua Corrientes e sua magnífica Avenida de Mayo, a sua Florida orgulhosa e a sua majestosa Callao, há tempos. É verdade que as moedas da pátria brasileira te espancam com arrogância, é verdade que o tostão vulgar, grande e rebelde te intimida... mas não dê trela para ele, pois ele só vale três centavos argentinos... e você, cinco! Os cinco

mangos promíscuos com que pagamos o “feca” ao garçom em tempos de crise.

Como mudam os tempos, querida moedinha! Não é? Lá, não te damos atenção.

Damos você ao primeiro mendigo pé de chinelo que cruza com a gente, deixamos você abandonada na mesa de qualquer bar imundo e suspeito. Você é o troco indispensável para o metrô e, por causa disso, você possui uma função social. Mas, no Rio, querida, você não vai correr atrás de aventuras. Estará em meu bolso como um talismã para me dar sorte; e ainda vai irritar todos esses réis que, por mais que sejam tantos milhares, não duram nada comigo.

Você foi trazida por uma senhora argentina que queria levar com ela uma lembrança de sua bela terra. Ela trouxe você para te olhar nos dias em que sentisse saudade de sua cidade, a mais linda da América do Sul; trouxe para que você respirasse novos ares, adquirisse experiências e aprendesse a falar português. E você conheceria, dessa forma, os grandes e impertinentes cobradores, as moedonas de duzentos réis, as de quatrocentos, as de mil e as de dois mil, moedas feitas de puro bronze e alumínio — nada parecido com o níquel com que te fundiram.

Olho para você com carinho, querida moedinha. Olho para você com o doce pavor que adentra a alma quando nos

lembramos dos tempos de escassez; das épocas em que tínhamos sapatos esfarrapados, as meias pela metade, a gravata que nem um trapo, a roupa avariada em todos os ângulos. Eu olho para você e você me faz lembrar das magníficas reuniões de bar, as discussões filosóficas dos vagabundos do bairro, a hora derradeira em que o mais pilantra entre todos diz: “Estou duro, sem um centavo”. A hora do juízo final, quando o menos ferrado exclama:

— Não se preocupem, eu tenho cinco trocados para dar de gorjeta ao garçom!

Olho para você e penso: cinco trocados. Penso que Buenos Aires está a cerca de três mil quilômetros daqui e penso que essa distância poderia ser tanto na América do Sul como na costa da África. Ao te ver tão pequenininha, tão miudinha, tão magra entre essas moedas que pesam quilos, sinto medo. Você não vai morrer de tristeza perdida entre os réis, esmagada entre os tostões. Não se preocupe. Vou te colocar em uma moldura no meu quarto. Quando eu entrar e sair, quando estiver sozinho, meditando besteiras e pensando em asneiras, levantarei os olhos, espieiarei você de rabo de olho e direi: “Bom. Eu não estou tão sozinho, tenho uma companheira.” Conversaremos. Lutaremos contra os nossos mútuos infortúnios. Você me contará a angústia dos pobretões por cujos bolsos passeou como peregrina, sem

nunca conseguir ficar com nenhum. Você narrará para mim a odisseia de inúmeros vagabundos atormentados por mil necessidades, e eu, por minha vez, te contarei os desgostos que não posso escrever. Vou fazer as orelhas dessa gente pegar fogo e — coitados de nós dois! — vamos nos consolar como fazem os ferrados de verdade, mas que falam o mesmo idioma.

Isto foi o que eu disse à moedinha de cinco centavos que uma senhora argentina me deu de presente. Ela está em cima da minha mesinha de cabeceira. Quando volto da vadiagem por essas ruas negras, sujas e estreitas; quando saio dos cafés rogando pragas, protestando contra a cozinha do restaurante do maldito Pierre Labarthe, inventor do tóxico “o soberano dos vinhos brasileiros”; quando chego desesperado e suando das caminhadas intermináveis que faço em busca de razões que não existem, a moedinha fiel, lustrosa, fina, miúda e bonita me recebe com um consolo. Os olhos na efígie da República parecem me dizer enquanto me olham: “Não me abandone”; e eu respondo a ela:

— Sou fiel a você. Sou fiel a você, porque, apesar de aqui você não servir para nada, você me faz lembrar do meu passado de escassez. Sou fiel a você porque faz com que eu me lembre da minha cidade — agora, mais querida do que nunca —, porque está longe. Sou fiel a você mesmo que os

meus bolsos estejam entupidos de tostões, porque você fala o nosso idioma, ressonante, viril, bravo, rebelde, camarada. Sou fiel a você porque, na sua companhia, o coração me diz que chegarão dias melhores em que terei companheiras suas no bolso e serei um personagem importante enquanto digo, em uma mesa de café: “Quando fiquei entediado no Brasil..”.

E a moedinha me espia. Parece que sorri e me responde:

— É inútil.. Você tem alma de vagabundo.

E pode parecer mentira para vocês, mas eu tenho a sensação de que a alma da moedinha se desprende de seu disco de níquel e me dá um grande e consolador abraço. E então eu durmo tranquilo.

NÃO ME FALEM DE ANTIGUIDADES

(TERÇA-FEIRA, 06 DE MAIO DE 1930)

Alguém me disse:

— Parece que o senhor não fica entusiasmado com as coisas antigas. Essas igrejas centenárias, essas estátuas do tempo da Colônia e do Imperador...

— De fato — respondo. — Estátuas, igrejas antigas e todas as tranqueiras do século passado me deixam completamente indiferente. Não me interessam. Acredito que não são do interesse de nenhum argentino. Dão sono, sejamos sinceros. Para nós, que temos os olhos acostumados com a fila de automóveis, que diabos pode nos dizer um arco ou uma cúpula! Sejamos sinceros. Eu admiro a arte desses charlatães que olham para uma pedra que foi de outro século e encontram motivo para choramingar uma prosa sem sentido durante três horas. Eu os admiro, mas não posso imitá-los. As igrejas antigas não me chamam a atenção. As casas sujas do século passado, menos ainda. Protestamos contra a estúpida arquitetura colonial que,

em nosso país, difundiu-se entre os novos-ricos. E vamos ficar boquiabertos diante desses casarões escuros só porque são feitos de pedra? Faça-me o favor. Todas essas casas me parecem muito lindas... para transformá-las em escombros.

— O senhor sabe que é um sujeito agressivo?

— Sou sincero. Não fui ao Museu Histórico, nem pretendo ir. Não me interessa. Não interessa a ninguém saber de que cor eram as saias das senhoras do ano quatrocentos, ou se os soldados andavam descalços ou de sandálias. Isto foi o que me desiludiu de viajar. Não daria um cobre por todas as paisagens da Índia. Prefiro ver uma boa fotografia do que ver ao vivo. Ao vivo, às vezes, a paisagem está em um mau momento, mas, na fotografia, ela sempre é tirada quando a paisagem está em seu “melhor momento”.

Meu interlocutor quis ficar indignado, mas eu insisti:

— Das duas uma: ou enganamos a nós mesmos e enganamos os outros; ou confessamos que o passado não nos interessa. E isso é o que acontece comigo. Outro senhor poderia transformar as igrejas do Rio no interessante capítulo de um romance. Para mim, esse não parece ser um tema nem para um texto ruim. Entendeu? Outro senhor poderia fazer das vielas torcidas do Rio um poema maravilhoso. Para mim, o poema e a viela me enchem o saco. E me incomodam porque o elemento humano está em falta no seu estado de evolução.

As paisagens, sem os homens, me irritam. As cidades sem problemas, sem anseios; e os homens sem questões psicológicas, sem preocupações, me desanimam.

Quando eu olho para o rosto de um operário portenho, sei o que ele pensa. Sei que anseios carrega em seu interior. Sei que estou na presença de um elemento social inquietamente. Aqui, encontro pessoas que, desde que ganhem o suficiente para o feijão, estão felizes. Isto me deixa possesso. Na pensão mais suspeita, encontra-se, entre irrisórios estoques de aguardente, um altarzinho aceso à Virgem e aos seus santos. Vive-se religiosamente, ou não se vive.

Essa mistura de superstição, de sujeira, de ignorância e de inconseqüência, me irrita além da conta. A funcionária argentina é uma garota relativamente instruída; uma funcionária desse jeito, aqui, é um artigo de luxo.

Os que vivem mal não se dão conta disso, aceitam sua situação com a mesma resignação de um mulçumano — mas eu não sou mulçumano. Alguns me dizem que a culpa é dos negros; outros, que é dos portugueses. Eu acredito que a culpa seja de todos. No nosso país, temos negros e temos de tudo, mas a civilização segue sua marcha. Não entendo por “civilização” a superabundância de fábricas. Por “civilização”, eu entendo uma preocupação cultural coletiva. E isso existe em nosso país, mesmo que de maneira rudimentar.

Aqui, a cultura da classe média é de um afrancesamento ridículo. As atrizes de cinema são imitadas de tal forma que vemos mulheres pelas ruas vestidas de maneira tão extravagante que a gente não sabe por qual parte devemos começar a descrevê-las.

Eu não posso escrever sobre tudo isso. Vão dizer que sou um sujeito agressivo, venenoso, mal-humorado, hipocodríaco. E, no entanto, todos os dias elimino toxinas com uma boa aula de ginástica. É por conta disso que as coisas antigas não me interessam. As coisas antigas, para pessoas antigas, estão em seu lugar. Mas entre as pessoas modernas, as coisas antigas se tornam ridículas. A paisagem me enerva. Não olho para as montanhas nem de brincadeira.

O que fazemos com uma montanha? Descrevê-la? Montanhas existem em qualquer lugar. Os países não valem as suas montanhas. Em Montevidéu, que é um país pequenininho, encontrei preocupações sociais a granel. Esses uruguaios pensam no futuro, pensam em uma condição social melhor, quais remédios podem ser aplicados em seus defeitos sociais e discutem isso como se estivessem possuídos. Aqui, ninguém discute nada. Ninguém fica irritado. Vivem como se estivessem em um salão de baile. Isso é ótimo quando o salão vem acompanhado da cozinha, mas aqui a cozinha é preenchida pelas negras...

— O senhor é um tipo antissocial — meu interlocutor me disse. — O melhor que poderia fazer era ficar em seu subúrbio...

— Também acredito nisso. E eu não penaria tanto para encontrar temas para os meus textos, como estou penando aqui.

AMABILIDADE E REALIDADE

(QUARTA-FEIRA, 07 DE MAIO DE 1930)

Quando se quer investigar a sério algo a respeito da vida das pessoas, você se depara, aqui, no Rio de Janeiro, com essa amabilidade brasileira que cuidadosamente esconde as rachaduras de sua civilização.

Contaram a mim uma anedota formidável. Vou contá-la tal como a escutei. Quando o líder socialista Albert Thomas chegou ao Rio de Janeiro, todos os sindicatos operários tinham sido dissolvidos pela polícia. Eles passaram a perna no sr. Thomas, apresentando-lhe funcionários do governo como se fossem delegados sindicais. Eles tinham até os regulamentos confeccionados de forma perfeita.

Tive a oportunidade, uns dias atrás, quando foi inaugurada a nova linha aérea, de conversar com uns jovens jornalistas, argentinos e amigos.

— E aí? Como estão?

— Encantados. Nos levaram para conhecer o Pão de Açúcar, Copacabana, o Jóquei Clube, o Hipódromo...

Sentamos em um café para conversar. Meia hora depois, os jovens jornalistas me diziam:

— Claro. Você está aqui e não se deixa encantar pelas belezas naturais...

E outro jornalista (de um jornal vespertino, e não dou seu nome para não criar nenhuma confusão) me disse:

— Olhasó, entrei no correio, vi uma caixinha de doação para os tuberculosos e perguntei ao funcionário se eles não possuem um plano de saúde como nós. E ele me respondeu que não. Claro... eles são enganados como a lorota do Pão de Açúcar.

Digo a ele:

— Você sabe quão fortes são os gráficos em Buenos Aires? Bom. Aqui, havia uma Associação Gráfica e a polícia a dissolveu três vezes. Na Associação, um estudante brasileiro me disse: “Não se abrem escolas porque os políticos não querem de jeito nenhum que o proletariado se instrua. Sabem que no dia em que o proletariado for instruído, não votará neles”.

E não existem problemas sociais

Com toda seriedade, um amigo me disse:

— Aqui, não existem problemas sociais.

Esse amigo não tinha saído da Avenida Rio Branco, nem mesmo do perímetro de Copacabana.

Sejamos sinceros. No nosso país, como aqui, é permitido falar mal do presidente para baixo; e, na nossa Câmara, há socialistas de todos os matizes. Aqui, o socialismo dá calafrios. Há uma comissão de cinema que não tem medo de nenhuma fita, por mais obscena que seja, desde que não trate de assuntos sociais. A mais inocente associação sindical deixa a polícia em estado de alerta.

Vocês tinham de ver a estupefação que produziu em uns jovens dessa Associação ler, em um número do El Mundo, uma publicação na qual apareciam duas fotografias: uma foto de um deputado radical, o qual havia sido jornalista; e outra de um líder socialista que fora mensageiro. Eu me refiro a Portas e Broncini. Eles se entreolharam como se dissessem: “Que país deve ser aquele!”

Eu, que estou me tornando argentinófilo, expliquei a esses rapazes, companheiros da Associação Cristã, quais são os movimentos sociais no nosso país. Descrevi a elas as bibliotecas operárias, os centros operários nos bairros, a qualidade dos nossos autores de paróquia que estreiam com besteiras em seus teatros, com companhias péssimas. E me observavam, como se dissessem:

— Não existe nada disso aqui.

E é verdade. Involuntariamente, me pergunto: “Qual é o fenômeno que agiu sobre nós, os argentinos, para nos tornarmos indiscutivelmente o país mais interessante, psicológica e culturalmente, da América do Sul?”. Somos os melhores, sem discussão: os melhores. Um operário como o nosso só se encontra em Buenos Aires. Na Europa e no Uruguai existem alguns, mas não fora dessas partes.

Somos os melhores porque temos uma curiosidade enorme e uma cultura coletiva magnífica quando comparada com a que há aqui. Quantos teatros existem em Buenos Aires? Não sei. Em Flores, há dois. Em Almagro... em... sei lá quantos teatros Buenos Aires tem! Sei que aqui, com dois milhões de habitantes, há três ou quatro teatros que não funcionam. E livrarias? E editoras? Nada disso se encontra por aqui. Depois, meu amigo argentino diz que não existem problemas sociais. Não existem *poucos* problemas sociais. E nosso país é desconhecido no Brasil. A prova: conversei com um monte de pessoas. Cultas e incultas. Todas me perguntaram a mesma coisa:

— O senhor é espanhol?

Não ocorreu a ninguém me perguntar: “O senhor é argentino?”

Falar da Argentina aqui é como falar do Tibete em Buenos Aires.

Naturalmente, nas conversas e nas reportagens oficiais que são publicadas nos jornais, argentinos e brasileiros se conhecem como se tivessem comido no mesmo prato ou dormido no mesmo quarto. Mas, na realidade prática, isso não acontece. Somos dois povos diferentes. Com ideais coletivos distintos. Nós somos ambiciosos, entusiastas e desejamos alcançar algo que não sabemos o que é. Nós lemos jornais, revistas, romances, vamos ao teatro, conhecemos a Espanha como se fosse a Argentina..

Aqui? Em um dos melhores jornais, o encarregado do arquivo me disse:

– Veja... não temos nenhuma informação de Portugal, a mãe-pátria.

Nenhuma fotografia. Estamos tão distantes...

Percebem?

TRINTA E SEIS MILHÕES!

(QUINTA-FEIRA, 08 DE MAIO DE 1930)

Atravesso o deserto do Saara. Quero dizer, a Avenida Rio Branco, às nove e quarenta da noite. Se tivessem varrido a rua com uma metralhadora, não estaria mais vazia de pessoas do que agora. Em um bar chamado Casa Simphatia (com h e tudo), os garçons se entediam olhando o asfalto. Há apenas um casal, em poltronas de vime, trocando beijos inflamados. O responsável pelo botequim olha alarmado e pega o extintor de incêndio automático. Dá pra notar que ele está disposto a usá-lo.

Eu penso. Penso o seguinte, em um solilóquio que acredito estar no direito de transmitir a vocês: “Cacete! Desde que cheguei a esse país, não vi um enterro sequer.”

Ninguém morre aqui? Pelo contrário, esse casal que está namorando traz todos os indícios de que vão presentear o Estado com um par de gêmeos dentro de pouco tempo. Ninguém morre e eu não sei, ainda, como são os carros fúnebres.

Mas existem funerárias no Brasil? Ainda não vi nenhuma. E isso porque eu já estive em todas as ilhas, no Pão de Açúcar e na Praia Vermelha e no diabo. Não há coveiros, nem funerárias, nem caixões, nem nada. Creio que nem cemitérios. Olhando à rua Buenos Aires, há um mercado de flores, flores com cheiro de cadáver e uns bagulhos truculentos parecidos com coroas de flores. A menos que o município esteja esperando uma peste fulminante, esse mercado de coroas não se justifica. Um coitado, com barba portuguesa, fica de guarda, chupando um charuto ruim e entediado. E o mundo determinado a viver. Ninguém morre, está claro como água. O Brasil tem 36 milhões de habitantes. Se continuar assim, em pouco tempo, terá 72 milhões.

Também

Também, como não teria 36 milhões?! Olhe: as pessoas não estudam; não bebem, não vão ao teatro — porque dos três teatros, um está fechado, o outro está sem companhia teatral e o terceiro em obras. Não perdem tempo no café, porque nos cafés não se toleram os vagabundos. Não jogam, porque todos os cabarés que tinham jogos de azar foram fechados. Não perdem tempo com as mulheres promíscuas, porque as mulheres de má fama fugiram, aborrecidas por causa de

tanta moralidade. As pessoas não leem, porque os livros são caros e basta dar uma olhada nos jornais para que o assunto se resolva. Não vão aos comitês dos partidos políticos, porque aqui não existem comitês. Não vão às bibliotecas operárias, porque os operários não têm bibliotecas. Uma ou outra sessão de cinema, e você pode se dar por satisfeito. E os rolos de filmes passam previamente por uma comissão de censura que as expurga de todo e qualquer elemento revolucionário que possam conter.

— O que as pessoas fazem? — você me perguntará.

Trabalham. Aqui, todo mundo trabalha. Eu o disse no outro texto e o repito nesse para que não esqueçam. Trabalham brancos e negros, mulheres e homens. Nas bilheterias das companhias de navegação, encontra-se mulheres. Quase todas as tabacarias são administradas por mulheres. A mulher trabalha em pé de igualdade com o homem, ganha o seu próprio feijão.

“Aqui, todo mundo rala.” Aqui todo mundo trabalha. E, depois, volta-se à casinha.

Devem se entreter com algo

Vocês compreenderão que um cristão precisa se entreter com alguma coisa e, esses cristãos, que falam português,

divertem-se todos os anos encomendando um bebê à cegonha. Quanto mais ferrado for o infeliz, mais pirralhos ele possui. Um “grone” passeando é um espetáculo: duas negras com seus filhos constituem uma brigada que ocupa um bonde inteiro.

Trabalham e têm filhos. Seguem, no mais amplo sentido da palavra, o preceito bíblico.

Trinta e seis milhões. A soma é brutal. Se vivessem de outra maneira... Mas, pelo andar da carruagem, algum dia, constituirão o Estado mais importante da América do Sul.

Cidades? Em todo o interior do Brasil, estão sendo improvisadas cidades à margem de péssimos ramais ferroviários. Essas cidades, algum dia, serão grandes e importantes centros populacionais.

Os negros estão desaparecendo, me disseram, mas eu os vejo em todo canto. Desaparecem porque se misturam com a classe branca, de forma que, quando percebermos, o Brasil terá cem milhões de habitantes. E não vai demorar muito. Se as pessoas trabalham e não bebem, não jogam e ficam em sua casa...

ELOGIO À TRÍPLICE AMIZADE

(DOMINGO, 11 DE MAIO DE 1930)

No domingo, às sete e meia da noite, esse criado de vocês, com fome e muito desanimado, já fazia uma hora que vagava pela Avenida Rio Branco, mastigando seu péssimo mau humor. E, de repente, todo seu tédio se derreteu como a neve sob o sol. Embora eu estivesse sozinho, comecei a sorrir graciosamente.

Eu sei o que vocês irão supor: “será que ele viu um senhor de roupão andar pela rua?” Não. Aqueles que possuem roupões quase inacreditáveis para ser verdade, esfarrapados e imundos, exibem-nos na rua e se pavoneiam com eles às onze da manhã e às cinco da tarde.

“Será que ele viu algum negro de fraque, algum mulato de alpargatas e monóculo, algum balconista de padaria com colarinho duro e bengala forrada de pele de cobra?” Não!

“Será que viu algum casal bem vestido, meia hora em frente a um café, meditar se entrava ou não pra tomar algo... e depois ir embora sem resolver entrar?” Não! “Será que pôs

os olhos em alguma dama de cinquenta anos, com o vestido até os joelhos e cachos soltos pelas costas?” Não!

“Será que ele reparou na inquilina de alguma pensão, vestida de seda e que, para olhar os vizinhos, adquiriu um *pince-nez*?” Não!

“Então, o que diabos ele viu?”

A única coisa que eu sei é que esse servidor sorriu graciosamente, docemente, melosamente...

Explique-se, homem!

— Caminhando em direção oposta da minha, vinha um casal em companhia de seu fiel e inseparável amigo, não aquele casal que vai ao restaurante Labarthe, e sim outro casal.

Descrição

Ele, cem anos. Se ele não tiver, deveria ter. Alto, magro, murcho: o sorriso é gengiva pura, a pele tem mais rugas do que um acordeão.

Ela, quarenta e cinco a cinquenta outonos: um crepúsculo magnífico. Olhos pirotécnicos, curvas que, de imediato, te fazem querer se dedicar a estudar trigonometria e investigar de que modo matemático é possível tirar uma cotangente de um seno sem tocar o cosseno, enfim, riam

vocês da Pompadour, de Recamier e de todas as grandes madames de que a história fala.

Mulher para ser vista à luz artificial, como diria um cronista social.

Ele (o outro ele) trinta e cinco abris, barbudo. Como diriam os grandes clássicos espanhóis: pura estirpe de cavalheiro galgo. Bem-vestido, usando gel, maquiado, de roupas justas, unhas feitas na manicure e pés de bailarina. Aqui, vocês têm o trio que derreteu meu mau humor.

É que onde quer que o ancião vá, você encontrará lá o seu amigo e ela. Como vai deixar o marido sozinho? Não seria uma crueldade, uma ação inqualificável? E essa é a razão pela qual a múmia, o barbudo e a dona formam um conjunto delicioso.

Mas não enveredemos pelo mau caminho. Não. O que ocorre é que esse jovem está ansioso para iluminar seu espírito com as verdades e os conhecimentos que o ancião valoriza. E ele não pode resistir a seu afã desmedido de acumular experiência. Ela, por sua vez, amorosa e diligente, tampouco pode se resignar a perder a companhia do homem que tanto adora. E se ele for atropelado por um carro? (Os ônibus são chamados de “carros” por aqui. Os carros, eu não sei como eles os chamam.)

Qual é a consequência dessas duas solicitações que levam a direções opostas, ou seja, a do jovem que quer enriquecer

seu intelecto com a experiência do velhote; e a da esposa que quer cuidar do seu museu ambulante? Sempre onde estiver um deles, poderemos encontrar os três. E Santo Agostinho quebrando a cabeça para entender o mistério da Santa Trindade!

Estaria errado quem supusesse que os três estavam entediados. Pelo contrário: se dão tão bem que dá até gosto de vê-los. O jovem não faz mais nada além de abrir a boca em admiração e respeito, escutando tudo o que o ancião diz. E ela, ao ver esse tipo de harmonia, fica tão contente que anda quase dançando de tanta alegria. E é lógico, ama tanto a seu esposo que como não ficaria feliz com as demonstrações de admiração que o jovem barbudo produz com a boca, nariz, orelhas e ouvidos? E a alegram tanto que, às vezes, deixando-se levar pelo seu entusiasmo, dá uns tapinhas nas costas do jovem. E o jovem compreende que são como as batidinhas de uma irmã. O ancião se dá conta de que são puras carícias fraternais... e não aconteceu nada aqui.

Que coração, por mais duro que seja, não se enterneceria frente a dito espetáculo? Que alma, por mais insensível e malvada que seja, não se emocionaria com doçura ao contemplar o ancião derramar sua sabedoria poderosa como um rio de leite e de mel nos ouvidos de um jovem ansioso por conhecimento, e uma mulher que deseja ardentemente

enterrá-lo... quer dizer, cuidar dele? (Freud tem razão, quando estuda as palavras erradas).

Vocês se dão conta, agora, por que meu mau humor rabugento se derreteu, como a neve sob o sol ou até como a melancolia de um célebre ladrão notificado de que a acusação de porte ilegal de armas perdeu a validade e que pode sair da cadeia para ir roubar de novo?

BUFUNFA AGRADÁVEL

(SEGUNDA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 1930)

Não há nada mais emocionante para um viajante em uma terra estranha do que a chegada do fim do mês e a entrada do primeiro dia, se nos dias trinta e quinze houver uma alma perfeita que se lembre de que deve mandar a ele uma agradável bufunfa.

Com que solicitude amorosa e comovente, então, ele apareceu na caixa postal para perguntar se já chegou ou não o aviso do banco, a notificação de que há um bom pacotezinho de réis esperando a sua respeitável visita, a futricaria revelou que ele não foi esquecido, por mais que, às vezes, as pessoas não tenham motivo para se lembrar bem de um emigrante.

Terra estranha

Estar em uma terra estranha é estar completamente só. A amabilidade das pessoas é da boca para fora. O viajante

entende isso com rapidez, quando não é um otário nem se acha o centro do universo.

Quando você entende como as coisas funcionam — da mesma forma que um marinheiro em tempos de tempestade põe sua alma e sua pele na bússola; e o aviador no sextante — você coloca seus sentidos, seus pés e seu corpo no banco que opera as suas transações. E o banco, que em outros tempos era para você uma instituição vaga e irreal, com o qual nunca teve contato algum antes, ainda que desejasse ardentemente isso; o banco que, em sua imaginação de pobre crônico, era representado como uma casa em que mãos de vaca levavam sua bufunfa para que os bandidos não evaporassem com ela; o banco, da noite para o dia, no estrangeiro, se converte em seu “amigo”; e você em seu “cliente e amigo”. Não leu, por acaso, os anúncios que as instituições bancárias colocaram nos jornais e nos bondes: “Nossos clientes são nossos amigos”?

Como consequência, eu sou amigo do Banco Português do Brasil, situado na rua da Candelária, número 24. Esse banco, quero dizer, “meu amigo”, todos os dias primeiro e décimo quinto de cada mês, envia-me a carta cujo texto reproduzo: “Ilustríssimo senhor (repararam nisso? Me chamam de ilustríssimo!), temos à vossa disposição o equivalente de pesos argentinos, por ordem do Banco de la Provincia de Buenos Aires. Va. Mt. Ats. e Vrs.”

As referidas iniciais correspondem a uma infinidade de saudações feitas a mim, as quais incluem o tratamento de “Vossa Excelência” etc. Percebem?

Ilustríssimo e Vossa Excelência!

É assim que as pessoas são tratadas nesse país. Vejam se não dá gosto viver e ter que lidar com amigos iguais a esses.

Bom. É preciso ver a emoção com que qualquer pessoa ausente de sua bendita terra acolhe a mencionada “futricaria”.

Porque...

Porque nos dias vinte e nove ou quatorze de cada mês, o cidadão emigrado ou expulso de seu país começa a passar pela caixa postal, cumprimenta com amabilidade os carteiros que são os donos de seu destino. Ainda que esteja com dor de dente, sorri ao funcionário “grone” que limpa os escarros em torno da caixa postal. Informa-se, com tom doce, das horas de distribuição da correspondência. E um doce pavor penetra em sua alma.

E se a notificação não tiver chegado? E se o barco que o trazia errou o caminho e, em vez de embicar para o Brasil, foi para o lado da África? E se afundou? Ou se roubaram a correspondência? Isso sem contar com a hipótese de que o

encarregado de enviar o dinheiro pode ter morrido de um ataque cardíaco, de uma angina peitoral, de qualquer coisa...

O assunto é sério e importante, porque, ainda que o banco te chame de “ilustríssimo senhor”, e se intitule, ampla e pomposamente, de seu amigo, enquanto não houver o aviso de que você pode e deve embolsar o dinheiro, ele o deixará na rua da amargura sem consideração alguma. Além disso, você não pode descartar a possibilidade de que os encarregados de enviar o dinheiro, se não tiverem a brilhante ideia de morrer, podem, em vez disso, ter se esquecido de enviá-lo por excesso de preguiça.

E seu espírito se estremece quando você para e pensa na infinidade de causas, motivos, acidentes, imprevistos inesperados que podem fazer com que a bufunfa não chegue às suas mãos ansiosas. E, no dia vinte e nove, você se aproxima da caixa-postal, dizendo para si mesmo:

— Está de boa porque o aviso não chegou.

E você não está enganado. Fica a imensa satisfação de não ter se enganado, nem de sair pela rua, dizendo:

— Segui meu instinto.

No dia seguinte, você volta. Lá está o aviso! Uma mão misteriosa o jogou na caixa de correio, outra o recolheu e... Você tem o infinito prazer de ficar sabendo que o Banco X, “seu amigo”, por intermédio do Banco XX, seu “outro

amigo”, roga-lhe (mesmo que não implorassem, você iria do mesmo jeito) que passe pelos escritórios da instituição para retirar o seu dindim.

Também é coisa certa que, no dia trinta, todo o seu capital se resumirá a algumas moedinhas, réis, *pfennigs* ou liras. Não importa: o aviso chegou. E então, magnânimo, opulento, você se senta em qualquer café e faz o pedido. A tempestade passou. O Banco, no final disso tudo “seu amigo”, tem, em seus monumentais cofres de aço escrupulosamente guardado, o dinheiro indispensável para que as pessoas não se importem em continuar sendo amáveis com você.

REDAÇÃO DE O JORNAL

(TERÇA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 1930)

Todas as noites, eu venho escrever meu texto na redação de O Jornal, um dos principais periódicos do Rio de Janeiro, atualmente alojado em um antigo casarão.

Quando as prensas funcionam, o chão treme e a redação se enche de um barulho infernal que todos os jornalistas acostumados ao ofício não escutam, a não ser de vez em quando, como os marinheiros que, acostumados ao balanço do barco, só o percebem quando a embarcação se sacode demais.

A redação

Em um canto, está a mesa do secretário de redação, Figueiredo de Pimentel, que é um cara muito gente fina. Depois, estão as mesas dos outros redatores. No centro, uma mesa enorme — grande o bastante para servir macarrão para

um regimento inteiro —, ela serve à equipe os trabalhos que nós, os jornalistas, denominamos como “esquentar e recortar”: em resumo, é a cozinha em que nós recortamos e colamos os telegramas, dedicando-nos a esse trabalho com o único intuito de evitar escrever.

Em uma mesa em frente à do secretário, está a do encarregado do concurso de belezas femininas para escolher a Miss Brasil, o cavalheiro Nóbrega da Cunha, um incansável funcionário encarregado de receber as garotas que as províncias do interior delegam ao concurso. Ele está sempre terrivelmente ocupado. Eu o pergunto se ele não quer que eu o acompanhe nesse trabalho de selecionar as moças e ele me responde que não, que é um assunto muito delicado e acredito nisso também. A única coisa que eu não consigo entender é como ele faz para dar conta de tanta fedelha aspirante a Miss Brasil. Tem jeito para núncio apostólico, é sutil e diplomático, creio que eu deixaria todas contentes apenas na conversação.

Ele tem, além disso, mais quatro cargos diferentes. Isso faz com que uma fileira de pessoas desfile sempre na frente de sua escrivaninha. Insisto: ele tem jeito para núncio apostólico ou delegado de Sua Santidade. Aliás, ele ganha duzentos pesos por toda essa atividade.

Os outros

Em seguida, tem-se uma misteriosa quantidade de redatores que devem ter suas seções fixas; gente que trabalha em suas escrivatinhas sem dar um pio. Às vezes, chega um rapaz apressado, tira o paletó, senta-se no mesão e escreve apressadamente, sem sequer levantar a cabeça. Traz notícias, informes, a seção, a eterna seção que, em todos os jornais, escreve-se às pressas porque os linotipos não esperam e a prensa precisa funcionar.

Às vezes, forma-se um grupo, os cigarros fumegam. O que escreve apressado levanta a cabeça. No círculo, as pessoas riem e conversam. O homem da seção que escreve irritado tem uma vontade enorme de largar a caneta e se integrar ao grupo, mas é impossível, ele ouve três palavras e mergulha novamente no jugo. As páginas entram brancas e saem rapidamente de suas mãos, repletas de linhas negras. O homem escreve a todo vapor.

Três personagens em colóquio imperceptível conversam com o secretário de redação. São assuntos sérios, mas a garotada não dá a mínima. Estão acostumados a tantos assuntos sérios que acham que nenhum assunto é tão sério que valha a pena deixar que um cigarro se apague. É curioso como, nas redações dos jornais, o indivíduo se acostuma com os “assuntos graves”. Trinta mortos. Ah...! não é muito...

poderia ter sido muito mais. Metade da cidade pegou fogo? Bom, poderia ter sido incendiada por completo. Desmoronou uma ponte ferroviária com um trem em cima? Para isso, as pontes existem, para desmoronar. Se não fosse assim, do que viveriam os fabricantes de pontes? Chegou o inventor do moto-contínuo. Que invente o moto-alternado! O subsecretário conversa com um senhor em rigoroso luto, o qual lhe trouxe um livro. Os rapazes olham de soslaio para a vítima. Nesse caso, a vítima é o subsecretário.

Ouçõ as pessoas conversar, mas como não entendo quase nada, só observo. Sorrio para os que sorriem para mim e, depois, continuo na máquina. Trabalho. Ouçõ alguém dizer:

— Um jornalista “argentino”.

Viro a cabeça e digo:

— *Muito* obrigado.

E sento o dedo na Underwood. O que acontece é que, às vezes, a Underwood não consegue pensar em nada interessante para escrever e eu me vejo em apuros. O secretário se aproxima e me dá um tapinha nas costas, olho em volta e digo a mim mesmo: “Todas as redações de todos os jornais do mundo são iguais. Rapazes que escrevem com uma insuficiência maravilhosa e que dissertam, fumando um cigarro de baixa qualidade, sobre o futuro do universo. Todas as redações do mundo são iguais. Gente que olha com ódio

uma página que, para ser terminada, exige mais dez minutos de escritura; e redatores que sorriem um tanto entediados, escutando um senhor de costeletas que trata de complicar a vida deles com a revelação de um assunto sensacional. E, no entanto, a gente se diverte na maldita profissão. Se diverte porque só nos confessionários é possível escutar o que se escuta nas redações.”

FERIADO DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

(QUARTA-FEIRA, 14 DE MAIO DE 1930)

Hoje, almoçando na companhia do senhor catalão, cujo nome não vou dizer por razões que os leitores já podem adivinhar. Ele me disse:

— 13 de maio é feriado nacional..

— Ah! É mesmo?

E continuei botando azeite na salada.

— Feriado da abolição da escravatura.

— Que bom.

E como o assunto não me interessava muito, dediquei minha atenção, nesse momento, a dosar a quantidade de vinagre que eu derramava na salada.

— Na próxima semana, fará quarenta e dois anos que foi abolida a escravidão.

Dei um pulo tão alto na cadeira que metade da vinagreira foi parar na salada...

— Como disse? — repliquei, espantado.

— Sim, quarenta e dois anos, sob a regência de dona Isabel de Bragança, aconselhada por Benjamin Constant. Dona Isabel era filha de Dom Pedro II.

— Quarenta e dois anos? Não é possível...

— 13 de maio de 1888, menos 1930: 42 anos...

— Você quer dizer que...

— Que qualquer negro de cinquenta anos que você encontrar hoje pelas ruas foi escravo até os 8 anos de idade. O negro de 60 anos, escravo até os 18 anos.

— Então: aquelas negras velhas?

— Foram escravas...

— Mas não é possível! O senhor deve estar enganado. Não terá sido no ano de 1788... Veja: eu acredito que o senhor está enganado. Não é possível.

— Bom, se não acredita em mim, pode ir perguntar por aí.

Na Associação

Assim que terminei de almoçar, eu fui até a Associação e perguntei aos rapazes no balcão:

— Que feriado é esse de 13 de maio?

— Abolição da escravatura.

— Quando aconteceu isso?

— Em 13 de maio de 1888.

— 1888... 1888... 1930... menos 1888... não há dúvida!
42 anos. Mas não é possível... 1888...

— Cara — disse um deles, com toda naturalidade —, meu pai foi capataz de escravos...

Fiquei pálido e gelado.

— Se está precisando de dados...

Olhei para esse homem como se olhasse para o filho do verdugo da prisão de Sing-Sing. Em seguida, controlando-me rapidamente, peguei-o pelo braço e disse:

— Venha cá, preciso falar com você. Quanto era o preço de um escravo?

— Depende... os preços variavam muito, dependia do lugar, do estado físico e das aptidões do escravo. Em São Paulo, por exemplo, um escravo custava dois contos de réis, ou seja, seiscentos pesos argentinos. Em Minas, o mesmo escravo custava de cinco a seis contos de réis. Um escravo, prejudicado pelos castigos, custava duzentos pesos argentinos... Mas não dá para dizer um preço exato, porque o escravo não era vendido individualmente. Por exemplo: o senhor precisava de dinheiro, juntava os seus escravos e os levava ao mercado... Leia *A escrava Isaura*, de Alencar,¹⁸ um

18 O autor de "A escrava Isaura" é Bernardo Guimarães.

romancista brasileiro que retratou muito bem a escravidão. Bom, como eu estava dizendo, levavam o escravo ao mercado e o leiloavam a quem oferecesse o maior lance. Aqui, no Rio de Janeiro, o mercado de escravos ficava na rua 1º de Março, em frente à farmácia Granada.

Escuto essas coisas como se estivesse sonhando.

— E é verdade que eram castigados?

— Sim, quando não obedeciam, com um chicote. Agora, existiam fazendas em que se maltratavam os escravos, mas eram poucas.

(“Castigar com chicote” e “maltratar” são coisas muito diferentes, quer dizer, dar vinte ou trinta chicotadas em um escravo não era maltratá-lo, e sim puni-lo.)

Os matizes

À noite, eu me encontro com o senhor catalão e digo:

— É verdade que castigar é uma coisa e maltratar é outra?

— É claro, homem de Deus! Castigar... quer dizer, o chicote era de uso recorrente em todas as fazendas para manter a ordem mais elementar. Maltratar um escravo era, ao contrário, trocar o chicote por instrumentos pontudos, cortantes... quebrar-lhe os braços com paus, prendê-lo no chão com estacas... Como pode perceber, é simplesmente uma questão de matizes...

— Sim, estou vendo... de matizes... E os senhores?

— Os senhores de escravos? Um senhor tinha que ser um homem muito selvagem pra bater em um escravo. Para quê? Para isso, tinham o capataz. Era o capataz dos escravos, geralmente também escravo, mas liberado do trabalho brutal, que forçava seus companheiros a trabalhar e os castigava. Esse escravo era o terror dos outros. Cumpria a ordem do amo ao pé da letra. Se lhes mandassem dar cinquenta chicotadas em um escravo, e o escravo morria na chicotada trinta e nove, ele providenciava outro para dar as onze restantes... Uma questão de princípios, amigo. Obediência absoluta.

— Quer dizer que esses brancos velhos, de aspecto respeitável, que a gente vê em automóveis particulares...

— Eram donos de escravos. Leia o que escreveram Alencar e Ruy Barbosa...

— Mas fui às livrarias e me disseram que não havia livros sobre a escravidão.

— É natural... Vou conseguir alguns para você, mas faça o seguinte: vá ao porto e converse com algum negro velho, desses que a gente vê remendando as redes...

— E essas negras velhas tão simpáticas, coitadas?

— Também foram escravas... Mas vá em frente e converse...

Eu não me resolvo

Ainda estou na dúvida se entrevisto ou não um ex-es-cravo. Não sei. Sinto uma sensação de terror ao entrar no “País do Medo e do Castigo”. O que me contaram parece ter saído de um romance de ficção... prefiro acreditar que o que Alencar escreveu, tremendo de indignação, é uma história que aconteceu em um país de fantasia. Eu acho que é melhor assim.

AQUELE QUE DESPREZA SUA TERRA

(QUINTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1930)

Vou dar um conselho: aonde quer que você vá e encontre um compatriota que fale mal de sua terra, desconfie dele como da peste. Pense que se encontra diante de um bajulador da pior espécie. Escrevo isso porque aconteceu comigo de encontrar com um argentino que está de panelinha com um jornal do Rio. E, na primeira oportunidade, ele me disse:

— Esse sim é um grande país. As pessoas de bem são estimadas e honradas.

— Então você deve estar incomodadíssimo aqui...

— A sério. Desprezo meu país. O que a República Argentina fez por mim? Nada. Os talentos não são valorizados por lá. São menosprezados e depreciados. No Brasil, ao contrário, me admiram e me respeitam, sou amigo do Coelho Neto (uma espécie de Martínez Zuviría brasileiro), me correspondo com o Dantas, e Monteiro Lobato fala comigo carinhosamente.

— Mas o Monteiro Lobato está nos Estados Unidos...

— Me trata muito bem por carta...

— Aí já é outra história. Mas pense: se as pessoas o tratam desse jeito que você diz, é porque você não faz nada além de puxar o saco delas descaradamente, e também porque elas não te conhecem...

— No meu país, ao contrário, me desprezavam. Não me queriam nos jornais nem como faz-tudo. A Argentina, *puf!* é um país de tratantes.

E com um tapa, ele varreu a Argentina do mapa da América do Sul. Sem pestanejar, respondi:

— É engraçado. Na nossa cidade, você bajulava qualquer pessoa medíocre para receber de presente um terno ou um par de botinas. Inclusive, falava poucas e boas do Brasil. Aqui, faz o contrário. Não me parece errado que admire o país em que consegue o pão de cada dia; o que me parece errado é que esteja constantemente desprestigiando nossa pátria. Pense que se não te queriam nos jornais nem como faz-tudo, era porque os diretores tinham a veemente suspeita de que você poderia fugir com as bengalas e os sobretudos que os visitantes deixavam nos cabideiros. Uma questão de ética profissional. Não é possível ficar explicando a cada senhor que vai a uma redação: “Senhor, traga seu chapéu porque não é seguro deixá-lo com ele.”

Por três razões

Um homem sai de seu país por três razões. A primeira: porque a polícia ou os juízes têm interesse em conversar amigavelmente com ele e submeter certos problemas jurídicos ao seu entendimento: um homem modesto e inimigo da popularidade se manda. A segunda razão: porque quem viaja tem dinheiro e se entendia em seu país, pensando que vai se entediar menos em outro lugar, no que está errado. E a terceira: porque sendo um perfeito inútil, acredita que, em outro lugar, sua inutilidade se converterá em capacidade de trabalho.

Cada um desses viajantes vê o país que visita com um critério diferente.

O ladrão no estrangeiro

“Este sim que é um lindo país para o roubo, o furto, a gatunagem e a jogatina. No entanto, sinto saudade da Argentina. Sinto falta. Onde se pode encontrar uma cadeia como a nossa? Onde, homens da lei como os nossos, que tanto servem para brincar de “unha-na-mula” quanto para uma delicadíssima ação fraudulenta?

E os tiras? Me mostre um país que tenha tiras melhores que os nossos, homens de coração, de respeito, que só

te jogam no xadrez quando você não tem dez pesos nem para o *puchero*; e que, por cem pesos, deixam você roubar o próprio comitê monetário.

Ah, Buenos Aires, pátria querida! Seus presídios são a honra e a presteza da América do Sul. Meu coração não te esquece, porque foi lá que transcorreram os dias mais tenros de minha adolescência e mocidade, e foi entre suas grades enferrujadas que aprendi a ser como um homem da lei.”

O viajante entediado com sua pátria

“Eu não nego que o Rio de Janeiro seja mais pitoresco que Buenos Aires. Não nego que a paisagem seja esplêndida. Mas me enfado do mesmo jeito. As montanhas e os morros estão sempre no mesmo lugar, e isso não tem graça. Além disso, na minha terra, também existem montanhas e estarão sempre lá — até que o governo resolva dá-las de bandeja ao melhor comprador. Morro de tédio, sim, senhores. Mesmo com todo o meu dinheiro, fico espantosamente entediado. Fui ao cabaré e, antes de entrar, advertiram-me que as “damas” que dançam ali devem ser tratadas como “senhoritas”. Façam-me o favor! Eu não vim a esse país para chamar de senhoritas as mulheres que na minha cidade são chamadas de: “ei, *milonguita!*”. Isso, sem excluir que todas, invariavelmente,

contam com uma história sentimental de viuvez errante, de um marido amado que morreu faz muitos anos, deixando-as na rua da amargura. Não há uma sequer que não diga que morre de vontade de conhecer um homem inteligente; e que elas são inteligentes também, ao ponto de uma, certa vez, para me demonstrar que o era, ter tirado de sua bolsa algumas anotações sobre puericultura e o gráfico de temperatura de uma criança tratada com arsenobenzol.

— Pelo amor de Deus! Eu não vim aos cabarés para estudar obstetrícia, nem doenças sanguíneas.

O inútil

“Eu te odeio e te desprezo, Buenos Aires. Eu te desprezo e te odeio. Você deixou que um gênio como eu, tanto por parte de pai quanto de mãe e da ama de leite, viesse vergonhosamente ao Brasil para ganhar seu ‘feijão’. Com teimosa indiferença, você deixou que eu me ausentasse e viesse deslumbrar alguns negros com minhas bajulações e me convertesse num vulgar puxa-saco de qualquer branco que tenha migalhas de pão na algibeira. Ó, injustiça! Ó, insignificância! Você não se envergonha disso, República Argentina. Você não hasteia a sua bandeira a meio mastro. Isso revela o pedregulho que é o seu coração. Lá, meu almoço cotidiano

consistia em percorrer as vitrines dos restaurantes, ler os menus e estabelecer estatísticas de preços e informações de pratos; aqui, engordo a minha humanidade com bananas, feijão e arroz; aqui, eu janto todos os dias como Deus manda. Aqui, choro de admiração diante do Pão de Açúcar; faço o sinal da cruz quando olho o Corcovado e gaguejo quando me refiro à baía, e vou muito bem, sim, senhor. Estou até pensando em fazer um discurso na Academia Brasileira de Letras... Eu, que lá, em minha terra, não poderia dissertar nem na mesa do café. Eu te detesto, Buenos Aires, meu ódio fica maior a cada dia que passa, mais venenoso, e apodrece à medida que minha pele se torna mais lustrosa e engordo ao lambar as botinas dos homens daqui.”

É assim que se expressam esses três tipos de viajantes.

OS MININOS

(SEXTA-FEIRA, 16 DE MAIO DE 1930)

Os mininos não são gatos, não...! Os mininos são garotos. É assim que os chamam nesse país. E vocês saberão o porquê.

Bom, eu já fiz algumas observações curiosas acerca dos mininos. Os mininos são bons garotos. Não vou dizer que choram quando apanham, como assegurava o sábio que foi patrão de Gil Blas de Santillana, referindo-se aos pirralhos gregos que existiam antes mesmo que aparecesse Nosso Senhor Jesus Cristo, mas insisto: descobri detalhes que demonstram que o minino brasileiro é diferente do “pibe” portenho e do uruguaio “botija”, já que no Uruguai chamam os menores de “botija”. É certo! Em cada país, os catarrentos têm um nome diferente. Mas essa coisa de “minino” é magnífica e doce. “Vem pra cá, minino”, diz a mãe ao filho quando quer lhe dar uma surra e a peste foge como um gato escaldado.

Grafites

Vocês irão se lembrar que eu escrevi um texto sobre o senhor Bergeret, cuja testa era cuidadosamente adornada por sua esposa, enquanto os meninos da região se entretinham ao decorar as paredes com a imagem de Bergeret coroada com grandes chifres. Também devem se lembrar de que eu disse que o senhor Bergeret qualificava esses desenhos de “grafites”, comparando-os com os que foram descobertos nas ruínas de Pompeia e Herculano.

Os leitores também se lembrarão de que escrevi outro texto (talvez, vocês não se lembrem, porque eu já escrevi 694 deles) em que eu falava do infinito prazer que os nossos meninos experimentam ao decorar as paredes com desenhos que fazem com que as senhoras virem a cabeça e os casais de namorados ruborizem ao passar e olhar distraídos. Esse gênero de grafite pertence ao pictórico, segundo as teorias do exímio Bergeret. Enquanto isso, os outros grafites dizem: “Quem está lendo é um bundão” e outras finezas impossíveis de reproduzir, pois pertencem a esse gênero literário.

Indiscutivelmente, no gênero pictórico (como no gênero literário), há casos teratológicos, monstruosidades da imaginação infantil que espantariam até um cínico, os poetas iniciantes e os gênios de nascença. Para o observador inteligente, irá se destacar o seguinte detalhe, que deixa de

ser mero detalhe para se converter em realidade capital. As inscrições ou grafites mais desavergonhados encontram-se nas proximidades das escolas, o que demonstra que a instrução exerce efeitos saudáveis sobre a alma infantil.

O material empregado por nossos pirralhos para dar cabo às suas obras artísticas são: o pedaço de carvão, os lápis de cor e os pedaços de giz que roubaram nas salas de aula.

Os mininos

Inutilmente, tão inutilmente como um viajante buscaria um pinheiro no Saara ou uma bananeira no Polo, eu busquei por essas ruas de Deus os grafites que poderiam me esclarecer sobre o palavirão brasileiro ou a imaginação infantil.

Eu perambulei pelas escolas do subúrbio, pelos bairros operários, pelas ruazinhas escuras e sujas como guetos. Andei pelos morros e pelos cantos mais absurdos, pelos barracos, nos quais vivem negros que parecem mais babuínos do que homens; pelos subúrbios, pelos bairros burgueses, pelas ruas íngremes das ilhas e, em nenhum lugar, encontrei os notáveis grafites que nos mostram um senhor com chifres saindo por cima de seu chapéu ou realizando atos mais do que prejudiciais para a imaginação infantil. Tampouco encontrei as inscrições que enterneceriam um arqueólogo e que falam

mais ou menos assim: “Fulano é um não sei o quê”, ou então: “Eu sou um...” e foram feitos para insultar quem está lendo.

Esse fenômeno me perturbou profundamente. Consultei algumas pessoas a respeito desse tópico em específico e me responderam que não é um costume daqui dizer palavrões, o que é muito possível, porque, desde que cheguei ao Rio, não ouvi nenhuma enxurrada de palavras de baixo calão, nem mesmo entre os homens que descarregam a pescaria na orla do porto.

Também não praticam a terminologia usada por nossos deputados e senadores nos dias em que as discussões viram um pé de guerra, nem as metáforas que, nas lutas de boxe, enfeitam o ambiente cultural que as anima.

Mas, voltando aos mininos, é de ficar assustado. Se tivessem me contado, eu não teria acreditado. Mas, depois de andar atenciosamente em busca dessas amostras de arte infantil e popular e não as encontrar, eu me convenci de que o “minino” brasileiro é cem mil vezes mais educado do que os nossos pivetes e cem mil vezes menos irritadiço do que o botija uruguaio.

O fenômeno tem explicação. Os garotos são, ou recebem, a influência dos mais velhos e do ambiente que os rodeia. E a educação daqui é impostíssima, mesmo nas classes mais pobres que, como eu disse em outro texto, os jornaleiros

são senhores quando comparados com os nossos pequenos vendedores de jornal.

Você deve desistir de encontrar o protótipo do fora da lei e do homem da carrocinha que dá brilho e prestígio a nossa cidade estupenda e viciada em corridas de cavalos. Você deve renunciar a esse diálogo cintilante de graça e literatura que se dá entre um motorneiro neurastênico e um carroceiro semiembriagado. Desista dessas indiretas que duas comadres descabeladas e furiosas trocam entre si nas pensões. Renuncie aos afrescos, à inscrição que Anatole France consideraria reprodução de uma inscrição greco-latina; abandone o impressionante lunfardo,¹⁹ bravo, insolente, cabreiro, afiado e pontiagudo como uma faca. Aqui, ou se fala docemente, ou então não se fala.

Que se vai fazer...! Assim é o Brasil.

19 Dialeto argentino popular que nasceu através de códigos usados entre marginais.

ESPEREM-ME, VOU CHEGAR DE AVIÃO

(QUARTA-FEIRA, 21 DE MAIO DE 1930)

Hoje, dia 14 de maio, recebi dois telegramas. Um, dos meus colegas e diretor, felicitando-me porque ganhei o terceiro lugar, dois mil pesos, no Concurso Literário Municipal, com meu romance *Os sete loucos*; e outro me avisando de que a empresa Nyrba gentilmente me presenteou com uma passagem do Rio a Buenos Aires em um hidroavião.

Precisamente meia hora antes desses dois telegramas chegarem, estávamos comentando, na Associação, o desastre que aconteceu com um avião que se dirigia de Buenos Aires ao Rio, desastre ocorrido no dia 9 (podem jogar na quinzena).

O fato é que recebi os dois telegramas, os li por inteiro e me dirigi à Nyrba. Se me permitem, vou reproduzir o diálogo com o chefe da filial:

— Prezado senhor, o telegrama diz que eu tenho que sair amanhã, dia quinze, mas como não tenho os papéis em ordem...

— Ah! Não tem problema: vá no dia 21.

Tal foi o gesto de: “Ah! Não tem problema”, que eu, involuntariamente, o interpretei como se quisesse dizer: “Homem, por que tanta pressa?!”

— E os hidroaviões são seguros? (Que pergunta!)

— Seguríssimos...

— E o desastre recente?

— Não era um hidroavião, era um avião... O hidroavião flutua na água, o que significa, para um bom entendedor que, se o aparelho cair, em vez de você se desfazer em pedaços e pedacinhos, você se afoga como um cachorro, “um macabeu ensopado”, como diriam os ladrões de Marselha.

E isso me desiludiu. Sejamos francos. Se você morre afogado, ou eles te pescam tranquilamente, ou então não o pegam nunca mais. E os jornais dizem: “Desaparecido.” E, na cabeça das pessoas, quem desaparece sempre deixa a esperança de que possa aparecer de novo. Por outro lado, se a maquinaria cair em terra, não resta dúvida, a gente acaba em pedaços. Os jornais, que exploram a notícia truculenta, escrevem então: “Os cadáveres estavam tão destroçados que foi necessário juntar os fragmentos do corpo de nosso colega de trabalho com pinças. Foi uma tarefa árdua, porque a massa encefálica estava muito escorregadia e, ao caminharem, os trabalhadores patinavam no terreno impregnado de massa cinzenta.”

E, é claro, a gente tem a imensa satisfação de saber que, mesmo estando bem morto, continua dando trabalho aos outros.

E o premiado

A única coisa que lamento é não saber os nomes do primeiro e do segundo colocados. Porque então poderia, de imediato, ainda que eu me encontre a três mil quilômetros de Buenos Aires, imaginar as fofocas e comentários dos prejudicados, ou seja, de todos aqueles que não foram premiados. Que iguaria eu estou perdendo!

Meu Deus, que iguaria! Eu conheço quase todos os “queridos amigos”.

Que iguaria estou perdendo!

Agora, voltando ao prêmio, vou dizer que estou bastante surpreso de ter sido premiado. Em nossa cidade, os terceiros lugares sempre foram reservados aos melhores prosadores. Exemplos: Elías Castelnuovo, terceiro lugar; González Tuñon, terceiro lugar; Álvaro Yunque, terceiro lugar. O terceiro lugar é palco de luta, não há candidato ao prêmio que não diga: “Me conformo com o terceiro lugar”. E, no fim das contas, arma-se tal confusão para escolher o terceiro lugar que as pessoas ficariam aturdidas se soubessem.

Além disso, a tarefa dos jurados é ingrata. Não há ninguém que deixe de ganhar o terceiro lugar que não se sinta no direito de difamar os jurados.

Eu, que sou um filósofo cínico antes de tudo, direi que a decisão dos jurados me deixou mais do que tranquilo: satisfeito. Por estas razões:

1º. Porque eles podiam não ter me dado prêmio nenhum.

2º. Porque não entrei no concurso para buscar prestígio (que tenho de sobra), e sim dinheiro, e dinheiro foi o que eles me deram.

3º. Porque a vida é assim e nenhum homem pode ser mais feliz, porque em vez de dar dois mil pesos, eles lhe deram três ou cinco mil, que é o prêmio máximo.

Suponham que, viajando do Rio a Buenos Aires, o hidroavião caia no fundo do mar. Eu, por uma ganância estúpida, teria perdido a satisfação de ter recebido um prêmio. Depois, todos nós, escritores, temos consciência do que merecemos e do que não merecemos. E, que diabo! Se você trabalhar duro, escreverá bons livros, porque tem condições e vontade para isso. E, se chegar um prêmio maior, vai recebê-lo com igual tranquilidade, porque o homem pode sonhar tão alto que, poucas vezes, a vida com a sua realidade pode superar os sonhos e a satisfação que eles são capazes de proporcionar.

E assim eu receberei meus pesos. Certamente haverá banquetes de autores, aos quais não pretendo comparecer, porque os banquetes me entediam e, ainda mais, as imbecilidades ditas no final deles por aqueles que se embriagaram no decorrer da confraternização. E, novamente, todos os que não foram premiados se apressarão em recopilar um livro de qualquer coisa para tentar se aventurar no “concurso que vem”.

Ah! Haverá também retratos para as revistas, literárias ou pseudoliterárias, que escreverão efusivos parabéns aos autores. Um ou outro senhor irá pedir o livro premiado com uma dedicatória; e um senhor, frio, indiferente a tudo, sorrirá amavelmente às pessoas, que depois de lhe apertarem a mão, irão embora pensando:

— É uma injustiça que tenham dado a ele o prêmio, tendo tantos outros que merecem mais do que ele.

E assim é a vida. E a prova de que acho que a vida é assim tão feia e estúpida, é que vou viajar de hidroavião.

VIAGEM A PETRÓPOLIS

(QUINTA-FEIRA, 22 DE MAIO DE 1930)

Ainda não consegui explicar a mim mesmo por que motivos a viagem para Petrópolis é tão barata: duas horas de trem são oito mil réis, ou seja, dois pesos e quarenta.

Tinham me falado tanto das belezas dessa viagem que, apesar da minha desconfiança de tudo aquilo que é motivo de elogios, resolvi perder um dia e só vou dizer o seguinte: se algum dia, vier ao Brasil e tiver um tempo, não deixe de fazer a viagem Rio de Janeiro-Petrópolis. É, simplesmente, impressionante.

A primeira hora

Você pega o trem numa pequena estação moderna, bastante parecida com a nossa estação da Plaza Once. Limpa, confortável e bonita. Você compra a passagem e, ao retirá-la, tem que entregá-la em outra bilheteria para que eles possam te dar

o número do assento, já que os vagões de primeira classe, nas viagens longas, têm assentos numerados. Entretanto, os vagões não estão à altura desse luxo de assento numerado. São velhos e sujos até dizer chega. Mas a gente se acostuma com tudo.

Aos quinze minutos de viagem, o trem entra numa diagonal que sai do subúrbio operário, por onde corre outra linha férrea, e começa... Aqui estão as dificuldades da descrição. Em uma caderneta, fiz anotações para evitar a confusão que surge quando a paisagem muda constantemente, algo que acontece muito por aqui.

Um ardente céu de anil. Abaixo, pântanos; no fundo, erguidas, duas palmeiras — seus troncos altos, sua folhagem em cascata. Pássaros singulares levantam voo entre as pastagens. Aparecem morros cobertos de vegetação, a floresta cresce e fica mais densa instantaneamente e, de repente, em um vislumbre, é possível ver, entre as clareiras verdes, passar um negro que carrega na cabeça um feixe de lenha cortada.

O trem guincha infernalmente. De repente, surge um morro que parece construído com tubos de pedra, prensados; canos voltados para cima. Esse órgão de granito começa amarelo ocre; em seguida, a pedra adquire tonalidades de grená e vinho. É maravilhoso! Desaparece e vêm os pastos. Uma curva do rio, uma cabana de negros, duas canoas debaixo de um galpão. Mais adiante, aparece o esboço de uma cabana

sem estar terminada. A estrutura é feita de juncos, os retículos formados pelos entrecruzamentos são preenchidos com barro. Ao longe, entre uma fissura azul da montanha, se levanta um obelisco de pedra. Corre o trem e as árvores de folhas escarlates e verdes. Se olharmos com atenção, descobriremos entre os troncos um espelho negro: é a água. Uma planície invisível de água coberta pela floresta. Caminhos estreitos, abertos a machado entre as árvores aparecem, caminhos acolchoados de galhos, por onde negros com chapéu em forma de sino andam obliquamente. Quilômetros de flores brancas, paralelas à via férrea: são os lírios d'água. Levantamos os olhos e a montanha parece estar tão perto que conseguimos imaginá-la como uma grande ameaça. Pequenas ilhas de planície estão cobertas de bananeiras, as quais parecem pés de milho, de tronco grosso e folhas largas com bordas em zigue-zague. Uma negra vestida de branco afasta os galhos e emoldura seu rosto de chocolate entre os leques de vegetais verdes. Sua mão saúda ao trem que passa. Onde começa a água e termina a terra? Não se sabe.

Onde logo se explica algo

O trem para em uma estação. Uma multidão de meninos descalços e de olhos avermelhados rodeia os vagões enquanto miam como gatos:

— Miau... miau... — eles reproduzem.

Alguns oferecem frutas que mais parecem tumores cancerosos e cachos de bananas. E outro insiste:

— Miau... miau...

O viajante pensa: “Que maneira estranha esses garotos tem de se divertir!”

O trem se põe em marcha e os miados multiplicam. Na outra estação, acontece a mesma coisa. Antes do trem parar, miados de gatos desesperados explodem em seus ouvidos. “Esses garotos estão zombando da gente”, você pensa, “estão nos chamando de gatos”. E se você perguntar a alguém que conheça o lugar o que está acontecendo, ele te responderá:

— Com esses gritos, eles estão pedindo os jornais que os passageiros terminaram de ler.

Você fica satisfeito. Ah! Nunca jogue uma moeda a esses garotos e, se fizer isso, jogue-a a uma boa distância dos trilhos. Quando alguém joga a eles uma moeda, os meninos vão buscá-la até debaixo dos vagões, mesmo que estejam andando.

O céu se tornou invisível de tanta fumaça expelida pelas locomotivas. O comboio voltou a andar, você olha pra frente e os vagões parecem que estão andando sozinhos. A locomotiva, desde lá detrás, empurra os vagões. Entre os dois trilhos, aparece um terceiro trilho dentado: a cremalheira. O

comboio sobe, abrem-se a seus pés precipícios arrepiantes; uma janela entre dois altos cones de pedra e, lá longe, o mar, que parece estar a uma altura prodigiosa. E, entre a linha do mar e você, uma profundidade infinita, escura e tempestuosa. Nesse momento, você compreende o que é viajar de avião. Lá embaixo, a paisagem é quadriculada como nas fotografias aéreas. O mar está cada vez mais alto; entre você e o mar, há sempre um ângulo de profundidade espantosa. Você olha a expressão nos rostos dos passageiros: todos os que nunca viajaram nessa linha se entreolham. Alguns fecharam os olhos ou se encolheram nos assentos. A noite chega, o motor da cremalheira emite pequenos assovios de moribundo, os vagões guincham e continuamos a subir. As cristas dos morros vão, sucessivamente, ficando lá embaixo, em um semicírculo. Os altos cones de antes, são pequenos vales agora. O céu está azul. De repente, um relâmpago cai em um ângulo imprevisto, uma nuvem cor de barro cobre os picos e uma catarata de água se solta das nuvens. O motor da cremalheira ofega terrivelmente. Lá embaixo, bem lá embaixo, um trapézio de lâmpadas elétricas — vá saber a qual distância! A pedra tem, à noite, com a explosão dos trovões, a cor da pele do leão. A água golpeia os vidros das janelas. Uma curva e novamente o céu azul, a tempestade ficou para trás em um vale. No lugar em que antes estava a taciturna

e alta linha do mar, surge uma espectral reta amarelada e oblíqua: são as luzes do Rio de Janeiro.

O comboio para. Estamos no Alto da Serra. Os pequenos motores da cremalheira são desengatados. Um negro, apur-
mado, dá ordens. Falta meia hora para chegar a Petrópolis.
O terreno agora é plano.

DIÁRIO DE QUEM VAI VIAJAR DE AVIÃO

(QUINTA-FEIRA, 29 DE MAIO DE 1930)

Posso ser tão culpado quanto vocês queiram que eu seja, mas tenho a perfeita noção do que significa ser jornalista e, como além de jornalista, sou um homem, e, como homem, sujeito à possibilidade de morte violenta, hoje, dia 18 de maio, domingo em Buenos Aires e “primeira-feira” aqui no Brasil, dou início a esse breve diário de um cara que terá que viajar dezessete horas num hidroavião.

Domingo, 18 de maio

Dezessete horas vezes sessenta minutos é igual a mil e vinte minutos, vezes sessenta segundos, 61.200 segundos... ou seja, eu tenho 61.200 probabilidades de chegar contra 61.200 probabilidades de não chegar. Altura: realmente me impressiona cair dessa altura, mas tanto faz cair de quatro, cinco ou de mil metros. Realmente, a lógica é uma beleza.

Fantasia: cáímos no mar. Eu mando um radiotelegrama ao meu diretor: “Estamos ferrados. Há aqui um inglês que lê a Bíblia, uma senhora que dá tristeza só de olhar e um jornalista que se sente antropófago. S.O.S.”

Realidade: faltam quatro, não, três dias. Segunda, terça, quarta e quinta, às seis, embarcamos, ou melhor, hidroaviamos. Ah, o que é o destino!

Experimento: por qual razão viajo de avião? Para comprovar se Freud tem razão. Freud diz que os sonhos, por vezes, contêm verdades telepáticas. Pois bem, faz quinze dias que não sonho nada além das coisas mais horríveis e mortuárias. Se acontecer um acidente com o avião, Freud e os sonhos terão razão, e se não acontecer acidente nenhum, significa dizer que Freud está dizendo besteiras quando se refere ao “pressentimento” — e que os sonhos nada mais são do que a consequência do temor subconsciente.

Segunda-feira, 19 de maio

Por que será que as coisas novas só nos interessam no primeiro dia e, depois dele, o interesse desaparece? Não sei o porquê, mas suspeito de que a viagem vai ser um saco. Hoje um senhor me contou que os aviadores da Nyrba são submetidos a um regime especial e severo, por exemplo, não

podem virar a noite, nem frequentar botequins, nem coisas desse tipo. No estilo dos aprendizes de santos, devem viver casta e recatadamente.

Fui ao Departamento de Polícia obter o visto no meu passaporte. No Departamento de Polícia, encontrei a mesma ordem do Jardim Zoológico. Inclusive, negros que vendem bolinhos fritos — não fora do departamento, e sim lá dentro. Um garoto de recados e um investigador quase saíram no tapa na minha presença, disputando a honra de colocar o visto no meu passaporte. Por fim, o garoto foi embora e entramos em escritórios com cortinas que representam o escudo ou a bandeira do Brasil. Para honrar o país, a sujeira que havia lá era tropical. A cada momento, eu me lembrava do Jardim Zoológico. Dei cinco mil réis de gorjeta ao empregado que abreviou os trâmites, e ele me acompanhou até a porta. Sua subserviência era tanta que, se eu deixasse, ele me acompanharia até o restaurante, pois já era hora de jantar.

Quarta-feira, 21 de maio

Hoje, eu recebi uma notícia desagradável. A saída do avião foi adiada para o dia 25. Parece que, no Mar do Caribe, houve uma tempestade que nem Jesus escaparia; e se o Diabo não se opuser, estaremos em Buenos Aires no dia 26.

Sexta-feira, 23 de maio

Nova postergação. O avião não partirá para Buenos Aires até o dia 29. Pelo que parece, os aparelhos estão desgastados graças a canseira que foram submetidos pela tempestade de Nova York até o Rio de Janeiro. Uma moleza... quero dizer, um “macabeu ensopado” de fato. Para acabar com o tédio, gastei 28 mil réis e comprei a *História da conquista da Nova Espanha*, de Bernal Dias de Castillo, soldado que acompanhou Hernán Cortés e que escreveu dois volumes de 500 páginas cada um.

Curiosidade

Sonhos macabros, aviões que não podem sair devido a tempestades. Nunca na vida tive mais curiosidade do que agora: acontecerá ou não um acidente?

Vocês se darão conta de que é uma questão puramente científica. Se não acontecer nada, os sonhos terão sido consequência da má digestão, mas, se acontecer algo, qual importância científica ou de “pressentimento verdadeiro” devemos dar aos sonhos? Inclusive e agora, eu me lembro de que, algumas noites atrás, sonhei com um amigo que morreu afogado em um acidente no rio da Prata e que foi uma tragédia muito comentada. O nome do afogado era Trainor,

estava acompanhado de outro rapaz de sobrenome Fabre. Sem dúvida, ser ator de uma aventura assim não é nem um pouco engraçado, mas, de qualquer modo, ao morto resta o belo consolo de pensar ao dar os últimos suspiros: “Não estava enganado, Freud tinha razão.”

Traduzido por Camille Pezzino

É tradutora, revisora, pesquisadora e crítica literária. Mestre em Letras Clássicas na Área de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade Clássica, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, estudou, durante seu percurso acadêmico como pesquisadora, Filosofia e História da Antiguidade, Literatura e Linguística. Atua como crítica literária através do site Caneta Tinteiro (2017).

RIO DE JANEIRO - AVENIDA RIO BRANCO.





Aguafuertes Cariocas

Roberto Arlt

CON EL PIE EN EL ESTRIBO

(SÁBADO 8 DE MARZO DE 1930)

Me rajo, queridos lectores. Me rajo del diario... mejor dicho, de Buenos Aires. Me rajo para el Uruguay, para Brasil, para las Guyanas, para Colombia, me rajo...

Continuaré enviando notas. No lloren, por favor, ¡no! No se emocionen. Seguiré alacraneando a mis prójimos y charlando con ustedes. Iré al Uruguay, la París de Sud América, iré a Río de Janeiro, donde hay cada menina que da calor; iré a las Guyanas, a visitar a los presidiarios franceses, la flor y crema del patíbulo de ultramar. Escribo y mi cuore me late aceleradamente. No doy con los términos adecuados. Me rajo indefectiblemente.

¡Qué emoción!

Hace una purretada de días que ando como azonzado. No doy pie con bola. Lo único que se aparece ante mis ojos es la pasarela de un piccolo navío. ¡Yo a bordo!

¡Me caigo y me levanto! ¡Uy, dió! Si me acuerdo de mis tiempos turros, de las vagancias, de los días que dormí en las comisarías, de las noches, entendámonos, de los viajes en segunda, del horario de ocho horas cuando laburaba de dependiente de librería; del horario de doce y catorce horas, también, en otro boliche. Me acuerdo de cuando fui aprendiz de hojalatero, de cuando vendía papel y era corredor de artículos de almacén; me acuerdo de cuando fui cobrador (los cobradores me enviaron un día una felicitación colectiva). ¿Qué trabajo maldito no habré hecho yo? Me acuerdo de cuando tuve un horno de ladrillos; de cuando fui subagente de Ford, ¿qué trabajo maldito no habré hecho yo? Y ahora, a los veinte y nueve años, después de seiscientos días de escribir notas, mi gran director me dice:

—Andá a vagar un poco. Entretenete, hacé notas de viaje.

Bueno. El caso es que he trabajado. Sin vueltas. La he yugado cotidianamente, sin un domingo de descanso. Cierta es que mi trabajo dura exactamente treinta minutos, y que luego me mando a mudar a tomar fresco. Pero eso no impide que baile en cuatro pies.

¡Conocer y escribir sobre la vida y la gente rara de las Repúblicas del norte de SudAmérica! Digan, francamente, ¿no es una papa y una lotería?

Dos trajes, nada más

Ustedes me dirán qué programa tengo. No tengo ningún programa, no llevo ninguna guía. Lo único que llevo en mi valija son dos trajes. Un traje para tratar con personas decentes y otro hecho pedazos, con un par de alpargatas y una gorra desencuadernada.

Pienso mezclarme y convivir con la gente del bajo fondo que infesta los pueblos de ultramar. Conocer los rincones más sombríos y más desesperados de las ciudades que duermen bajo el sol del trópico. Pienso hablarles a ustedes de la vida en las playas cariocas; de las muchachas que hablan un español estupendo y un portugués musical. De los negros que tienen sus barrios especiales, de los argentinos fantásticos que andan huidos por el Brasil; de los revolucionarios de incógnito. ¡Qué multitud de temas para notas en ese viaje maravilloso que me hace escribir en la Underwood de tal manera que hasta la mesa tiembla bajo la trepidación de las teclas!

¡Viajar... viajar...!

¿Cuáles de nosotros, muchachos porteños, no tenemos ese sueño? ¡Viajar! Conocer cielos nuevos, ciudades sorprendentes, gente que nos pregunte, con una escondida admiración:

—¿Usted es argentino? ¿Argentino de Buenos Aires? Ustedes saben perfectamente cómo soy yo. No me caso

con nadie. Digo la verdad. Bueno: iré a ver esos países, sin prejuicios de patriotismo, sin necesidad de hablar bien para captarme la simpatía de la gente. Seré un desconocido, que en ciertas horas va bien vestido y en otras parece un atorrante, mezclado con los cargadores de los puertos. Trataré de internarme en la selva brasileña. Conoceré ese maravilloso bosque tropical que es todo luz, vida y color. Mandaré mis notas por correo aéreo. Digo que el corazón me late más rápido que nunca. ¡Lejos, lejos, lejos!

Y esta ciudad

Donde vaya me llevaré la visión de esta ciudad. Donde esté siempre sabré, como lo sé ahora, que miles y miles de amigos invisibles, siguen mi trabajo con sonrisa cordial. Que en el tren, el tranvía o la oficina, entreabrirán el diario pensando:

—¿Qué noticias nuevas mandará ese vago?

Porque me honro y enorgullezco de pertenecer a la gran cofradía de los vagos, de los soñadores que trotan por el mundo y que les proporcionan a sus semejantes, sin trabajo ninguno, los medios de ir de un rincón a otro, con el único pasaje de cinco o diez centavos y el boleto de un artículo, a veces bien y a veces mal escrito...

¡Saraca! ¡Victoria! ¡Abandono la noria! Van a ver ustedes qué notas les enviaré... (se me va la mano... como siga en este tren, terminaré por escribir na macana). No llevo guías ni planos con cotas de nivel, ni libros informativos, ni geografías, ni estadísticas, ni listas de personajes famosos. Únicamente llevo, como introductor magnífico para el vivir, dos trajes, uno para codearme con la gente decente, otro roto y sucio, el mejor pasaporte para poder introducirme en el mundo subterráneo de las ciudades que tienen barrios exóticos. Felicidad, grandes amigos.

YA ESTAMOS EN RÍO DE JANEIRO

(MIÉRCOLES 2 DE ABRIL DE 1930)

Vea la tierra brasileña —me dijo el médico que había sido mi compañero a bordo.

Y miré. Y lo único que vi fueron, a lo lejos, unas sombras azuladas, altas, que parecían nubes. Y, mareado, volví a meterme en mi camarote.

Dos horas después

En medio de un mar oscuro y violáceo, conos de piedra de base rosa-lava, pelados como calveros en ciertas partes, cubiertos de terciopelo verde en otras, y una palmera en la punta. Bandadas de palomas de mar revoloteaban en torno.

Un semicírculo de montañas, que parecen espectrales, livianas como aluminio azul, crestadas delicadamente por un bordado verde. El agua ondula aceitosidades de color sauce; en otras, junto a los peñascos rosas, tiene reflejos de

vino aguado. Algunas nubes como velos de color naranja envuelven una sierra jorobada: el Corcovado. Y más lejos, cúpulas de porcelana celeste, dados rojos, cubos blancos: ¡Río de Janeiro! Una calle fría y larga al pie de la montaña: el paseo de Beira Mar.

Todo el paisaje es liviano y remoto (aunque cercano) como la substancia de un sueño. Sólo el agua del océano, que tiene una realidad maciza, lame el hierro de la nave y se pega en flecos a los flancos, insistente, y en el anfiteatro de montañas, sobre las que se levantan lisas murallas destrozadas de montes más distantes, se agrisa sobre casitas cúbicas que son el vértice de los conos. Dados blancos, escarlatas, luego el barco vira y aparece un fuerte, igual a una enorme ostra de pizarra que flota en el agua. Sus cañones apuntan a la ciudad; más allá naves de guerra pintadas de azul piedra; banderas verdes, diques, agua mansa color polvo de tierra; una lancha cargada de pirámides de bananas, un negro cubierto de un birrete blanco que rema apoyando los pies en el fondo de la chalupa, minaretes de porcelana, torres lisas, campanarios, acueductos, tranvías verde ciprés, que resbalan por la altura de un cerro. Una calle, sobre el techado de un barrio; en el fondo, un farallón de granito rojo. Casas de piedra suspendidas de la ladera de una montaña; chalets de techo de tejas a dos aguas, una profundidad asfaltada, negra como

el betún, geométrica, nuestra Avenida de Mayo. Y arriba, montes verdes, crestas doradas de sol, cables de telégrafos, arcos voltaicos, luego todo se quiebra. Un potrero, dos galpones, una serie de arcos de mampostería que soportan en el ábside los pilares de un segundo piso de arcos. A través de los arcos se distinguen callejuelas empinadas, escaleras de piedra en zig zag. Súbitamente cambia la decoración y es el frente esponjoso de un cerro, dos alambres carriles, un pájaro de acero que se desliza de arriba abajo en un ángulo de sesenta grados, y la perfecta curva de una bandeja de agua...

Parece que se puede estirar el brazo y tocar con la punta de los dedos la montaña perpendicular a la ciudad escalonada en los diversos morros.

Porque la ciudad baja y sube, aquí en lo profundo, una calle, luego, cien metros más arriba, otra; un callejón, un socavón, calveros y altozanos de color pasto, con caries rojizas y mirando a un abismo que no existe. Ventanitas rectangulares de tablas; un bosque de tamarindos, de árboles plumeros, de palmeras, y al costado gradinatas de adoquines, caminos abiertos en tierra color de chocolate, y perfectamente recta la Avenida de Río Branco, la Avenida de Mayo de Río, tan perfecta como la nuestra, con sus edificios pintados de color rosa, de color cacao, de color ladrillo, entoldados verdes, pasajes sombríos, árboles en las aceras, calles empapadas

de sol de oro, toldos escarlatas, blancos, azules, ocre, ruas oblicuas, ascendentes, mujeres...

Negros; negros de camiseta roja y pantalón blanco. Una camiseta roja que avanza movida por un cuerpo invisible; un pantalón blanco movido por unas piernas invisibles. Se mira y de pronto una dentadura de sandía en un trozo de carbón chato, con labios rojos...

Mujeres, cuerpos turgentes envueltos en tules; tules de color lila velando mujeres de color cobre, de color bronce, de color nácar, de color oro... Porque aquí las mujeres son de todos los colores y matices del prisma. Hay mujeres que tiran al tabaco rubio, otras al rimmel, y todas envueltas en tules, tules color de clavel y rosa. Tules, tules...

He dado un pálida idea de lo que es Río de Janeiro... el Diamante del Atlántico.

COSTUMBRES CARIOCAS

(JUEVES 3 DE ABRIL DE 1930)

Definiendo para siempre Río de Janeiro yo diría: una ciudad de gente decente. Una ciudad de gente bien nacida. Pobres y ricos.

Ejemplo

Me desperté temprano y salí a la calle. Todos los comercios estaban cerrados. Y, de pronto, me detuve sorprendido. En casi la mayoría de las puertas se veía una botella de leche y un envoltorio de pan. Pasaban negros descalzos para su trabajo; pasaba gente humilde... y yo miraba perplejo: en cada puerta una botella de leche, un envoltorio de pan...

Y nadie se alzaba con la botella de leche ni con el envoltorio de pan... Estimado lector del subterráneo, del ómnibus, de la sobremesa, creo que usted levanta la vista y piensa: «¿Qué novela es la que hoy nos cuenta Arlt?».

He necesitado verlo para creerlo. He necesitado ver otras cosas para creerlas.

Otro ejemplo

En los tranvías no se despachan boletos. Cuando usted sube, el guarda o usted mismo tira de un cordón. En una espacie de reloj automático queda marcada la subida del pasajero mediante un número. Por ejemplo, el reloj acaba en el número 1000. Usted tira del cordón y queda indicado en el control el número 1001.

He subido a muchos tranvías. No he tirado el cordón pensando: «El guarda se queda con el importe del viaje». Me he equivocado groseramente. El guarda ha tirado del cordón por mí estando el tranvía lleno de gente y con un movimiento extraordinario.

El guarda no se acerca a cobrarle el boleto. Es usted el que lo llama. Veo nuevamente que usted levanta la vista y piensa: «¿Qué novela es la que me cuenta Arlt hoy?».

Y estamos en una ciudad de América del sur, queriendo amigo; a mil seiscientos kilómetros de Buenos Aires. Nada más.

Otro ejemplo

Once de la noche. Mujeres solas por la calle. Salen del cine. Muchachas solas. Suben al tranvía.

Barrios perdidos. Mujeres solas. Vuelven de cualquier parte. Nadie les dice nada. Caminan a medianoche en esta ciudad de ensueño con más seguridad que en Buenos Aires bajo el sol.

Yo no salgo de mi asombro. Pienso en Buenos Aires. Pienso en toda nuestra grosería. En nuestra enorme falta de respeto hacia la mujer y el niño. Pienso en nuestra descortesía y no salgo de mi asombro. A mí, que me resulta tan fácil escribir, me faltan palabras, ahora. El paisaje, mañana o pasado lo describiré. Ha quedado relegado a último término en mi atención. Y ahora creo que también en la atención de ustedes. Sean sinceros. ¿Se justifican esas palabras con que definía Río de Janeiro como una ciudad de gente decente y bien nacida?

Otro ejemplo

Entro a un cinematógrafo y tarde, cuando la función ha comenzado. Una muchacha enlutada, jovencita, se acerca a mí y me conduce hasta la butaca.

Es una «libélula», o sea acomodadora.

Cuando salgo del cine, le pregunto a mi amigo:

—¿Y a estas muchachas no les pasa nada en la oscuridad?

—No... Las veces que ocurrió algo fue cuando algún porteño les faltó al respeto. (Discúlpenme, ando viajando para decir verdades y no para acariciarle el oído a mis lectores). Ya lo veo a usted largando el diario y pensando vaya a saber qué cosas inconcretas. A mí me ha pasado lo mismo, amigo, escribiendo esta nota. Me he detenido un momento en la máquina, diciéndome: «¿Qué puedo decir de estas asombrosas realidades?».

¿Se dan cuenta ustedes? Esto a mil seiscientos kilómetros de Buenos Aires.

En la América del Sur.

Ciudad del respeto

Escribo bajo una extraña impresión: no saber si estoy bien despierto. Circulo por las calles y no encuentro mendigos; voy por barrios aparentemente facinerosos y donde miro sólo hallo esto: respeto por el prójimo.

Me siento en un café. Un desconocido se acerca, me pide una silla desocupada y luego se descubre. Entro a otro café. Una muchacha sola bebe su refresco de chocolate y a nadie le preocupa. Yo soy el único que la mira con insistencia; es decir, soy el único maleducado que hay allí.

DE TODO UN POCO (VIERNES 4 DE ABRIL DE 1930)

Este país es una papa para vivir con moneda argentina. Los precios de cierta mercadería sorprenden. Por ejemplo, usted con un peso moneda nacional no hace ni medio en la urbe. Está en la vía, ¿no es así? ¿Para qué alcanza un peso? Para el tranvía, ¿no es así? Y tres centavos, ¿para qué sirven? Para nada. Usted me dirá cómo es que de un mango he bajado a tres modestísimas guitas, guitas que existen teóricamente, porque el cobre no corre y sólo en estampillas le darán tres centavos.

He descendido de un peso a tres centavos, porque tres centavos en este bendito país tienen por nombre «testón» y con un testón usted se da una buena vuelta de ruas en tranvía. Percátese. Con tres chirolas.

Y el feca... el café negro... seis centavos... y sin propina, porque con café ni el mismísimo Presidente de los Estados Unidos del Brasil daría propina.

¿De qué viven los mozos? Ignoro. Lo único que puedo asegurarle es que no existe aquí ni sombra de Partido Socialista y los comunistas suman un partido de escasísimas personas, a las que la policía persigue concienzudamente.

Precios

Tranvía, según las distancias, 3, 6, 9 y 12 centavos. Con 12 centavos recorre diez kilómetros.

Lustrarse los botines, 8 centavos.

Refresco de caña, un jugo precioso y estomacal, vaso grande, 9 centavos. Café con leche, pan y manteca, 18 centavos.

Caja de fósforos, 3 centavos. Sandwiches de jamón, 6 centavos.

Chopp de cerveza sin agua ni alcohol, 18 centavos.

Cigarrillos, ¡y qué tabaco!, 18 centavos un paquete de veinte cigarrillos y no de hoja de papa o repollo como el que fumamos nosotros.

Una comida de tres platos, postre, que en Buenos Aires pagamos dos pesos; cincuenta centavos. Concurren familias a estos restaurantes.

Sorbetes y refrescos

El idioma portugués, hay que oírlo conversar a una menina, es de lo más delicioso que puede concebirse. Es un parlamento hecho para boca de mujer, nada más.

Pues con los sorbetes y refrescos ocurre lo mismo. Precio general de 18 a 35 centavos... y por 18 a 35 centavos le sirven a usted un refresco que es tan delicioso como una boca de menina hablando portugués.

El sibaritismo brasileño, la voluptuosidad portuguesa y negra, ha inventado sorbetes que son un poema de perfume, color y sabor.

Por ejemplo, soda de chocolate. La soda de chocolate se sirve en un vaso que contiene cerca de medio litro de espuma de chocolate semihelada, ligeramente ácida. Medio litro, casi, de crema de chocolate batida con soda, 35 centavos. Usted se manda a bodega un sorbete de estos y a medida que paladea la espuma de color cacao, perfumada de jazmín, siente que el trópico se le derrite en la sangre.

Y el sorbete de coco. Lo sirven en un vaso como de beber champagne (35 guitas), una esfera blanca como... (me salió una metáfora atrevida... imagínese usted el cómo...) y que tiene un perfume ligeramente acídulo. Es leche de coco congelada. Helado para el paladar de una menina. Usted en las primeras cucharadas no percibe ningún sabor; luego,

como si sus entrañas estuvieran saturadas de limón, de adentro usted siente que le surge hacia la boca un sabor de naranja, de limón, en fin, llega a mirar sorprendido en torno suyo y piensa: ¿no me habrán dado un veneno delicioso?

Y la crema de abacate. Antes de tomarla hay que hacerse la señal de la cruz, debe haberla inventado el demonio para producir sueños voluptuosos. Se sirve en vaso, igual que el vino en el cáliz dentro de los templos. Es verde, semejante a un puré de guisantes. Un tenue perfume de glándulas humanas se desprende de ella.

La primera sensación al gustarla causa repugnancia, luego usted piensa que sólo Satanás pudo haber inventado ese mejunje y cucharada tras cucharada va sumergiéndose en este estremecimiento.

Es como aceite helado y fragante que llega a nuestras vísceras más profundas. Aquella sensación de repugnancia del principio se ha convertido ahora en una caricia oscura, que marea ligeramente, igual que si se encontrara en la cubierta de una nave o de otro modo, cuando un ascensor que baja rápidamente se detiene. Dije que debe haberla inventado el diablo porque produce sueños pecaminosos y que duran toda una noche.

Y la pulpa de manga, helada... que tiene gusto a carne empapada de trementina... y olor a yodoformo... rosada y

verde con la forma de un corazón, la primera vez que se la prueba causa náuseas, unas náuseas tan seductoras que se desea volverlas a experimentar.

Y así todas estas frutas, sorbetes, postres, helados. A pesar del frío que los empapa en su substancia, son tremendamente cálidos, debe haberlos creado un demonio... el demonio de las sensualidades botánicas. Si no, no se explica.

EN LA CAVERNA DE UN COMPATRIOTA

(SÁBADO 5 DE ABRIL DE 1930)

Hoy no tengo absolutamente ninguna gana de hablar del paisaje. Estoy triste lejos de este Buenos Aires del que me acuerdo a toda hora. Escribo desde la Redacción del diario O Journal, en Río de Janeiro. Mañana, pasado o cualquier otro día me ocuparé del maravilloso bazar que es Río de Janeiro. Sí, un bazar oriental de mil colores. Pero eso no me consuela. La ciudad de uno es una, nada más. El corazón no se puede partir en dos pedazos. Y se lo tengo entregado a Buenos Aires. Bueno. Estoy rabiosamente triste y tengo que hacer humorismo. ¡Y después hay quienes le envidian a uno la carrera! ¡Y la popularidad!

Escribo desde la redacción del O Journal. Nosotros, los periodistas, somos como los monjes. Donde vamos encontramos la casa, es decir, el papel y tinta y los camaradas que trabajan igual que uno, renegando del oficio que tanto amamos.

Un amigo

Al desembarcar en Río me esperaba un amigo porteño. Cierta vez astuto y sutil en mañas como Ulises, el ligero de pies y manos. Nosotros, los periodistas, nos parecemos a ciertas mujeres: tenemos que sonreírle al público, aunque nos lllore el corazón. ¡Siga, que el asunto no le interesa al cliente! Este viejo —no es tan viejo— me recuerda una frase de Quevedo: «De donde él salía, la mitad de la gente se quedaba llorando, y la otra mitad riéndose de los que lloraban». Creo que mi amigo hasta podría darle lecciones al viejo Vizcacha. Bueno; cuando me vio me dijo:

—Supongo que vendrás a casa ¿eh?

—Cómo no...

Subimos a un auto, partimos y llegamos a la casa. Llamémosla «casa». Es una casa, en el sentido arquitectónico y edilicio también. Pero... pero no tiene muebles la dicha casa. Colchones en el suelo, paquetes de libros sin desenvolver, sábanas sucias extraviadas en los rincones. En la cocina el aparato de hacer café le daría envidia a ese dibujante inglés que inventaba maquinarias monstruosas para matar pulgas. En las paredes algunos cromos; y luego listas, listas interminables de números. Son los millares de reis que mi amigo debe a su proveedor. Porque me dijo, con digno talante: «Sabrás que aquí tengo proveedor y crédito».

Cuando me dijo esto yo me quería morir. ¿Crédito, él?
¿Pero era posible que en la superficie del planeta existieran tamaños ingenuos?

Él reparó en mi asombro, e insistió:

—Sí, tengo proveedor...

Soy fatalista. Me inclino ante las evidencias. Cuando un hombre llama al bolichero de la esquina «su proveedor» no queda duda de que el desgraciado se romperá la cabeza contra las paredes, algún día, de desesperación.

—¡Sos un genio! —le dije, y no terminaba de expresarle mi admiración por su talento de financista, cuando se presentó ante mí, en un pijama a rayas, un señor de lentes, canoso, y para más señas, portugués. Me lo presentó con estas frases:

—Un gran periodista lisbonés en desgracia...

—Muito pracer en counucerlo.

—Muito obrigado —respondí yo por contestar algo...

—Lo protejo —continuó mi amigo—. El proveedor me tiene una confianza ilimitada.

El señor de pijama y de piernas peludas se inclinó nuevamente ante mí y me dijo:

—Ou senhor está en la sua casa. Esteja a gosto.

—Yo estoy a gusto en todas partes, compañero... pero, hablando de todo un poco, ¿no hay pulgas aquí?

—No.

—¿Peste bubónica ni fiebre amarilla, tampoco?

—Ou senhor está brincando... (Cachando, quiere decir).

—Bueno, entonces me quedo —y mirando a mi viejo amigo, le dije—. Vos sos responsable de cualquier desgracia personal que me ocurra. Y sos responsable porque yo, persona decente, no hago nada más que tener contacto con pilletes fabulosos, y vos sos el más estupendo malandrín que ha pisado la tierra del Brasil... ¿Así que tenés proveedor? ¿Y protegés a un genio, al periodista lisboeta? ¡Quién lo diría! Hay que vivir para ver y creer. ¿Y a esta ratonera le llamás «casa»? Bueno, desde mañana pondrás un aviso en el diario:

«Se necesita muchacha joven para atender a tres hombres solos. Se ruega presentarse con certificado de buena conducta y honestidad».

Y esta es la casa de mi amigo; sí, señores. Tres piezas destartaladas, un periodista en paños menores y yo que me río para no llorar. No pararé un minuto en esta caverna. Cuando llegué a medianoche, me encontré al hombre del pijama a rayas afeitándose a la luz de un candil. Me hace preguntas en un portugués tan cerrado que no entiendo ni medio y a todo le contesto: muito obrigado. El fulano me mira con desesperación. Mi amigo me llama aparte y me dice:

—Tengo en proyecto un sindicato periodístico formidable. Trabajaríamos con algunos millones de contos...

Y yo me pregunto: «Pero, en síntesis: ¿qué es la vida? ¿Novela, drama, sainete, bufonada o qué?». Y yo no sé qué contestarme. Comprendo que el misterio nos rodea, que el misterio es tan profundo como la ingenuidad del proveedor de mi amigo.

P. D.: ¡Ah! Me olvidaba. He recibido un montón de cartas que me han sido enviadas a El Mundo de donde me las mandaron a Río. Si tengo tiempo, contestaré algunas. Vale.

HABLEMOS DE CULTURA

(DOMINGO 6 DE ABRIL DE 1930)

Respeto para el hombre... para la humanidad que lleva el hombre en sí. Es lo que encuentro en Río. Aquí, donde la naturaleza ha creado seres voluptuosos, mujeres de ojos que son noches turbias y perfiles con calidez de fiebre, sólo encuentro respeto; un dulce y profundo respeto, que hace que de pronto usted se detenga y se diga en conversación consigo mismo:

—La vida, así, es muy linda.

Yo no quiero buscar las razones históricas de dicho fenómeno. La historia me importa un pepino. Que hagan historia los otros. Yo no tengo nada que ver con la literatura ni el periodismo. Soy un hombre de carne y hueso que viaja, no para hacer literatura en su diario, sino para anotar impresiones.

Diré que estoy entusiasmado...

¿Diré que estoy entusiasmado? No. ¿Diré que estoy asombrado? No. Es algo más profundo y sincero: estoy conmovido. Ese es el término: conmovido.

La vida, así, es muy linda.

Y no me refiero a las atenciones que se reciben de las personas con quienes se trata. No. Me refiero a un fenómeno que es más auténtico: la atmosfera de educación colectiva.

¿Qué importa que una persona sea atenta con usted, si cuando usted sale a la calle, el público destruye la impresión que el individuo le ha producido?

En cambio, aquí, usted se encuentra cómodo. En la calle, en el café, en las oficinas, entre blancos, entre negros...

Cuando usted sale de su casa está en la calle, ¿no es así? Bueno, aquí, cuando usted sale a la calle, está en su casa... Un ritmo de amabilidad rige la vida en esta ciudad.

En esta ciudad, que tiene un tráfico y un público dentro de su extensión, proporcional al de Buenos Aires. Con la sola diferencia de que, en las bocacalles, usted levanta la vista y se encuentra con un cerro verde dorado de nubes y una palmera en lo alto, con sus cuatro ramas reticulando lo azul.

Sin excepción

¿Son distintos los brasileños de nosotros?

Sí, son distintos en lo siguiente: tienen una educación tradicional. Son educados, no en la apariencia o en la forma, sino que tienen el alma educada. Son más corteses que nosotros, y sólo se puede comprender el sentido verdadero de la cortesía por la sensación de reposo que reciben nuestros sentidos. Es como si de pronto usted, acostumbrado a dormir sobre adoquines, recibiera para acostarse un colchón.

Piense usted en esto. Una muchacha puede aquí caminar tranquilamente por las calles a media noche. Una muchacha decente, ¿eh?, ¡no confundamos! Y si no lo es, también... Usted puede ir a cualquier parte, aun a la más atorranta, en compañía de cualquier tipo de mujer, honesta o no. Nadie se meterá con usted.

En Buenos Aires, en casi todos los cafés, usted encuentra compartimentos para familias. Aquí no se conoce esa división. Cuando salen de su empleo, las muchachas entran a los cafés, toman sus pocillos de bocequín y lo hacen con tranquilidad: la tranquilidad de la mujer que sabe que es respetada.

En Buenos Aires, el trato general para con la mujer revela lo siguiente: que se la tiene por un ser inferior. La continua falta de respeto de que se la hace víctima lo demuestra.

Aquí no. La mujer está acostumbrada a ser considerada una igual del hombre y, por consiguiente, a merecer de él las atenciones que este tiene con cualquier desconocido que se le presenta.

Y de pronto, quiera usted o no, siente que una fuerza lo subyuga, que ellos están en el camino de una vida superior a la nuestra. Comprendemos que con nuestra grosería hemos desnaturalizado muchas cosas bellas, incluso destruido la femineidad de la mujer porteña.

¿Será, acaso, que la vida es aquí más linda porque es menos difícil? ¡Vaya uno a saberlo! Lo cierto es que este pueblo se diferencia en mucho del nuestro. Los detalles que se advierten en la vida diaria nos lo presentan como más culto. Creo que todavía predominan, con incuestionables ventajas para la colectividad, las ideas europeas. Si no fuera demasiado aventurado lo que voy a decir, al siempre correr, no de la pluma, sino de las teclas de la máquina de escribir, lo transformaría en una categórica afirmación. Se me ocurre que de todos los países de nuestra América, el Brasil es el menos americano, por ser, precisamente, el más europeo.

Ese respeto espontáneo hacia el prójimo, sin distinción de sexo ni de razas; esa linda indiferencia por los asuntos ajenos es, dígame lo que se quiera, esencialmente europea.

Y el paisaje es lindo; las montañas azules, los árboles...
Pero ¿qué importancia puede tener el paisaje ante las bellas
cualidades del pueblo?

LOS PESCADORES DE PERLAS

(LUNES 7 DE ABRIL DE 1930)

Se me ha ocurrido llamarla «plazoleta de los pescadores de perlas» porque me recuerda una novela de Emilio Salgari, La perla roja. Hay que viajar un poco para darse cuenta de que Emilio Salgari, el novelista que nos ruborizaríamos de confesar que leemos después de haber leído a Dostoievski, es el más potente y admirable despertador de la imaginación infantil. Hoy he recordado la novela de Emilio Salgari con la misma emoción que cuando tenía trece años y la leía a saltos bajo la tabla del pupitre de la escuela mientras el maestro explicaba un absurdo teorema de geometría. La he recordado con emoción porque la «reconocí» en cuanto la vi. Y la denominé en seguida «plazoleta de los pescadores de perlas».

Caminando

Caminando por la rua Carioca, hacia el Oeste, se llega al mar. Siguiendo por unos callejones estrechos, calientes de sombras, por un piso de piedras cuadradas y pulidas por el roce, de pronto la perspectiva se abrió.

Apareció un pedazo de cielo celeste y dos galpones chatos, largos, encalados, con techo de tejas acanaladas y formando entre sí un ángulo recto. Negros, descalzos unos, con sobretodos raídos otros, y en camiseta casi todos, cubiertos de sombreros grasientos, rotos, miraban cómo el sol descomponía pedazos de pescados colocados sobre esterillas sostenidas por palos en cruz. Un hedor de pescadería, de sal y de podredumbre infectaba el rincón. Ellos recostados al sol miraban a un muchacho motudo color carbón, con los brazos y los pies desnudos, que sostenía una jaula con pájaros de plumaje azul, mientras que en la encogida mano derecha soportaba un loro verde diamante. Acurrucado junto a un cesto había un gato blanco con un ojo celeste y otro amarillo.

Me detuve junto a los negros y comencé a mirarlos. Los miraba y no. Estaba perplejo y entusiasmado frente a la riqueza de color. Para describir a los negros es necesario frecuentarlos, ¡tienen tantos matices! Van desde el carbón hasta el color rojo oscuro del hierro en la fragua. Luego

seguí caminando y a los tres pasos entré en una plazoleta de agua... ¡Allí estaba!

La calle descendía en declive. En vez de detenerse junto al agua, esta vereda de piedra entraba en ella. Y en el declive, acomodadas una junto a la otra, lanchas estrechas y largas como piraguas (estas definiciones se las debemos a Salgari) pintadas de color carne, de color lechuga, de azul puerro. Pero no barcas nuevas, sino roñosas, rotas, cargadas de piolines para pescar, llenas de escamas; algunas con las tablas hendidas, aseguradas con parches de madera clavados; otras parecían fabricadas con restos inservibles de cajón de querosén y en el interior, tendidos a lo largo sobre la ropa, hombres que dormían.

Esta plazoleta de agua estaba cerrada a los cuarenta metros por dos brazos de piedra, que dejaban una abertura de algunos pasos. Por allí entraban y salían las chalupas.

Y me acordé de los pescadores de perlas, de La Perla Roja. El mismo rincón de la novela de Salgari, la misma mugre cargada de un hedor penetrantísimo, cáscaras de bananas y tripas de pez. De pie, junto a las piraguas —no merecen otro nombre— había ancianos barbudos, descalzos, mulatos, roñosos, rojizos, componiendo lentamente una red, raspando con un cuchillo la quilla de sus embarcaciones, acomodando cestos de mimbre amarillo con una tagarnina entre los labios hinchados como leprosos.

Charlaban entre sí. Un cafre canoso con facha de pirata, barba rala, el pecho de chocolate, le decía a un muchacho amarillo que apretaba el extremo de la red, con los sucios pies desnudos, contra el suelo: «Toda a forza que ven de acima, e de Deus...». (Toda fuerza que viene de arriba es de Dios).

Quietud

No sé si serán desdichados o no. Si pasarán hambre o no. Pero estaban allí bajo el sol que hacía fermentar la suciedad de sus embarcaciones y la propia, y los pescados destripados en las cestas, como si se encontraran con el paraíso prometido a los hombres de buena voluntad y simple entendimiento.

Sin hacer barullo, sin molestarse ni molestar a nadie, indiferentes. El sol era tan dulce para el que tenía sobre todo como para el que estaba desnudo porque en verdad hacía un calor como para andar desnudo y no de sobretodo.

Una brisa suave movía el agua de aceite gris a la acuarela. Me senté en un pilarcito de piedra y quedéme mirando. La plazoleta de agua bien podría situarse en el África, en Ceilán o cualquier rincón de Oriente. Y aunque negros, agua y pescado despedían olor a salazón insoportable, sé que cualquiera de los que me leen se hubiera apretado apresuradamente las narices al tener que estar allí; pero yo permanecí mucho

tiempo con los ojos fijos en el agua, en las piraguas rotas, pobres, remendadas. De la plazoleta acuática emanaba una sensación de paz tan profunda que no se puede describir... Hasta llegué a pensar que si uno se arrojaba al agua y tocaba fondo podía encontrar la perla roja...

LA CIUDAD DE PIEDRA

(MARTES 8 DE ABRIL DE 1930)

Hay momentos en que, paseando por estas calles, uno termina por decirse:
—Los portugueses han fabricado casas para la eternidad. ¡Qué bárbaros!

Todas, casi todas las casas de Río son de piedra. Las puertas están engastadas en pilares de granito macizo. Casas de tres, cuatro, cinco pisos. La piedra, en bloque pulimentado a mano, soporta, en columna sobre columna, el peso del conjunto.

Nada de revestimiento

Las primeras veces yo creía que se trataba de pilares de mampostería revestidos de placa de granitos, como en nuestra ciudad, es decir, abajo ladrillo, arriba el trajecito de piedra. Estaba equivocado. He recorrido calles donde se están demoliendo algunos edificios y he visto derribar columnas de granito que en nuestro país valdrían un capital. Y he visto romper tabiques con martillo y cortafierro, pues los tabiques, en vez de estar contruidos de ladrillos, son murallas

de mezcla de mortero y piedra y cal hidráulica; en definitiva, lo que en nuestra ciudad se emplea para hacer lo que se llama una armazón de cemento armado, aquí lo han utilizado para construir la casa completa.

Y si fuera la excepción, no sería de extrañarse; pero, por el contrario, en Río la excepción la constituye la casa de ladrillo. Se denominan construcciones modernas, y en las proximidades de Copacabana he visto los que se llaman barrios nuevos, contruidos de ladrillo. El resto, la casa del pobre, la casa de la mayoría, el conventillo y casa pequeña, están contruidas de esa ciclópea manera: piedra, piedra y piedra.

En bloques descomunales. En bloques que fueron trabajados en la época del Segundo Imperio por negros y artesanos portugueses.

Veo demoliciones que asombrarían a nuestros arquitectos; demoliciones cuyo material podría soportar el paso de un ferrocarril sin quebrantarse. Por donde se camina —y vea que Río es grande— piedra, piedra y piedra... Ello explicaría un fenómeno. La falta de arquitectura, es decir, de molduras.

La casa aquí...

La casa, así como en Buenos Aires —en nuestro arrabal— el tipo de vivienda es un jardín de cuatro o cinco por cuatro,

seguido de tres o cuatro piezas con galería, la casa, aquí en Río de Janeiro, saliendo de la Avenida Río Branco (nuestra Avenida de Mayo), es de frente liso, con balconadas separadas quince centímetros de ese frente, es decir, casi pegadas a él. Ventanas perfectamente cuadradas y el portal, o mejor dicho las columnas que soportan las puertas, es de granito. Los lienzos de muralla que quedan entre dichas columnas están pintados de verde, rojo-hígado, ocre, azul de lejía, blanco. Casi todas las puertas tienen para defenderlas una primera puerta de mitad de altura de la principal y de hierro, de modo que para entrar a una casa, usted tiene que abrir primero la puertecita de hierro y después el portalón de madera, alto y pesado. Una defiende a la otra.

Estas puertas de hierro trabajadas a mano reproducen dibujos fantásticos, dragones con colas de flores de azucena encrespados frente a escudos. Todo el conjunto pintado de color plata, de modo que en la noche, sobre la miserable tristeza de una fachada roja, se destaca el balcón o la puerta plateada, revelando interiores domésticos de toda naturaleza.

Así le ocurre a usted pasar por la calle y ver cosas como estas: un chico lavándose los pies en un dormitorio. Una señora peinándose frente a un espejo. Un negro mondando papas. Un ciego repasando un rosario en una silla de esterilla. Un cura viejo meditando en una hamaca, al margen de su breviario.

Dos muchachas descosiendo un vestido. Un hombre ligero de ropas. Una mujer en idénticas condiciones. Un matrimonio cenando. Dos comadres echándose las cartas. La vida privada es casi pública. Desde un segundo piso se ven cosas interesantísimas; sobre todo si se utiliza un largavista (no sea curioso, amigo; lo que se ve con el catalejo no se cuenta en un diario).

Volviendo a las casas (dejémosnos de digresiones), este conjunto uniforme, pintado de lo que yo llamaría colores agrios y marítimos porque tienen la misma brutalidad que el azul de las camisas marineras, produce en la noche una terrible sensación de tristeza, y en el día, algo así como la presencia de una fiesta sempiterna. Fiesta ruda, casi africana; fiesta que al rato de presenciarla le fatiga los ojos, lo aturde, dejándolo mareado de tanto colorinche.

La ciudad, bajo el sol, merece otra nota. La ciudad nocturna es descorazonadora. Usted camina como si se encontrara en un convento; siempre los mismos frentes, siempre un interior anaranjado o verdoso. En alguna parte una hornacita enclavada en un segundo piso; un fanal que contiene la dorada imagen de la Virgen con el Niño y abajo, colgando de cadenas, una lámpara de bronce cuya llama fluye hacia arriba moviendo sombras.

Un silencio que sólo interrumpe la vertiginosa carrera de los tranvías. Luego nada. Puertas cerradas y más puertas.

De distancia en distancia una negra gorda sentada en el umbral de su casa; un negrito con la cabeza apoyada en el alféizar de granito de un primer piso y luego el silencio; un silencio cálido, tropical, por donde el viento introduce un craso perfume de plantas cuyo nombre ignoro. Y la pesadez de la piedra, de los bloques de piedra de que están construidas todas esas casas, termina por aplastarle el alma, y usted camina cabeceando, en el centro de la ciudad, en una casi soledad de desierto a la diez de la noche.

¿PARA QUÉ?

(MIÉRCOLES 9 DE ABRIL DE 1930)

Me escribe un amigo del diario: «Estoy extrañado de que no haya visitado en el Uruguay, ni dé señales de hacerlo allí, en el Brasil, a los intelectuales y escritores. ¿Qué le pasa?».

En realidad

En realidad no me pasa nada; pero yo no he salido a recorrer estos países para conocer gente que de un modo u otro se empeñarán en demostrarme que sus colegas son unos burros y ellos unos genios. ¡Los intelectuales! Le voy a dar un ejemplo. En un diario de Buenos Aires, número atrasado, traspapelado en la Redacción de un periódico de Río, leo un poema de una poetisa argentina sobre Río de Janeiro. Lo leo y me dan tentaciones de escribirle a esta distinguida dama:

—¿Dígame, señora, por qué en vez de escribir no se dedica a la conspicua labor de la calceta?

En Montevideo conversaba con un escritor chileno. Me contaba anécdotas. Las anécdotas atrapan a los intelectuales de allí. A esta escritora, un pintor chileno le mandó un magnífico cuadro y ella, en una fiesta que se daba en su homenaje, recoge unas violetas y le dice a mi amigo:

—Oiga, Fulano, envíele estas flores a X...

O estaba trastornada o no se daba cuenta en su inmensa vanidad que no se envían unas violetas a un señor que la ha obsequiado de esa forma, a una distancia suficiente para permitir que cuando lleguen las flores estén harto marchitas.

Además que la vida de los intelectuales, ¿a quién le interesan los escritores? Uno se sabe de memoria lo que le dirán: elogios convencionales sobre Fulano y Mengano. Llega a tal extremo el convencionalismo periodístico que los voy a hacer reír con lo que sigue. Al llegar a Río me entrevistaron redactores de distintos periódicos. En el *Diario de la Noite* se publicó un reportaje que me hicieron y entre muchas cosas que dije, me hicieron decir cosas que nunca pensé. Allá va el ejemplo: que mi director me invitó a «hacer una visita a patria do venerado Castro Alves».

Cuando yo leí que mi director me había invitado a realizar una visita a la patria del venerado Castro Alves, me quedé frío. Yo no sé quién es Castro Alves. Ignoro si merece ser venerado o no, pues lo que conozco de él (no conozco

absolutamente nada) no me permite establecerlo. Sin embargo, los habitantes de Río, al leer el reportaje, habrán dicho:

—He aquí que los argentinos conocen la fama y gloria de Castro Alves. He aquí un periodista porteño que, conturbado por la grandeza de Castro Aves, lo llama emocionado «venerado Castro Alves». Y Castro Alves me es menos conocido que los cien mil García de la guía telefónica. Yo ignoro en absoluto qué es lo que ha hecho y lo que dejó de hacer Su Excelencia Castro Alves. Ni me interesa. Pero la frase quedaba bien y el redactor la colocó. Y yo he quedado de perlas con los cariocas.

¿Se da cuenta, amigo, lo que se macanea periodísticamente?

Imagínese ahora usted las mulas que trataría de pasarme cualquier literato. Así como a mí me hicieron decir que Castro Alves era venerable, él, a su vez, diría que el «dotor» merece ser canonizado, o que Lugones es el humanista y psicólogo más profundo de los cuatro continentes...

No interesan...

No pasa mes casi sin que de Buenos Aires salgan tres escolares en aventura periodísticas y lo primero que hacen, en cuanto llegan a cualquier país, es entrevistar a escritores que a nadie interesan.

¿Por qué voy a ir yo a quitarles el trabajo a esos muchachos? No. Por qué voy a ir a sustraerles mercadería a los cien periodistas sudamericanos que viajan por cuenta de sus diarios para saber qué piensa Mengano y Fulano de nuestro país. De memoria sé lo que ocurriría. Yo, de ir a verlos, tendré que decir que son unos genios y ellos, a su vez, dirán que tengo un talento brutal. Y el asunto queda así arreglado de conversación: «He entrevistado al genial novelista X». Ellos: «Nos ha visitado el despampanante periodista argentino...».

Todo esto son macanas.

Cada vez me convengo más que la única forma de conocer un país, aunque sea un cachito, es conviviendo con sus habitantes; pero no como escritor, sino como si uno fuera tendero, empleado o cualquier cosa. Vivir... vivir por completo al margen de la literatura y de los literatos.

Cuando al comienzo de esta nota me refería al poema de la dama argentina, es porque esa señora había visto de Río lo que ve cualquier malísimo literato. Una montañita y nada más. Un buen mono parado en una esquina.

¿No es el colmo de los colmos esto? Y así son todos. Las consecuencias de dicha actitud es que el público lector no termina de enterarse del país, ni de qué forma vive la gente mencionada en los artículos. Y tanto, y tanto, que el otro día, en otro diario nuestro leía un reportaje hecho por

un escritor argentino a un general, no sé si de Río Grande o de dónde. Hablaba de política, de internacionalismo y de qué sé yo. Terminé de leer el chorizo y me dije: «¿Qué sesos tendrá el secretario de Redacción de este diario que no ha mandado al canasto semejante catarata de palabrerío? ¿Qué diablos le importa al público porteño lo que opina un general de cualquier país sobre el Plan Young o sobre cualquier otra materia menos o más secante?».

Lo que había ocurrido era lo siguiente: así como a mí me hicieron decir que Castro Alves era venerable, porque con ello creían que me congraciaban con el público de Río (al público de Río le importa un pepino mi opinión sobre Castro Alves), al periodista argentino le hacen reportear a un generalito que los deja imperturbables a los doscientos mil lectores de cualquier rotativo nuestro.

Y con dicho procedimiento los pueblos no terminan de conocerse nunca.

Ahora se explica, lector mío, por qué no hablo ni entrevisto personalidades políticas ni literarias.

ALGO SOBRE URBANIDAD POPULAR

(JUEVES 10 DE ABRIL DE 1930)

Voy por una calle oscura, entre fachadas de piedra. Los arcos voltaicos lucen colgados de cables alquitranados. Hombres en mangas de camisa conversan sentados en los umbrales de las puertas. Mujeres achocolatadas, apoyadas con los brazos cruzados en los hierros de los balcones, siguen el movimiento de la rua. En una lechería esquinada, negros en patas beben cervezas. De pronto: una señora oscura ha tomado a su nene de seis años, color café con leche, de la mano. Va a llevar a dormir al chico. El pibe ha estado jugando con una nena de su edad, blanca y rubia. Y veo: el nene alarga gravemente su mano a la chiquita. Ella también, con seriedad, le corresponde; los dedos se apretan y se dicen:

—Boa noite. (Buenas noches).

Segundo cuadro

Voy por una calle abierta entre un bloque de granito escarlata. Sobre mi cabeza cuelgan amplias hojas de bananero. La calle asfaltada desciende hasta la playa. Vienen: un muchacho y una menina. Diez y siete años, quince años. Él, color tabaco rubio. Ella, cobre, que parece cubrir un mimbre de carbón, tan flexible es la muchacha de ojos verdes. ¿Cuántas razas se mezclan en esos dos cuerpos? No sé. Lo único que veo es que son magníficos.

Él sonrío y muestra los dientes. Ella, un paso atrás, se ríe también. Trae en la mano una varita verde y le hace cosquillas en la oreja. Van solos. Aquí, los novios salen solos. Ellos son hombres y ellas bien mujeres. Cuando dos novios salen solos es porque son prometidos. La vida es seria y noble en muchos aspectos. Y este es un aspecto de esa vida seria y noble.

Se ríen y van hacia la playa. La playa extiende sobre el río una bandeja de arena. Los bananeros dejan colgar sus hojas verdes y un perfume de violeta impregna densamente una atmósfera de tempestad.

Tercer cuadro

Avenida de Río Branco. Oleaje de gente. Fachadas de azulejos recamados de oro, azul y verde. El Café Morisco

con cúpulas de escamas de cobre. Tranvías verdes. Ráfagas de jazmín. En el fondo, el cerro Pan de Azúcar, color espinaca. A un costado el morro de Santa Teresa, color naranja. Automóviles que pasan vertiginosamente, gente que en sillas-cestas de mimbre beben sorbetes. Él y ella. Ella de negro. Él de blanco. Un escote admirable. Caminan lentamente. No tomados del brazo, sino de los dedos. Como criaturas. Y de pronto escucho que ella dice:

—Meu bem. (Mi bien).

Este «meu bem» ha salido de la boca de la mujer impregnado de dulzura espesa, lenta, sabrosa. Se han bebido en una mirada; y siguen caminando, despacio, hombro con hombro, los brazos caídos, pero tomados fuertemente de los dedos. Me han dicho que cuando un hombre y una mujer caminan así es porque su intimidad es completa y ellos van cantando, con estos dedos engrapados, una felicidad magnífica y cálida.

Cuarto cuadro

Restaurante. Hora de almuerzo. Él, cuarenta y cinco. Ella, treinta. Él tiene los cabellos blancos. Ella es rubia magnífica, alta, flexible; ojos tan lindos como agua sobre arena de carbón y oro. Se han sentado y el mozo ha traído la lista. Piden y el mozo se va. Trae platos distintos. De pronto ella

alarga el tenedor y pone en la boca de su compañero un trozo de carne. Él sonrío golosamente. Entonces ella le toma la barbilla con la punta de los dedos y sacude lentamente la mano. Frente a todos, que permanecen indiferentes. Aquí se vive así. Han traído el postre. Han pedido postres distintos. Entonces ella retira un trozo de dulce del plato del hombre y mueve la cabeza; él se ríe y le da unas palmadas en la mejilla.

Delicadeza

Por donde se camine, la delicadeza brasileña ofrece espectáculos que impresionan. Hombres y mujeres siempre se acarician con la más penetrante dulzura que darse puede, en el gesto y la expresión. Está en el ambiente el espíritu de dicha conducta. Aquí va un ejemplo. Entré a un cafetín de la O'Governador. Sonaba una vitrola. Cuando el chico que me atendió, oyó que yo hablaba en castellano, me dijo sonriendo:

—¿O senhor e español?

—Argentino, pibe...

El chico avanzó hasta el mostrador, le habló unas palabras al patrón y al minuto sonaba en la vitrola un tango cantado por Maizani: Compadrón.

Donde se va... donde se va, sólo se encuentra muestras de gentileza, de interés, de atención. Salvo excepciones, la

gente es tan naturalmente educada que uno se asombra. Entré a la Nyrba para pedir detalles de cómo debía certificar una carta aérea. Inmediatamente un empleado hizo que un cadete me acompañara hasta el correo.

Necesitaba conocer una calle. Me acerco a un diarero. Hay que ver la cortesía con que me explicó el recorrido que yo debía hacer.

¿Gentileza? Si hay una tierra de América donde el extranjero pueda sentirse cómodo y agradecido al modo natural de ser de la gente, es esta del Brasil. Niños, hombres y mujeres engranan sus acciones dentro de la más perfecta urbanidad.

Y LA VIDA NOCTURNA ¿DÓNDE ESTÁ?

(VIERNES 11 DE ABRIL DE 1930)

Ah, Buenos Aires!... ¡Buenos Aires!... Calle Corrientes y Talcahuano, y terraza y Café de Ambos Mundos, y Florida. ¡Ah, Buenos Aires! Allí uno se esgunfia, es cierto, pero se esgunfia despierto hasta las tres de la mañana.

¿Pero aquí? ¡Dios mío! ¿Dónde va usted a las tres de mañana? ¡Qué bárbaro!

¿He dicho a las tres de la madrugada? ¿Adónde va, acá en Río, a las once de la noche? ¿Adónde? Explíqueme usted, por favor.

A las once de la noche

Hace un calor de andar en paños menores por la rua. Y a las once de la noche cada mochuelo está en su olivo.

¿Se dan cuenta? ¡A las once de la noche, cuando en la calle Corrientes la gente se asoma a la puerta de los bodegones para empezar a hacer la digestión!

¡Ah, bottiglieriís de la calle Corrientes! Se me hace agua la boca.

Decía que aquí a las once de la noche todo el mundo está en cama. Alguno que otro trasnochador pasa con cara de perro por la Avenida Río Branco. Debo estar mal de la cabeza. ¿He dicho que algún trasnochador pasa? Bueno; está bien, trasnochador ¡de las once de la noche! El sujeto se garufea hasta las diez y cuarenta, y a las diez y cincuenta raja para su casa. Y hace un calor como para pernoctar en la acera. Y todo el mundo encamado. ¿Conciben ustedes una tragedia más horrible que esta? ¿Acostarse a las once de la noche? Porque,

¿qué va a hacer, dígame, después de esa hora? ¿Medir el ancho de las calles, la longitud de la vía, el kilometraje del estuario? Todo el mundo encamado a las once de la noche. A las once, sí, a las once.

Yo concibo que se acuesten a las once o diez de la noche los recién casados. Admito que el propietario de alguna de estas meninas no se descuide y a las diez y cuarenta piante diligentemente hacia el nido. Soy humano y comprensivo. Me lo explico y mucho más aquí. Pero ¿y la juventud suelta y libre? «El divino tesoro» la apoliya también. A las once, a más tardar, se calafatea en el catre; y usted gira que gira desesperado por estas calles solitarias donde, de vez en

cuando, se tropieza con un negro, que sin estar borracho va riéndose y conversando solo. Es notable la costumbre de los grones. Deben conversar con el alma de sus antepasados, los beduinos o los antropoides.

Y qué leitos

Brutalmente. A las once se acuesta porque las calles están desiertas. Minga de café, minga de nada. Se acuesta porque no hay nada que hacer en la rua. Esta gente es como las gallinas: cena de seis a siete de la tarde, luego da tres vueltas castas alrededor de la manzana y a la cama, a dormir.

Pero ¿quieren decirme qué es lo que puede hacer un porteño en la cama, a las once de la noche? Y en estas camas que son de madera. ¡Ah!, porque los colchones en este país no son de lana. Lasciate ogni speranza usted que se encama. Los colchones son de crin vegetal y con esta crin vegetal es poco decirle que cualquier colchón para nuestros soldados es más tierno y dulce que estas chapas flexibles que parecen de amianto y no otra cosa.

Cuando usted se acuesta por primera vez, lo primero que hace es llamar desesperado, si está en una pensión, a la fámula y decirle que se ha olvidado de poner el colchón. Y entonces le replican que no, que la cama tiene colchón, y

se lo enseñan para que no le quede duda, y usted lo ve con sus ojos mortales y perecederos, y larga cada mala palabra que ruborizaría a un sarraceno. Y no por eso el colchón se apiada o dulcifica, sino que persiste siendo tan madera como antes, y puede acostarse un regimiento en él, que no por eso se ablandará un adarme. Crin vegetal, amigo.

¡Cómo para dormirse! Usted da vueltas y vueltas dolorido de todos los huesos; matiza las conversiones de la derecha a la izquierda con una buena andanada de ripios y culebras. El colchón no se enternece ni por broma... Haga de cuenta que está durmiendo o no durmiendo, o queriendo dormir y no pudiendo, encima de un piso de madera.

Sea imparcial, amigo, ¿se pueden padecer mayores martirios que estos? Tener que acostarse a las once de la noche en una cama que le envidiaría, para ganar el cielo, un candidato a santo. Sea imparcial; piense que a usted lo obligan a acostarse a las once de la noche en un catre de estos, que no se ablanda ni echándole agua.

Prende un cigarrillo. Fuma. Tira el pucho y escupe desde cualquier ángulo. Mete el brazo bajo la almohada, luego la cabeza, después el otro brazo, más tarde encoge las piernas, luego otro cigarrillo, vuelta a expectorar. Larga una mala palabra, medita, endereza la esquena; le dan ganas de agujerear el cielorrasso; otro cigarrillo; pasa un tranvía

con traqueteo infernal y lo arranca de su levísimo sopor, que prometía convertirse en el conato de un semisueño. Dan las dos en el reloj, y dan las tres, y dan las cuatro, y no hay sereno que grite: «Viva la Santa Federación», pero está usted con un ojo abierto y el otro conspirando y pensando macanas a granel.

Y entonces usted desesperado, se pregunta por cienmilésima vez:

—¿Qué es lo que hace tan temprano en las camas esta gente? ¿Qué es lo que hace?

TRABAJAR COMO NEGRO

(SÁBADO 12 DE ABRIL DE 1930)

Nosotros los porteños decimos «trabajar como negro». Pero en Buenos Aires los negros no laburan como no sea de ordenanza, que es el trabajo más cómodo que se conoce y que parece exclusivamente inventado para que los grones porteños lo desempeñen en las porterías de todos los ministerios y reparticiones públicas.

Fuera de dicha actividad, el grone ciudadano se tira a muerto. Ha nacido para ser ordenanza y se acuerda de esa célebre frase: «Serás lo que debes ser, o no serás nada» (entre paréntesis, esa célebre frase es una reverenda macana) y el grone la sigue escrupulosamente. No la yuga, como no sea de librea y en la antesala de un ministro.

El negro brasileño

¡Este sí que trabaja como negro! Mejor dicho: ahora sí que he constatado lo que significa «trabajar como negro». Bajo

un sol que derrite las piedras, uno de esos soles que lo hacen sudar a usted como un filtro y que aturdirían a un lagarto, el negro brasileño, descalzo sobre las veredas candentes, acarrea adoquines, conduce bultos, sube escaleras cargado de fardos tremendos, maneja el pico, la pala; levanta rieles... Y el sol, el sol brasileño cae sobre su lomo de bestia negra y la tuesta lentamente, le da un brillo de ébano recalentado en un horno. Se desempeña en los trabajos más brutales y rudos, en aquellos que aquí hacen retroceder al blanco.

Sí, donde el nativo pálido o el obrero extranjero retrocede, para ocupar el puesto está el negro. Y trabaja. Usted se siente desmayar de calor en la sombra y el negro, entre una polvareda de arena, entre chispas de sol, yuga, yuga pacientemente como buey: va y viene con pedruscos, sube escaleras empinadas bárbaramente con enormes cestos de arena; y siempre con el mismo ritmo, un paso lento, parsimonioso de buey. Así, de buey.

Por un jornal escaso. Es silencioso, casi triste. Debe ser la tristeza de los antepasados. ¡Vaya a saber qué!

Cuando están solos

En la noche me ocurrió encontrarme por las calles más abandonadas con negros que caminaban solos, charlando

y riéndose. En el hotel también. En el momento que abría una ventana, sorprendí a una negra. Estaba sola en la pieza, se reía y hablaba. O con la pared o con un fantasma. Se reía infantilmente al tiempo que movía los labios. Otra vez, caminando, escuché las risitas comprimidas de un negro. Parecía que se burlaba de un interlocutor invisible, al tiempo que pronunciaba palabras que no pude entender.

Pensando se me ocurrió que en estos cerebros vírgenes, las pocas ideas que nacen deben producir una intensidad tal, que de pronto el hombre se olvida de que lo escucha un fantasma, y el fantasma se convierte para él en un ser real.

Los he observado también en los alrededores del puerto. Forman círculos silenciosos, que se calientan al sol.

Una fuerza espantosa estalla en sus músculos. Hay negros que son estatuas de carbón cobrizo, máquinas de una fortaleza tremenda, y sin embargo algo infantil, algo de pequeños animalitos se descubre bajo su semicivilización.

Viven mezclados con el blanco: aquí encuentra usted a una señora bien vestida, blanca, en compañía de una negra; pero el negro pobre, el negro miserable, el que habita en los rancheríos del Corcovado y Pan de Azúcar, me da la sensación de ser un animal aislado, una pequeña bestia que se muestra tal cual es, en la oscuridad de la noche, cuando camina y se ríe solo, charlando con sus ideas.

Le prevengo que entonces el espectáculo tiene más de fantástico que de real. Un negro en la oscuridad es sólo visible por su dentadura y su pantalón de color al pasar bajo un foco. Frecuentemente va descubierto, de modo que imagínese usted la sensación que se puede experimentar, cuando en las tinieblas escuche una risita de orangután, un cuchicheo de palabras; es un africano descalzo, que camina moviendo los hombros y reteniendo su misteriosa alegría.

Tan misteriosa que en esas circunstancias no lo ven a uno. La negra que sorprendí en el hotel estaba casi frente a mí y no me veía. Una noche caminé varios metros a la par de un extraño murmurador negro. Cuando, por fin,

«escuchó» mis pasos, me dirigió una mirada huraña; nada más.

¿Con quiénes hablan? ¿Tendrán un tótem que el blanco no puede nunca conocer? ¿Distinguirán en las noches el espectro de sus antepasados? ¿O es que recuerdan los tiempos antiguos cuando, felices como las grandes bestias, vivían libres y desnudos en los bosques, persiguiendo simios y domando serpientes?

Uno de estos días me ocuparé de los negros: de los negros que viven en perfecta compañía con el blanco y que son enormemente buenos a pesar de su fuerza bestial.

TIPOS RAROS

(DOMINGO 13 DE ABRIL DE 1930)

Mi amigo es una excelente persona. No se encuentra otra mejor. Si no fuera porque tiene el defecto de contraer deudas, de comprar artículos y no pagarlos, sería lo que podríamos llamar un honorabilísimo caballero. Y lo es... casi lo es. En Río de Janeiro se ha rodeado de un prestigio único. Es respetado. Me ha hecho la confidencia de que el Presidente del Brasil lo estima mucho. Como nada me cuesta creerlo, admito este fenómeno de simpatía del doctor Washington Luis Pereira de Souza por el señor a quien me refiero. Más, íntimamente me ha confesado que el doctor Washington Pereira de Souza desea su amistad.

Como les contaba en otra oportunidad, mi amigo es el propietario de la caverna, o inquilino, donde pernocta el hombre del pijama a rayas, y donde yo dejé una vez mis maletas con desconfianza. Estas cosas suelen ocurrirle a uno con los amigos.

El hombre de pijama a rayas

El hombre del pijama continúa siendo un misterio para mí. Trabaja todo el día como un ratón. Estoy llegando a la conclusión de que mi amigo es el que alquila la casa y el otro el que paga el alquiler. Sí. Albergo esta convicción basada en el profundo conocimiento que tengo de ciertas naturalezas humanas.

¿De qué trabaja? No lo sé. Corre todo el día bajo el ardentísimo sol brasileño, con una cartera bajo el brazo, mientras mi amigo dice:

—Yo tengo condiciones de financista. He preparado unos proyectos bestiales. Pienso interesar a todo el comercio de Sao Paulo en la confección de una revista redactada en castellano.

Yo fumo y lo miro. No me canso de mirarle la cara de cabra que tiene y la ingenuidad que alberga en su corazón. Porque todos estos aventureros son ingenuos. Creen en los negocios de millones. Se las componen admirablemente para clavarlo al bolichero de la esquina, es decir, que su astucia no pasa de la sastrería y de la proveeduría, y luego entran en el terreno de las imaginaciones, como esos pésimos cuentistas, que después de escribir penosamente un cuento de ochocientas palabras, os anuncian una novela de tres tomos, «con continuación...».

Buena persona

Seramente: es una buena persona... mejor dicho... un bohemio... con un montón de cabellos blancos, mi amigo o huésped cree en la poesía, cree... cree en todo lo que es increíble a cierta edad...

Yo lo miro. Lo dejo hablar y le digo:

—Cuéntame la historia del mariscal Temístocles. Es fabulosa.

Mi amigo estaba en la mala. No tenía ni un tostón, que son seis reis o tres centavos de moneda argentina. Había vendido todo lo que se puede vender y lo que no se puede, también. El último resto del naufragio era un retrato al óleo que le había hecho un pésimo pintor. Imagínense ustedes qué malo sería el retrato que mi amigo se lo puso bajo el brazo, fue a verlo al mariscal Temístocles, un negro con más charreteras que los mariscales de cine, y le dijo:

—Traigo aquí el retrato... del general Mitre. Es un deber de conciencia que me lo compre Sua Excelencia.

El mariscal miró el retrato; lo miró a mi amigo y le hizo dar un conto.

Fíjense cómo se parecería el retrato al original.

Se enamoró de una muchacha, hace muchos años. A ella le gustaba la poesía y mi amigo tomó un libro de versos, el primero que le llegó a las manos, lo copió íntegro y le dijo a su futura:

—Estos poemas me los has inspirado tú.

Y se casaron. A los tres meses, ella descubrió que el libro de poemas era un plagio y le tiró el tomo por la cabeza.

Su aspecto

Es reposado, grave y sesudo. Ha echado un poco de vientre, respetabilidad, lentes, el conocimiento, canas, experiencia. Sonríe, inclina la cabeza al hablar, lo cual produce la sensación de que mastica mucho lo que va a decir. Es aristócrata, no sé si por parte de Adán o Eva. Tiene en la cartera tres billetes de cincuenta mil reis, que son tres billetes eternos; el golpe de efecto... para engrupirlo al proveedor.

No dice nunca malas palabras y quiere mucho a todos los jóvenes escritores de la nueva generación argentina.

Un hombre excelente. Insisto. Bueno. Decente. Tiene sus defectos, pero

¿quién no los tiene? Su indulgencia es enorme. Su comprensión de los motivos que rigen los actos humanos, fabulosa.

—Si yo era juez, no condenaba a nadie —me dice.

Y lo creo. Lo que él no agrega es esto: «Si yo era juez no condenaba a nadie que me pagara»... pero eso se sobreentiende.

En tanto vive. Vive florido y contento, rozagante y optimista. Sueña en un sindicato monstruoso, periodístico, a base de millones de contos. No hace mal a nadie, al contrario; si puede ayudar a alguien, encantado. En definitiva, es muchas veces superior a esos fariseos que, como dice Nuestro Señor Jesucristo, «son sepulcros llenos de podredumbre por dentro y encalados por fuera».

CIUDAD SIN FLORES

(LUNES 14 DE ABRIL DE 1930)

No les cause asombro lo que les voy a decir: Río de Janeiro da la sensación de ser una ciudad triste porque es una ciudad sin flores. Puede usted andar media hora en tranvía que no va a encontrar un solo jardín.

¡Cuántas veces me he acordado estos días de un balcón que hay en la calle Talcahuano, entre Sarmiento y Cangallo! Este balcón se encuentra en un segundo piso, tiene una enredadera y entre la enredadera una jaula con pájaros.

¿Y qué calle de nuestra ciudad, qué casa más o menos linda, qué buhardilla de pobre, qué zahúrda de dependiente de almacén y cuchitril de cargador del puerto, no tiene en el alfeizar de la ventanita un tachito con un poco de tierra y un rasposo geranio que se muere de sed?

Nada de verde

Si algún día usted llega a pisar las calles de Río, se dirá: Arlt tenía razón. No hay flores de malva, ni para darse baños de asiento, cedrón, ni para tomar un té, nada y nada absolutamente de verde. Las ventanas, sean pobres o no, las casas están más peladas que cabeza de calvo. Piedra, eso sí, por lujo.

¿Azulejos? Ríase usted de los arcoíris, aquí hay fachadas de casa hechas con azulejos amarillos, blancos, verdes, rojos, azules. ¿Pero flores, jardines? ¡Ni para remedio!

Los primeros días me decía que los jardines estarían en los alrededores de la ciudad; pero he ido a los alrededores, ¡y minga de botánica casera! Piedra, piedra y piedra.

Le he dicho al periodista portugués, con quien alcanzo a entenderme un poco ahora:

—Allá, en nuestra ciudad, nosotros, quien más quien menos, tenemos un jardincito atorrante. Usted recorre las calles de las parroquias que son las freguecias de aquí, y ¡qué diablo! No hay casa que no tenga su jardincito; y si la casa da a la calle, ponen macetas en la ventana y tiene que ser muy turro el habitante de una buhardilla para no tener en el marco una plantita cualquiera que sirve de campo de sport a todos los pájaros que pasan.

No hay gorriones

El hombre que anda en paños menores, me contesta roncamente: «Aqui temos urubus, nao passaros» (aquí tenemos cuervos, no pájaros).

Efectivamente, una nube de cuervos se cierne todo el día sobre los cerros o morros de Río. Como en los altos de los cerros viven personas que no son duques ni barones, sino negros y pobres, y hay allí una mugre que merece capítulo aparte, desde que se levanta hasta que se acuesta, usted puede ver bandadas de aves negras que trazan círculos oblicuos en el aire.

Y los gorriones, que no querían saber ni medio de semejante vecindad, rajaron. ¡Ah! Otro detalle. Tras de los cerros cuyo frente se mira desde Río, están los barrios obreros (nota para otro día). Barrios obreros que son inmensamente tristes y sucios. Barrios de los que usted sale con el alma encogida de tristeza. Tampoco allí hay jardines. En ninguna parte.

He ido a Nicheroy, la capital de Río de Janeiro (cada ciudad tiene su capital). Nicheroy tiene playas preciosas, calles abiertas en roca escarlata; montes de verduras y bananos; calzadas asfaltadas y, salvo en los chalets de construcción moderna, no he visto uno que otro raro jardín. Esto en uno de los barrios considerados como más lindos de Río.

—Es la influencia de los portugueses —me dice el hombre del pijama a rayas—. Somos gente triste. ¿No ha observado

que aquí no hay ninguna alegría? Y, sin embargo, Río tiene dos millones de habitantes...

—¿Cómo, dos millones?...

—Y un poco más. Y para estos dos millones de habitantes hay tres teatros habilitados... salvo la docena de cinematógrafos que trabajan.

¡Dos millones de habitantes y ningún jardín, ninguna flor! ¿No es triste y significativo el detalle?

Se vive, como en una nota anterior dije, sombríamente. Los que trabajan van del empleo a su casa. En los cafés usted no encuentra a un trabajador más de cinco minutos sentado frente a su taza, a un empleado, quería decir. Los trabajadores no entran a los lugares frecuentados por la gente bien vestida (nota aparte). En Buenos Aires, un obrero termina su trabajo y se cambia de ropa. En la calle está a la par del comerciante, del rentista y del empleado. Aquí no. El trabajador es siempre lo que es en todas partes. Va a su casa, el caserón sombrío, y no sé si de cansado o desespiritualizado, no encuentra en su voluntad las fuerzas de mantener un clavel floreciendo en un ex tachito de conserva.

—En Petrópolis, paraje donde veranea el Presidente de la República, hay jardines —me dice un señor—. Mas es curioso: allí las flores no tienen perfume.

Yo no termino de explicarme ciertas contradicciones. En Petrópolis las flores no tienen perfume; aquí las mujeres son aficionadísimas como los hombres a los perfumes. Y, sin embargo, en toda la ciudad ni una sola flor... ni un solo jardín.

—Es la tristeza portuguesa —insiste el amigo lisbonés—, sumada al enervamiento que produce el sol.

¡Y vaya uno a saber si no es así!

CIUDAD QUE TRABAJA Y QUE SE ABURRE

(MARTES 15 DE ABRIL DE 1930)

En el concepto de todo ciudadano respetuoso de los derechos de la fiaca, porque también la fiaca tiene sus derechos según los sociólogos, el café desempeña un lugar prominente en la civilización de los pueblos. Cuanto más aficionada es a tirarse a la bartola una raza, mejores y más suntuosas cafeterías tendrá en sus urbes. Es una ley psicológica y no hay qué hacerle: así batan los sabios.

Aquí se labura

Nosotros, habitantes de la más hermosa ciudad de América (me refiero a Buenos Aires), creemos que los cariocas y, en general, los brasileños, son gente que se pasa con la panza al sol desde que «Febo asoma» hasta que se va a roncar. Y estamos equivocados de medio a medio. Aquí la gente labura y sin grupo. Se gana el marroco con el sudor de

la frente y de las otras partes del cuerpo, que también sudan como la frente. Yugan, yugan infatigablemente y amarran lo que pueden. Sus vidas se rigen por un subterráneo principio de actividad, como diría un señor serio haciendo notas sobre el Brasil. Yo, a mi vez, digo que doblan la esquina todo el santo día y que de sábado inglés, ¡minga! Aquí no hay sábado inglés. Y allí se terminaron las fiestas. Trabajan, trabajan brutalmente, y no van al café sino breves minutos. Tan breves, que en cuanto se queda usted un rato de más, lo echan. Lo echan, no los mozos, sino el encargado de cobrar.

¿Y el llamado café «express»?

Ante todo no se conoce el café express, esa mezcla infame de serrín, pozos de express y otros residuos vegetales que producen una mixtura capaz de producirle una úlcera en el estómago en breve tiempo. Aquí, el café es auténtico, como el tabaco y las naturales bellezas de la mujeres. Los cafés tienen sillones en las veredas, pero en la vereda no se despacha café. Hay que tomarlo adentro. Adentro las mesas están rodeadas de sillitas que dan ganas de tirarlas de una patada a la calle. He visto sentarse un gordo, del cual cada pierna necesitó de una silla. La mesita de mármol es reducida; en fin, parecen construidas para miembros de la raza de los pigmeos o para

enanos. Usted se sienta y empieza tirar la bronca. Una orquesta de negros (en algunos bares) arma con sus cornetas y otros instrumentos de viento un alboroto tan infernal que usted no terminó de entrar cuando ya siente ganas de salir.

Se sienta y le traen el fecca. Sin agua. ¿Se da cuenta? En un país donde hace tanta calor, le sirven el café sin agua.

Usted ahoga una mala palabra y bramando dice:

—¿Y el agua? ¿Se vende el agua aquí?

—O senhor quiere acua yelada... Un vaso de acua yelada.

Y le traen el

«acua yelada» con un pedacito de hielo.

El vaso es como para licores, no para agua.

No termina de tomar el café, cuando un turro vestido de negro, que se pasa el día haciendo juegos malabares con monedas, se le acerca a la mesa y le golpea con el canto de una chirola de mil reis el mármol. Mil reis son treinta guitas. Usted que ignora las costumbres lo mira mal turro y este lo mira a usted. Entonces usted dice:

—¿Por qué no se golpea la jeta en vez de golpear el mármol?

Hay que palmar e irse. Pagar los seis guitas que cuesta el café y plantar. Si usted quiere hacer sebo, tiene los sillones de la vereda. Allí se despachan bebestibles que cuestan un mínimo de 600 reis (18 centavos argentinos).

Pas de propina

El mozo no recibe propina. Mejor dicho, nadie la da con el café. El hombre que hace juegos malabares con los cobres es el encargado de cobrar y de consiguiente el único que afana... si es que roba, porque este es un país de gente honrada. De modo que el espectáculo que el ojo del extranjero puede gozar en nuestra ciudad, y es el de robustos vagos tomando la sombra dos horas en un café bebiendo un «negro», es desconocido aquí. La gente concurre a la hora de moda a los sillones de las veredas. El resto de la multitud entra al café para ingerir una tacita de feca y raja. Aquí se labura, se trabaja y se ha tomado la vida en serio.

¿Cómo hacen? No sé. Hombres y mujeres, chicos y grandes, negros y blancos, trabajan todos. Las calles hierven como hormigueros a la hora del bullión.

Conclusiones

Si no fuera un poco atrevida la metáfora, diría que los cafés son aquí como ciertos lugares incómodos, donde se entra apurado y se sale más rápidamente aún.

Ciudad honrada y casta. No se encuentran «malas mujeres» por las calles; no se encuentra ni un sólo café abierto toda la noche; no se escolaza, no hay levantadores de quinielas.

Aquí la gente vive honradísimamente. A las seis y media todo el mundo está cenando; a las ocho de la noche los restaurantes están ya cerrando las puertas... Es como dije antes: una ciudad de gente que labura, que labura infatigablemente, y que a la hora del raje, llega a su casa extenuada, con más ganas de dormir que de pasear. Esta es la absoluta verdad sobre Río de Janeiro.

POR QUÉ VIVO EN UN HOTEL

(MIÉRCOLES 16 DE ABRIL DE 1930)

Es inútil... Yo tengo pasta de profeta. Cuando me ocupé de mi amigo, dije que había dado con mis huesos en la caverna del mayor bandolero que pudiera conocer. Claro está, un malandrín interesante. También dije que la casa constaba de dos colchones y una cama. La cama me la concedió en honor a mi novela.

Algo increíble

Pues van a ver ahora lo que pasó.

Una noche me acuesto lo más tranquilo. Duermo sin que me ocurra nada. Esa mañana despierto a las siete. Mi amigo estaba por salir. Dijo: «Hasta luego»; y yo volvía a roncar. A eso de las nueve, siento que alguien me tira del brazo. Abro los ojos y me veo rodeado de una cáfila de mozos de cordel, color de chocolate que me miraban con gravedad. Y uno de ellos me dice:

—Sua Excelencia poe dexar a leito...

(¡Araca, me llaman «Excelencia»!). Me incorporé diciendo, como si fuera excelencia de verdad:

—¿Qué pasa aquí?

Mi estupefacción se multiplicó al grado infinito. Vi que los negros cargaban con los colchones y rajaban con ellos a cuestras. Entonces, uno de los cargadores me explicó que los colchones y la cama, los había vendido mi amigo a una ropavejería y que, en síntesis, no eran ladrones, ni procedían a furto, sino que se ganaban el pan cargando bultos, y que la cama en la que yo apoliyaba dulcemente estaba comprendida en la operación comercial que el pillastre había realizado.

Me vestí y salí a la calle. No a consultar a los hombres sabios, sino a reírme. Quiero dejar circunstancia que en todo el departamento lo único que quedó fue un par de sabanas, algunos calcetines de puntas raídas y harto sucios, la cafetera fantástica, un envoltorio con pan y mis maletas. Y tan distraído estaba que al bajar la escalera me olvidé de cerrar la puerta del departamento.

Y he aquí ahora que lo encuentro al financista por la calle y le digo:

—Decime, bandido, ¿cómo es que vendiste las camas? Sin conturbarse, me contestó:

—Quiero amueblar el departamento. Así no puede estar.

—Es que allí no hay ni donde sentarse. Se han llevado hasta las sillas... Entonces, gravemente, reflexionó y me dijo:

—Habrá que comprar unos cajones de kerosene para sentarse...

Cuando contestó así empecé a reírme. La gente que estaba por la rua se detenía a mirarnos. Por fin, cuando pude ahogar las carcajadas, razoné:

—¿Y ese es moblaje con el que vas a adornar el departamento? ¡Mal rayo te parta! Tomá las llaves, yo me voy a dormir al hotel.

—¿Cerraste la puerta?

—No, ¿para qué la voy a cerrar?

—¡Cómo! ¿Dejaste la puerta abierta?

—Sí, ¿qué tiene?

—¿Y vos querés que el primero que pase se meta allí? ¿Que me lleven lo que queda?

Juro que nunca me he reído tanto. Los transeúntes se detenían y me miraban como diciendo: «¿Qué le pasará a este hombre?», mientras que mi amigo vociferaba:

—¡Yo tengo que hacer de padre con vos! ¡Caes en mi casa, tirás los puchos por los rincones, me despojas de mi más hermosa cama!; rompés las sábanas, te bebés mi café, mi pan, el sudor de mi frente, dejás abierta la puerta para que el primer mal hombre que pase me despoje de mi hacienda y te reís todavía.

¡Te reís de mí, que hago con vos las veces de un padre!

—Pero ¿qué hacienda querés que te roben, viejo bandido, si lo único que quedan allí son papeles y libros, papeles garabateados?

—Los originales de mis obras maestras... de mi libro... Juro que nunca me he reído tanto como hoy. Hasta las meninas que laburaban en el mostrador de una cigarrería empezaron a mirarme y a reírse de mi amigo, que seguía:

—¿Esa es la gratitud que tenés por los cuidados paternales que te he dispensado? Gozás en hacerme daño; en dejar la puerta abierta de mi casa, para que el primer foragido que pase me despoje. ¿Así es como me agradeces los servicios que te he prestado, no como a un amigo, sino como a un hijo? Porque vos, por tu edad, sos un mocoso a mi lado...

—Bueno, ¿y dónde dormimos esta noche? Yo tendré que ir al hotel. ¿Y el periodista portugués? Ese sí que ha quedado en la rua...

—¿Cómo? ¿Se llevaron la cama del portugués?

—¿Qué cama? ¿El colchón, querrás decir? ¡Claro que se llevaron el colchón!

—¡Dios mío! ¡Es que el colchón era de él! ¿Cómo la arreglamos ahora?

—¿Que el colchón era del hombre del pijama a rayitas?

—Sí, lo compró con su plata.

—¿Y vos lo has vendido?

He aquí porqué, desde hace un par de semanas, vivo en un hotel y creo que la hospitalidad, como sentimiento amistoso, es muy linda, pero incómoda si a uno le venden la cama en que la apolilla.

RÍO DE JANEIRO EN DÍA DOMINGO

(MARTES 22 DE ABRIL DE 1930)

Busco inútilmente una definición de Río de Janeiro ciudad. Porque Río es ciudad, no hay vuelta; pero una ciudad de provincia con una triste paz en sus calles muertas por el domingo.

Cinco de la tarde. Asomo la nariz al comedor de la casa de pensión donde vivo. La patrona, unas pensionistas, algunos pensionistas. Todos hacen una rueda en torno a la mesa y juegan unos tostones (moneda de tres centavos argentinos) al póker. ¡Juegan de cobres al póker! Hago devotamente la señal de la cruz frente a estos timberos audaces y rajo para la calle. Ni el consuelo de hacer gimnasia me queda, porque la Asociación está cerrada.

Calle

La calle donde vivo se llama Buenos Aires. Pues aunque debajo de «Buenos Aires» pusieran «República Argentina»,

como en las cartas, esta calle no sería menos esgunfiadora, triste y aburrida que las cien mil calles de este Río de Janeiro, sin jardines, sin pájaros, sin alegría.

Anoto: «Dos chicos en patas, color de chocolate, que juegan en medio del asfalto de la calle. Muchas mujeres descalzas en el balcón de un primer piso, apoyadas de codos en el pasamano. No sé lo que miran. Posiblemente no miran nada. Un turco vende uvas en una esquina. Tres mulatos inclinan en una lechería la cabeza sobre tres tazas de café. Miro por milésima vez la fachada de las casas, la piedra. Los arcos de piedra. Las columnas de piedra. Piedras... Negros y chicos descalzos. Vuelvo a persignarme. Me acuerdo de la timba doméstica ¡un testón a un full! Estoy seco de tanta virtud. Materialmente seco...».

Entro a una plaza cercada con una verja. Alta y robusta. La verja, que debía estar en la casa de los leones, no aquí en una plaza. De pronto, en mis oídos resuena el estrépito de una corneta. Es un automóvil que cruza la plaza. Aquí los automóviles pueden andar por las plazas.

¡Señor! ¡Hágase tu voluntad así en el Cielo como en la Tierra! Ten piedad de tu humildísimo siervo Roberto Arlt, ya seco de bellezas brasileñas.

Suma y sigue

Una rueda de chicos y chicas de todos los colores y edades juegan a algo que debe ser muy parecido a «la viudita de San Nicolás, se quiere casar y no sé con quién».

¡Perdona, Señor, nuestros pecados, como nosotros perdonamos a nuestros deudores! Una rueda de papanatas con barbas y sin ellas, se vierten en torno del círculo con las manos cruzadas atrás. En un prado, un animalito que tiene el cuerpo como una berenjena y la cabeza de un ratón juega entre lo verde. Más lejos, tres bestiecitas como esta se han detenido al pie de una palmera. Camino. No sé si estoy en África o en América.

Suma y sigue

En un banco de piedra, un negro vestido de luto. Al lado una negra vestida de rosa. Al lado de esta negra, una anciana de carbón piedra. El grone, que gasta anteojos con armadura de carey, ha tomado la mano de la negra de rosa, y mostrando magníficos dientes, le declara amor eterno. El grone debe llamarse Temístocles. La negra de rosa pone los ojos en blanco mayor, y la anciana de carbón piedra vuelve la cabeza para otro lado. Huyo de este paraje de Romeo y Julieta o Calixto y Melibea del mulataje, y murmuro:

—¡Hágase, Señor, tu voluntad, tanto en el Cielo como en la Tierra! Y rajo.

En otro banco de piedra, y sin respaldar, veo a una pareja blanca. Como si no les fuera suficiente tenerse de una mano, se han tomado las dos manos. Me acuerdo de La gloria de Don Ramiro y el fraile que murmura, enseñándole un rosal a Ramiro:

—Agora llega la estación libidinosa (Señor, ten piedad de tu humilde siervo, que sólo encuentra tentaciones que sobresaltan su recato).

Pianto. No quiero que conturben mi castidad. Son las seis de la tarde. En todas las fondas y restaurantes hay gente morfando. Paso delante de tabernas que deben ser los infiernos del estómago. Frente a un restaurante que ulceraría no el duodeno, sino también una chapa de acero de cromo níquel. En uno veo este letrero: «Puchero a la española». Comer puchero en el Brasil es tan difícil como devorar caviar en Buenos Aires. Sigo de largo. Voy murmurando una retahíla de malas palabras.

¿Quién me mandó a mí salir de Buenos Aires? ¿Por qué fui tan gil? ¿No estaba tranquilo y cómodo allí?

¡Ah, juventud, juventud! Me acuerdo del Guzmán de Alfarache, que cuando muchacho salió a pedir limosna a la una de la tarde y todo lo que encontró fue un tacho de agua

caliente con berzas revueltas, que un criado le tiró por la cabeza. Y las palabras que le dirigió un mendigo viejo:

—Eso te ocurre por buscarle tres pies al gato.

Nueve de la noche. Gente que espera el bondi para irse a dormir. Calles desiertas. Media docena de aburridos en cada café. Ventanas iluminadas. Me acuerdo de la timba en la pensión y me digo: «En cada casa de estas debe haber un escolazo de tostones». Enciendo un cigarro de dos mil reis y rechupo furiosamente.

¿Qué hago yo en esta ciudad virtuosa, quieren decirme? ¿En esta ciudad que no tiene crónica de policía, que no tiene ladrones, estafadores, vagos, rateros; en esta ciudad donde cada prójimo se gana el «feyon» y le regala un hijo bimensual al Estado? ¿Qué hago yo?

Porque aquí no hay ladrones. ¿Se dan cuenta? No hay cuenteros. No hay estafadores. No hay crímenes. No hay sucesos misteriosos. No hay pequeros. No hay tratantes de blancas. No hay la mejor policía del mundo. ¿Qué hago en esta ciudad tranquila, honesta y confiada?

Me siento en un café. Pido cualquier cosa. Medito tristemente mirando la calzada lustrosa y huérfana de gente. Me rasco la punta de la nariz. Y me digo, por cienmilésima vez, ¿qué es lo que se puede escribir sobre el Brasil? ¿El elogio del laburo? No es posible. ¿Qué dirán todos los vagos porteños

si hago el elogio del laburo sin sábado inglés, sin timbas, sin nada? No hay caso.

¿Escribiré sobre negros? ¿A quién interesan los negros, que no sean sus cófrades, los ordenanzas del Congreso?

¿Escribiré sobre las meninas? Mi director tira la bronca, dice que me estoy volviendo «excesivo», y mi director no sabe que encuentro paz y calma en una hora cotidiana de gimnasia brutal. ¿Qué hago, quieren decirme? Volverme es lo que me parece mejor.

DIVAGACIONES Y LOCOMOTORAS DE FANTASÍA

(JUEVES 24 DE ABRIL DE 1930)

Aquí ni a las locomotoras las pudieron hacer serias, como corresponde a la severa petulancia de la ingeniería mecánica. ¡Ni las locomotoras! Como si no les fuese suficiente con el colorido de los montes, de las mujeres y de los crepúsculos que encienden la ciudad de lluvia sonrosada o verdosa, adornaron también las locomotoras.

¡Y con moñitos! Yo digo la verdad.

En la estación

Me dirigía a Leopoldina. Fui a tomar el tren a la estación Pedro II. De entrada, un tufo de negro sudado me da en las narices. Es un galpón inmenso, con una multitud que va y viene todo el día. Las frutas fermentan en los cestos de los traficantes. Los rieles describen curvas, de modo que no se

desenganchan para volver por una vía contraria, sino que entran a la estación y describen la curva. Nubes de humo, mugre por donde se mire. (Conste que no quiero hablar mal, me limito a reproducir casi fotográficamente lo que he visto).

Veinte kilómetros de viaje. Ida y vuelta en primera. Treinta centavos. Usted saca su boleto y entra al andén. Llega el convoy y cuando usted recuerda, hay gente colgada de los estribos. Entonces se resigna a esperar el otro tren y examina la locomotora.

Cúpula de bronce. Frente a la chimenea, una lira de bronce. Otras veces este adorno es sustituido por el cuerno de la abundancia. Otras veces por otra figura. Las palancas de la máquina al descubierto. Usted le ve los riñones, el vientre. Sobre los topes de los paragolpes, dos astas pintadas de colores aserpentinados, rojo, verde, amarillo. El paragolpes de rojo. Las cañerías de azul. Junto a la válvula de seguridad, una campana lustrosa parece fundida en oro. Usted mira la campana y frunce la jeta. «¿Para qué sirve la campana?», se pregunta. Y la campana sirve para batir peligro cuando el convoy se acerca a la estación. Usted ve al foguista que desesperado tira y afloja de la cuerda del cencerro. Así debían ser los trenes en los tiempos de Lord Beaconsfield, el excelente ministro de la Reina Victoria. Mucha agua ha corrido desde entonces hasta ahora bajo los puentes; pero

no tengo la culpa. La locomotora tiene astas o banderillas, campana y moñitos. Si no lo cree costéese hasta aquí. ¡Ah! El maquinista se confunde con el foguista y el foguista con el carbón, mas este suceso no tiene importancia. ¿Quién no es negro o casi negro, aquí?

Adentro

Si usted tiene la desgracia de viajar de primera, al entrar al coche tiene que taparse las narices. No sé cómo son los vagones de segunda. Creo que mi director mandaría al canasto una nota que versara sobre los vagones de segunda. Bueno; imagínese usted asientos de paja espachurrados, maderas que se aflojan... Yo le pregunté a mi acompañante si los vagones no estaban construidos con cajones de automóvil y me dijo que no; pero yo sospecho que sí. Y una roña que espantaría a Hércules; y eso que Hércules se limpió íntegramente solito las caballerías del muy mugroso rey Augías. Una roña que da miedo en los coches de primera. En los de segunda, no digo oste ni moste. Hablo de los coches de primera.

Los guardas, macanudos. Arranca el tren y si hay asientos se recuestan y charlan con los pasajeros, mejor dicho, con las pasajeras amigas. De pronto, la campana empieza a tocar a rebato. Usted asoma la cabeza y aparece una plataforma,

el tío de la campana le mete frenéticamente, y entre un desacompañado rechinar de frenos y sacudones de locomotora, se detiene el convoy. Para arrancar no toca la campana, ni hay pito; el tren se pone en marcha cuando el maquinista de visú ha comprobado que no hay pasajeros que trepen.

Un hedor agrio, catigoso, flota en todas partes. Yo lo miré a mi acompañante y le dije:

—Pero esta pestilencia, ¿de dónde sale?

Él me miró a su vez y muy amablemente me respondió:

—Debe ser del carbón de la locomotora este olor.

—Pero es que en Buenos Aires el carbón no tiene este olor...

—Deben usar otra marca.

—¡Ah!

El guardián se ha engalfado nuevamente en una interesante conversación con una indígena mestiza del Congo. Como no placía estar sentado, se recuesta en el asiento. El tren zarandeándose para todos los costados y echando un estrépito infernal, avanza a lo largo de la montaña. En los flancos de la montaña y de las sierras está el suburbio obrero. Veinte kilómetros. ¿Yo recorrí veinte kilómetros? Bajo el sol africano, este poblado de miseria, pedregoso, con calles que suben en escalinatas, con bananeros que se mecen a la orilla de acequias de agua podrida y tolderías de trapo, se

acompaña perfectamente con la locomotora y los vagones de primera. De los de segunda no hablo, no los he visto; y no quiero desacreditar la mercadería sin haberla visto. Pero sí en primera...

Es hora de irse a dormir. Hasta mañana.

CASTOS ENTRETENIMIENTOS (VIERNES 25 DE ABRIL DE 1930)

En Río me entretengo casta y recatadamente. Parezco alumno del Sacre Coeur, si hubiera escuelas del Sagrado Corazón para hombres. Y donde me divierto casta y recatadamente es en el restaurante Labarthe. Insisto: me divierto inmensamente observando a tres personas.

Los tres

Da gusto mirarlos. Juro que da gusto y gozo inmenso ver qué bien se llevan los tres: el esposo, la esposa y el amigo de ambos. Da gusto y edifica el corazón ver tanta humana armonía. Los tres almuerzan y cenan todos los días en la caverna Labarthe, en una mesa que el sucesor de Labarthe ya ha ordenado que les reserven, aunque truene o llueva. El corazón se dilata y sonrío de satisfacción al ver qué posible y verdadera es la [...] y los afectos que los malditos materialistas

niegan con insolvente contumacia. Digo que da gusto mirarlos. Yo que me enveneno a plazo fijo en la caverna Labarthe, cien metros antes de llegar voy diciéndome:

—Deben estar en el primer plato.

Y gozo casta y recatadamente. No sé por qué. Quizá porque mi bondad encuentra bello el espectáculo de la ternura humana. Posiblemente porque, como soy hombre puro, aspiro a los espectáculos que levantan el corazón con un panorama celestial. Y por el diablo, que toda mi pureza y limpios pensamientos encuentran en la mesa de los tres un campo propicio para madurar santos pensamientos. Y gozo casta y recatadamente. Da gusto mirarlos. El amigo, siempre afeitado, petiso, gordito, la nariz respingada, los botines lustrados, los carrillos resplandecientes, los ojos que bailan de felicidad; el marido con barba de tres días, traje raído silencioso. Ella fresca, carnuda, alta, comestible en sumo grado.

Cuando se levantan, el marido coge su sombrero, en cambio el amigo galante la ayuda a la esposa de su buen compañero a ponerse el tapado. Luego se queda esperando que salgan, con los ojos que le bailan, los carrillos resplandecientes. Tan celoso es de la honra de su amigo, que cuando alguno mira a la señora, se enoja y observa furiosamente.

Y salen. A la noche, vuelven. Siempre así, siempre en buena amistad, en dulce coloquio. Da gusto mirarlos. Yo, que

soy más bueno que el pan francés, gozo casta y recatadamente al verlos. Me doy cuenta de que la amistad es una de los más bellos presentes que Dios le ha hecho al hombre.

Los sucesores de Labarthe

Hoy he confesado a uno de los sucesores de Pierre Labarthe. Digo que lo he confesado porque ardía en curiosidad por saber de qué modo estos truhanes le habían comprado el envenenadero al difunto Pierre.

En circunstancias en que estaba almorzando (el trío se había eclipsado) se acerca a mi mesa uno de los dueños, que es un portugués con callos plantares, nariz fofa y grandota, ojos licorosos y bastante cargado de espaldas. Me preguntó si la comida me gustaba, y como soy sumamente sincero, le contesté que en su fonda podía comer sin perder la salud el mismísimo Presidente de los Estados Unidos del Brasil, a lo que el hombre se inclina agradecido y me dice:

—Muito obrigado.

Y empecé a confesarlo:

—¿Así que usted y su socio fueron antes funcionarios en este restaurante?

Evité decirle que había sido «mozo» porque no hay que nombrar la soga en la casa del ahorcado. Además, cualquier

turro que trabaja en un empleo no es empleado sino funcionario. Aquí se arregla a las personas con conversación y títulos, no con plata.

Otro fulano a quien el patrón hacía laburar catorce horas diarias por bicoca, agregaba:

—Sí, pero tengo la responsabilidad y el título de primer jefe.

Yo estuve tentado de preguntarle si con el título de primer jefe podía morfar; pero no lo hice dado que hubiera sido menoscabar el legítimo orgullo que le proporcionaba el nombramiento floripondioso. Mas, volviendo a nuestro relato, diré: entonces, el de nariz de remolacha y ojos licorosos me explicó que sí, que él fue funcionario durante largos años en el mencionado restaurante hasta que se lo compró a Labarthe, en ochenta contos. (Un conto son trescientos pesos argentinos). Es decir, en veinticuatro mil pesos.

—¿Y de dónde sacaron esa plata?

Casi, en vez de «sacaron», le digo: «¿Dónde robaron tanto aryant?». Y entonces el hombre, con ademán devoto, se explicó. Él y su compañero tenían veinte contos cada uno, o sea doce mil pesos de economías... a razón de seis mil pesos por cuatro patas, quiero decir, por cabeza. Buscaron otros veinte contos y Pierre Labarthe embauló de golpe y porrazo los veinticuatro mil pesos y reventó. Reventó

dejando treinta mil contos, es decir, cerca de un millón de pesos moneda nacional.

Armonía

Hay que ver con qué armonía se llevan estos dos proveedores de clínica cancerosa y pompas fúnebres. La caja la atienden turnándose: una semana uno, otra semana el otro. Vigilan con más ojos que Argos el servicio, tratan a los mozos como si fueran perros, no hombres, y perros sarnosos por añadidura. He visto patronos y de todas las cataduras, pero déspotas como estos inverosímiles piojos resucitados, nunca.

Con los clientes gastan amabilidades de esclavo. En cuanto usted entra, el que está en la caja lo saluda con la mano; el otro, corre a su encuentro y le toma el sombrero. A usted le parece que algo falta en la mesa, cuando va a pedirlo, ya se avecina uno de los socios con la mercadería en la mano. Se anticipan a los deseos. Son perfectísimos. Para estos herejes, Dios es el cliente. A los mozos les ladran —no, es otro el término— les muerden los calcañares como los mastines a las ovejas. Cada semana hay cambio de personal.

A las ocho de la noche cuentan el dinero. Con las monedas hacen paquetes, con el papel fajos que rotulan. Hablan despacio entre ellos. He chusmeado que una noche uno

compra el diario y se lo pasa al otro; a la siguiente, viceversa. Llego a suponer que hasta para usar la navaja de afeitar se turnan con exactitud. Son felices, no leen libros, ignoran la filosofía y empacan viento.

¡QUÉ LINDO PAÍS!

(SÁBADO 26 DE ABRIL DE 1930)

Yo no sé si ustedes recordarán que una vez, a un amigo mío, chauffeur, varios señores lo ocuparon, le hicieron dar unas vueltas, ensayar la velocidad del coche, y luego le dijeron:

—¡Qué lindo coche para un asunto!...

Reflexiones

No sé si también les he contado que tenía un amigo ladrón, técnico de la ganzúa, que me planteaba problemas como estos:

—¿De qué modo entrarías a esta casa? ¿Cómo abrirías esta cortina metálica?

¡Era un genio! ¡Vaya a saber a qué alto cargo lo ha conducido su talento!

Posiblemente sea ahora bibliotecario en una cárcel.

Bueno: recorriendo muchas veces estas calles de Río de Janeiro; deteniéndome frente a escaparates de joyerías que tiene varios contos en pedrerías, relicarios de platinos, pulseras de oro macizo, cristales de todos colores, se me ha ocurrido más de una vez esta frase:

—¡Qué lindo salón para un asunto! ¡Qué calle tan desierta! ¡Qué magnífico subterráneo se podría hacer, en un día, en calle tan estrecha!

Aquí escasea la vigilancia. Usted toma un diario de la mañana o de la tarde y minga de crónica policial. No hay ladrones. El magnífico y siempre nuevo cuento del billete de lotería, del legado del difunto, de la herencia del tío; el ardid de la quiebra fraudulenta, de la cartera con vento, la sutileza del vento misho, de la máquina de fabricar plata, no tienen en Río cultores ni profesores ni académicos. Los únicos académicos son los de la Academia Literaria... que no roban a nadie, como no sea literariamente. Y eso no se llama «robo», sino «plagio».

En este sentido camino asombrado y le digo a mi amigo:

—Pero, dígame, ¿aquí no hay profesionales en eso de reventar cajas de acero? Vea esa joyería. ¿Quién no se da cuenta a la legua de que se presta para un asalto en banda y a mano armada? Vea ese banco solitario. Esa casa que únicamente trafica en piedras preciosas y que al lado tiene un conventillo atorrante. Un sencillo agujero en la pared...

Mi amigo es brasilero. Me mira espantado y se prende el saco. Yo continúo:

—¡Y la calle sin vigilancia! La gente que se acuesta a las siete de la tarde.

Toda una noche para laburar. Si es un pecado, amigo, no asaltar esa joyería.

Gente dichosa

¡Gente dichosa! Cien veces dichos. De los diarios leen solamente las cuestiones relacionadas con política. La policía, cuando tiene trabajo, es porque ha ocurrido un drama pasional: él, cadáver; ella, muerta; el amigo, fiambre también. En fin, la eterna trilogía que no pudo concebir Dios en el Paraíso, porque en el Paraíso sólo existían Adán y Eva, y el día que intervino un tercero, la serpiente, ya se armó el lío. Si en vez de la serpiente, es hombre, la raza humana no existe. Fuera de eso, la delincuencia es reducidísima. El trabajo de la policía se limita a expulsar a los comunistas, vigilar a los nativos a los que les da por esas ideas y dirigir al tráfico.

Alguna que otra vez estalla una revolución, pero eso no tiene importancia. Revolucionarios y leales tienen el buen y perfecto cuidado de interponer siempre entre sus personas una distancia razonable, de modo que la opereta continúa

hasta que los revolucionarios llegan a terreno neutral. Y como para llegar a terreno neutral median millares de kilómetros, una revolución suele durar un año o dos sin que por eso la sociedad tenga que lamentar la desaparición de ninguno de sus benefactores.

A veces estalla también un crimen bárbaro. Aparece alguno de esos monstruos que concitan en torno de una persona, casi de inmediato, un regimiento de médicos legistas. No se le manda a la cárcel, sino al manicomio de locos delincuentes. Las familias comentan el hecho durante un mes, luego se olvidan y la dulce vida sigue su ritmo, del trabajo a casa y su viceversa.

La gente va una vez o dos por semana al cine. Los cines son chiquitos como bomboneras, no tienen techo corredizo, salvo uno. Se suda con tanta amplitud en el interior de esas joyas cinemáticas que ir al cine presupone además la ventaja de darse un baño turco.

Los noviazgos son largos y seguros. Hay leyes tremendas que defienden a las mocitas contra los que les hacen una macana. Gruesas indemnizaciones pecuniarias, cárcel o casamiento. Y la ley no es nada, pero nada indulgente en dicho sentido. Desdichado del que se mete a hacer el novio y luego quiere tirarse a muerto. Va bien muerto. Se casa o lo encanan sin grupo, a menos que raje del Estado. De ahí esa

libertad magnífica que tienen los novios. Las familias van a pura ganancia. Bueno; seamos consecuentes. También si así no fuera, con la calor que hace y los temperamentos que existen, esto sería un

«disloque muerto de risa», como decía otro amigo mío, andaluz por añadidura.

Esa agresividad

Nicolás Olivari, el poeta de La Musa de la mala pata y de El gato escaldado, que ha estado en Brasil, me decía una vez:

—No hay sujeto más aburrido ni más agresivo que el porteño. Nuestra gente anda por la calle como si deseara tener camorra con alguien.

Y es cierto. Está en un permanente estado de agresividad contenida. Tranvías, trenes, ómnibus, la geta de todos es la misma. Ganas de armar broncas con alguien.

Aquí, será efecto del clima o de la educación, el pueblo es dulce, manso, tranquilo. Usted viaja en un tren cargado de gente pobre y al cuarto de hora, si quiere puede estar charlando con todo el mundo. Lo atenderán gentilmente, amablemente. Hasta el tuteo es respetuoso. Nosotros decimos «vos hablás», ellos se llaman «o senhor», así, en solamente tercera persona.

No hay teatro, lo que nosotros llamamos «teatro nacional», es decir, sainete y obras representativas de nuestras costumbres y cultura. En los teatros se representan obras extranjeras.

En fin; la gente vive tranquila, dichosa, feliz casi. El pobre resignado con su suerte no piensa o no sabe que existe una posibilidad de mejora social; el empleado lo mismo... Y así... ¡vaya a saber hasta cuando! Hay servicio militar obligatorio, pero nadie se presenta. En fin, una jauja, sin cadenas de chorizos.

DOS OBREROS DISTINTOS

(DOMINGO 27 DE ABRIL DE 1930)

A cualquiera se le ocurre que el obrero de Río de Janeiro es igual al de Buenos Aires; mas está equivocado. Obsérvese que no me refiero al obrero de los campos, sino al de las ciudades. En este caso, exclusivamente, la comparación se refiere al obrero de Río y al de Buenos Aires. No sé si en San Pablo, Bahía, Pernambuco o Manaos el obrero es distinto. Hecha esta salvedad, vamos al grano.

Impresiones de la biblioteca

Conversando con periodistas de los diarios O Jornale y Jornale da Noite, les decía que en nuestra capital, en todas las barriadas, Parque Patricios, Mataderos, etc., había centros obreros de distintas actividades. Estos centros, algunos minúsculos, les decía, tienen una biblioteca insignificante, libros de Zola, de Spencer, Reclus, la Biblioteca Roja, Semper,

la de «La cultura argentina», que fundó Ingenieros y, en fin, manuales de cultura popular hasta decir basta. Agregaba yo que el obrero argentino, porteño, lee, se instruye aunque sea superficialmente, se agremia, y en cuanto ha salido de su trabajo se trajea, confundiendo con el empleado. Así ocurre con el gremio de mecánicos, pintores, impresores, zapateros, etc.

Aquí en Río, no ocurre nada de eso. El obrero no lee, no se instruye, no hace nada para salir de su condición social pobrísima, en la cual el traje de trabajo es como un uniforme que sólo se quita al ir a dormir. Y conste que la población de Río es, numéricamente, igual a la de Buenos Aires.

Para darle una idea del fenómeno que anoto, respecto a la cultura popular, tómese en cuenta este dato. No hay ningún diario aquí que tenga un tiraje cotidiano de ciento cincuenta mil ejemplares. Compárense con los tirajes de los rotativos de nuestra población: El Mundo, La Nación, La Prensa, Crítica y otros, y se dará cuenta el lector lo que se lee en Buenos Aires y lo que se lee en Río. Me decían en O Jornale que aquí, antes de sacar a un diario, entre los cálculos de administración que se hacían entraba el de venta de ejemplares, cuando por el contrario, en Buenos Aires, la venta da pérdida y el aviso, ganancia.

He interrumpido la nota para dársela a leer a un periodista de O Jornale, el señor Novrega. Ha leído la hoja, y exclamó:

—Tiene razón. Pero el día que estos cuarenta millones de hombres lean, Brasil será un peligro. Y Norte América lo sabe...

Y Novrega acaso tenga razón.

Volviendo al obrero

El obrero de Río de Janeiro trabaja, come y duerme. Mezcla de blanco y negro, analfabeto en su mayoría, ignora el comunismo, el socialismo, el cooperativismo. Ustedes recordarán que en más de una nota yo hacía chistes respecto a nuestras bibliotecas de barrio y de nuestra superficialísima cultura. Ahora me doy cuenta que es preferible cien mil veces una cultura superficialísima a no tener ninguna. Nuestros críticos teatrales también hacen una labor negativa. Critican el sainete, que le interesa a nuestro público. Incapaces de escribir un pésimo acto, hablan continuamente del arte y se olvidan del pueblo. (En Brasil estarían orgullosos y felices de tener un Vacarezza). En tanto el pueblo nuestro, el obrero, concurre al cine, al teatro, más al teatro que al cine. Llega a su casa y habla de lo que vio. Los hijos lo oyen. Se forma una atmósfera cultural. ¿Qué digo? Ya está formada. En la Asociación Cristiana de Montevideo, me decía un señor chileno, refiriéndose a su patria:

—Nuestra cultura es profunda, pero no tiene ninguna extensión. La de ustedes los argentinos es superficial y extensísima. Y para un pueblo en formación es preferible la extensión a la profundidad. Ella vendrá después.

Y tenía razón.

Es necesario viajar para darse cuenta de ciertas cosas. Lo bueno y lo malo. Teatros, diarios, novelas, cuentos, revistas, están formando en nuestro país un pueblo que hace que uno a lo lejos se sienta orgulloso de ser argentino. Aquí, el obrero, ni por broma va al teatro. Ni tampoco lee. ¿Se dan cuenta ustedes? Teatro, lectura, son lujos reservados para la gente de dinero... para la gente de dinero, cuando en día de ópera, no hay albañil en Buenos Aires que no vaya al escalón de un gallinero en el Marconi o en el Pueyrredón de Flores para salir tatareando el aire en el que descuella su ridículo tenor.

Conclusiones

El obrero argentino se ha asegurado, dentro del país en que vive, un puesto no social, sino con las comodidades que aquí están reservadas para una clase social. Obrero o empleado, en nuestra ciudad suena lo mismo. Aquí, no. El obrero es una cosa que viste mal, trabaja mucho y vive peor. El empleado trabaja mucho, va una o dos veces al mes al cine,

en cuanto sale de su oficina se cambia de traje y hasta el día siguiente no se mueve de su casa.

Nuestro obrero es discutiador porque entiende de cuestiones proletarias. Hace huelgas, defiende rabiosamente sus derechos, estudia, bien o mal; manda a sus hijos a la escuela y quiere que su hijo sea «dotor» o que ocupe una posición social superior a la suya. Viste a la par del empleado, sobre todo el obrero joven, que es más evolucionado que el viejo. Ya lo dije... obrero... empleado... en nuestra ciudad suena lo mismo. Claro está, con la diferencia de que el obrero gana más y no lo dejan en la vía como se hace con el empleado.

En Buenos Aires estamos acostumbrados a dicho espectáculo y nos parece el más natural del mundo. Pero venga aquí, converse con personas cultas al respecto de este problema y todos, sin excepción, aún el brasileño más patriota, le dirá:

—Tiene razón. El obrero argentino está en un nivel intelectual enormemente superior al obrero brasileño.

Y de pronto usted se da cuenta de esto. Que los malos escritores, los malos periódicos, las malas obras de teatro, toda la resaca intelectual que devora el público grueso, en vez de hacerle daño al país, le hace bien. Los hijos de los que leen macanas, mañana leerán cosas mejores. Ese desecho es abono y no hay que desperdiciarlo. Sin abono, no dan las plantas hermosos frutos.

COSAS DEL TRÁFICO

(LUNES 28 DE ABRIL DE 1930)

En Río de Janeiro el tráfico es bastante distinto al de Buenos Aires. Ante todo, no se encuentran carros en la ciudad. El transporte se hace casi totalmente en camiones.

Sincronización

El tráfico está sincronizado, es decir que no hay «varitas». En cada bocacalle una columna con luces rojas y verdes indica cuándo los coches se deben detener y cuándo hay vía libre. Dicha señal reza también para el público, y yo no sé cómo no he muerto aplastado, porque los primeros días no me daba cuenta del fenómeno y cruzaba de todas formas. Además otro detalle: en la Avenida de Mayo los coches que circulan por la izquierda van hacia el Este y los que van por la derecha hacia el Oeste. Aquí es al revés. De modo que durante muchos días usted observa de

contramano y, claro está, no ve coches, que son los que vienen a sus espaldas.

Los tranvías, en conjunto, van a parar a dos estaciones. Una techada, llamada Galeria del Cruzeiro, donde hay muchas tabaquerías, y otra, la Plaza Tiradentes. En las calles que rodean esta plaza abundan los sacamuelas. Me imagino que de dicha vecindad deriva el nombre de la plaza. (Disculpen el chiste).

En otra nota dije que los tranvías eran lo más barato que había. Hay recorridos de tres centavos, de seis, de nueve, de doce y de quince. Un consejo: cuando tome un bondi de cuatrocientos reis, lleve comida o vianda. Viaja todo el día a una velocidad fantástica. Kilómetro tras kilómetro y no acaba de llegar al punto terminal de la línea.

Los ómnibus son caros. La tarifa elevada es superior en tres o cuatro veces a la del tranvía. En los ómnibus no hay boleteros. Usted sube y se sienta, mira en redor y entonces observa que junto al chauffeur hay un aparatito que es una columna cuadrada de hierro, con la parte superior de cristal. Esta parte superior deja ver una dentadura metálica. Por una ranura se echa el importe del viaje. La dentadura metálica impide que con pinzas u otro instrumento el chauffeur pueda afanarse las monedas. De trozo en trozo del trayecto suben al coche unos forajidos que gritan:

—¡Trucco!

Usted se siente tentado de gritar: «¡Quiero! ¡Retruco!». Haga la prueba de decirlo y verá, inmediatamente, que el hombre saca un montón de monedas y le ofrece cambio. Se llaman «trocaidores» y su misión consiste en impedir que los pasajeros, alegando que no tienen cambio, rajen sin pagar.

Los inspectores de los tranvías llevan un nombre más altisonante. Se llaman «fiscales». Usted les sobra la pinta y dan ganas de reírse. Estos fiscales van peor maltrechos que nuestros guardas de ómnibus suburbanos.

Automóviles no se pueden tomar. Resulta más barato hacerse un traje en mensualidades. Los chauffeurs se pasan el día a las espaldas del Teatro Fénix, jugando a la rayuela o a las carreras... pero a pie.

Lo que está a precios brutalmente baratos es la navegación. Un viaje de veinte minutos en barca cuesta doce centavos. Un pasaje de una hora y veinte minutos a la Isla de Paquetá, diez y siete centavos, ida, y otro tanto de vuelta. Se aburre uno de navegar por tan poca plata.

Son los vehículos acuáticos barcazas de dos puentes, con bancos laterales. Andan accionados por tremendas ruedas. Cuando hace mucha calor, la gente se quita los botines y el saco, y ahí sufren las personas de olfato delicado o no habituadas a esa familiaridad, sobre todo en el primer puente,

donde, mezclados con las personas, van cargas de muebles, sacos de arroz, de porotos (aquí el plato nacional es porotos mezclados con arroz), fábricas ambulantes de sorbetes y algún zebú.

Yo no sé si ustedes sabrán lo que es un zebú. Acaso lo conozcan de nombre, si bien en el Zoológico de Buenos Aires hay algunos ejemplares. Se trata de un buey africano. Tiene joroba en el lomo y cornamenta como algunos cristianos. En las novelas de Rider Haggard abundan los zebúes. Yo me acuerdo de que Allan Cuatermain, el cazador de las Minas del Rey Salomón, compró una docena de zebúes para ir hacia el desierto, que miraba al «pecho del Sebha». Y como este es un animal empleado en el tráfico (en el tráfico lerdo), diré que en la noche, cuando usted anda descaminado en alguna calle de esas que están a una legua de su casa, de pronto, en el silencio y la soledad, en alguna bocacalle, aparece al frente de un carretón monstruoso este buey jorobado, que camina con lento paso. A su lado, junto a las astas, marcha descalzo el carretero, o el cebulero, con una pequeña lanza en la mano.

Después está el funicular. Ese lo he descripto en una nota anterior. ¡Ah! En el puerto hay amarrado un submarino brasileño. Voy a ver si consigo permiso para visitarlo y les describiré lo que es este aparatito tan chico, menudo, largo, con una torrecita arriba, rectangular y que los deja pálidos

a los comandantes de los super dreadnaughts. Hoy me he escrito dos notas, he hecho una hora de gimnasia, veinte minutos de polea, diez de pelota, treinta de gimnasia sueca y tengo la esquena que me arde de fatiga. Así que basta...

LLAMÉMOSLO «JARDÍN ZOOLOGICO» (MARTES 29 DE ABRIL DE 1930)

Quiero suponer que el jardín zoológico de Río de Janeiro no tiene director. Quiero suponer que las pobres bestias allí encerradas no se ofenderán que yo llame a ese inquilinato con el nombre de «jardín», porque juro que en mi vida jamás había imaginado dar con rincón más atorrante que aquel. Es algo fantástico, desmesuradamente fantástico, «alucinante» como dice mi camarada, el genio portugués. Y si no es cierto, si lo que digo no es verdad, que me pidan la renuncia.

Las piezas de los leones

Si no me creen lo que voy a decir, presento la renuncia o hago que saquen una fotografía de la pieza de los leones. El león y la leona, como un matrimonio sin hijos, ocupan dos bulines; uno cada uno. Estos bulines son de ladrillo, piso

de tierra, paredes de 15 centímetros de espesor. Cada pieza mide de largo cinco metros; de ancho, cuatro metros. La altura son tres metros... y sin techo...

Es para quedarse frío. Les prevengo que yo pegué un salto cuando vi eso. Cualquiera día, la leona que es cabrerísima, nos va a dar un dolor de cabeza. La pieza no tiene techo, como no ser el natural plafón celeste. Las paredes son bajas, un buen salto y «salute, Garibaldi». Como que ayer a la tarde se quería rajar. Resulta que un grone, para hacerse el rana, empezó a embromarla a la dona con un palo. La leona se puso de pie y si se empeña un poco queda libre. Todos nos espantamos y vino un forajido (supongo que era un guardián) y armado de una caña tacuara, empezó a darle garrotazos a la leona y a gritarle, hasta que esta adoptó su posición natural, es decir, la de andar en cuatro pies.

Y no vayan a creer que son leones de juguete. No. Son de verdad, de carne y hueso. La reja que los separa de nosotros, los cristianos, tiene menos grosor que la de nuestras verjas para jardines domésticos. Insisto: cualquier día, con esas malas bestias, se va a armar un lío de Dios es Cristo; y más de un negro va a pagar los platos rotos. Lo que es yo, no vuelvo más por el zoológico. Me bastó una visita.

Nota aclaratoria

Las dos piezas, revocadas y pintadas de azul, que ocupan los cónyuges leonosos, llevan este ampuloso título: «Villa dos leoes». ¡Se necesita imaginación! Bueno; en este inclinato de los animales, todo es imaginación, desde el título de «jardín zoológico» hasta el «serpentario».

¿Y el serpentario?

El serpentario es una papa. Algo digno de la fantasía de un mantequero persa. Un galpón sucio, construido con tablas, donde han ensayado el color de sus pinceles cuantos pintores de brocha gorda pasaron por allí. En este galpón, a medias de cinc y a medias de tablas, pernoctan las serpientes. Las serpientes están colocadas dentro de algunos cajones que deben haber sido cajones de aceite en otra época, y la tapa no es de vidrio, sino de alambre tejido de malla muy fina. Esto se presta para la siguiente diversión. Las serpientes son muy aficionadas a dormir y más en la semioscuridad del galpón húmedo. Bueno, la diversión consiste en lo siguiente: hay que llevar una caja de fósforos y un habano. Se enciende el habano y se raspa el tizón sobre el tejido, encima del lomo de las serpientes. Las chispas caen encima de las víboras y estas respingan que es un contento. Las hay de ligero color

bronceado, otras que parecen espolvoreadas de limaduras de acero, finas, elásticas, venenosísimas. Cuando el fuego les cae encima, fuera de las fauces les ondula la lengua como una chispita negra. Si uno quiere llevárselas, nadie se opone porque los guardianes brillan por su ausencia. En un jaulón más grande, también forrado de alambre tejido, habita una boa constrictor que tendrá nueve metros de largo y treinta centímetros de diámetro. Una bestia monstruosa.

Casillas de animales

Salvo la casa de los leones, la de los tigres y la de un pobre oso melancólico y solitario, en este parque animal, con declives, lleno de restos de suciedades, tablas podridas, trapos inútiles, fierros oxidados, las casas de los bichos son cajones y parecen gallineritos de madera pintados de azul o de rojo.

Los animales son escasos; ni monos hay casi. La extensión de esta Arca de Noé (porque así, en semejante promiscuidad, debían vivir las bestias en el tiempo del Diluvio) es de unas cuatro manzanas cuadradas. Allí se encuentran montecillos semidestruidos, casas de tiro al blanco abandonadas, ranchitos, calesitas entre cuyos caballos crece pasto, un restaurante donde ni los animales comen, acequias de agua podrida, árboles derribados, galpones solitarios, jaulas con

pavos reales y plebeyos, gatos matreros (no sé de dónde salen tantos gatos, en cada cantero hay uno acurrucado). Miro a lo alto y del tejado de un segundo piso de una casillona de madera veo que cuelga un trozo de lona podrida. Doy con los pies en un montón de barras de hierro oxidadas. De pronto me encuentro frente a un cerquito donde se esgunfia un bisonte y árboles, ruinas, jaulas, todo le da a uno la sensación de haber entrado en una especie de laboratorio de animales, al Arca de Noé, al Paraíso terrenal, pero después de un ciclón o del combate que los ángeles tuvieron con los demonios.

Juro que es de asombrarse. Juro que el zoológico de la ciudad de Córdoba es infinitamente superior a este y que el de Buenos Aires, el nuestro, es al de aquí, lo que Marcel Proust al hombre primitivo...

Por eso comencé mi nota con estas optimistas palabras: «Quiero suponer que el jardín zoológico de Río no tiene director». No, no lo tiene. No es posible.

Postdata. No quisiera que esta nota provocara un conflicto diplomático.

SÓLO ESCRIBO SOBRE LO QUE VEO (MIÉRCOLES 30 DE ABRIL DE 1930)

Mi director me escribe: «Río debe ofrecer temas interesantes. Hay museos, conservatorios de música, cafés, teatros, la vida misma de los periódicos...».

Inocencia

Inocencia. Inocencia, precioso tesoro que cuando el hombre lo pierde no lo vuelve a reconquistar. Inocencia pura y angelical. ¿Conservatorios en Río? ¿Teatros en Río? Una de dos, o yo estoy ciego o mi director ignora en absoluto lo que es Río de Janeiro. Y tan en absoluto que yo no puedo menos de escribir lo que sigue: «Ando todos los días un mínimo de dos horas en tranvía. Otras veces voy a las islas, otras, a los barrios obreros. Y lo único que se ve aquí, es gente que trabaja. ¿Cafés? Ya he mandado una nota sobre los cafés.

¿Conservatorios de música? O yo estoy ciego o en este país los conservatorios no tienen letreros, ni pianos. Porque de mi vagabundaje por infinitas calles, sólo una tarde de domingo en la Isla de Paquetá escuché un estudio de Bach en un piano». Ya yo lo veo a mi director agarrándose la cabeza y diciendo: «Arlt está mal. Arlt se ha vuelto sordo».

No, no me he vuelto sordo. Por el contrario: estoy desesperado por escuchar un poco de buena música. Y, escuetamente, diré lo que no he visto.

Busco infatigablemente con los ojos academias de corte y confección. No hay. Busco conservatorios de música. No hay. Y vean que hablo del centro, donde se desenvuelve la actividad de la población. ¿Librerías? Media docena de librerías importantes. ¿Centros socialistas? No existen. Comunistas, menos.

¿Bibliotecas de barrio? Ni soñarlas.

¿Teatros? No funciona sino uno de variedades y un casino. Para conseguir que la Junta de Censura Cinematográfica permita dar la cinta *Tempestad sobre Asia* hubo reuniones y líos. ¿Periodistas? Aquí un periodista gana doscientos pesos mensuales para trabajar brutalmente diez y doce horas. ¿Sábado inglés? Casi desconocido. ¿Reuniones en los cafés, de vagos? No se conocen. Tiraje máximo de un diario: ciento cincuenta mil ejemplares. Quiero decir «tiraje ideal»:

ciento cincuenta mil ejemplares, porque no hay periódico que los tire.

No estamos en Buenos Aires

Es necesario convencerse: Buenos Aires es único en América del Sud. Único. Tengo mucho que escribir sobre esto. Allá (y eso se lo he dicho a los periodistas de aquí), allá, en el más ínfimo barrio obrero, encuentra usted un centro cultural donde, con una incompetencia asombrosa, se discuten las cosas más trascendentales. Puede ir a Barracas, a Villa Luro, a Sáenz Peña. Cualquier pueblo de campo de nuestra provincia tiene un centro donde dos o tres filósofos baratos discuten si el hombre desciende o no del mono. Cualquier obrero nuestro, albañil, carpintero, portuario, tiene nociones y algunos bien sólidas, de lo que es cooperativismo, centros sociales, etcétera. Leen novelas, sociología, historia. Aquí eso es en absoluto desconocido.

¿Aquí? Aquí la única frase que usted oye, señor, en la boca de gente bien o mal vestida, es la siguiente:

—Se travalla.

Donde va, usted escucha dichas palabras bíblicas. Vean: en la Asociación Cristiana de Montevideo, todas las noches se armaban unas tremendas discusiones sobre comunismo,

materialismo histórico, etcétera. No hay casi estudiante uruguayo que no tenga preocupaciones de índole social. Aquí eso no se conoce. El obrero, albañil, carpintero, mecánico, vive aislado de la burguesía; el empleado forma una casta, el capitalista, otra. Y como decía en una nota: los obreros ni por broma entran a los cafés donde va la «gente bien». Hay tranvías de primera clase y de segunda. Sí, tranvías. En los de segunda clase viajan los trabajadores. En los de primera, el resto de la población. No confundir con coches de primera, sino un conjunto: coche motor y dos o tres acoplados de segunda clase. Y esto ocurre en Río, donde hay dos millones de habitantes. Cuando me dijeron que Río tenía dos millones, yo no podía admitirlo. Y es que pensaba en Buenos Aires. Me hablaron del jardín botánico como la séptima maravilla. Fui a verlo y me dejó frío. Es inferior por completo al de Buenos Aires. Fui a barrios obreros y he recibido una sensación de terror. Durante varios días caminé con esa visión en los ojos. Fui a los barrios de cuatro cuadras cuadradas, donde se ejerce la mala vida, en compañía de un médico.

Eso es el infierno. Y cuando salíamos de allí, me dice el hombre:

—¿Y sabe usted que aquí nunca llega la inspección médica?

—¡Cómo! ¿No hay inspección municipal?

—No. Ni alcanzarían todos los médicos de Río.

«Se travalla». Esa es la frase. Se trabaja brutalmente, desde las siete de la mañana hasta las siete de la tarde. Se trabaja. No se lee. Se escribe poco. Los periodistas tienen empleos aparte para poder vivir. No hay ladrones. Los pocos crímenes que ocurren son pasionales. La gente es mansa y educada. Más aún, las casas de radio, que han infectado nuestra ciudad porque en el último boliche del último barrio encuentra usted un altoparlante aturdiendo a la vecindad, son escasas aquí. Y si no, venga a Río y mire las azoteas. No va a ver antenas casi. Pasee por las calles. No va a oír música.

«Se travalla». Se trabaja. Y después se duerme. Eso es todo; eso es todo,

¿comprenden? Hay que haber vivido en Buenos Aires y luego salir de él para saber lo que vale nuestra ciudad. Y después los críticos literarios se indignan con lo que contaba Castelnuovo en sus escasas páginas de un viaje por Brasil. Lo que ha dicho Castelnuovo no es nada. Lo que vio Castelnuovo en la «La charqueada», se ve aquí, en Río, en cualquier parte. Eso y muchas otras cosas más, que Castelnuovo no contó. Sobre todo lo que se refiere a la vida social del bajo pueblo.

«Se travalla...». Eso es todo. Y nada más.

SE LO RECOMIENDO PARA COMBATIR EL CALOR (JUEVES 1.º DE MAYO DE 1930)

Yo creo que le debo contar al lector, punto por punto, sin omisiones, sin efectos y sin lirismos, todo cuanto hago y cuanto veo» («La mancha», Páginas escogidas, Azorín).

Esto escribía el simpático Azorín, cuando el director de un periódico español lo mandó a pasear, como ha hecho el director de El Mundo conmigo. Es conveniente que haya directores de periódicos así. Cuando se mueran, uno los recordará diciendo:

—¿Fulano? Era muy bueno... Por él fui a X... Aunque X sea Brasil o Alemania.

Bueno. Pero yo no iba a contar esto, sino lo siguiente: tan disparatado es ir al Brasil a hacer gimnasia sueca, como sembrar bananas en el Polo. Y sin embargo, todos los días me fajo mi buena hora de gimnasia. Sí, señores; sesenta minutos, sin grupo ni descuento.

Es necesario

Seis días estuve meditando si iría a la Asociación Cristiana de Jóvenes Brasileños a descoyuntarme o no. Seis días en cuyo lapso no sé cuántos miles de reis hice saltar en refrescos, naranjadas y sorbetes. Ni a la sombra, ni al sol, encontraba alivio para el calor que le derrite los sesos a cuanto hombre del Sur llega aquí. Y me decía: «Como continúe de esta forma o me estalla el estómago de tanta porquería como ingiero o quedo reducido a una mínima expresión, vale decir: más chato que cinco de queso».

Intenté el procedimiento de los baños. No dan resultado. Fui a Copacabana. Lo de las muchachas de Copacabana es una mula. He visto algunas que se bañaban y no causan ningún efecto. Es inútil: la mujer, para interesar, tiene que estar vestida. Bien lo sabía cuando el diablo le sugirió a San Mael que hiciera adoptar el uso del vestido a las pingüinas. Y San Mael cayó en el enredo de Satanás.

Adopté el sistema de quedarme inmóvil horas y horas en una catrera, como un Buda bajo la higuera. Conté todas las rajaduras que tenía el cielorraso; todos los nudos que tenía el fruncido de una cortina y ni medio. El cogote me sudaba como el de un mulo de noria.

Visto y comprobado sobre el terreno que los sistemas fallaban por su base y que en ese tren me quedaría flaco,

escuálido y qué sé yo cuántas cosas más (sumado el agravante de que en cuanto sale a la calle usted empieza a sintonizar con toda mujer que mira y pasa), la tarde del 1.º de abril tomé mi pantaloncito, las alpargatas y la camiseta de hacer gimnasia, y rajé para la Asociación.

Sesenta minutos

Desde entonces me fajo sesenta minutos de gimnasia cotidiana. Esto sin contar la que hago antes de irme a dormir y al levantarme. Creo que soy un héroe. ¡Hago gimnasia en el Brasil! Resignándome como quien va al suplicio, me encamino todas las tardes a la Yumen (tiene un regio edificio). Me cambio, bajo a un sótano y empiezo a trabajar en los aparatos. Subo y bajo unas pesas endiabladas. Primero de pie, después de espaldas, después acostado, semiacostado, oblicuamente. Por las espaldas y el pecho me corren gotas de sudor gordas como porotos.

Y como el arte está en el matiz, al rato empiezo a trepar igual que un mono por una pared de travesaños redondos y hago flexiones colgado de los brazos. Este es un régimen macanudo para quedar en piel y huesos. Se lo recomiendo a los gordos.

Después me acuesto en el suelo de cemento armado. Queda uno como si le hubieran aplicado una pateadura jefe. Y

en cuanto usted empezó a respirar, suena el pito del profesor de gimnasia llamándolo a clase, porque la que ha hecho uno es clase individual y no vale. Y allí son otros treinta minutos de fajada consciente y organizada, con palos y con bochas. Luego la variación de trote, trote de todos los matices y estilos. Cuando termina, una ducha de agua fría, que aquí no es como en Buenos Aires, donde hay agua caliente. ¡Minga! Agua bien fresca. Esto se lo recomiendo a los neurasténicos y cocainómanos.

Y sale a la calle

Y sale a la calle con garbo gentil y majestuoso continente. Claro, después de todo ese laburo de flexiones, arqueamientos, saltos, estiramiento de piernas y brazos, tensión de músculos y la mar en coche, el esfuerzo de caminar resulta insignificante. El cuerpo no se siente, por más calor que haga. ¿Cómo se va sentir, después de semejante fajada? Y es la única forma de mantenerse bien. Si no, se va muerto. Sobre todo nosotros, los «de clima frío».

La temperatura, aquí, agota al hombre del Sur. Dese cuenta: el efecto lo sienten los nativos, que deberían estar acostumbrados, cuanto más nosotros... Los primeros días de llegar a esta ciudad, se camina con la cabeza abombada.

Usted sale lo más bien de su casa y, de pronto, todo le baila ante los ojos. Está mareado de calor, groggy, ese es el término. En cambio, con la gimnasia, ¡ríase usted del calor! Por brutal que sea, el cuerpo absorbe la fatiga, se vuelve más elástico, más recio, y «probarla es adoptarla».

He aquí el único medio para el argentino que quiere venir a vagar en este país de «paz y orden».

¡Ah! Se me olvidaba: también se puede comprar una heladera y atorrar en ella.

LA BELLEZA DE RÍO DE JANEIRO (SÁBADO 3 DE MAYO DE 1930)

El visitante no puede darse cuenta de lo que es Río de Janeiro, sin subir al Pan de Azúcar y para resolverse a subir al Pan de Azúcar, por lo general, se medita una hora. Porque son trescientos metros de altura y...

Una obra de ingeniería brasileña

Pongamos que usted se encuentra en la avenida Rio Branco y mira hacia el Pan de Azúcar, que es un monte; no: es la punta de una granada gigantesca, medio clavada en la tierra. Un casco de proyectil verde. Entre este proyectil y Monte Vermello, hay un socavón inmenso, cierto valle boscoso. Un telón de cielo azul; y si usted mira insistentemente, entre los dos montes, distingue, suspendido, un hilo fino, negro. Luego, si usted mira mucho, ve que por ese fino hilo se desliza un rectángulo negro, velozmente. De pronto

desaparece. La punta del Pan de Azúcar lo ha tragado. Es el funicular.

Se llega a la estación del funicular en tranvía. Cuesta nueve centavos el viaje y usted se harta de andar tanto.

Además, se cansa de decirse a cada momento: «¡Qué bárbaros estos brasileños!». Tienen un país magnífico y ni por broma le hacen propaganda para que vengan turistas. Bueno, se llega a Playa Vermella y allí está el monte: piedra gris, un bloque sin declive, que cae a pico sobre la Avenida Beira Mar. Enfrente, una garita de cemento armado. De esta garita salen los cables de acero de unos tres centímetros de diámetro. Con un declive de sesenta grados más o menos. Es brutal. Usted mira los cables de acero, el funicular y de pronto piensa: «Si se rompen los cables van a tener que juntarnos con pinzas». Altura inmensa que se le cae sobre la cabeza. Una emoción extraordinaria de ascender a esa altura en un declive semejante. El viaje de ida y vuelta al Pan de Azúcar cuesta seis mil reis: un peso ochenta de nuestra moneda. Bueno: usted sube, con cierta ansiedad, a la garita encapsulada. El guarda cierra la puerta y de pronto la garita está arriba de la calzada. Usted ha creído que sentiría vaya a saber qué emociones, y no siente nada.

Más emocionante es un viaje en colectivo. Sobre todo cuando el volante o las ruedas están descentradas. Se

encuentra ahora a ciento ochenta metros de altura y el Pan de Azúcar le tapa los ojos; está frente a usted. Tiene la sensación de que si estira el brazo lo toca; y entre Playa Vermelha y el Pan de Azúcar hay como doscientos metros. De allí, y con una rampa mucho más pronunciadísima, parten otros dos cables de acero, que por su propio peso trazan una curva sobre el abismo, mientras que al llegar a la cresta del monte ascienden perpendiculares a él. Y la emoción de cruzar suspendido sobre el bosque que está allá en el fondo, se repite en usted. Ahora sí que viene lo bravo. Pero sube al funicular: el guarda cierra la puerta y el funicular comienza a ascender los doscientos metros de altura que faltan para llegar al Pan de Azúcar. Un viento tremendo cruza las ventanillas de la garita. Esta conserva siempre su posición horizontal. Usted asoma la cabeza al abismo. Abajo, cascadas de árboles, cúpulas verdes y la arenosa curva de la playa. Ahora parece que el Pan de Azúcar viene velozmente a nuestro encuentro. La piedra se agiganta, la garita sube como ascensor; oscila en el interior de un nicho de piedra y ya está arriba. Abajo, los trece montes en cuyos valles se aloja Río de Janeiro muestran sus lomos cubiertos de casas, o sus frentes azulencos. Los diques fracturados, un puente, el agua verdosa, y ahora comprendo lo que es Río de Janeiro. Una ciudad fabricada en los valles que dejan los montes entre sí. Las casas trepan por

las faldas, se interrumpen; el bosque avanza, luego desciende. Rayas asfaltadas avanzan hacia la distancia, luego una sierra, peñascos y en el valle subsiguiente, otra lonja de población, techos rojos, azules, blancos, cubos que, como una vegetación de líquenes, asciende y se interrumpe, manchando de color tinta, de color engrudo, de morados y de óxidos de hierro y de verde de sulfato, las pendientes de piedra. Son las casas de dos millones de habitantes. Ahora se explica usted las vueltas de los tranvías. Para entrar a las calles de un valle, el tranvía tiene que pasar por las espaldas de este, un zig zag prolongado. La bahía, con una tersura de espejo de acero, se bisela un verde sauce junto a la costa. Pasa un transatlántico y tras él queda el agua en una estela, revuelta en suciedades de marisco. Distribuidas irregularmente, hay naves ancladas.

Cúpulas de cobre, de porcelana, de mosaicos y de azulejos; techos que parecen rectángulos de hierro colado; rascacielos cúbicos, honduras arboladas; un espectáculo feérico es el que ofrece esta ciudad de edificios escalonados en la pendiente de la sierra, que de pronto se anula misteriosamente o confunde su bisectriz con el ángulo de otro monte, cubierto de techos rojos a dos aguas y de avenidas asfaltadas. Usted mira y cierra los ojos. Quiere conservar un recuerdo de lo que ve. Es imposible. Los cuadros vistos se superponen, uno desvanece al otro, y así sucesivamente.

Usted lucha con esa confusión, quiere definir geométricamente la ciudad, decir: «Es un polígono, un triángulo». Es inútil... Lo más que podría decir es que Río de Janeiro es una ciudad construida en el interior de varios triángulos, cuyos vértices de unión constituyen el lomo de los cerros, de los morros, de los montes...

De pronto la ciudad ha desaparecido de sus ojos. Tiembla de frío. Mira en rededor. Todo es absolutamente gris. El Pan de Azúcar ha sido envuelto en una nube que pasa. Más allá hay sol.

¡POBRE BRASILERITA!

(DOMINGO 4 DE MAYO DE 1930)

He recibido una impresión dolorosa.

Cada vez que subía la escalera de la pensión donde vivo, venía a mi encuentro una india color café, que con las manos me hacía señas para que subiera despacio. Hoy, intrigado, le he dicho:

—Pero ¿qué diablos pasa, que no se puede caminar? Y la sirvienta me ha contestado:

—La mociña está muito enferma.

—¿Quién es la mociña?

—A filha da patrona.

—¿No se la puede ver? Me hicieron pasar.

La enfermita

En una cama ancha, sobre una amplia almohada, reposaba la cabeza de una muchacha de diez y nueve años. Grandes ojos negros, cabello enrulado enmarcando las mejillas. La

saludé y ella movió ligeramente los labios. De una ojeada la observé. Tenía la garganta envuelta en un pañuelo; bajo las sábanas blancas, se adivinaba un pobre cuerpo enflaquecido.

Amigas, maduras como grandes frutas, la rodeaban.

Me presentaron:

—El señor es el periodista argentino, el nuevo pensionista.

—¿Qué tiene? —pregunté.

Me explicaron. Pleuresía, la garganta, en fin, esas medias palabras que disfrazan la terrible enfermedad. Tuberculosis pulmonar y laringitis. Con razón no hablaba. Le sonreí y le dije esas palabras tristemente dulces que uno se considera obligado a dar a una pobre criatura a la que ninguna fuerza humana puede salvar.

Ella me miraba y sonreía. Le daba risa el idioma, como a nosotros nos hace reír el portugués. Por momentos, un golpe de tos la crispaba bajo las sábanas y las amigas solícitas la rodeaban.

Cuando salí me dedicó una sonrisa que sólo tienen los labios de las enfermas incurables.

Entré a una florería e hice que preparasen un ramo de rosas blancas, y a la tarde se lo di a la india sirvienta para que se lo llevara. Que al menos tuviera en el cuarto un pedazo de primavera. Y que fuera un argentino el que se lo había llevado...

Esta noche

Esta noche ha tosido mucho. Pero tanto que cuando bajé y entré al dormitorio, las amigas la sostenían, desvanecida, entre los brazos. Tenía la cabeza caída sobre el hombro de la india, de cuyos ojos caían lágrimas.

Se va a morir la muchachita del Brasil. ¡Diez y nueve años! Y he salido a la calle entristecido, pensando: «Es una iniquidad. Dios no existe. Esas cosas no deberían ocurrir».

He repetido exactamente todo lo que dice un hombre cuando cae sobre su cabeza una gran desgracia. Y sin embargo no conozco casi a esta criatura. La vi por primera vez ayer a la mañana; pero había tanta dulzura en sus ojos renegridos, que he sentido pena por esa vida que se le escapaba del pecho, minuto a minuto.

Con razón me decían que caminara despacio. No puede dormir. A cada momento la despiertan los tranvías que pasan haciendo ruido. Si no son los tranvías, es la tos.

¡Y con este calor, todo el día en la cama! Está tan débil que ya no puede caminar. Sólo conserva la carita con el óvalo perfecto y los grandes ojos que hablan, porque la garganta ya no tiene casi cuerdas vocales.

Ahora voy a visitarla todos los días. Le digo al entrar: «¿Cómo le va a la menina?». Y ella se ríe; porque ella hace un buen rato que ha dejado de ser menina y es señorita ya.

Yo sé que le causa gracia el idioma «aryentino». Se queda ratos mirándome.

Entonces le digo que el Brasil es muito bonito, que ella tiene que tener esperanzas en la Virgen que tiene a la cabecera (¡yo, hablando de la Virgen!); que no tiene que afligirse, que pronto se curará, que esas enfermedades así son muy fantásticas, y que «ya va a ver, pronto se podrá levantar y salir a caminar».

Ella me mira en silencio. Comprende que estoy mintiendo. Mira a la Virgen, a las amigas y sonrío. No es posible engañarla. Ella sabe cuál será el paseo que la espera. El último...

Y yo me acuerdo del Sanatorio Santa María en las sierras de Córdoba. Me acuerdo de las quinientas muchachitas que en el Pabellón Penna están postradas como esta muchachita de diez y nueve años para quien la vida sólo debía ser felicidad. Y de pronto una pena enorme me sube del corazón hasta la garganta. La sonrisa y los chistes se me terminan, y salgo a la calle diciendo, como diría un pobre negro o un pobre blanco, que no entiende de libros ni filosofías: «Y después dicen que Dios existe. Cosas así no deberían suceder».

ELOGIO DE UNA MONEDA DE CINCO CENTAVOS (LUNES 5 DE MAYO DE 1930)

Una señora argentina residente aquí me ha regalado una moneda de cinco centavos argentinos. Y yo he mirado la moneda matrera, perdida en este país de chirolas grandotas, y le he dicho:

¿Cómo te va, queridita? Aquí vas bien muerta entre estos tostones (moneda de tres centavos brasileros) y estos platos (porque no son otra cosa que platos) de cuatrocientos reis, que le agujerean a uno los bolsillos. Pero yo te saludo respetuosamente, querida chirolita. Te saludo con la emoción del porteño que ha perdido hace rato de vista su hermosa calle Corrientes y su magnífica Avenida de Mayo, su Florida cursilera y su majestuosa Callao. Cierto es que te baten prepotencia las monedas de esta patria brasileña; cierto que el vulgar tostón, grandote y retobado, te intimida; pero no le llevés el apunte; son tres centavos argentinos... y vos ¡sos cinco! Los cinco guitás atorrantes con los que arreglamos al mozo de feca en tiempo de crisis.

¡Cómo cambian los tiempos, querida chiolita! ¿Eh? Allí no te llevamos el apunte.

Le damos al primer turro limosnero que se nos cruza al paso, te dejamos abandonada en la mesa de cualquier lechería mugrienta y facinerosa. Sos el cambio indispensable para el subte y en concepto de tal, se te da categoría; pero aquí en Río, querida, no vas a correr aventuras. Estarás en mi bolsillo como un talismán que me dé suerte; y para hacerlos broncar de paso a todos estos reis, que de tantos miles que son no me duran nada.

Te trajo una señora argentina que quería llevarse un recuerdo de su linda tierra; te trajo para mirarte en los días que sintiera nostalgia de su ciudad, la más linda de SudAmérica; te trajo para que respiradas aires nuevos, adquirieras experiencias y aprendieras a falar portugués y conocieras, de paso, a los chiolones tábanos, los monedazos de doscientos reis, los de cuatrocientos, los de mil y los de dos mil, que son pura moneda de bronce y aluminio; minga de níquel, como te han fundido a vos.

Yo te miro con cariño, querida monedita. Te miro con esa dulce pavura que se nos entra en el alma cuando nos acordamos de los tiempos mishos; de las épocas en que teníamos los tarros rotos, las medias a medias, la corbata como una lonja, el jetra averiado por cuanto ángulo tiene.

Te miro y me recordás las magníficas tenidas de lechería, las discusiones filosóficas de los vagos del barrio, la hora postrera en la que el más reo dice: «Me tiro a muerto»; la hora del juicio final, cuando el menos pato exclama:

—¡No se aflijan, yo tengo cinco guitas para dejarle de propina al mozo!

Te miro y pienso: cinco guitas. Pienso que Buenos Aires está a cerca de tres mil kilómetros de aquí; pienso que esto puede ser SudAmérica como la costa de África; y al verte tan chiquita, tan menudita, tan flaca entre estas monedas que pesan kilos, me da miedo. No te morirás de tristeza perdida entre los reis, apelmada entre los tostones. Pero no tengas cuidado. Te voy a colocar en un marquito en mi pieza. Cuando entre y salga, cuando esté solo, meditando macanas y pensando pavadas, levantaré los ojos, te junaré de rabillo y diré: «Bueno; no estoy tan solo, tengo una compañera». Charlaremos. Nos batiremos nuestros mutuos infortunios. Vos me contarás la angustia de los crostas por cuyos bolsillos pasaste peregrina, sin poder durar en ninguno; me narrarás la odisea de innumerables vagos acosados de mil necesidades y yo te contaré, a mi vez, las broncas que no puedo escribir; alacranearé a esta gente y ¡pobre los dos!, nos consolaremos como hacen los patos de verdad, pero que hablan el mismo idioma.

Esto es lo que le he dicho a la chiolita de cinco guitars, que me ha regalado una señora argentina. La tengo encima de mi mesita de noche. Cuando llego de atorrantear por esas ruas negras, sucias y estrechas; cuando salgo echando pestes de los cafés, protestando de la cocina del restaurante del maldito Pierre Labarhte, inventor del tóxico «o soberanno dos vinos brasileiros»; cuando llego desesperado y sudando de las caminatas interminables que me hago en busca de motivos que no existen, la monedita fiel, lustrosa, fina, menuda, bonita, me recibe como un consuelo; los ojos de la cabeza de la República parece que me dicen al mirarme: «No me vas a abandonar» y yo le contesto:

«Te soy fiel. Te soy fiel, porque a pesar que aquí no servís para nada, me ligas a un pasado misho; te soy fiel porque me recordás mi ciudad, más querida ahora que nunca, porque está lejos; te soy fiel a pesar de que llevo los bolsillos reventados de tostones, porque hablás el idioma nuestro, resonante, machoso, bravo, retobado, compadre; te soy fiel porque en tu compañía el corazón me dice que llegarán buenos días en que tendré compañeras tuyas en el bolsillo y seré personaje importante diciendo, en una mesa de café: “Cuando anduve esgunfiado por el Brasil...”».

Y la monedita me relojea. Parece que sonrío y me responde:

—Es inútil... Tenés el alma de un vago.

Y a ustedes les parecerá mentira, pero yo tengo la impresión de que el alma de la chirola se desprende de su disco de níquel y me da un abrazo grandote y consolador. Y entonces me duermo tranquilo.

NO ME HABLEN DE ANTIGÜEDADES

(MARTES 6 DE MAYO DE 1930)

Alguien me dice:
—A usted parece que no le entusiasman las cosas antiguas: estas iglesias centenarias, estas estatuas del tiempo de la Colonia y el Emperador...

—Efectivamente —contesto—. Estatuas, iglesias antiguas y todos los cachivaches del otro siglo, me dejan perfectamente indiferente. No me interesan. Creo que no le interesan a ningún argentino. Aburren, seamos sinceros. Para nosotros, que tenemos los ojos acostumbrados a la línea de los automóviles, ¡qué diablos nos puede decir un arco o un ábside! Seamos sinceros. Yo admiro el arte de esos charlatanes que miran una piedra que fue de otro siglo y encuentran motivo para lloriquear una prosa jerigonza durante tres horas. Los admiro, pero no puedo imitarlos. Las iglesias antiguas no me llaman la atención. Las casas roñosas del siglo pasado, tampoco. Hemos protestado de

la estúpida arquitectura colonial, que en nuestro país se ha difundido entre los nuevos ricos, ¿y vamos a empezar a abrir la boca frente a estas casonas oscuras porque están hechas de piedra? Haga el favor. Todas estas casas me parecen muy lindas... para convertirlas en pedregullo.

—¿Sabe que usted es un tipo agresivo?

—Soy sincero. No he ido al Museo Histórico ni pienso ir. No me interesa. No interesa a nadie saber de qué color eran las polleras de las señoras del año cuatrocientos, o si los soldados andaban en patas o con abarcas. Esto es lo que me ha desilusionado de viajar. No daría un cobre por todos los paisajes de la India. Prefiero ver una buena fotografía que ver el natural. El natural, a veces, está en un mal momento y la fotografía se saca cuando el natural está en su mejor momento.

Mi interlocutor tiene ganas de indignarse, pero yo insisto:

—Una de dos; o nos engañamos a nosotros mismos y engañamos a los demás, o confesamos que el pasado no nos interesa. Y eso es lo que me ocurre a mí. Otro señor podrá hacer de las iglesias de Río un capítulo de novela interesante. A mí no me parece tema ni para una mala nota. ¿Estamos? Otro señor podría hacer de las callejuelas torcidas de Río un poema maravilloso. A mí, el poema y la callejuela me

fastidian. Y me fastidian porque falta el elemento humano en su estado de evolución. El paisajes sin hombres me revienta. Las ciudades sin problemas, sin afanes y los hombres sin un asunto psicológico, sin preocupaciones, me achatan.

Cuando yo miro la cara de un operario porteño sé lo que piensa. Sé qué afanes lleva en su interior. Sé que estoy en presencia de un elemento inquietamente social. Aquí, encuentro gentes que, con tal de ganar para el feyon, viven felices. Esto me indigna. En la pensión más equívoca se encuentra, entre carcajadas irrisorias, un altarcito encendido a la Virgen y sus santos. Se vive religiosamente, o no se vive.

Esta mezcla de superstición, de mugre, de ignorancia y de inconsecuencia me crispa. La empleada argentina es una muchacha trabajada de pensamiento en lo relativo; la empleada, aquí, es un artículo de lujo.

Los que viven mal no se dan cuenta de ello, aceptan su situación con la misma resignación que un mahometano; y yo no soy mahometano. Algunos me dicen que la culpa es de los negros; otros, de los portugueses, y yo creo que la culpa es de todos. En nuestro país había negros y había de todo, y la civilización sigue su marcha. No entiendo por «civilización» superabundancia de fábricas. Por «civilización» entiendo una preocupación cultural colectiva. Y en nuestro país existe, aunque sea en forma rudimentaria.

Aquí, la cultura de clase media es de un afrancesamiento ridículo. Se imita a las artistas de cine de tal forma que se ven mujeres por las calles vestidas de manera tan extravagante, que uno no sabe por qué extremo empezar a describirlas.

Yo no puedo escribir sobre todo esto. Dirán que soy un tipo agresivo, venenoso, malhumorado, hipocondríaco. Y, sin embargo, elimino todos los días toxinas con una buena clase de gimnasia. Por eso es que no me interesa lo antiguo. Lo antiguo, entre gente antigua, está en su lugar; entre gente moderna, es una ridiculez. El paisaje me revienta. No miro las montañas ni por broma.

¿Qué hacemos con la montaña? ¿Describirla? Montañas hay en todas partes. Los países no valen por sus montañas. En Montevideo, que es un país chiquito, he encontrado preocupaciones sociales a granel. Esos uruguayos piensan en el futuro, piensan en una mejor condición social, en qué remedios pueden aplicarse a los defectos sociales y discuten como energúmenos. Aquí no discute nadie. No se enoja nadie. Se vive como en salón. Eso está muy bien cuando el salón va acompañado de la cocina; pero aquí la cocina la hacen las negras...

—Usted es un tipo insociable —me dice mi interlocutor—. Lo mejor que podía haber hecho era quedarse en su arrabal...

—Yo también lo creo. Y no penaría tanto para encontrar temas de nota como estoy penando aquí.

AMABILIDAD Y REALIDAD

(MIÉRCOLES 7 DE MAYO DE 1930)

Cuando quiera investigar algo seriamente respecto a la vida del pueblo, usted se estrella, aquí en Río de Janeiro, en esa amabilidad brasileña, que celosamente oculta las grietas de su civilización popular.

Me contaron una anécdota formidable. La doy tal como la he recibido. Cuando llegó a Río de Janeiro el leader socialista Albert Thomas, como todos los sindicatos obreros habían sido disueltos por la policía, se le pasó la mula a Mr. Thomas, presentándole unos empleados del Gobierno como delegados de centros obreros. Hasta reglamentos perfectamente confeccionados llevaban.

Tuve oportunidad, hace unos días, cuando se inauguró la nueva línea aérea, de conversar con unos muchachos periodistas, argentinos y amigos.

—¿Qué tal? ¿Cómo les va?

—Encantados. Nos llevaron a visitar el Pan de Azúcar, Copacabana, Jockey Club, el hipódromo...

Nos sentamos en un café a conversar. A la media hora los muchachos periodistas me decían:

—Claro. Vos estás aquí y no te dejás encandilar por las bellezas naturales...

Y otro periodista (es de un diario de la tarde y no lo nombro para no crearle ningún conflicto) me dice:

—Fijate: entro al correo, veo una alcancía para poner un óbolo para los tuberculosos, le pregunto al empleado si ellos tenían una mutualidad con sanatorio como nosotros y me comentó que no. Claro... Lo engrupen a uno con el Pan de Azúcar.

Yo le digo:

—¿Vos sabés qué fuertes son en Buenos Aires los Gráficos? Bueno. Aquí había una Asociación Gráfica y la policía la disolvió tres veces. En la Asociación, un estudiante brasileño me decía: «No se abren escuelas porque los políticos no quieren en modo alguno que el proletario se instruya. Saben que el día que el proletariado esté instruido, no votará por ellos».

Y no hay problemas sociales

Con toda gravedad, me decía un amigo:

—Aquí no hay problemas sociales.

Este amigo no había salido de la rua de Rio Branco ni del perímetro de Copacabana.

Seamos sinceros. En nuestro país, como aquí, está permitido hablar mal de Presidente para abajo; y en nuestra Cámara hay socialistas de todos los matices. Aquí el socialismo produce escalofríos. Hay una comisión de cine, que no se asusta de ninguna cinta por escabrosa que sea, mientras no trate de asuntos sociales. La más inocente asociación gremial alarma a la policía.

Hay que ver la estupefacción que produjo a unos muchachos de la Asociación ver en el número de El Mundo, donde se publicaba la fotografía de un diputado radical que había sido canillita y la de otro socialista que fue mensajero, me refiero a Portas y Broncini. Se miraron entre ellos como diciéndose: «¡Qué país será aquél!».

Yo, que me estoy volviendo argentinófilo, les explico a estos muchachos, compañeros de la Asociación Cristiana, cuáles son los movimientos sociales en nuestro país; les describo las bibliotecas obreras, los centros de los barrios, la calidad de nuestros autores de parroquia que estrenan macanas en teatros de parroquia, con compañías pésimas y me observan, como diciéndose:

—Nada de esto hay aquí.

Y es cierto. Involuntariamente me pregunto: «¿Qué fenómeno es el que ha presionado sobre nosotros los argentinos, para hacernos indiscutiblemente el país más interesante,

psicológica y culturalmente, de SudAmérica?»». Somos los mejores sin vuelta: los mejores. Un obrero como el nuestro no se encuentra sino en Buenos Aires. En Europa, en Uruguay los habrá, pero fuera de allí no.

Somos los mejores porque tenemos una curiosidad enorme y una cultura colectiva magnífica. Comparada con la que hay aquí, ¿cuántos teatros hay en Buenos Aires? No sé. En Flores hay dos. En Almagro... en... ¡qué sé yo cuántos teatros hay en Buenos Aires! Sé que aquí, con dos millones de habitantes, hay tres o cuatro teatros que no funcionan. ¿Y librerías? ¿Y editoriales? Nada de eso se encuentra aquí. Después mi amigo argentino dice que no hay problemas sociales. No hay pocos problemas sociales. Y nuestro país es desconocido en el Brasil. La prueba: he conversado con montones de personas. Cultas e incultas. Todas me han preguntado lo mismo:

—¿O senhor é espagnol?

A nadie se le ocurre preguntarme: «¿Usted es argentino?»».

Hablar de la Argentina aquí es como en Buenos Aires hablar del Tíbet.

Naturalmente, en las conversaciones y reportajes oficiales que se publican en los diarios, argentinos y brasileños, nos conocemos como si hubiéramos comido en el mismo plato

o dormido en el mismo cuarto; pero en la realidad práctica no ocurre eso. Somos dos pueblos distintos. Con ideales colectivos distintos. Nosotros somos ambiciosos, entusiastas y deseamos alcanzar algo que no sabemos lo que es y leemos diarios, revistas, novelas, teatro; conocemos España como si fuera la Argentina...

¿Aquí? En uno de los mejores diarios, el encargado del archivo me ha dicho:

—Vea... no tenemos ninguna información de Portugal, la madre patria.

Ninguna fotografía. Estamos tan distantes...

¿Se da cuenta?

¡TREINTA Y SEIS MILLONES!

(JUEVES 8 DE MAYO DE 1930)

Voy por el desierto del Sahara. Quiero decir, por la Avenida Rio Branco a las nueve y cuarenta de la noche. Si la hubieran barrido con una ametralladora, no estaría más limpia de gente. En un bar llamado Casa Simphatia (con h y todo) se esgunfian mirando el asfaltado. Sólo una pareja, en dos sillones cestas, se da ósculos inflamatorios. El encargado del bodegón mira alarmado y ha tomado el apaga incendios automático. Se ve que está dispuesto a proceder.

Yo pienso. Pienso lo siguiente, en un soliloquio que me creo con derecho a transmitirles:

¡Cha digo! Desde que he llegado a este país no he visto un sólo entierro.

¿Aquí no se muere nadie? Por el contrario, esta pareja que se está arrullando tiene aspecto a todas luces de regalarle al Estado dos mellizos dentro de poco tiempo. No se muere nadie y yo no sé, todavía, cómo son los carros fúnebres.

¿Pero hay funerarias en el Brasil? Aún no he visto una, y eso que he ido a todas las islas, al Pan de Azúcar y la Praia Vermeia y al diablo. No hay enterradores, ni corredores de muertos, ni cajones, ni nada. Creo que ni cementerios. Mirando a la rua de Buenos Aires hay un mercado de flores, flores con olor a cadaverina y unos truculentos bagayos de coronas. A menos que la Municipalidad espere una peste fulminante, este mercado de coronas no se justifica. Un crosta, con barba portuguesa, hace la guardia rechupando aburrido un mal cigarro. Y el mundo emperrado en vivir. No se muere nadie, está visto; y el Brasil tiene treinta y seis millones de habitantes. Y como siga así, en breve tiempo tendrá setenta y dos millones.

También

También. ¡Cómo para no tener treinta y seis millones! Fíjense. No se escolaza, no se bebe, no se va al teatro porque de los tres teatros, uno está cerrado, el otro sin compañía y el tercero en refacción. No se pierde el tiempo en el café porque en los cafés no hay tolerancia para los vagos. No se juega porque todos los cabarets donde había timba fueron clausurados. No se pierde el tiempo con malas mujeres porque las malas mujeres dispararon aburridas de tanta moralidad.

No se lee porque los libros cuestan caro y con darles una ojeada a los periódicos el asunto está liquidado. No se va a los comités porque aquí no hay comités. No se va a las bibliotecas obreras porque los obreros no tienen bibliotecas. Alguna que otra sección de biógrafo y dese usted por servido. Y las cintas de cinematógrafo pasan previamente por una comisión de censura que las expurga de cuanto elemento revolucionario pudieran encerrar.

¿Qué hace la gente?, me dirá usted.

Trabajar. Aquí trabaja todo el mundo. Ya lo dije en otra nota y lo repito en esta, para que no se olvide. Trabajan blancos y negros, mujeres y hombres. En las boleterías de las compañías de navegación encuentra mujeres. Casi todas las cigarrerías están atendidas por mujeres. La mujer trabaja a la par que el varón; se gana el feyon, es decir, los porotos.

«Aquí toda a gente a grama» (Aquí toda la gente trabaja). Y luego a casita.

En algo hay que entretenerse

Ustedes comprenderán que en algo un cristiano tiene que entretenerse y estos cristianos que falan portugués se divierten todos los años encargando un nene a París. Cuanto más crosta es un desdichado, más purretes tiene su

facenda. Un grone de paseo es un espectáculo; dos negras con los chicos a cuestas constituyen una brigada que ocupa íntegramente un bondi.

Trabajan y tienen hijos. Siguen en el más amplio sentido de la palabra el bíblico precepto.

Treinta y seis millones. Es brutal la suma. Si vivieran de otro modo, pero al paso que van, algún día constituirán el estado más importante de la América del Sud.

¿Ciudades? En todo el interior del Brasil se improvisan, al margen de pésimos ramales de ferrocarril, ciudades que algún día serán centros de población importantes.

Los negros desaparecen, me dicen, y yo los encuentro hasta en la sopa. Desaparecen porque se fusionan con la clase blanca, de manera que cuando nos acordemos, Brasil tendrá cien millones de habitantes. Y no pasarán muchos años. Cuando la gente labura y no bebe y no juega y se queda en su casa...

ELOGIO DE LA TRIPLE AMISTAD

(DOMINGO 11 DE MAYO DE 1930)

El domingo a las siete y treinta de la tarde, este servidor de ustedes, mal comido y bien aburrido, merodeaba desde hacía una hora por la Avenida Rio Branco, masticando su pésimo mal humor. Y de pronto todo su fastidio se derritió como la nieve al sol, y aunque andaba solo, comenzó a sonreír graciosamente.

Yo sé que ustedes supondrán: «¿Habrá visto pasar un señor en salida de baño por la rua?». No. Los que tienen inverosímiles salidas de baño, deshilachadas y mugrientas, las lucen por la calle y se pavonean con ellas a las once de la mañana y a las cinco de la tarde.

«¿Habrá visto algún negro de frac, algún mulato de alpargatas y monóculo, algún dependiente de panadería con cuello palomita y bastón forrado de piel de víbora?». ¡No!

«¿Habrá observado algún matrimonio bien vestido meditar media hora frente a un café, si entrarían o no a tomar

algo... e irse luego sin resolverse a entrar?». ¡No! «¿Detendría sus ojos en laguna dama de cincuenta años con el vestido hasta las rodillas y bucles sueltos por las espaldas?». ¡No!

«¿Se habrá fijado en la inquilina de algún inquilinato, fajada en seda y que, para mirar a sus prójimos ha adquirido un “impertinente”?». ¡No!

«Entonces, ¿qué diablos es lo que ha visto?».

Lo único que sé es que este servidor sonrió graciosa-mente, dulcemente, melíficamente...

¡Explíquese hombre!

—Caminando en dirección contraria a la mía venía un matrimonio en compañía de su fiel e inseparable amigo, no aquel matrimonio que va al restaurante Labarthe, sino otro matrimonio.

Descripción

Él, cien años. Si no los representa, merece tenerlos. Alto, flaco, cascado: la dentadura, pura encía, la piel con más arrugas que un acordeón.

Ella, cuarenta y cinco a cincuenta otoños: un crepúsculo magnífico; ojos pirotécnicos, curvas como para dedicarse a estudiar de inmediato la trigonometría e investigar de qué modo matemático es posible tirar una cotangente a un seno

sin tocar el coseno, en fin, ríanse ustedes de la Pompadour, de Recamier y de todas las grandes madamas de que habla la historia.

Mujer para ser vista a la luz artificial, como diría un cronista social.

Él (el otro él) treinta y cinco abriles, barbilindo, al decir de los clásicos españoles; pura línea de caballero galgo, bien fajado de gomina, empolvado, ceñido, uñas a la manicura y pies a lo bailarina, y aquí tienen ustedes al terceto que derritió mi mal humor.

Y es que donde va el anciano, allí encuentra usted a su amigo, y ella ¿cómo lo va a dejar sólo al esposo? ¿No sería una crueldad, una acción incalificable? Y he aquí entonces que momia, barbilindo y dona, hacen un conjunto delicioso.

Pero no vayamos por mal camino. No. Lo que ocurre es que ese joven está ansioso de ilustrar su espíritu con las verdades y conocimientos que atesora el anciano. Y no puede resistir a su desmedido afán de acumular experiencia. Ella, a su vez, amorosa y diligente, tampoco puede resignarse a perder la compañía del hombre que tanto adora. ¿Y si lo pisa un carro? (A los ómnibus los llaman «carros» en este país. A los carros, no sé cómo los llaman).

¿Cuál es la consecuencia de dichas dos solicitudes que llevan una dirección contraria, es decir, la del joven que

quiere enriquecer su intelecto con la experiencia del carcamal y la de la esposa en cuidar a su museo andante? Que siempre donde está uno puede usted encontrar a los tres. Y luego San Agustín se rompía la cabeza para comprender el misterio de la Santa Trinidad.

Mal haría en suponer alguien que los tres se aburren. Por el contrario; se llevan que da gusto verlos. El joven no hace nada más que abrir la boca de admiración y respeto, escuchando todo lo que dice el anciano. Y a ella el ver este tipo de armonía la pone tan contenta que va bailando casi de feliz. Y es lógico: ama tanto a su esposo, que ¿cómo no le van a agradar esas muestras de admiración que el joven barbilindo produce con su boca, nariz, orejas y oídos? Y tanto la alegran que a veces, dejándose llevar de su entusiasmo, le da unas palmaditas en las espaldas al joven, y el joven comprende que son como las palmadas de una hermana. El anciano se da cuenta de que son puras caricias fraternales... y aquí no pasó nada.

¿Qué corazón, por duro que sea, no se enternecería frente a dicho espectáculo? ¿Qué alma, por insensible y malvada, no se emocionaría de dulzura al contemplar al anciano que desparrama su sabiduría caudalosa como un río de leche y de miel, en los oídos de un joven ansioso de conocimiento y de una mujer que rabia por enterrarlo... quiero decir, por

cuidarlo? (Freud tiene razón cuando estudia las palabras equivocadas).

¿Se dan cuenta, ahora, por qué mi mal humor perrero se derritió, como la nieve al sol, o como la melancolía de un L. C. al que le notifican que la portación de armas quedó sin efecto y puede salir del cuadro 5.º para ir a robar otra vez?

VENTO FRESCO

(LUNES 12 DE MAYO DE 1930)

Nada hay más emocionante para un viajero en tierra extraña que la llegada de fin de mes y la entrada del primero, si el treinta y el quince hay un alma perfecta que se acuerda que debe girarle viento fresco.

¡Con qué solicitud amorosa y conmovedora hace, entonces, acto de presencia en la casilla de Poste restante para indagar si ha llegado o no el aviso del banco, la notificación de que hay un buen paco de reis esperando su respetable visita, la chimentería reveladora de que no lo han olvidado, por más que a veces la gente no tenga motivo para recordarlo bien a un emigrado!

Tierra extraña

Estar en tierra extraña es estar completamente solo. La amabilidad de la gente es de dientes para afuera. Rápidamente lo comprende el viajero, que no es un otario ni un caído del catre.

Cuando se hace esta composición de lugar, así como el marino en tiempos de tempestad pone su alma y pellejo en su brújula, y el aviador en el sextante, usted pone sus sentidos, sus pies y su cuerpo, en el banco con el cual opera. Y el banco, que en otros tiempos era para usted una institución vaga e irreal, con la cual no había tenido, ni aún queriéndolo ardientemente, nada que ver; el banco, que en su imaginación de pato crónico se representaba como una casa donde los que amarrocan llevan su viento para que no se lo volatilicen los ladros; el banco, del día a la noche, en el extranjero, se convierte en su «amigo» y usted en su «cliente y amigo». ¿No ha leído, acaso, los avisos en que hacen sus propagandas las instituciones bancarias: «Nuestros clientes son nuestros amigos»?

En consecuencia, yo soy amigo del Banco Portugués do Brasil, situado en la Rua de Candelaria 24. Este banco, quiero decir «mi amigo», todos los primeros y los quince de cada mes, me dirige la carta, cuyo texto reproduzco: «Ilustríssimo senhor... (¿se dan cuenta?, ¡me tratan de ilustrísimo!) Temos a vosa disposicao o equivalente de pesos argentinos, por orden do Banco de la Provincia de Buenos Aires. Va. Mt. Ats e Vrs».

Las dichas iniciales corresponden a una multitud de saludos que me hacen los que incluyen el tratamiento de «vueselencia», etc. ¿Se dan cuenta?

¡Ilustrísimo y vueselencia!

Así se trata a la gente en este país. Vean si no da gusto vivir y tener que codearse con semejantes «amigos».

Bueno; hay que ver la emoción con que cualquier fulano ausente de su bendita tierra acoge la susodicha chimentería.

Porque...

Porque el veintinueve o catorce de cada mes, el ciudadano emigrado o expulsado de su país empieza a hacerse la pasada al Poste restante, saluda con amabilidad a los carteros que son dueños de su destino; aunque le duelan las muelas le sonrío al funcionario grone que barre los escupitajos en torno de la casilla; se informa con tono melifluo de las horas de distribución de la correspondencia y una dulce pavura penetra en su alma.

¿Y si el aviso no ha llegado? ¿Y si el barco que lo traía equivocó la ruta y en vez de embicar para el Brasil, agarró para el lado de África? ¿Y si se fue a pique? ¿O si se robaron la correspondencia? Eso sin contar que el encargado de girarle puede haberse muerto de un síncope cardíaco, de una angina pectoral, de cualquier cosa...

El asunto es grave y bravo porque aunque el banco lo llame «ilustrísimo señor» y se titule, amplia y pomposamente,

amigo suyo, mientras que no haya aviso de que puede y debe palmar, lo dejará en el estuario sin consideración alguna. Además que usted no descuenta la posibilidad de que los encargados de girarle, si no se les ha ocurrido morir, pueden, en cambio, haberse olvidado de hacerlo por exceso de fiaca.

Y su espíritu se estremece cuando medita la infinidad de causas, motivos, accidentes imprevistos e inesperados que pueden hacer que la plata no llegue a sus ansiosas manos. Y el día veintinueve usted se acerca a la Poste restante, diciéndose:

—Es una fija que no llegó el aviso.

Y no se equivoca. Le queda la inmensa satisfacción de no haberse equivocado y de salir a la calle, diciéndose:

—El corazón me lo decía.

Al día siguiente vuelve. ¡Allí está el aviso! Una mano misteriosa lo ha echado al buzón, otra lo ha recogido y... Usted tiene el infinito placer de enterarse que el Banco X, «su amigo», por intermedio del Banco XX, su «otro amigo», le ruega (aunque no le rogaran usted iría lo mismo) pasar por las oficinas de la institución a retirar el viento.

También es otra fija que el día treinta usted tiene por todo capital algunas chirolas, reis, pfennigs o liras. No importa: ha llegado el aviso. Y entonces, magnánimo, opulento, se sienta en cualquier café y pide. El mal momento ha pasado. El Banco, al fin y al cabo «su amigo», tiene en sus

monumentales cajas de acero escrupulosamente guardados, los billetes indispensables para que la gente no tenga inconveniente en continuar siendo amable con usted.

REDACCIÓN DE O JORNAL

(MARTES 13 DE MAYO DE 1930)

Todas las noches vengo a escribir mi nota a la Redacción del diario O Jornal, uno de los principales rotativos de Río de Janeiro, que ocupa actualmente una antigua casona.

Cuando las rotativas funcionan, el piso trepida y la Redacción se llena de un infernal ruido que todos los periodistas hechos al oficio no oímos sino de tarde en tarde, como los marineros que acostumbrados al balanceo del barco no lo perciben sino cuando este se zarandea demasiado.

La Redacción

En un rincón está el escritorio del secretario de Redacción, Figueiredo de Piementel, que es un muy buen muchacho. Luego, las mesas de los otros redactores. En el centro, un mesón como para preparar tallarines para un regimiento, sirve al personal para esos trabajos que nosotros

los periodistas denominamos «recocido y recorte»; la cocina, en síntesis, donde se recortan telegramas, se engrudan y se hace todo el trabajo cuyo único fin es evitar escribir.

En una mesa frente a la del secretario está la del encargado del concurso de bellezas femeninas para elegir a Miss Brasil, el caballero Nobrega de Acuña, un infatigable labrador, encargado de recibir a las meninas que los departamentos del interior delegan para el concurso. Está siempre terriblemente atareado; yo le digo si no quiere que lo acompañen en ese trabajo de seleccionar meninas y me contesta que no, que es un asunto muy delicado y así lo creo yo también. Lo único que no me explico es cómo hace para dar abasto a tanta pebeta aspiranta a Miss Brasil. Tiene pasta para nuncio apostólico, es sutil y diplomático, yo creo que las larga contentas a todas con sólo conversación.

Tiene además cuatro cargos distintos. Esto hace que una hilera de personas desfile de continuo frente a su escritorio; insisto, tienen para nuncio apostólico o delegado de Su Santidad, y gana doscientos pesos por tanta actividad.

Los otros

Luego hay una misteriosa cantidad de redactores que deben tener sus secciones fijas; gente que trabaja en sus

escritorios sin decir oste ni moste. A veces llega un mozo apurado, se saca el saco, se sienta al mesón y apresuradamente escribe sin levantar la cabeza. Trae noticias, informes, la sección, la eterna sección que en todos los diarios se escribe rabiando de apuro porque las linotipos no esperan y la rotativa tiene que andar.

A veces se forma un grupo, los cigarros humean, el que escribe apurado levanta la cabeza, en el círculo se ríe y charla, el hombre de la sección que se escribe rabiando tiene unas ganas bárbaras de largar la lapicera e integrarse al grupo, pero es imposible, escucha tres palabras y se sumerge nuevamente en el yugo. Las cuartillas entran blancas y salen rápidamente llenas de renglones negros de entre sus manos. El hombre escribe a todo vapor.

Tres personajes en coloquio imperceptible conversan con el secretario de Redacción. Son asuntos graves, pero a la muchachada no le importa un pepino; están acostumbrados a tantos asuntos graves, que ya ninguno por su gravedad vale la pena de dejar que se apague un cigarro. Es curioso cómo en las redacciones de los periódicos se acostumbra el individuo a los «asuntos graves». Treinta muertos. ¡Bah!... no es mucho... podrían haber sido muchos más. ¿Se incendió media ciudad? Bueno, podría haberse incendiado toda. ¿Se desmoronó un puente de ferrocarril con un expreso arriba?

Para eso están los puentes, para desmoronarse. Si no, ¿de qué vivirían los fabricantes de puentes? Ha llegado el inventor del movimiento continuo. ¡Que invente el movimiento alternado! El subsecretario charla con un señor de riguroso luto que le ha llevado un libro. Los muchachos miran de reojo al damnificado. En estas circunstancias el damnificado es el subsecretario.

Yo oigo conversar, pero como no entiendo ni medio, miro; sonrío a los que me sonríen y luego sigo en la máquina. Laburo. Oigo que alguien dice:

—Un periodista argentino. Vuelvo la cabeza y digo:

—Muyto obrigado.

Y le meto a la Underwood. Lo que ocurre es que a veces a la Underwood no se le ocurre nada que escribir y yo me veo en un apuro, se me acerca el secretario y me da una palmada en la espalda, miro en rededor y me digo: «Todas las redacciones de todos los diarios del mundo son iguales. Muchachos que escriben con una insuficiencia maravillosa y que disertan fumando un mal cigarro sobre el futuro del universo. Todas las redacciones del mundo son iguales. Gente que mira de mala manera la carilla que para terminarse exige diez minutos más de escritura y redactores que sonríen semiaburridos escuchando a un señor patilludo que trata de complicarles la vida con la revelación de un asunto

sensacional. Y, sin embargo, se divierte uno en la maldita profesión. Se divierte porque sólo lo que en los confesionarios se puede escuchar se escucha también en la Redacción».

FIESTA DE LA ABOLICIÓN DE LA ESCLAVITUD (MIÉRCOLES 14 DE MAYO DE 1930)

Hoy almorzando en compañía del señor catalán a quien no nombraré por razones que ustedes pueden adivinar, me dijo:

—El 13 de mayo es fiesta nacional...

¡Ah!, ¿sí? Y continué echando aceite en la ensalada.

—Fiesta de la abolición de la esclavitud.

—Está bien.

Y como el asunto no me interesaba mayormente, dedicaba ahora mi atención a graduar la cantidad de vinagre que echaba en lo verde.

—La semana que viene, hará cuarenta y dos años que fue abolida la esclavitud.

Pegué tal brinco en el asiento, que la mitad de la vinagrera fue a parar a la ensalada...

—¿Cómo ha dicho? —repliqué espantado.

—Sí, cuarenta y dos años bajo la regencia de doña Isabel de Braganza, aconsejada por Benjamín Constant. Doña Isabel era hija de don Pedro II.

—¿Cuarenta y dos años? ¡No es posible!

—El 13 de mayo de 1888 menos 1930: 42 años...

—Es decir...

—Que cualquier negro de cincuenta años que usted encuentre hoy por las calles ha sido esclavo hasta los 8 años de edad; el negro de 60 años, esclavo hasta los 18 años.

—Entonces: ¿esas negras viejas?

—Fueron esclavas...

—¡Pero no es posible! Usted debe estar equivocado. No será en el año 1788... Vea: yo creo que está equivocado. No es posible.

—Hombre; si no me cree, averigüe por ahí.

En la Asociación

En cuanto terminé de almorzar, me dirigí a la Asociación y pregunté en el mostrador a los muchachos:

—¿Qué fiesta es el 13 de mayo?

—Abolición de la esclavitud.

—¿Cuándo ocurrió eso?

—El 13 de mayo de 1888.

—1888... 1888... 1930... menos 1888... ¡no hay vuelta!
42 años. Pero no es posible... 1888...

—Hombre —dice uno con toda naturalidad— mi padre
fue capataz de esclavos...

Yo me he quedado frío y blanco.

—Si necesita datos...

Miro a ese hombre como lo miraría al hijo del verdugo
de la cárcel de Sing-Sing; luego, dominándome rápidamente,
lo he tomado de un brazo y le he dicho:

—Venga para aquí: necesito hablar con usted. ¿En qué
precio se vendía un esclavo?

—Según... variaban mucho los precios, dependía de las
localidades, estado físico y aptitudes del esclavo. En San Pablo,
por ejemplo, un esclavo costaba dos contos de reis, o sea, seis-
cientos pesos argentinos; en Minas, el mismo esclavo costaba de
5 a 6 contos de reis. Un esclavo estropeado por los castigos 200
pesos argentinos... Pero no se puede fijar tarifa exacta porque
el esclavo no se vendía particularmente. Por ejemplo: usted
necesitaba plata, juntaba a sus esclavos y los llevaba al mercado...
Lea usted *La esclava Isaura de Alencar*, un novelista brasileño
que pintó muy bien la esclavitud. Bueno, como le decía, llevaban
al esclavo al mercado y lo remataban al mejor postor.

Aquí, en Río de Janeiro, el mercado de esclavos estaba
en la rua 1.º de Marzo, frente a la droguería de Granado.

Yo escucho como si estuviera soñando.

—¿Y es cierto que los castigaban?

—Sí, cuando no obedecían, con un chicote. Ahora, había facendas donde lo maltrataban al esclavo, pero eran pocas.

(«Castigar con látigo» y «maltratar» es una cosa muy distinta, es decir, que darle veinte o treinta latigazos a un esclavo no era maltratarlo, sino castigarlo).

Los matices

A la noche me encuentro con el señor catalán y le digo:

—¿Es cierto que castigar es una cosa y maltratar es otra?

—¡Y claro, hombre de Dios! Castigar... es decir, el látigo era de uso corriente en todas las facendas para mantener el orden más elemental. Maltratar a un esclavo era, en cambio, suplantarlo el uso del látigo por el de instrumentos punzantes, cortantes... romperle los brazos a palos, estaquearlo... Como se da cuenta usted, es simplemente una cuestión de matices...

—Sí... ya veo... de matices... ¿Y los patrones?

—¿Los patrones?... Debía ser muy salvaje el que le tocara a un esclavo.

¿Para qué? Si para ello tenían un feitón. El feitón era el capataz de los esclavos, generalmente también esclavo, pero que era liberado del trabajo brutal para hacerlos trabajar a

sus compañeros y castigarlos. Ese esclavo era el terror de los otros. Cumplía la orden del amo al pie de la letra. Si le ordenaban darle cincuenta latigazos a un esclavo y este moría en el latigazo número treinta y nueve, el otro le suministraba los once restantes... Una cuestión de principios, amigo. La obediencia absoluta.

—Es decir que esos blancos viejos, de aspecto respetable que uno encuentra en automóviles particulares...

—Fueron dueños de esclavos. Lea lo que han escrito Alencar y Ruy Barboza...

—Si he ido a las librerías y me han dicho que no había libros sobre la esclavitud.

—Es natural... Yo se los voy a conseguir... pero haga esto: vaya al puerto y converse con algún negro viejo, de esos que usted ha visto componiendo redes...

—¿Y esas negras viejas, tan simpáticas, las pobres?

—También fueron esclavas... Pero vaya y hable...

No me resuelvo

Y todavía no me he resultado a reportear a un ex esclavo. No sé. Me da una sensación de terror entrar al «País del Miedo y del Castigo». Lo que me han contado me parecen historias de novelas... prefiero creer que lo que escribió

Alencar, temblando de indignación, es una historia sucedida en un país de la fantasía. Creo que es mejor.

EL QUE DESPRECIA SU TIERRA (JUEVES 15 DE MAYO DE 1930)

Le voy a dar un consejo: vaya donde vaya y encuentre un compatriota que habla mal de su tierra, desconfíe de él como de la peste. Piense que se encuentra frente a un adulator de la peor especie. Escribo esto porque me ha ocurrido de encontrarme con un argentino que está conchabado en un diario de Río. Y a las primeras de cambio, me ha dicho:

—Este sí que es un gran país. Se estima y honra a las personas de bien.

—Entonces usted debe encontrarse incomodísimo aquí...

—En serio. Desprecio mi país. ¿Qué ha hecho la República Argentina por mí? Nada. No se estima a los talentos. Se los manosea y desprecia. En cambio en Brasil me admiran y respetan, soy amigo de Coelho Netto (una especie de Martínez Zuviría argentino), me carteo con Dantas, Monteiro Lobato me agasaja.

—Si Monteiro Lobato se encuentra en los Estados Unidos...

—Me agasaja por carta...

—Ese es otro cantar. Mas piense que si la gente lo trata como usted dice es porque usted no hace nada más que adularla descaradamente y después porque no lo conoce...

—En cambio en mi país me despreciaban. Ni para ordenanza me querían en ningún periódico. La Argentina, ¡puf! País de mercaderes.

Y de un manotón ha barrido la Argentina del mapa de SudAmérica. Sin inmutarme le he contestado:

—Es curioso. Usted en nuestra ciudad adulaba a cuanto medianía había para que le regalara un traje o un par de botines. Incluso hablaba pestes del Brasil. Aquí procede al revés. A mí no me parece mal que admire al país donde puede comer todos los días; lo que me parece mal es que esté constantemente desprestigiando nuestra patria. Piense que si no lo querían ni para ordenanza en un periódico era porque los directores albergaban la vehemente sospecha de que usted podía escaparse con los bastones y sobretodos que los visitantes dejaban en los percheros. Una cuestión de ética profesional. No es posible andar explicando a cada señor que va a una Redacción: «Señor, traiga su sombrero porque no está con seguridad en el jol».

Por tres razones

Por tres razones sale un hombre de su país. La primera, porque la policía o los jueces tienen interés en conversar amigablemente con él y someter a su entendimiento problemas de orden jurídico: un hombre modesto y enemigo de la popularidad piana. La segunda razón: porque el que viaja tiene dinero y se aburre en su país y piensa que se va a aburrir menos en otra parte, en lo cual se equivoca. Y la tercera: porque siendo un perfecto inútil, cree que en otra parte su inutilidad se convertirá en capacidad de trabajo.

Cada uno de estos viajeros ve el país que visita con distinto criterio.

El ladrón en el extranjero

«Este sí que es un lindo país para el asalto, el descuido, la furca y el escolazo. Sin embargo, extraño la Argentina. La extraño. ¿Dónde va a encontrar usted un cuadro quinto como el nuestro? ¿En dónde, muchachos de ley como los nuestros, que tanto sirven para “saltar un burro” como para una delicadísima acción de peca?

»¿Y los tiras? Tráigame el país que tenga mejores tiras que los nuestros, muchachos de corazón, de respeto, que sólo lo encanan a uno cuando no tienen diez pesos para parar el

puchero y que por cien pesos lo dejan que se alce aunque sea con la misma Caja de Conversión.

»¡Ah, Buenos Aires, patria querida! Tu cuadro quinto honra y pres de SudAmérica. Mi corazón no te olvida porque allí transcurrieron los más tiernos días de mi adolescencia y mocedad, y aprendí a hacerme hombre de ley entre tus rejas roñosas».

El viajero aburrido de su patria

«Yo no niego que Río de Janeiro sea más pintoresco que Buenos Aires. No niego que la salida es espléndida. Pero me aburro lo mismo. Las montañas y los morros están siempre en el mismo lugar y eso no tiene gracia. Además, también en mi tierra hay montañas y estarán allí hasta que el Gobierno no las venda por un plato de lentejas al mejor postor. Me aburro, sí, señores; con toda mi plata me aburro espantosamente. He ido al cabaret y antes de entrar me han advertido que a las “damas” que allí bailan es de rigor tratarlas de “señoritas”. ¡Hagan el favor!... Yo no he venido a este país para tratar de señoritas a mujeres a quienes en mi ciudad se las llama “che milonguita”. Esto, sin excluir que todas, invariablemente, cuentan una historia sentimental de viudez peregrina, de un esposo amado que murió hace

muchos años dejándolas en el estuario, y que no hay una que no diga que se muere por conocer un hombre inteligente, y de que ellas son también inteligentes, al punto que una para demostrarme que lo era extrajo de su cartera unos apuntes de puericultura y el gráfico de temperatura de un infante tratado con arsenobenzol.

»¡Por Dios! Yo no he venido a los cabarets a estudiar obstetricia ni afecciones a la sangre».

El inútil

«Te aborrezco y te desprecio, Buenos Aires. Te desprecio y aborrezco. Has dejado que un genio como yo, por parte de padre y madre y nodriza, venga ignominiosamente al Brasil a ganarse el feyón. Has dejado con indiferencia contumaz que me ausente y venga a deslumbrar a unos negros con mis adulaciones y a convertirme en un vulgar chupamedias de cualquier blanco que tiene crostones en sus faltriqueras. ¡Oh, iniquidad!, ¡oh, parvedad! No te avergüenzas de ello, República Argentina. No pones tus banderas a media asta. Ello pone al descubierto el pedernal de tu corazón. Allá mi almuerzo cotidiano consistía en recorrer las vidrieras de los restaurantes y leerme las listas y establecer estadísticas de precios y archivos de platos, aquí engordo mi humanidad con

bananas, porotos y arroz, aquí ceno todos los días que manda Dios. Aquí lloro de admiración frente al Pan de Azúcar; me persigno al mirar el Corcovado y tartamudeo al referirme a la bahía, y me va muy bien, sí señor. Hasta pienso echar un discurso en la academia de literatos... yo que allí ni en la mesa del café podía disertar. Te aborrezco, Buenos Aires, mi odio se hace cada día que pasa más venenoso y enconado a medida que mi piel se pone lustrosa y engordo chupando calcetines».

Así se expresan estos tres tipos de viajeros.

OS MININOS

(VIERNES 16 DE MAYO DE 1930)

Los mininos no son gatos, ¡eh!... Los mininos son los chicos. Así los llaman en este país. Y sabrán por qué.

Bueno; yo he hecho algunas observaciones curiosas acerca de los mininos. Los mininos son buenos chicos. No diré que cuando les pegan, lloran, como aseguraba el sabio que fue patrón de Gil Blas de Santillana, refiriéndose a los purretes griegos que existían antes de que apareciera Nuestro Señor Jesucristo, pero insisto: he descubierto detalles que demuestran que el minino brasileño es distinto al pibe porteño y al botija oriental, ya que en Uruguay llaman «botija» a los menores. Es una papa. En cada país los mocosos tienen nombre distinto. Pero este de minino es magnífico y dulce. «Ven per cá, minino», le dice la madre al niño cuando le quiere dar el pesto y el pibe raja como gato escaldado.

Gráficos

Ustedes recordarán que yo escribí una nota sobre el señor Bergeret, a quien su esposa le adornaba concienzudamente la frente, mientras que los chicos del pueblo se entretenían en decorar las paredes con la efigie de Bergeret coronada de grandes astas. También recordarán que yo dije que el señor Bergeret calificaba estos dibujos de «grafitos», comparándolos a los descubiertos en las ruinas de Pompeya y Herculano.

También ustedes recordarán que escribí otra nota (posiblemente no lo recuerden porque he escrito ya 694 notas) donde hablaba del infinito placer que experimentan nuestros chicos en decorar las paredes con dibujos que hacen volver la cabeza a las señoras y ruborizan a las parejas de novios que pasan y miran distraídos. Este género de grafito pertenece al pictórico, según las teorías del eximio Bergeret, mientras que aquellos otros grafitos que dicen:

«El que me lee es un gil» y otras finezas de imposible reproducción, pertenecen al género literario.

Indiscutiblemente que en el género pictórico (como en el literario), hay casos teratológicos, monstruosidades de imaginación infantil que espantarían a un cínico, a los poetas en ciernes y a Goyas en embrión. Para el observador inteligente se destacará el siguiente detalle, que deja de serlo

para convertirse en realidad mayúscula. Las inscripciones o grafitos más desvergonzados se encuentran en las proximidades de las escuelas, lo cual demuestra que la instrucción ejerce efectos saludables sobre el alma infantil.

El material que emplean nuestros purretes para llevar a cabo sus obras artísticas es el tizón y el carbón, los lápices de colores y las tizas que roban en las clases.

Los mininos

Inútilmente, tan inútilmente como un viajero buscaría un pino en el Sahara o un banano en el Polo, yo he buscado por estas calles de Dios los grafitos que puedan ilustrarme acerca de la mala palabra brasilera o de la imaginación infantil.

He merodeado por escuelas del suburbio, por los barrios obreros, por las callejuelas oscuras y sucias como guetos; he andado por los morros y los recovecos más absurdos, por los rancheríos, donde viven negros que más que hombres parecen babuinos; por el arrabal, por los barrios burgueses, por las ruas empinadas de las islas, y en ninguna parte he encontrado esos notables grafitos que nos muestran un señor con cuernos saliendo por encima de su sombrero, o realizando actos más graves para la imaginación infantil.

Tampoco he encontrado aquellas inscripciones que enternecerían a un arqueólogo y que rezan más o menos así: «Fulano es un tal por cual», o si no:

«Yo soy un...» y que están destinadas a insultar al que las lee.

Dicho fenómeno me ha asombrado profundamente. He consultado a algunas personas sobre el particular y me han contestado que aquí no se estila decir malas palabras, lo cual es muy posible, porque desde que estoy en Río no he oído todavía una andanada mal sonante ni entre los fulanos que descargan pescado en la orilla del puerto.

Tampoco se gasta la terminología que usan nuestros diputados y senadores los días que salta la bronca, ni las metáforas que en los matches de box matizan el ambiente cultural que las anima.

Mas, volviendo a los mininos, es de asombrarse. Si me lo hubieran dicho no lo creyera; pero, después de deambular concienzudamente en busca de estas muestras de arte infantil popular y no encontrarlas, me he convencido que el minino brasilero es cien mil veces más educado que nuestros purretes y cien mil veces menos retobado que el botija uruguayo.

El fenómeno se explica. Los chicos son o reciben el influjo de los mayores y del ambiente que los rodea. Y aquí la educación está tan impuesta aún a las clases más pobres

que, como en otra nota decía, los vendedores de diarios son señores, respecto a nuestros canillitas.

Renuncie usted a encontrar el tipo forajido y perrero que da lustre y prestigio a nuestra ciudad burrera y estu-penda. Renuncie usted a ese diálogo chispeante de gracia y literatura que se entable entre un motorman neurasténico y un carretero semiborracho; renuncie a esas indirectas que en los inquilinatos se dirigen dos comadres desmechadas y furiosas. Renuncie al grafito, a la inscripción que Anatole France consideraría reproducción de una inscripción grecolatina; renuncie al chamuyo lunfardero, bravo, procaz, cabrero, afilado y puntiagudo como una faca. Aquí se fala dulcemente o no se habla.

¡Qué le vamos a hacer! Así es el Brasil.

ESPÉRENME, QUE LLEGARÉ EN AEROPLANO (MIÉRCOLES 21 DE MAYO DE 1930)

Hoy, día 14 de mayo, he recibido dos telegramas. Uno de mis compañeros y director felicitándome porque me habían concedido el tercer premio, 2000 pesos, en el Concurso Literario Municipal, por mi novela *Los siete locos*, y otro participándome que la empresa Nyrba gentilmente me había regalado un pasaje para ir de Río a Buenos Aires en hidroavión.

Precisamente media hora antes de que llegaran estos dos telegramas habíamos estado comentando en la Asociación el desastre ocurrido en un avión que se dirigía de Buenos Aires a Río, desastre ocurrido el día 9 (juéguele a la quiniela).

El caso es que recibí los dos telegramas, los leí de pies a cabeza y me dirigí a la Nyrba. Si me permiten, les reproduzco el dialogo con el jefe de la sucursal:

—Estimado señor: el telegrama dice que yo tengo que salir mañana, quince, pero como no tengo los papeles en orden...

—¡Ah! No es nada: sale el 21.

Fue tal el gesto de: «¡Ah! No es nada», que yo, involuntariamente, lo interpreté como si quisiera decir: «¡Hombre, tanto apuro!».

—¿Y son seguros los hidroaviones? (¡Qué pregunta!).

—Segurísimos...

—¿Y el desastre reciente?

—No era hidroavión... Era avión... El hidroavión flota en las aguas, lo cual significa, bien interpretado, que si el aparato cae, en vez de hacerse uno múltiples pedazos y subpedazos, se ahoga como un perro, «un macabeo al jugo», como dicen los ladrones marseleses.

Y a mí esto me desilusiona. Seamos francos. Si uno revienta ahogado lo pescan tranquilamente o no lo pescan. Y dicen los periódicos: «desapareció». Y quien desaparece deja siempre en el ánimo de los otros la esperanza de que puede aparecer. En cambio, si el aparato cae en tierra no cabe duda, uno se destroza en toda buena ley. Los periódicos, que explotan la nota truculenta, escriben entonces: «Los cadáveres estaban tan destrozados que hubo que juntar los fragmentos del cuerpo de nuestro compañero de tareas con pinzas, labor ardua esta, porque la masa encefálica había tornado resbaloso el pasaje y los obreros patinaban de continuo en el terreno impregnado de materia gris».

Y claro está, uno tiene la inmensa satisfacción de saber que, aun estando bien muerto, le da qué hacer a sus prójimos.

Y el premiado

Lo único que lamento es no conocer los nombres del 1er. y 2do. premio. Porque entonces de inmediato podría, aunque me encuentre a 3000 kilómetros de Buenos Aires, imaginar los chismes y comentarios de los damnificados, es decir, de todos los que no han sido premiados. ¡Qué plato que me pierdo!

¡Dios mío, qué plato! Yo los conozco a casi todos «los queridos amigos».

¡Qué plato que me pierdo!

Ahora volviendo al premio, diré que estoy sumamente extrañado de que me hayan premiado. En nuestra ciudad siempre los terceros premios han sido reservados para los mejores prosistas; ejemplos: Elías Castelnuovo, tercer premio; González Tuñon, tercer premio; Álvaro Yunque, tercer premio. El tercer premio es la comida de las fieras, no hay candidato a premio que no diga: «Yo me conformo con el tercer premio» y al final de cuenta son tales los líos que se arman para repartir el tercer premio, que la gente se asombraría si los conociera. Además la tarea de los jurados

es poco grata. No hay señor que no saque tercer premio, que no se sienta con derecho a despotricar contra el jurado.

Yo, que soy un filósofo cínico sobre todas las cosas, diré que el fallo del jurado me ha dejado, más que tranquilo, satisfecho. Por estas razones:

- 1.º Porque podían no haberme dado ningún premio.
- 2.º Porque al concurso no fui a buscar prestigio (que lo tengo de sobra), sino plata y plata me han dado.
- 3.º Porque así es la vida y ningún hombre puede ser más feliz, porque en vez de darle dos mil pesos le han dado tres o cinco mil que es el máximo premio.

Supónganse ustedes que viajando de Río a Buenos Aires el hidroavión se vaya al fondo del mar. Yo por una estúpida codicia habría perdido la satisfacción de haber recibido un premio. Después, todos nosotros, los del oficio, sabemos a conciencia qué es lo que merecemos y lo que no merecemos. Y, qué diablo; si uno trabaja escribirá buenos libros, porque para eso tiene condiciones y voluntad. Y si llega un mayor premio lo recibirá con igual tranquilidad, porque tanto es lo que puede soñar un hombre, que la vida pocas veces con la realidad puede superar sus sueños y la satisfacción que estos proporcionan.

De manera que recibiré mis pesos, seguramente habrá banquetes de autores a los que no pienso concurrir, porque

los banquetes me aburren, y más aún las necedades que dicen los que al final de ellos se han embriagado, y nuevamente todos los que no han sido premiados se apresurarán a recopilar un libro de cualquier cosa para tentar la aventura en el «concurso que viene».

¡Ah! Habrá también retratos en las revistas, literatas o pseudoliteratas que le escribirán efusivas felicitaciones a los autores: algún que otro señor que le pedirá el libro premiado con una dedicatoria; y uno, frío, indiferente a todo, sonreirá amablemente a la gente, que después de estrecharle la mano se irá pensando:

—Es una iniquidad que le hayan dado un premio, habiendo tantos otros que lo merecen más que él.

Y así es la vida, y la prueba de que creo que es así de fea y estúpida la vida está en que viajaré en hidroavión.

VIAJE A PETRÓPOLIS

(JUEVES 22 DE MAYO DE 1930)

Aún no termino de explicarme debido a qué motivos el viaje a Petrópolis es tan barato: dos horas de tren por ocho mil reis, o sea, dos pesos cuarenta.

Tanto me habían hablado de las bellezas de ese viaje que, a pesar de mi desconfianza para todo aquello que es motivo de elogios, resolví perder un día y lo único que le diré es lo siguiente: si algún día pasa por Brasil y dispone de un tiempo, no deje de hacer el viaje Río de Janeiro - Petrópolis. Es, sencillamente, impresionante.

La primera hora

Se toma el tren en una pequeña estación moderna, bastante parecida a nuestra estación de Plaza Once. Limpia, confortable, bonita. Saca usted boleto y, al retirarlo, tiene que entregarlo en otra taquilla para que le pongan el número del asiento, ya que los coches de primera, en los viajes largos,

llevan asientos numerados. Sin embargo, los vagones no responden a ese lujo del asiento numerado. Son viejos y roñosos hasta decir basta. Pero a todo se acostumbra uno.

A los quince minutos de viaje, el tren entra en una diagonal que abandona el suburbio obrero, por donde corre otra línea, y empieza... Aquí están las dificultades de la descripción. En una libreta tomé apuntes para evitar esa confusión que se presenta cuando el paisaje varía de continuo como aquí.

Un ardiente cielo de añil. Abajo, pantanos; en el fondo, erguidas, dos palmeras: el tronco alto, el plumero cayente. Pájaros extraños arrancan de entre los pastizales. Aparecen montes cubiertos de plantas, el bosque arrecia instantáneamente y, de pronto, en una picada, se ve, por entre los claros del verde, cruzar a un negro que lleva sobre la cabeza un haz de leña cortada.

El tren rechina infernalmente. De pronto, un monte que parece construido con tubos de piedra, prensados; chorros que escapan hacia arriba. Este órgano de granito comienza por un amarillo ocre, luego, la piedra adquiere tonalidades de granate y borraivino; es maravilloso: desaparece y los pastizales se suceden; un recodo de agua, una cabaña de negros, dos piraguas bajo un cobertizo. Más allá aparece el modelo de una cabaña sin terminar. El armazón

está hecho de cañas, los retículos que forman los entrecruzamientos se rellenan de barro. A lo lejos, entre una caries azul de montaña, se levanta un obelisco de piedra; corre el tren y árboles de hojas escarlata y verde, si se mira con atención, se descubre entre los troncos un espejo negro: es el agua. Una invisible llanura de agua cubierta por el bosque. Aparecen caminos estrechos, abiertos con hacha entre los árboles, caminos acolchados de ramas, por donde andan oblicuamente negros de sombrero campanudo. Kilómetros de flores blancas, paralelas a la vía: son lirios de agua. Se levantan los ojos y la montaña aparece próxima como una gran amenaza. Islotes de llanura cubiertos de bananeros, que son como plantas de maíz, de grueso tronco y hojas anchas con bordes en zig zag. Una negra vestida de blanco aparta las ramas y enmarca su rostro de chocolate entre vegetales abanicos verdes. Su mano saluda al tren que pasa. ¿Dónde empieza el agua y termina la tierra? No se sabe.

Donde luego se explica algo

El tren se detiene en una estación. Catervas de chicos descalzos, de parpados enrojecidos, rodean los coches maullando como gatos:

—Miau... miau... —hacen.

Alguno ofrecen frutas que parecen cánceres y cachos de bananas, y el otro insiste:

—Miau... miau...

El viajero piensa: «¡Vaya la forma que tienen de divertirse estos chicos!».

El tren se pone en marcha y los maullidos se redoblan. En otra estación ocurre lo mismo; antes de detenerse el tren, estallan en sus oídos desesperados maullidos de gatos: «Estos chicos se burlan de nosotros —usted piensa—, nos están llamando “gatos”». Y si pregunta a algún conecedor del paraje qué es lo que sucede le contestará:

—Con esos gritos piden que les regalen los diarios que los pasajeros han leído.

Usted queda satisfecho. ¡Ah! No les tire nunca una moneda a estos chicos y, si lo hace, tírela a buena distancia de los rieles. En cuanto se les tira una moneda, van a buscarla debajo de los vagones, aunque caminen.

El cielo se ha hecho invisible de tanto humo como echan las locomotoras. El convoy se ha puesto en marcha, usted mira adelante y los vagones parece que caminan solos. La locomotora, desde atrás, empuja los coches. Entre las dos vías aparece un tercer riel dentado: la cremallera. El convoy sube, a sus pies se abren precipicios escalofriantes; una ventana entre dos altos conos de piedra, y allá lejos,

el mar, que parece estar colocado a una altura prodigiosa; y, entre la línea del mar y usted, una profundidad infinita, oscura, tormentosa. En ese momento usted comprende lo que es viajar en avión. Abajo, el paisaje tiene cuadrículados de fotografía aérea. El mar está cada vez más alto; entre usted y el mar hay siempre un ángulo de profundidad espantosa. Usted mira la cara de los pasajeros: todos los que nunca han viajado en esa línea se miran; algunos han cerrado los ojos o se acurrucan en los asientos; llega la noche, la máquina de cremallera lanza pequeños silbidos de moribundo, los vagones rechinan y se continúa ascendiendo. Las crestas de los montes quedan, sucesivamente, abajo, en semicírculo; aquellos que eran altos conos son ahora pequeños valles; el cielo está azul; de pronto, un rayo estalla desde un ángulo imprevisto, una nube color de barro cubre los picos y una catarata de agua se desprende de las alturas. La máquina de cremalleras jadea horriblemente. Abajo, muy abajo, un trapecio de lámparas eléctricas —¡vaya a saber a qué distancia!—. La piedra, en la noche, tiene, al estallar los rayos, el color de la piel del león; el agua golpea en los cristales; una curva, nuevamente cielo azul, la tormenta ha quedado en un socavón, en el lugar donde antes estaba la taciturna y alta línea del mar, aparece una espectral recta amarillenta, oblicua: son las luces de Río de Janeiro.

El convoy se detiene. Estamos en el Alto da Serra. Las pequeñas máquinas de cremallera desenganchan. Un negro, galoneado, da órdenes. Falta media hora para llegar a Petrópolis. El terreno es liso, ahora.

DIARIO DEL QUE VA A VIAJAR EN AEROPLANO

(JUEVES 29 DE MAYO DE 1930)

Yo seré todo lo reo que ustedes quieran, pero tengo una noción perfecta de lo que significa ser periodista y como además de periodista soy hombre y como hombre sujeto a posibilidad de muerte violenta, hoy día 18 de mayo, domingo en Buenos Aires y prima feira aquí en Brasil, doy comienzo a este breve diario de un fulano que tendrá que viajar 17 horas en hidroavión.

Domingo 18

17 horas por 60 minutos igual a 1020 minutos, por 60 segundos, 61 200 segundos... vale decir que tengo 61 200 probabilidades de llegar contra 61 200 probabilidades de no llegar. Altura: realmente me impresiona caer desde la altura, pero tanto estira las cuatro, cayendo uno de cinco metros como desde mil metros. Realmente, la lógica es una papa.

Fantasía: hemos caído al mar. Yo le mando este radiotelegrama a mi director: «Hemos quedado en el estuario. Hay un inglés que lee la Biblia, una señora que da pena ver y un periodista que se siente antropófago. S. O. S.».

Realidad: faltan cuatro, no, tres días. Lunes, martes, miércoles, el jueves a las seis nos embarcamos, nos hidroaviamos, quiero decir. ¡Lo que es el destino!

Experimento. Porque viajo en avión. Para comprobar si Freud tiene razón. Freud dice que los sueños encierran verdades telepáticas, a veces. Pues bien, yo hace quince días que no sueño nada más que cosas horribles y mortuorias. Si ocurre un accidente en el avión, Freud y los sueños tendrán razón, y si no ocurre ningún accidente, quiere decir que Freud macanea refiriéndose al

«presentimiento» y que los sueños no son nada más que la consecuencia del temor subconsciente.

Lunes 19

¿Por qué será que las cosas nuevas interesan el primer día y luego se acabó el interés? No sé por qué barrunto que el viaje ha de ser un opio. Hoy me decía un señor que los aviadores de la Nyrba estaban sometidos a un régimen especial y severo, por ejemplo no les está permitido trasnochar,

ni frecuentar bodegones, ni cosas por el estilo. Al estilo de los aprendices de santos, deben vivir casta y recatadamente.

Fui al Departamento de Policía a visar mi pasaporte. En el Departamento de Policía encontré el mismo orden que en el jardín zoológico. Incluso negros que venden tortas fritas, no afuera del departamento, sino adentro. Un ordenanza y un empleado de investigaciones casi se dan de patadas en mi presencia por disputarse el honor de hacer visar mi pasaporte. Por fin el ordenanza se fue, pasamos a oficinas con cortinados que representan el escudo del Brasil o la bandera. Para hacer honor al país, la suciedad que allí había era tropical. A cada momento me acordaba del jardín zoológico. Le di 5000 reis de propina al empleado que abrevió los trámites, quien me acompañó hasta la puerta... Su obsequiosidad era tanta que si lo dejo me acompaña hasta el restaurante, pues era hora de yantar.

Miércoles 21

Hoy he recibido una noticia desagradable. La salida del avión ha sido postergada para el día 25. Parece que en el Mar Caribe ha habido una tempestad de muy padre y señor nuestro, y si el Diabolo no se opone estaremos en Buenos Aires el día 26.

Viernes 23

Nueva postergación. El avión no saldrá para Buenos Aires sino el día 29. Según parece, los aparatos están mal-trechos de la fajina a que los sometió la tempestad desde Nueva York a Río de Janeiro. Una papa... quiero decir... un «macabeo al jugo» en fija. Para desaburrirme he gastado 28 mil reis y he comprado la Historia de la conquista de Nueva España, de Bernal Díaz de Castillo, soldado que fue acompañante de Hernán Cortés y que se escribió dos volúmenes de 500 páginas cada uno.

Curiosidad

Sueños macabros, aviones que no pueden salir debido a las tormentas por las que pasaron; nunca en la vida he tenido más curiosidad que ahora: ¿ocurrirá o no un accidente?

Ustedes se darán cuenta de que es una cuestión puramente científica. Si no ocurre nada, los sueños han sido consecuencia de malas digestiones, pero si ocurre algo, ¿qué importancia científica o de «presentimiento verdadero» cabe dar a los sueños? Incluso, ahora, recuerdo que hace un montón de noches soñé con un amigo que murió ahogado en un accidente en el Río de la Plata; fue una tragedia de la que se habló mucho. El ahogado se llamaba Trainor, lo acompañaba

otro muchacho de apellido Fabre. Indudablemente que ser actor de una aventura así no es humorístico ni mucho menos, pero de cualquier modo al fiambre le queda el hermoso consuelo de pensar al dar las últimas boqueadas: «No me equivocaba. Freud tiene razón».

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração Regional no
Estado de São Paulo**

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviaatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yassumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta^ʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)